

ÍNDICE

<i>Agremiação</i>	<i>Página</i>
<i>G.R.E.S. PARAÍSO DO TUIUTI</i>	<i>03</i>
<i>G.R.E.S. PORTELA</i>	<i>85</i>
<i>G.R.E.S. MOCIDADE INDEPENDENTE DE PADRE MIGUEL</i>	<i>141</i>
<i>G.R.E.S. UNIDOS DA TIJUCA</i>	<i>207</i>
<i>G.R.E.S. ACADÊMICOS DO GRANDE RIO</i>	<i>261</i>
<i>G.R.E.S. UNIDOS DE VILA ISABEL</i>	<i>411</i>



**Liga Independente das
Escolas de Samba do
Rio de Janeiro**

G.R.E.S. PARAÍSO DO TUIUTI



**PRESIDENTE
RENATO RIBEIRO MARINS**

Ka Ríba Tí Ye – Que Nossos Caminhos se Abram. O Tuiuti Canta Histórias de Luta, Sabedoria e Resistência Negra”



Carnavalesco
PAULO BARROS

FICHA TÉCNICA**Enredo**

Enredo <i>"Ka Ríba Tí Ye – Que Nossos Caminhos se Abram. O Tuiuti canta Histórias de Luta, Sabedoria e Resistência"</i>					
Carnavalesco Paulo Barros					
Autor(es) do Enredo Paulo Barros					
Autor(es) da Sinopse do Enredo Paulo Barros, Isabel Azevedo, Cecília Couto, Fátima Couto e Simone Martins					
Elaborador(es) do Roteiro do Desfile Paulo Barros					
	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
01	<i>Encantaria Maranhense de Dom Sebastião</i>	Sérgio F. Ferreti	Revista Lusófona de Estudos Culturais	2013	Todas
02	<i>Orixás: Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo</i>	Pierre Verger	Fundação Pierre Verger	2018	Todas
03	<i>A Questão do Autoconhecimento na Filosofia de Orunmilá</i>	Renato Nogueira	Odeere: Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade/UESB	2018	Todas
04	<i>Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana</i>	Nei Lopes	Selo Negro Edições	2011	Todas
05	<i>Samba, o Dono do Corpo</i>	Muniz Sodré	Editora Mauad	1998	Todas
06	<i>Enciclopédia Negra: Biografias Afro-Brasileiras</i>	Flávio dos Santos Gomes, Jaime Lauriano e Lilia Moritz Schwarcz	Companhia das Letras	2021	Todas

FICHA TÉCNICA

Enredo

	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
07	<i>Rastros de Resistência: Histórias de Luta e Liberdade do Povo Negro</i>	Ale Santos	Panda Books	2019	Todas
08	<i>Desvendando a História da África</i>	José Rivair Macedo (Org.)	Editora da UFRGS	2008	Todas
09	<i>A Liberdade é uma Luta Constante</i>	Angela Davis	Boitempo Editorial	2018	Todas
10	<i>Meu Presidente era Preto</i>	Ta-Nehisi Coates	Revista Piauí	2017	Todas
11	<i>Mãe Stella de Oxóssi: Estrela Nossa, a Mais Singela</i>	Marcos Santana (Org.)	Pimenta Malagueta Editora	2014	Todas
12	<i>Circo-Teatro: Benjamim de Oliveira e a Teatralidade Circense no Brasil</i>	Ermínia Silva	Editora Altana	2007	Todas
13	<i>Mercedes Baptista: a Criação da Identidade Negra na Dança</i>	Paulo Melgaço	Fundação Cultural Palmares	2007	Todas
14	<i>Afrofuturismo: Cinema e Música</i>	Kênia Freitas (Org.)	Caixa Cultural	2015	Todas

FICHA TÉCNICA

Enredo

	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
15	<i>Grandes Mulheres da História Africana: Wangari Maathai e o Movimento do Cinturão Verde</i>	<i>Obioma Ofoego</i>	Série UNESCO/Cereja Editora	2016	Todas
16	<i>Químicos Negros e Negras do Século XX e o Racismo Institucional nas Ciências</i>	Arlene Santos Silva e Bárbara Soares Pinheiro	Revista Exitus	2019	Todas
17	<i>Os Sons dos Negros do Brasil. Cantos, Danças, Folguedos: Origens</i>	Denise Barata	Editora UERJ	2012	Todas

Outras informações julgadas necessárias

- Ogunhê: Cientistas Negras(os) do Continente Africano e Diáspora (Podcast, Ana Carolina da Hora)
- Sankofa: a África que te habita (Série Documental, César Fraga e Maurício Barros de Castro, 2020)
- Pantera Negra (Direção Ryan Coogler, 2018)
- Rainha de Katwe (Direção Mira Nair, 2016)
- Estrelas Além do Tempo (Direção Theodore Melfi, 2016)

HISTÓRICO DO ENREDO

KA RÍBA TÍ YE – “QUE NOSSOS CAMINHOS SE ABRAM” O TUIUTI CANTA HISTÓRIAS DE LUTA, SABEDORIA E RESISTÊNCIA NEGRA

“Somente nos tornamos verdadeiramente quem somos ao lançar nossos olhares sobre os ombros daqueles que chegaram antes de nós. Lembrar daqueles que vieram antes de nós é uma obrigação sagrada.” (provérbio iorubá)

E quem somos? Se olharmos para o passado, a quem devemos saudar? Que caminhos seguiram aqueles que nos trouxeram até aqui e nos ensinaram que o futuro pode ser alcançado com sabedoria? Um conhecimento ancestral que atravessa os séculos e inspira nossas escolhas e destinos. O canto do Tuiuti vem desse tempo distante, quando o mundo ainda nem era povoado pela humanidade. O canto do Tuiuti vem da África, onde nasceu o primeiro homem. Hoje, vai colher histórias de luta, sabedoria e resistência negra, para exaltar aqueles que abriram nossos caminhos. **KA RÍBA TÍ YE.**

O Tuiuti saúda a sabedoria de Orunmilá e traz, para a Avenida, uma homenagem aos pretos, homens e mulheres que marcaram a história da humanidade e do nosso país, porque escolheram os caminhos da determinação, da beleza, do conhecimento. Eles afirmam, em suas trajetórias, o poder da origem, os ensinamentos dos orixás e daqueles que povoaram o mundo, trazendo, em suas almas, a diáspora africana.

O mundo é recriado todos os dias por nós, quando emitimos uma palavra, uma cantiga, uma oração, um pensamento ou quando fazemos um movimento. A sabedoria iorubá está no respeito ao passado, no que conseguimos contar através do tempo, porque, assim, transmitimos o conhecimento dos ancestrais.

Os signos e poemas sagrados do Ifá chegam de uma África antiga, através de vozes que se levantaram no passado e ecoam no presente, para nos ensinar os fundamentos que nos encantam e sustentam nossas escolhas. Mantidos pela fé inabalável dos que nos antecederam, podem ser reconhecidos nas atitudes de homens e mulheres que têm, em comum, a certeza de que é preciso mudar. A transformação acontece porque seus sonhos, seus ensinamentos e suas ideias se eternizam para inspirar os caminhos que devemos seguir. Assim nos ensina o Ifá... e os orixás nos guiam...

O DESFILE

ABERTURA

Olodumarê, o deus supremo, fez o mundo. Pediu a Oxalá que criasse o homem. O primeiro homem veio da terra. Oxalá tentou criá-lo de muitas matérias, mas nada deu certo. Nanã trouxe lama do lago, e com ela Oxalá modelou esse barro. Olodumarê deu o sopro da vida ao homem. E ele povoou a Terra com a ajuda dos orixás. É por isso que, quando o homem morre, seu corpo tem que retornar para a terra. Nanã quer de volta tudo o que é seu. Só o retorno às nossas origens nos permite renascer! Brotar do chão, fortes como o baobá, que nasce das sementes espalhadas pelo mundo para resistir e vencer as tempestades.

Olodumarê enviou os orixás para o Ayé e ordenou que eles cuidassem do mundo e do homem. A eles foi dada a missão de zelar para que os homens aprendessem a viver, cuidassem de si e dos outros, respeitassem a natureza. Orunmilá foi enviado para dar direção e sentido para homens e mulheres em seus percursos. Ele conhece os segredos do Ifá, o conhecimento mais profundo, os caminhos que existem e a maneira como orixás e pessoas transitam por eles.

Cada um escolhe como viver, tem liberdade para agir como quiser e deve responder por tudo o que faz. Mas Orunmilá, o orixá do conhecimento e da sabedoria, sabe o segredo do destino, pode indicar a melhor direção. Ele revela todas as situações, circunstâncias, ações e consequências na vida.

A ESPADA E A PALAVRA – Lideranças na política

As primeiras cidades foram fundadas por poderosos orixás. Por séculos, dinastias de negros africanos governaram imensos territórios. Soberanos, impunham respeito e devoção. Piankh Piye foi rei da Núbia e tornou-se o primeiro faraó negro da história, depois de conquistar o Egito. Mansa Kankan Mussa, considerado o “rei dos reis”, foi o principal responsável por expandir as riquezas do poderoso império de Mali. A importância da contribuição das diversas nações africanas para o desenvolvimento cultural, político e científico da humanidade é inquestionável. A partir do século XVI, a África começou a sofrer terríveis invasões, em que os inimigos arrastavam milhares e milhares de pessoas escravizadas para outros continentes. Também levaram reis e rainhas, que resistiram com bravura, em terras distantes, para proteger o povo da ira do opressor. Zumbi, como o senhor da guerra, nunca abandonou seu caminho nem perdeu a coragem e a esperança nos momentos mais difíceis. **Ògúnnye!** Dandara, rainha guerreira implacável, impôs respeito, com sua força, inteligência e rebeldia. **Èpà hey!** Eles inspiram a luta até hoje. Tornaram-se símbolos dos que clamam por justiça e igualdade, nos quilombos, nas favelas, nas ruas das cidades que continuam construindo. A espada pode ser a palavra em punho, a voz do combate. Mandela escolheu difundir a paz, com a serenidade de quem sabe como dominar os perigos. **E se e babá, Epà bábá!** Angela Davis, na defesa dos direitos das mulheres, não aceita as coisas que não pode mudar e, por isso, muda as coisas que não pode aceitar. **Obà si!** Barack Obama incendiou corações para conquistar, na democracia, o poder de uma grande nação e combater o racismo e a discriminação. **Kawòó kábiyèsi!** Na guerra ou na paz, sempre souberam como liderar a resistência.

A BELEZA DO MOVIMENTO – Artistas abrindo os caminhos

A natureza é equilíbrio. A sensibilidade se esconde nas águas claras dos rios e na vida que habita as florestas. A natureza é mudança. Nos ensinamentos dos orixás, a dualidade persiste, sem preconceitos. Viver com arte é superar os limites. RuPaul Charles desafia seu tempo e seus espetáculos mostram que a arte também é transformação. **Losi Losi!** A música de Beyoncé apaixona, seduz e espalha, pelo mundo, a força e a beleza da África. **Ò óré yeye o!** Benjamim de Oliveira deu o salto para a liberdade, desafiando seus opressores e encantando a plateia, principalmente, a criançada. **Oni beijada!** Maria Lata D'Água surpreendeu a Avenida, com a dança de quem se equilibra para suportar o cotidiano da pobreza. Serginho do Pandeiro faz malabarismos, acompanhando o samba sincopado que fascina os passistas. **Láaròyè Èsù!** Os tambores dos Alabês embalam o ritual do Tuiuti. Do grande teatro, vem Mercedes Baptista, a mãe de muitos bailarinos e bailarinas pretos. Ela alimentou a cena com movimentos e gestos da cultura africana. **Odò fé yaba!** Mãe Stella foi doutora, escritora da Academia de Letras da Bahia e contadora de ìtans, que encantam adultos e crianças; ela é Odé Kayode. **Oke aro!** Chadwick Boseman incorporou a realeza africana do futuro, no jovem guerreiro da paz, eternizando, no cinema, a inspiração da ancestralidade. **E se e babá, Epà bàbá!**

À LUZ DA CIÊNCIA – Com a proteção dos orixás

De onde vem o poder da cura e do domínio da ciência e da técnica que nos permite avançar em direção ao futuro? A profunda ligação dos orixás com os elementos naturais expande nossa visão para a necessária preservação do planeta. **Wangari Maathai**, a combativa bióloga africana, nos ensina: “somos chamados a ajudar a Terra, a curar as suas feridas e, no processo, curar as nossas, a abraçar, de verdade, toda a criação, em toda a sua diversidade, beleza e maravilha”. **Onilé mo júbà awo!** A sabedoria ancestral também sustenta a justiça para os que queiram nela se inspirar; a desembargadora Ivone Caetano protege aqueles que estão entregues a todo tipo de brutalidade e racismo. **Saluba!** Desde a Antiguidade, nossos antepassados ensinam o manejo da terra, o cuidado com as plantas que podem servir de alimento e cura; George Washington Carver estudou e compartilhou suas descobertas com quem mais precisava desse sustento, tornando-se um dos cientistas mais respeitados do mundo. **Ewê o asà!** E, quando a peste devastadora cai sobre nós, rezamos para que o orixá nos devolva a saúde; agradecemos a quem foi capaz de desvendar os segredos do vírus e nos ajudar a vencer a doença. Jaqueline Goes de Jesus, que isolou o genoma da Covid-19, é motivo de orgulho para a ciência brasileira. **Atóto!** O que dizer diante do tabuleiro da jovem campeã, que movimenta as peças do xadrez com sensibilidade e inteligência? Phiona Mutesi é como a yabá de grande sabedoria e vidência, que, dominando todas as probabilidades, pode transformar o mal em bem, atributo que lhe foi concedido pelo próprio Orunmilá. **Hiho!** O arco-íris liga o Orún ao Ayé. É obra de uma divindade que representa os movimentos da Terra, dos astros, a transformação de dia em noite e de noite em dia; Katherine Johnson foi a primeira mulher negra cientista da NASA e, em seu caminho, serviu de exemplo para outros grupos minoritários avançarem em suas carreiras e tocarem o infinito. **Aho gbogbo yi!**

DEVOÇÃO À ÁFRICA – A fé como forma de resistência

A diáspora africana deu origem a festas, folguedos, cultos, rituais, canções, danças e manifestações religiosas que são símbolos de resistência aos horrores suportados por escravizados e seus descendentes nas Américas. Quando coroaram um imperador etíope como príncipe da paz e a ele adoraram como a um deus, nasceu o movimento Rastafári, difundido pelo reggae. Ao proibirem o uso dos tambores, entoaram seus cânticos de louvor e dor, no ritmo das palmas e na percussão com os pés e batidas das mãos pelo corpo, dando origem ao Gospel. A Congada é a coroação de um rei e de uma rainha congolese. Esse festejo também costuma render homenagens a um santo preto, descendente de africanos escravizados, bendito por sua dedicação aos pobres. O Maracatu vem de Pernambuco do século XVIII, uma festa da resistência que *celebra a majestade do povo preto*. As religiões de matriz africana eram proibidas e reprimidas. Seus praticantes usavam os santos católicos para cultuar os orixás e evitar os castigos aplicados pelos senhores. No Brasil, esse sincretismo, que recebeu contribuições de outras religiões, resultou na criação da Umbanda. O Candomblé ainda utiliza o culto às divindades iorubás, através de imagens católicas, mas procura manter maior conexão com os fundamentos da religião africana. O ritual da saída de Iaô é o começo de um novo ciclo, a iniciação no Candomblé. É o nascimento para a vida espiritual e garante a formação, a preservação e a transmissão dos valores culturais.

A saudação do Tuiuti simboliza o respeito às nossas origens e aos ensinamentos dos orixás. Um canto de amor aos homens e mulheres pretas, que são exemplos de luta, sabedoria e resistência. Que o passado ilumine o futuro, que nossos caminhos se abram! **KA RÍBA TÍ YE.**

JUSTIFICATIVA DO ENREDO

O Tuiuti inicia sua jornada na África de nossas origens, percorre o tempo e o espaço, explorando os territórios da ancestralidade, para chegar à Avenida, em 2022, distribuindo Axé, a energia sagrada dos orixás. O enredo é uma homenagem a homens e mulheres pretos que se eternizaram por suas histórias de luta e de sabedoria, exemplos de resistência a todo tipo de opressão. Trajetórias perpetuadas pelo poder indestrutível da palavra e dos cantos que ecoam do passado mais remoto aos dias de hoje. Cada estrada percorrida é uma experiência de vida que alimenta o mundo e que a Escola remete à qualidade distintiva fundamental de um dos orixás, sua personalidade e atitudes mais evidentes.

O Paraíso do Tuiuti reverencia essas pessoas extraordinárias, inspirada pela filosofia do Ifá, cartografia dos caminhos, revelada pelo orixá Orunmilá, o senhor dos segredos, aquele que nos ensina o autoconhecimento e as possibilidades de entendimento de como fazer as melhores escolhas. Segundo os ensinamentos da mitologia iorubá, para saber quem somos e por onde devemos seguir, é preciso conhecer o percurso que fizemos e os que ainda podemos fazer. A ancestralidade africana nos guia nessa direção. Os orixás, enviados ao mundo por Olodumarê, o Deus Supremo, nos ensinam que estamos conectados à natureza, ao fogo, à água, à terra e ao ar, e isso determina quem somos e a razão de nossa existência. Podemos semear a paz, como Oxalá, ou o poder da sedução, como Oxum. Oferecer o conhecimento da cura, como Omulu, ou a proteção da espada de Ogum. Ser tempestade, como Iansã, ou a acolhida segura de Iemanjá. Assim, o enredo saúda nossos heróis, associando, a eles, as qualidades dos orixás, aquelas que cada homenageado deixa eternizada por sua história de vida, sua contribuição e seu ensinamento para os que vierem no futuro. Mostra que o conhecimento ancestral está contido nas ações daqueles que admiramos.

As páginas da história escritas pelos homens brancos ocidentais exprimem seus projetos de poder e opressão, suas intenções de apagamento da importância dos negros. Na verdade, a dor da escravidão e o racismo são a herança do sofrimento provocado por aqueles que escolheram viver destinos de ambição, brutalidade e prepotência.

A Avenida, no desfile da Escola, se abre para saudar a África e seus descendentes, figuras admiráveis que trilharam caminhos que nos fazem lembrar dos orixás. Essa saudação aos pretos quer afirmar, na festa do Tuiuti, no chão da resistência negra à intolerância, a importância da África e de seus descendentes para a humanidade. O enredo começa com o nascimento dos primeiros homens, que, ao longo de séculos, se espalharam pelo mundo, segundo a mitologia iorubá. Esse é um mito de criação que ainda não é ensinado nas escolas e muitos desconhecem. Ele conta como Oxalá criou o ser humano obedecendo ao pedido de Olodumarê. Essa é a narrativa difundida pelos itãs,

histórias de origem africana, espalhadas mundo afora pela tradição oral. Aos orixás coube a tarefa de acompanhar o homem em sua existência, ensinando os fundamentos da fé iorubá. Orunmilá, o mais sábio dos orixás, capaz de conhecer as possibilidades da caminhada de cada um, mostra a melhor direção a seguir por meio do Ifá, o sistema divinatório, que a ele revela o que querem os orixás, quem vai reger o nosso destino. A filosofia do Ifá nos permite saber quem somos, o que podemos e do que precisamos para viver em harmonia. Orunmilá pode nos dizer qual elemento da natureza nos influencia, se somos fogo, terra, água ou ar. A quem devemos nos unir para alcançar o equilíbrio vital. Ele é o senhor dos segredos do Ifá e pode indicar nossos caminhos.

No Carnaval, o Tuiuti associa um orixá a cada um dos homenageados, como deferência a sua ancestralidade e suas ligações com a diáspora africana. Não são os orixás de cabeça dessas pessoas, mas simbolizam seus odus, que em iorubá significa destinos. A trajetória de cada um nos lembra as características de uma dessas divindades e, por isso, simbolicamente, foram a elas associadas. Representam tantos outros pretos que marcaram nossa existência e nos honram com seus exemplos de coragem e conhecimento.

O Setor 1 saúda grandes lideranças políticas negras. O enredo inicia com referência aos antigos faraós e reis africanos, nas figuras de Piye e Mussa, fundadores e conquistadores de impérios, que, respectivamente, obtiveram riquezas e territórios, demonstrando força e poder, como as de Oranian e Odudua. E segue mostrando outras lideranças até a atualidade. Zumbi e Dandara, guerreiros que resistiram contra a violência da escravidão, erguendo as espadas de Ogum e de Iansã. Líderes políticos que defenderam os negros da servidão imposta por colonizadores brancos, pelo racismo e pela ignorância: Mandela é associado a Oxalá, por difundir a paz e a liberdade. Angela Davis é como Obá, seguindo em seu caminho contra o preconceito e em defesa das mulheres negras. Obama é um Xangô, eleito para governar um dos mais importantes países do mundo moderno e buscar justiça social para seu povo. O fogo da justiça também ilumina o caminho de uma figura importante para a história do Brasil: Chico da Matilde, o “Dragão do Mar”. Ele e seus companheiros jangadeiros fizeram uma greve que paralisou o fluxo de escravos no Porto de Fortaleza. Hoje, recebem uma justa homenagem do Tuiuti.

O Setor 2 homenageia a beleza do movimento, celebra os artistas que abriram os caminhos para que muitos outros os seguissem. RuPaul, que, ao enfrentar o preconceito, se transformou em um ícone para o protagonismo negro e LGBTQIA+. Ele inspira a emoção da alegria e da beleza de Logum Edé, que transita livremente entre o masculino e o feminino. Oxum está presente em Beyoncé, em toda a sua sedução ao cantar e dançar suas origens africanas. A plateia se diverte com o palhaço negro Benjamim de Oliveira, um Ibeji que sabe como resistir e encantar, através do riso e de suas brincadeiras. A malemolência e o ritmo sincopado do samba explodem nos corpos dos passistas. Maria Lata D’Água retorna à Avenida ao lado de Serginho do Pandeiro para serem homenageados pelo Tuiuti. Eles carregam os encantos de Exu. O batuque dos Ogãs ecoa

forte na Avenida, saudando a ancestralidade nos sons dos tambores. Mercedes Baptista é reverenciada por ter acolhido bailarinos e bailarinas negras nos palcos do teatro, inaugurando o uso de movimentos de inspiração afrodescendente na dança. Lembra a proteção de Iemanjá a seus filhos e devotos. Na literatura, Mãe Stella de Oxóssi sempre lutou pela defesa da cultura e da religiosidade de matriz africana e se tornou uma escritora imortal. No cinema, o filme *Pantera Negra* é referência do afrofuturismo e mostra uma África capaz de salvar a humanidade com o uso de alta tecnologia. O ator negro Chadwick Boseman é o rei de Wakanda, um Oxaguiã, defensor da igualdade racial e símbolo de heroísmo para jovens de todo o mundo.

O Setor 3 faz referência à luz da ciência, com a proteção dos orixás, que precisa ser defendida em tempos de negacionismo e mentiras. Mostra a contribuição de grandes cientistas negros para a humanidade. Wangari Maathai, primeira mulher africana a receber um Prêmio Nobel da Paz. Conhecida como “Mulher Árvore”, a ambientalista lutou pelo desenvolvimento sustentável e pela democracia, agindo como Onilé, a divindade protetora da Terra. Ivone Caetano, a juíza que se transformou em um ícone do direito, no combate contra as injustiças sociais impostas aos negros. Ela é como Nanã, que protege os mais frágeis e indefesos. George Carver, conhecido como “doutor das plantas”, considerado um dos maiores cientistas de seu tempo, que lutou contra a segregação racial no sul dos EUA, lembra Ossaim, orixá das plantas. Jaqueline Goes, a jovem cientista negra do Instituto Adolfo Lutz, uma das coordenadoras da equipe de brasileiros responsáveis pelo sequenciamento do genoma do coronavírus, age como Omulu, na busca da cura das doenças. Phiona Mutese, a menina pobre de Uganda que se transformou em campeã, lembra Ewá, por sua inteligência e sensibilidade, capaz de prever todas as probabilidades do jogo de xadrez. Katherine Johnson, a cientista da NASA, cujo trabalho contribuiu para a conquista do espaço, tem as qualidades de Oxumarê, o orixá que transita entre o céu e a Terra.

A Escola saúda essas personalidades pretas e reafirma a importância da contribuição de mulheres e homens negros para a humanidade, em todos os campos do conhecimento e da arte. Eles remetem, no enredo do Tuiuti, à diáspora africana e às suas origens, quando associados aos orixás.

O Setor 4 mostra a religiosidade de inspiração africana, a fé como forma de resistência, que, mesmo ao enfrentar a brutalidade da escravidão, se desdobrou em expressões culturais de rara beleza. A África nos deixa, como herança cultural do sofrimento de seus filhos, manifestações de devoção praticadas por milhões de pessoas em todo o mundo. O Rastafári surgiu no auge das revoltas populares jamaicanas dos descendentes de africanos escravizados, na década de 1930, e ensina, aos seus adeptos, a simplicidade de uma vida sem luxos e consumismo. O Gospel nasceu nos EUA, quando os negros escravizados foram proibidos de praticar sua religião e mesmo de frequentar a igreja dos brancos. Na ausência de seus tambores, entoavam seus cantos e marcavam o ritmo com palmas e batidas pelo corpo. A Congada é um antigo folguedo que homenageia os reis do Congo e

faz louvação aos santos negros e protetores, como São Benedito. O Maracatu vem de Pernambuco do século XVIII, uma festa da resistência que *celebra a majestade do povo preto*. A Umbanda é uma religião brasileira, concebida no começo do século XX, de forte sincretismo entre o catolicismo, o espiritismo e religiões de inspiração africana, que combina a tradição dos orixás e os espíritos de origem indígena. E a iniciação das iaôs encerra o desfile do Tuiuti, representando o Candomblé, religião que mantém fortes raízes em sua origem africana. A ala mostra as iaôs em sua saída do roncó, lugar onde ficam recolhidos aqueles que se iniciam, sendo acompanhadas pelas ialorixás. É através das iaôs que os orixás se manifestam, cantam e dançam embalados pelo batuque dos tambores dos ogãs.

O Paraíso do Tuiuti encerra seu desfile com o culto aos orixás. Termina sua caminhada pedindo a Oxalá que espalhe Axé na Avenida. E que conduza a humanidade na direção do amor, da sabedoria e da justiça social. Que nossos caminhos se abram! E que nos guiem os orixás para saudar todos os homens e mulheres pretos que nos trouxeram até aqui! KA RÍBA TÍ YE!

ROTEIRO DO DESFILE

ABERTURA

**Comissão de Frente
A CRIAÇÃO DO HOMEM**

**1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Raphael Rodrigues e Dandara Ventapane
ZUMBI E DANDARA:
REIS DA RESISTÊNCIA**

**Guardiões do 1º Casal de
Mestre-Sala e Porta-Bandeira
CORTE REAL**

**Alegoria 01 – Abre-Alas
CAMINHOS DE ORUNMILÁ**

**Ala 01 – Velha-Guarda
GUARDIÕES DA TRADIÇÃO**

1º SETOR – A ESPADA E A PALAVRA – LIDERANÇAS NA POLÍTICA

**Destaque de Chão
Carol Marins
O ESPLENDOR DA DINASTIA DE PIYE**

**Ala 02 – Comunidade
O EGITO É NEGRO:
SALVE O FARAÓ PIANKH PIYE!**

**Ala 03 – Comunidade
PODER E PROSPERIDADE:
ASÉ, MANSA KANKU MUSSA!**

**Ala 04 – Comunidade
GUERREIROS IMPLACÁVEIS DA
RESISTÊNCIA: ÔGÚNYE, ZUMBI! ÈPÀ
HEY, DANDARA!**

Ala 05 – Comunidade
UM LONGO CAMINHO PARA A
LIBERDADE: E SE E BABÁ, EPÀ BÀBÀ,
NELSON MANDELA!

Ala 06 – Baianas
O MOVIMENTO DA MUDANÇA:
OBÀ SI, ANGELA DAVIS!

Ala 07 – Comunidade
UM ALAFIN AMERICANO: KAWÒÓ
KÁBIYÈSI, OBAMA!

Alegoria 02
O DRAGÃO DO MAR: KAWÒÓ KÁBIYÈSI,
FRANCISCO JOSÉ DO NASCIMENTO!

2º SETOR – A BELEZA DO MOVIMENTO – ARTISTAS ABRINDO OS
CAMINHOS

Ala 08 – Comunidade
O PODER DA TRANSFORMAÇÃO:
LOSI LOSI, RUPAUL!

Ala 09 – Comunidade
PRETA É RAINHA:
Ò ÓRÉ YEYE O, BEYONCÉ!

Ala 10 – Comunidade
MOLEQUE BEIJO:
ONI BEIJADA, BENJAMIM DE
OLIVEIRA!

Ala 11 – Passistas
NOS CAMINHOS DE EXU:
LÁARÒYÈ, MARIA LATA D'ÁGUA E
SERGINHO DO PANDEIRO!

Destaque de Chão (no centro da ala):
Alex Coutinho
A MENSAGEM DE EXU É A ALEGRIA

Rainha de Bateria
Thay Magalhães
A ENERGIA DO SAMBA

Princesa de Bateria
Mayara Lima
O BATUQUE DOS OGÃS

Ala 12 – Bateria
ALABÊ GUNGUNANDO O TAMBOR

2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Yuri Souzah e Rebeca Tito
ISMAEL IVO E IEMANJÁ:
UM BAILADO DIVINO

Ala 13 – Comunidade
A MÃE DO BALÉ AFRO-BRASILEIRO:
ODÒ FÉ YABA, MERCEDES BAPTISTA!

Ala 14 – Comunidade
A IALORIXÁ IMORTAL:
OKE ARO, MÃE STELLA DE OXÓSSI!

Ala 15 – Comunidade
O JOVEM GUERREIRO DA PAZ:
E SE E BABÁ, EPÀ BÀBÁ, CHADWICK
BOSEMAN!

Alegoria 03
WAKANDA – O REINO DO PANTERA NEGRA

3º SETOR – À LUZ DA CIÊNCIA – COM A PROTEÇÃO DOS ORIXÁS

Ala 16 – Comunidade
A MULHER ÁRVORE QUE SEMEIOU A
PAZ: MO JUBA AWO, WANGARI
MAATHAI!

Ala 17 – Comunidade
A ROSA NEGRA DA JUSTIÇA:
SALUBA, IVONE CAETANO!

Ala 18 – Comunidade
A CIÊNCIA DAS FOLHAS:
EWÔ O ASÀ, CARVER!

Ala 19 – Comunidade
ENFRENTANDO A PANDEMIA:
ATÓTO, JAQUELINE GOES DE JESUS!

Ala 20 – Comunidade
A RAINHA DE KATWE:
HIHO, PHIONA MUTESE!

Ala 21 – Comunidade
UMA ESTRELA ALÉM DO TEMPO:
AHO GBOGBO VI, KATHERINE
JOHNSON!

Alegoria 04
ESTRELAS ALÉM DO TEMPO

**4º SETOR – DEVOCÃO À ÁFRICA – A FÉ COMO FORMA DE
RESISTÊNCIA**

Ala 22 – Comunidade
RASTAFÁRI, A INSPIRAÇÃO DE UM
PRÍNCIPE DA PAZ

Ala 23 – Comunidade
GOSPEL

Ala 24 – Comunidade
CONGADA DE SÃO BENEDITO

3º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Leo Thomé e Manu Brasil
REI E RAINHA DO MARACATU

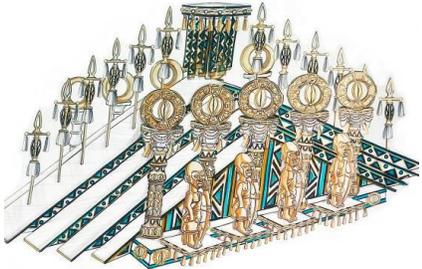
Ala 25 – Comunidade
AS DAMAS DO PAÇO E
AS CALUNGAS DO MARACATU

Ala 26 – Comunidade
UMBANDA: OS PRETOS VELHOS
PEDEM PASSAGEM

Ala 27 – Comunidade
CANDOMBLÉ: TRADIÇÃO RELIGIOSA
DE ORIGEM AFRICANA

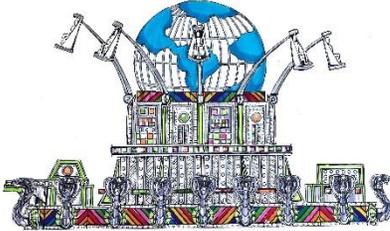
Alegoria 05
QUE NOSSOS CAMINHOS SE ABRAM!

FICHA TÉCNICA**Alegorias**

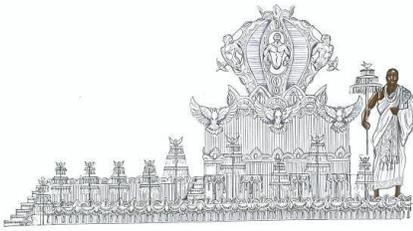
Criador das Alegorias (Cenógrafo) Paulo Barros		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
01	<p>CAMINHOS DE ORUNMILÁ</p>  <p>* Essa imagem é do croqui original e serve apenas como referência, pois foram realizadas modificações de estética e de cor na execução da Alegoria.</p>	<p>Orunmilá é o senhor dos segredos e do conhecimento. Aprendeu os caminhos de cada ser humano e entende as possibilidades da trajetória de cada um: quem somos, o que podemos, do que precisamos, a quem devemos nos unir para alcançar o Axé, a harmonia vital. Os homens devem seguir os ensinamentos de Orunmilá, descobrir os melhores percursos, lutar pela paz e deixar como legado a prosperidade e a justiça social para todos.</p>
02	<p>O DRAGÃO DO MAR: KAWÒÓ KÁBIYÈSI, FRANCISCO JOSÉ DO NASCIMENTO!</p>  <p>* Essa imagem é do croqui original e serve apenas como referência, pois foram realizadas modificações de estética e de cor na execução da Alegoria.</p>	<p>Vem de Fortaleza o líder jangadeiro e prático-mor, Francisco José do Nascimento, um abolicionista conhecido como Chico da Matilde, herói da derrubada da escravidão no Ceará, em 1884, quatro anos antes da Lei Áurea. Com a proibição do tráfico intercontinental, em 1850, intensificou-se a venda de escravos entre as províncias brasileiras. Chico liderou uma greve histórica de jangadeiros, que se recusaram a embarcar os negros escravizados que seriam enviados para outras regiões do Brasil. Esse movimento paralisou o mercado escravista, fechando o porto de Fortaleza. Chamado de “Dragão do Mar”, por sua bravura e força no combate contra a escravidão, o grande líder conduzia a sua jangada até as embarcações que chegavam à costa, para alertar e impedir o tráfico negreiro. O navegante negro e seus companheiros são homenageados na Alegoria do Tuiuti e navegam em um mar de fogo, fazendo referência a Xangô, o orixá seguido por aqueles que têm senso de justiça e lutam por ela.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Paulo Barros		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
03	<p>WAKANDA – O REINO DO PANTERA NEGRA</p>  <p>* Essa imagem é do croqui original e serve apenas como referência, pois foram realizadas modificações de estética e de cor na execução da Alegoria.</p>	<p>O premiadíssimo filme <i>Pantera Negra</i>, de 2018, foi escrito, dirigido e encenado por afrodescendentes e se tornou um sucesso de bilheteria em todo o mundo, eternizando o herói e seu reino Wakanda. Não conta a história da África a partir da colonização e pela escravidão, como a maioria das narrativas. Mostra uma África Futurista, com grande avanço tecnológico em relação ao resto do mundo, mas que mantém as tradições milenares dos diversos povos do continente. O personagem Pantera Negra, da Marvel, criado na década de 1960, foi o primeiro super-herói negro dos quadrinhos e, a partir da versão para o cinema, se tornou um dos principais símbolos da galeria de personagens da produtora. O protagonista Rei T'Challa, interpretado pelo ator <i>Chadwick Boseman</i>, é o Pantera Negra, guerreiro imbatível que luta pela justiça e pela paz entre os povos do planeta e na defesa de sua nação. Suas qualidades nos lembram o orixá Oxanguã, um Oxalá jovem que rege os conflitos entre os povos, buscando a pacificação com sabedoria e equilíbrio.</p>
04	<p>ESTRELAS ALÉM DO TEMPO</p>  <p>* Essa imagem é do croqui original e serve apenas como referência, pois foram realizadas modificações de estética e de cor na execução da Alegoria.</p>	<p>Katherine Johnson, Dorothy Vaughan e Mary Jackson foram três cientistas negras da NASA que revolucionaram a pesquisa espacial. Seus estudos contribuíram para a grande aventura da conquista do espaço, na realização dos cálculos das trajetórias que levaram as missões norte-americanas a orbitar em torno da Terra e a explorar o Universo. Em tempos de Guerra Fria e corrida espacial, essas três corajosas mulheres enfrentaram a misoginia e o racismo em um ambiente frequentado pela maioria de homens brancos. Nos Estados Unidos, até meados dos anos de 1960, vigorava a Lei Jim Crow de segregação racial, que impedia que negros convivessem com brancos nos mesmos locais. Suas histórias e conquistas se tornaram conhecidas por meio do livro e do filme <i>Estrelas Além do Tempo</i>, lançados em 2016. A Alegoria do Tuiuti celebra a importância do legado dessas admiráveis pioneiras na história da tecnologia das missões espaciais e traz elementos de Oxumarê, orixá do arco-íris, responsável pelos movimentos dos astros e da Terra e de sua ligação com o céu.</p>

FICHA TÉCNICA**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Paulo Barros		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
05	<p>QUE NOSSOS CAMINHOS SE ABRAM!</p>  <p>* Essa imagem é do croqui original e serve apenas como referência, pois foram realizadas modificações de estética e de cor na execução da Alegoria.</p>	<p>O culto aos orixás encerra o desfile do Paraíso do Tuiuti. O caminho percorrido até aqui foi guiado por eles. Cada um dos homens e mulheres pretos homenageados pela Escola trouxe sua energia de força, coragem, amor, beleza e determinação para a Avenida. O respeito e a admiração pelo legado que deixaram é o que o enredo se propôs a transmitir. Suas lições de vida seguem eternizadas pela história e pelo sentimento de pertencimento ao mundo que pode ser transformado por nossas escolhas. As cores de cada orixá representam sua presença entre nós, nos oferecendo, cotidianamente, a oportunidade de decidir por qual caminho devemos seguir. Cada uma dessas divindades se manifesta para nós, através de nossas atitudes e daqueles que nos cercam. Então, é preciso entendê-los e, para isso, compreender a nossa razão de existir, o nosso destino. Oxóssi ilumina os caminhos do Tuiuti, com a sua sabedoria ancestral. O desfile termina pedindo a Oxalá que nos proteja, que espalhe Axé na Avenida para que as mudanças aconteçam. E elas representam o que fizemos por um mundo mais justo onde o amor e a alegria possam prevalecer. Que nossos caminhos se abram! KA RÍBA TÍ YE!</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Nomes dos Principais Destaques	Respectivas Profissões
<p><u>Alegoria 01</u> Ton Brício - Fantasia: Orunmilá</p>	<p>Artista Plástico</p>
<p><u>Alegoria 02</u> Samile Cunha - Fantasia: A Justiça de Xangô Scarlet - Fantasia: A Benevolência de Xangô</p>	<p>Ator Modelo</p>
<p><u>Alegoria 03</u> Fernada - Fantasia: Sabedoria Professor Walter Costa - Fantasia: Oxaguiã Marcinho - Fantasia: Guerreiro da Paz Amarelooh - Fantasia: Guerreiro da Vida</p>	<p>Modelo Professor Dançarino Dançarino</p>
<p><u>Alegoria 04</u> Dida - Fantasia: O Movimento dos Astros Mari e Mola - Fantasia: A Serpente do Arco-Íris</p>	<p>Barbeiro Modelo</p>
<p><u>Alegoria 05</u> Luiz Vignerom - Fantasia: Oxóssi</p>	<p>Empresário</p>
<p>Local do Barracão Rua Rivadavia Correa, nº. 60 – Barracão nº. 03 – Cidade do Samba – Gamboa, RJ</p>	
<p>Diretor Responsável pelo Barracão Júlio César e Renan</p>	
<p>Ferreiro Chefe de Equipe Alan Duque</p>	<p>Carpinteiro Chefe de Equipe Brian Vieira</p>
<p>Escultor(a) Chefe de Equipe Max Muller</p>	<p>Pintor Chefe de Equipe -</p>
<p>Eletricista Chefe de Equipe Natanael Ferreira</p>	<p>Mecânico Chefe de Equipe Antônio</p>
<p>Outros Profissionais e Respectivas Funções</p> <p>Paulo Barros - Criador do Projeto Plástico das Alegorias</p> <p>Paulo Barros e Júnior Barata - Desenhistas e Figurinistas</p> <p>Paulinho da Luz - Responsável pela iluminação cênica, instalando cabeamento, plugs, equipamentos como dimmers, refletores e mesa de comando, assim possibilitando uma luz cênica e criativa aos carros alegóricos.</p>	

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas) Paulo Barros				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p>Corte Real</p> 	A corte real africana reverencia Zumbi e Dandara.	Guardiões do 1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira (2021)	Márcia Frey (coreógrafa)
01	<p>Guardiões da Tradição</p> 	A Velha-Guarda preserva as tradições e a memória do Paraíso do Tuiuti. Na Avenida, desfila com elegância sua ancestralidade africana, em reverência aos homenageados do desfile e aos orixás que os acompanham.	Velha-Guarda (1952)	Maria Vitória
*	<p>O Esplendor da Dinastia de Piye</p> 	O encanto do Antigo Egito está representado pelo destaque, que veste as cores do Tuiuti, simbolizando a jornada que a Escola realizou às primeiras civilizações para mostrar o esplendor e a riqueza dos faraós negros.	Destaque de Chão (2021)	Carol Marins

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)

Paulo Barros

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
02	<p>O Egito é Negro: Salve o Faraó Piankh Piye!</p>  <p>(no centro)</p> 	<p>Da Antiga África, berço da humanidade, vem o faraó negro Piankh Piye. Um dos grandes monarcas da Núbia, Piye libertou seu povo do domínio egípcio e fundou a poderosa dinastia que reinou no Egito por longo período. O legado de conhecimentos e obras notáveis da dinastia de faraós negros resistiu às tentativas de embranquecimento e apagamento da importância histórica da África e de suas milenares civilizações.</p> <p>Na homenagem do Tuiuti, Piye traz a força ancestral do orixá Oduduwa. Ambos são fundadores, pioneiros em suas trajetórias, na história da resistência núbica no Egito Antigo e na mitologia iorubá. Estão representados nesta fantasia da ala, que reúne elementos de seus impérios primordiais, em uma reverência à ancestralidade das diversas nações africanas. O orixá é considerado o criador e primeiro soberano da Terra, fundador da cidade sagrada de Ifé e de uma célebre linhagem de reis iorubás.</p>	Comunidade (2021)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Paulo Barros				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
02	<p>O Egito é Negro: Salve o Faraó Piankh Piye! (Continuação)</p>  <p>(à frente)</p>  <p>(no centro)</p>  <p>(nas laterais)</p>	<p>À frente da ala, Orunmilá revela Piankh Piye, no adereço da fantasia. No centro da ala, reverenciando o faraó, os componentes do Paraíso do Tuiuti representam, simbolicamente, a homenagem da Escola. Nas laterais, os griôs africanos protegem e transmitem a cultura e a memória ancestrais.</p> <p>Obs.: No desfile, o adereço no alto da fantasia de Orunmilá (à frente da ala) trará uma foto adesivada da personalidade homenageada.</p>	Comunidade (2021)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Paulo Barros

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
03	<p>Poder e Prosperidade: Asé, Mansa Kanku Mussa!</p>  <p>(no centro)</p>	<p>Mansa Kanku Mussa, o reverenciado rei africano, expandiu as riquezas e o território do poderoso Império do Mali, no século XIV. Durante seu reinado, houve um intenso desenvolvimento econômico, além da criação de centros de cultura e saber, como escolas, bibliotecas, mesquitas e museus. Os feitos e as conquistas de Mussa tornaram o império um dos mais vastos e prósperos do seu tempo, reunindo uma grande diversidade de povos, culturas e religiões, em suas cidades e rotas comerciais.</p> <p>Na homenagem do Tuiuti, o soberano de Mali traz a energia de conquistas e prosperidade do alafin Oranian. O orixá que conquistou inúmeras terras e o respeito dos povos vencidos nasceu com o corpo metade branco e metade preto. Fundador do reino de Oió, Oranian governou com sabedoria e tornou seu império o mais rico, influente e poderoso dos iorubás.</p>	Comunidade (2021)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Paulo Barros				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
03	<p>Poder e Prosperidade: Asé, Mansa Kanku Mussa! (Continuação)</p>  <p>(à frente)</p>  <p>(no centro)</p>  <p>(nas laterais)</p>	<p>À frente da ala, Orunmilá revela Mansa Mussa, no adereço da fantasia. No centro da ala, reverenciando o rei africano, os componentes do Paraíso do Tuiuti representam, simbolicamente, a homenagem da Escola. Nas laterais, os griôs africanos protegem e transmitem a cultura e a memória ancestrais.</p> <p>Obs.: No desfile, o adereço no alto da fantasia de Orunmilá (à frente da ala) trará uma foto adesivada da personalidade homenageada.</p>	Comunidade (2021)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)				
Paulo Barros				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
04	<p>Guerreiros Implacáveis da Resistência: Ògúnye, Zumbi! Èpà Hey, Dandara!</p>  <p>(no centro)</p>  	<p>Entre os séculos XVI e XIX, milhões de africanos foram escravizados e levados da sua terra, através dos oceanos, para continentes distantes. Uma história de sofrimento e crueldade, mas também de insurreições e revoltas. No Brasil colonial, Zumbi e sua companheira Dandara lideraram o maior dos quilombos, comunidades onde se refugiavam os negros escravizados que conseguiam escapar. Juntos, lutaram bravamente para defender Palmares e simbolizam todos os que resistiram à escravidão e sonharam com a liberdade.</p> <p>Ogum, o temido senhor da guerra, e Iansã, a obstinada e corajosa guerreira, são os orixás que acompanham Zumbi e Dandara, em suas batalhas em defesa do Quilombo dos Palmares, em uma reverência aos que abriram caminhos e nos inspiram até hoje na luta contra a opressão. Força, coragem e determinação são as qualidades dos orixás que remetem à trajetória desses heróis da resistência negra no Brasil.</p>	Comunidade (2021)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Paulo Barros				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
04	<p>Guerreiros Implacáveis da Resistência: Ògúnye, Zumbi! Èpà Hey, Dandara! (Continuação)</p>  <p>(à frente)</p>  <p>(no centro)</p>  <p>(nas laterais)</p>	<p>À frente da ala, Orunmilá revela Zumbi e Dandara, no adereço da fantasia. No centro da ala, reverenciando os líderes de Palmares, os componentes do Paraíso do Tuiuti representam, simbolicamente, a homenagem da Escola. Nas laterais, os griôs africanos protegem e transmitem a cultura e a memória ancestrais.</p> <p>Obs.: No desfile, o adereço no alto da fantasia de Orunmilá (à frente da ala) trará uma foto adesivada da personalidade homenageada.</p>	Comunidade (2021)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Paulo Barros

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
05	<p>Um Longo Caminho para a Liberdade: E Se e Babá, Epà Bábá, Mandela!</p>  <p>(no centro)</p> 	<p>Um dos maiores líderes do século XX, Nelson Mandela lutou pelo fim do regime racista e segregacionista do apartheid e foi o primeiro presidente negro da África do Sul. Sua inspiradora trajetória em nome da paz e da liberdade deixou grandes lições à humanidade e abriu caminhos na busca por uma sociedade democrática e igualitária em todo o mundo: “Nenhum poder na Terra é capaz de deter um povo oprimido, determinado a conquistar sua liberdade (...). Sonho com uma África em paz consigo mesma.”</p> <p>Na Sapucaí, Mandela segue protegido por Oxalá, o orixá mais velho e respeitado do panteão iorubá, responsável pela criação do homem. A mensagem de paz e sabedoria do líder sul-africano conecta sua vida aos desígnios de Oxalá, divindade que nos conduz pelo céu da liberdade.</p>	Comunidade (2021)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figuristas)				
Paulo Barros				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
05	<p>Um Longo Caminho para a Liberdade: E Se e Babá, Epà Bábá, Mandela! (Continuação)</p>  <p>(à frente)</p>  <p>(no centro)</p>  <p>(nas laterais)</p>	<p>À frente da ala, Orunmilá revela Nelson Mandela, no adereço da fantasia. No centro da ala, reverenciando o líder sul-africano, os componentes do Paraíso do Tuiuti representam, simbolicamente, a homenagem da Escola. Nas laterais, os griôs africanos protegem e transmitem a cultura e a memória ancestrais.</p> <p>Obs.: No desfile, o adereço no alto da fantasia de Orunmilá (à frente da ala) trará uma foto adesivada da personalidade homenageada.</p>	Comunidade (2021)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Paulo Barros

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
06	<p>O Movimento da Mudança: Obà Si, Angela Davis!</p>  <p>(à frente)</p> 	<p>A ala das baianas exalta a ativista norte-americana Angela Davis, símbolo de liderança feminista negra, que continua a lutar, incansavelmente, pelo fim da discriminação racial e pela igualdade de gênero. Na década de 1970, ela fez parte da organização Panteras Negras, um importante marco na história dos movimentos antirracistas nos Estados Unidos e em todo o mundo. Angela afirma que: “Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela (...). A liberdade é uma luta constante”.</p> <p>A líder afro-americana tem a bravura da guerreira Obá, orixá protetora do poder feminino. Na Avenida, o giro das baianas carrega a força da resistência das combativas mulheres que enfrentam toda forma de opressão, desbravam caminhos e movimentam o mundo por direitos iguais. Angela Davis está, à frente da ala das baianas, representada por sua presidente.</p>	Baianas (1952)	Tia Sandra Maria

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Paulo Barros				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
07	<p>Um Alafin Americano: Kawòó Kábiyèsi, Obama!</p>  <p>(no centro)</p> 	<p>Na histórica eleição de 2008, Barack Obama tornou-se o primeiro presidente negro dos Estados Unidos, sendo reeleito em 2012. Em seus mandatos à frente da Casa Branca, buscou ampliar leis e medidas de combate à discriminação e à desigualdade social. Com um forte senso de justiça, o democrata mantém acesa a chama da esperança por uma sociedade mais igualitária: “Nós somos a mudança que buscamos e temos direito a perseguir nossa própria versão da felicidade”.</p> <p>Na homenagem do Tuiuti, Obama segue acompanhado de Xangô, o poderoso senhor da justiça e alafin de Oió, o maior dos reinos iorubás. O imbatível orixá carrega o machado duplo, o oxê, símbolo de equilíbrio e equidade, que inspira a confiança na vitória e inflama o clamor contra as injustiças.</p>	Comunidade (2021)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Paulo Barros

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
07	<p>Um Alafin Americano: Kawòó Kábiyèsi, Obama! (Continuação)</p>  <p>(à frente)</p>  <p>(no centro)</p>  <p>(nas laterais)</p>	<p>À frente da ala, Orunmilá revela Barack Obama, no adereço da fantasia. No centro da ala, reverenciando o presidente afro-americano, os componentes do Paraíso do Tuiuti representam, simbolicamente, a homenagem da Escola. Nas laterais, os griôs africanos protegem e transmitem a cultura e a memória ancestrais.</p> <p>Obs.: No desfile, o adereço no alto da fantasia de Orunmilá (à frente da ala) trará uma foto adesivada da personalidade homenageada.</p>	Comunidade (2021)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Paulo Barros				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
08	<p>O Poder da Transformação: Losi Losi, RuPaul!</p>  <p>(no centro)</p>	<p>Um dos maiores ícones da cultura drag, RuPaul Charles desafia limites e mostra que a sua arte é transformação, transgressão e representatividade. Desde a década de 1990, suas exuberantes performances musicais e premiados shows de talentos conquistaram milhares de fãs pelo mundo, ampliando os espaços de atuação e a visibilidade para artistas drags. Fonte de inspiração e referência para o protagonismo negro e LGBTQIA+, RuPaul sabe que ser Drag Queen é um ato libertário e de resistência.</p> <p>Na festa do Carnaval, RuPaul esbanja sua alegria de viver e os encantos de Logum Edé, o orixá que transcende o feminino e o masculino, transitando livremente entre esses dois universos. O mais belo orixá traz o espelho de sua mãe, Oxum, e o ofá de seu pai, Oxóssi, elementos que representam o orgulho e a coragem na trajetória daqueles que, como “Mamma Ru”, caminham afirmando o respeito à diversidade.</p>	Comunidade (2021)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Paulo Barros

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
08	<p>O Poder da Transformação: Losi Losi, RuPaul! (Continuação)</p>  <p>(à frente)</p>  <p>(no centro)</p>  <p>(nas laterais)</p>	<p>À frente da ala, Orunmilá revela RuPaul, no adereço da fantasia. No centro da ala, reverenciando o artista, os componentes do Paraíso do Tuiuti representam, simbolicamente, a homenagem da Escola. Nas laterais, os griôs africanos protegem e transmitem a cultura e a memória ancestrais.</p> <p>Obs.: No desfile, o adereço no alto da fantasia de Orunmilá (à frente da ala) trará uma foto adesivada da personalidade homenageada.</p>	Comunidade (2021)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Paulo Barros				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
09	<p>Preta é Rainha: Ò Óré Yeye O, Beyoncé!</p>  <p>(no centro)</p>	<p>Apaixonante, sedutora e dona de uma voz poderosa, Beyoncé ecoa a força e a beleza da música e da cultura negra pelo mundo. “Nós temos ritmo, nós temos orgulho, nós nascemos reis!”. Uma das artistas mais consagradas da atualidade, a “Rainha Bey”, como é chamada pelo público, provoca importante impacto social e cultural, ao exaltar o poder feminino e o protagonismo dos povos negros em diáspora. Nos palcos e nas telas, seus espetáculos mais recentes são repletos de imagens, cores e sons que celebram as raízes afro-americanas e também evocam a deusa iorubá das águas doces: “Do rio sagrado da terra mãe, derrame sua glória sobre mim... Minha história é a história dela. Meus ancestrais me ensinam a viver com a energia de Oxum”.</p> <p>A diva Beyoncé reflete a beleza, o amor e a generosidade da vaidosa Oxum, a divindade do ouro e da riqueza, que brilha com seu abebé dourado. Donas de grande poder, elas reinam absolutas e inspiram a Avenida a “cantar a beleza retinta que veio de lá”.</p>	Comunidade (2021)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Paulo Barros

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
09	<p>Preta é Rainha: Ò Óré Yeye O, Beyoncé! (Continuação)</p>  <p>(à frente)</p>  <p>(no centro)</p>  <p>(nas laterais)</p>	<p>À frente da ala, Orunmilá revela Beyoncé, no adereço da fantasia. No centro da ala, reverenciando a artista, os componentes do Paraíso do Tuiuti representam, simbolicamente, a homenagem da Escola. Nas laterais, os griôs africanos protegem e transmitem a cultura e a memória ancestrais.</p> <p>Obs.: No desfile, o adereço no alto da fantasia de Orunmilá (à frente da ala) trará uma foto adesivada da personalidade homenageada.</p>	Comunidade (2021)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Paulo Barros				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
10	<p>Moleque Beijo: Oni Beijada, Benjamim de Oliveira!</p>  <p>(no centro)</p> 	<p>A alegria do circo chegou! O Tuiuti saúda Benjamim de Oliveira, o primeiro palhaço negro do Brasil e precursor do circo-teatro em nosso país. Um artista múltiplo e genial, ele reinou nos picadeiros do início do século XX, abrindo caminhos para tantos “benjamins”, com sua história de luta e resistência. Filho de cativos, o moleque “Beijo”, como era chamado na infância, se encantou com o circo itinerante e fugiu com a trupe, em busca de fantasia e liberdade. Em sua trajetória, enfrentou todo tipo de opressão e exerceu com maestria as mais variadas artes circenses, até se tornar a principal atração do grande Circo Spinelli.</p> <p>No maior espetáculo da Terra, o palhaço Benjamim traz a alegria infantil dos Ibejis, os encantadores orixás gêmeos e protetores das crianças. Brincando, eles animam o público e mostram que rir também é resistir!</p>	Comunidade (2021)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Paulo Barros

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
10	<p>Moleque Beijo: Oni Beijada, Benjamim de Oliveira! (Continuação)</p>  <p>(à frente)</p>  <p>(no centro)</p>  <p>(nas laterais)</p>	<p>À frente da ala, Orunmilá revela Benjamim de Oliveira, no adereço da fantasia. No centro da ala, reverenciando o artista, os componentes do Paraíso do Tuiuti representam, simbolicamente, a homenagem da Escola. Nas laterais, os griôs africanos protegem e transmitem a cultura e a memória ancestrais.</p> <p>Obs.: No desfile, o adereço no alto da fantasia de Orunmilá (à frente da ala) trará uma foto adesivada da personalidade homenageada.</p>	Comunidade (2021)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Paulo Barros				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
11	<p>Nos Caminhos de Exu: Láaròyè, Maria Lata D'Água e Serginho do Pandeiro!</p>  <p>(ao redor da ala)</p>  <p>(no centro)</p>	<p>Um espetáculo sem igual! A ala celebra Maria Lata D'Água e Serginho do Pandeiro, ícones do Carnaval carioca. Mestres na arte de sambar, eles eternizaram seus nomes na Avenida e continuam a inspirar gerações de passistas, mantendo vivas as tradições afro-brasileiras das escolas de samba. Lata d'água na cabeça, Maria Mercedes Chaves arrebatou o público, por décadas, com a dança de quem se equilibra na vida desde menina. Pandeiro nas mãos, Sérgio Murilo Rosa desfila seus incríveis malabarismos e gingado pela Mangueira, há muitos carnavais. Riscado, ginga, cadência, magia, poesia... Nos caminhos de Exu, o ritmo sincopado dos passistas evoca a energia vital do orixá que é o portador de todo axé. Exu tem o poder da comunicação e da alegria dos corpos. É a força do movimento que risca o chão sagrado do samba.</p> <p>O orixá está representado pelo figurino ao redor da ala e pelo destaque de chão, no centro da ala.</p> <p>Destaque de Chão: Alex Coutinho “A Mensagem de Exu é a Alegria”</p>	Passistas (1952)	Alex Coutinho e Jorge Amarelloh

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Paulo Barros

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p>A Energia do Samba</p> 	<p>A Rainha de Bateria é a energia do samba que reverencia a ancestralidade dos ogãs e seu ritmo irresistível.</p>	<p>Rainha de Bateria (2021)</p>	<p>Thay Magalhães</p>
*	<p>O Batuque dos Ogãs</p> 	<p>Os sons e a beleza da África chegam à Avenida na alegria contagiante da Princesa de Bateria, que representa a força do batuque dos ogãs.</p>	<p>Princesa de Bateria (2021)</p>	<p>Mayara Lima</p>
12	<p>Alabê Gungunando o Tambor</p> 	<p>Os sons dos tambores ecoam na vida há milhares de anos. Eles chegam de uma África antiga e atravessam o tempo alimentando a fé. Os alabês batucam os toques rituais nos terreiros do candomblé, em seus instrumentos sagrados, e conhecem a batida para cada orixá. Corpo e alma só tambor. Os ogãs do Tuiuti tocam os tambores na Avenida e animam a festa do Carnaval, para lembrar suas origens e render homenagens àqueles que, por não calarem suas vozes e cantos de guerra e de paz, nos trouxeram até aqui.</p>	<p>Bateria (2021)</p>	<p>Mestre Marcão</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Paulo Barros				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
13	<p>A Mãe do Balé Afro-Brasileiro: Odò Fé Yaba, Mercedes Baptista!</p>  <p>(no centro)</p> 	<p>A Escola saúda Mercedes Baptista, a grande dama e mãe do balé afro-brasileiro. Além de ter sido a primeira bailarina negra a integrar o corpo de baile do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, a artista revolucionou a história da dança em nosso país. Na década de 1950, fundou o Ballet Folclórico Mercedes Baptista, alimentando a cena com movimentos e gestuais da cultura africana e do candomblé, em repertórios de sucesso, como “Orungá e Iemanjá”. Grande professora e ativista, ela formou e abriu caminhos para muitos bailarinos negros brilharem nos palcos. Sua trajetória é uma importante referência para a valorização, o reconhecimento e a integração de artistas afrodescendentes no teatro.</p> <p>Mercedes Baptista segue os passos da protetora e amorosa Iemanjá, a mãe de todos os orixás, que nutre e acolhe seus filhos no espelho das águas. O Tuiuti faz sua homenagem à bailarina na fantasia que reúne elementos e cores da Rainha do Mar. A mestra dos palcos mudou a cena contemporânea com a beleza dos gestos primordiais.</p>	Comunidade (2021)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Paulo Barros

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
13	<p>A Mãe do Balé Afro-Brasileiro: Odò Fé Yaba, Mercedes Baptista! (Continuação)</p>  <p>(à frente)</p>  <p>(no centro)</p>  <p>(nas laterais)</p>	<p>À frente da ala, Orunmilá revela Mercedes Baptista, no adereço da fantasia. No centro da ala, reverenciando a artista, os componentes do Paraíso do Tuiuti representam, simbolicamente, a homenagem da Escola. Nas laterais, os griôs africanos protegem e transmitem a cultura e a memória ancestrais.</p> <p>Obs.: No desfile, o adereço no alto da fantasia de Orunmilá (à frente da ala) trará uma foto adesivada da personalidade homenageada.</p>	Comunidade (2021)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Paulo Barros				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
14	<p>A Ialorixá Imortal: Oke Aro, Mãe Stella de Oxóssi!</p>  <p>(no centro)</p>	<p>Ialorixá de um dos terreiros de candomblé mais tradicionais de Salvador, Mãe Stella de Oxóssi também se tornou uma escritora imortal. Engajada na defesa da cultura e da religiosidade de matriz africana no Brasil, a matriarca recebeu diversos prêmios literários e foi eleita por unanimidade, em 2013, para a Academia de Letras da Bahia. Sua obra ficou marcada pela preservação das tradições do candomblé e dos contos dos orixás. Seguindo a iniciação iorubá, seu nome de santo era Odé Kayodê, "o caçador que traz alegrias", e ela honrou o título trazendo tantas conquistas para a arte e as comunidades afro-brasileiras.</p> <p>No chão sagrado da Avenida, Mãe Stella, como boa filha de Oxóssi, continua a transmitir os ensinamentos do habilidoso orixá da caça, o desbravador das florestas que traz fartura e prosperidade para seu povo, com a flecha certa de seu ofá.</p>	Comunidade (2021)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Paulo Barros

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
14	<p>A Ialorixá Imortal: Oke Aro, Mãe Stella de Oxóssi! (Continuação)</p>  <p>(à frente)</p>  <p>(no centro)</p>  <p>(nas laterais)</p>	<p>À frente da ala, Orunmilá revela Mãe Stella de Oxóssi, no adereço da fantasia. No centro da ala, reverenciando a artista, os componentes do Paraíso do Tuiuti representam, simbolicamente, a homenagem da Escola. Nas laterais, os griôs africanos protegem e transmitem a cultura e a memória ancestrais.</p> <p>Obs.: No desfile, o adereço no alto da fantasia de Orunmilá (à frente da ala) trará uma foto adesivada da personalidade homenageada.</p>	Comunidade (2021)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Paulo Barros				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
15	<p>O Jovem Guerreiro da Paz: E Se e Babá, Epà Bàbá, Chadwick Boseman!</p>  <p>(no centro)</p> 	<p>Imortalizado nas telas do cinema, Chadwick Boseman deixou um legado de representatividade e inspiração na luta contra o racismo, ao interpretar grandes nomes da história e da cultura afro-americana. No aclamado filme <i>Pantera Negra</i>, ele protagonizou a realeza africana do futuro e deu vida ao super-herói negro que se tornou um símbolo de resistência em todo o mundo. A jornada do rei de Wakanda para proteger seu país e o planeta revolucionou as formas de representação dos povos africanos no cinema, mostrando uma nação extremamente avançada e próspera, livre da colonização e da cruel exploração. Dentro e fora das telas, os ideais do grande ator e protagonista de Wakanda seguem vivos para sempre!</p> <p>Chadwick Boseman é como Oxaguiã, o jovem orixá guerreiro da paz, responsável pelas inovações que levam ao futuro e pela busca de conhecimento. Na Avenida, este figurino da ala traz elementos do cinema, que remetem ao homenageado, sobrepostos à vestimenta estilizada do orixá. Ambos representam os sonhos de um mundo melhor e sem desigualdades.</p>	Comunidade (2021)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Paulo Barros

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
15	<p>O Jovem Guerreiro da Paz: E Se e Babá, Epà Bàbá, Chadwick Boseman! (Continuação)</p>  <p>(à frente)</p>  <p>(no centro)</p>  <p>(nas laterais)</p>	<p>À frente da ala, Orunmilá revela Chadwick Boseman, no adereço da fantasia. No centro da ala, reverenciando o artista, os componentes do Paraíso do Tuiuti representam, simbolicamente, a homenagem da Escola. Nas laterais, os griôs africanos protegem e transmitem a cultura e a memória ancestrais.</p> <p>Obs.: No desfile, o adereço no alto da fantasia de Orunmilá (à frente da ala) trará uma foto adesivada da personalidade homenageada.</p>	Comunidade (2021)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Paulo Barros				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
16	<p>A Mulher Árvore que Semeou a Paz: Mo Juba Awo, Wangari Maathai!</p>  <p>(no centro)</p> 	<p>Por sua dedicação à preservação da natureza, Wangari Maathai foi a primeira mulher africana a receber um Prêmio Nobel da Paz. Conhecida como “Mulher Árvore”, a bióloga lutou pelo desenvolvimento sustentável e pela democracia, enfrentando o antigo regime opressor do Quênia, que expropriava terras e cometia abusos usurpando direitos humanos. Deixou como legado a criação do Movimento Cinturão Verde, que já plantou milhões de árvores em países africanos, protegendo o meio ambiente e capacitando mulheres para a geração de renda por meio do cultivo e da conservação florestal. Seus ensinamentos inspiram quem se dedica a preservar a vida e o futuro das próximas gerações: "Hoje enfrentamos um desafio que exige uma mudança em nosso pensamento, para que a humanidade pare de ameaçar o seu suporte de vida. Somos chamados a ajudar a Terra, a curar as suas feridas e, no processo, curar as nossas, a abraçar, de verdade, toda a criação em toda a sua diversidade, beleza e maravilha".</p> <p>Maathai é como Onilé, divindade que protege, governa e representa nosso planeta, segundo a mitologia iorubá, dela depende a própria vida na Terra.</p>	Comunidade (2021)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Paulo Barros

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
16	<p>A Mulher Árvore que Semeou a Paz: Mo Juba Awo, Wangari Maathai! (Continuação)</p>  <p>(à frente)</p>  <p>(no centro)</p>  <p>(nas laterais)</p>	<p>À frente da ala, Orunmilá revela Wangari Maathai no adereço da fantasia. No centro da ala, reverenciando a ambientalista, os componentes do Paraíso do Tuiuti representam, simbolicamente, a homenagem da Escola. Nas laterais, os griôs africanos protegem e transmitem a cultura e a memória ancestrais.</p> <p>Obs.: No desfile, o adereço no alto da fantasia de Orunmilá (à frente da ala) trará uma foto adesivada da personalidade homenageada.</p>	Comunidade (2021)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Paulo Barros				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
17	<p>A Rosa Negra da Justiça: Saluba, Ivone Caetano!</p>  <p>(no centro)</p>	<p>A justiça conta com a força e a dedicação de Ivone Ferreira Caetano, primeira juíza e desembargadora negra do estado do Rio de Janeiro, além de diretora de Igualdade Racial da Ordem dos Advogados do Brasil/RJ. Uma vida voltada à proteção de crianças e jovens, de combate às drogas e resgate da cidadania, oferecendo orientação e suporte às famílias para a superação dos problemas provocados pela desigualdade e injustiças sociais. Autora do livro <i>Rosa Negra, retalhos de uma trajetória de superação</i>, Ivone é a inspiração da Medalha Rosa Negra, criada pela OAB, para homenagear profissionais que, assim como ela, atuam na defesa de direitos da população negra.</p> <p>Ivone segue o caminho de Nanã, protegendo os seres mais frágeis e vulneráveis. Orixá que cultua a memória e a manutenção das tradições, a verdade e a justiça. É ancestralidade, é o início, é luz. Nanã é a avó, é quem acalanta e consola, características que definem o compromisso da magistrada com a vida.</p>	Comunidade (2021)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Paulo Barros

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
17	<p>A Rosa Negra da Justiça: Saluba, Ivone Caetano! (Continuação)</p>  <p>(à frente)</p>  <p>(no centro)</p>  <p>(nas laterais)</p>	<p>À frente da ala, Orunmilá revela Ivone Ferreira Caetano no adereço da fantasia. No centro da ala, reverenciando a juíza, os componentes do Paraíso do Tuiuti representam, simbolicamente, a homenagem da Escola. Nas laterais, os griôs africanos protegem e transmitem a cultura e a memória ancestrais.</p> <p>Obs.: No desfile, o adereço no alto da fantasia de Orunmilá (à frente da ala) trará uma foto adesivada da personalidade homenageada.</p>	Comunidade (2021)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Paulo Barros				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
18	<p>A Ciência das Folhas: Ewê o Asà, Carver!</p>  <p>(no centro)</p> 	<p>George Washington Carver nasceu em meados do século XIX e ficou conhecido como “doutor das plantas”. O brilhante cientista lutou contra a segregação racial no sul dos Estados Unidos e se tornou um dos grandes botânicos de seu tempo e um dos maiores cientistas da história americana. Em seu laboratório, desenvolveu inúmeros produtos derivados de vegetais, incluindo óleos medicinais. Por suas conquistas, foi responsável por uma grande evolução na agronomia, tornando-se consultor do presidente Theodore Roosevelt. George Carver não patenteou nem lucrou com a maioria de suas descobertas, doando-as para a humanidade. Filho de escravos, seu ideal era preparar homens e mulheres negros para o mercado de trabalho, oferecendo a oportunidade de uma vida digna de pessoas realmente livres.</p> <p>Sua trajetória remete a Ossaim, orixá das folhas e plantas, conhecido por sua capacidade de revigorar ou afastar a morte, com o uso das ervas medicinais. Carver conhecia os segredos das plantas como Ossaim e, ao compartilhá-los, promoveu estabilidade e independência para muitos homens e mulheres pretos de seu tempo.</p>	Comunidade (2021)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantásias

Criador(es) das Fantásias (Figuristas)

Paulo Barros

DADOS SOBRE AS FANTÁSIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
18	<p>A Ciência das Folhas: Ewê o Asà, Carver! (Continuação)</p>  <p>(à frente)</p>  <p>(no centro)</p>  <p>(nas laterais)</p>	<p>À frente da ala, Orunmilá revela George Washington Carver, no adereço da fantasia. No centro da ala, reverenciando o cientista, os componentes do Paraíso do Tuiuti representam, simbolicamente, a homenagem da Escola. Nas laterais, os griôs africanos protegem e transmitem a cultura e a memória ancestrais.</p> <p>Obs.: No desfile, o adereço no alto da fantasia de Orunmilá (à frente da ala) trará uma foto adesivada da personalidade homenageada.</p>	Comunidade (2021)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Paulo Barros				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
19	<p>Enfrentando a Pandemia: Atóto, Jaqueline Goes de Jesus!</p>  <p>(no centro)</p> 	<p>Jaqueline Goes de Jesus é uma jovem cientista negra do Instituto Adolfo Lutz e uma das coordenadoras da equipe de pesquisadores brasileiros responsáveis pelo sequenciamento do genoma do coronavírus, em apenas 48 horas, tempo recorde em relação a outros países. O mapeamento genético ajudou a entender os fatores da distribuição da doença, além de meios de controle, prevenção e desenvolvimento de vacinas. Doutora em patologia humana, seu maior interesse sempre foi pesquisar e encontrar a cura de doenças, além de acreditar que o acesso democrático à educação pode ajudar a corrigir diferenças sociais: “Estruturalmente, a maioria da população pobre do nosso país é negra. É uma dívida histórica que perpassou séculos. Ver jovens negros, nordestinos, ocupando espaços nas universidades me deixa muito esperançosa. Sem dúvida, teremos cada vez mais representantes exercendo cargos e obtendo resultados importantíssimos para a sociedade”.</p> <p>Em tempos de pandemia e de milhões de vidas perdidas na guerra contra a COVID-19, Jaqueline inspira a proteção de Omulu, orixá das pestes e doenças infecciosas e contagiosas, conhecedor de seus segredos. Omulu é cura, é resistência, é vida e morte.</p>	Comunidade (2021)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Paulo Barros

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
19	<p>Enfrentando a Pandemia: Atóto, Jaqueline Goes de Jesus! (Continuação)</p>  <p>(à frente)</p>  <p>(no centro)</p>  <p>(nas laterais)</p>	<p>À frente da ala, Orunmilá revela Jaqueline Goes de Jesus no adereço da fantasia. No centro da ala, reverenciando a cientista, os componentes do Paraíso do Tuiuti representam, simbolicamente, a homenagem da Escola. Nas laterais, os griôs africanos protegem e transmitem a cultura e a memória ancestrais.</p> <p>Obs.: No desfile, o adereço no alto da fantasia de Orunmilá (à frente da ala) trará uma foto adesivada da personalidade homenageada.</p>	Comunidade (2021)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Paulo Barros				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
20	<p>A Rainha de Katwe: Hiho, Phiona Mutese!</p>  <p>(no centro)</p> 	<p>O peão, a peça mais fraca do jogo, vira rainha depois de atravessar todo o tabuleiro. Esse foi um dos primeiros aprendizados de Phiona Mutese sobre o xadrez. A jovem que viveu sua infância na favela de Katwe, uma das maiores de Uganda, se tornou campeã reconhecida internacionalmente, representando seu país em olimpíadas. Ainda criança, teve que sair da escola para ajudar a família, mas mudou seu destino para encontrar seu lugar em um esporte praticado por homens brancos. A história da menina analfabeta que viu sua vida mudar depois de descobrir, com a ajuda de um projeto social, que era uma brilhante enxadrista virou livro e inspirou o filme <i>Rainha de Katwe</i>. “O esporte me deu a chance de desenvolver habilidades para usar na minha vida. Aprendi a planejar, a fazer estratégia e a tomar de decisões. O xadrez também me mostrou que era possível sonhar.” Phiona Mutese é como a iabá guerreira Ewá, inteligente, sensível e vidente, um atributo que Orunmilá lhe concedeu. Domina as matas inalcançáveis e as probabilidades. O amanhã pertence a Ewá, ela é coragem e persistência.</p>	Comunidade (2021)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantásias

Criador(es) das Fantásias (Figuristas)

Paulo Barros

DADOS SOBRE AS FANTÁSIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
20	<p>A Rainha de Katwe: Hiho, Phiona Mutese! (Continuação)</p>  <p>(à frente)</p>  <p>(no centro)</p>  <p>(nas laterais)</p>	<p>À frente da ala, Orunmilá revela Phiona Mutese no adereço da fantasia. No centro da ala, reverenciando a enxadrista, os componentes do Paraíso do Tuiuti representam, simbolicamente, a homenagem da Escola. Nas laterais, os griôs africanos protegem e transmitem a cultura e a memória ancestrais.</p> <p>Obs.: No desfile, o adereço no alto da fantasia de Orunmilá (à frente da ala) trará uma foto adesivada da personalidade homenageada.</p>	Comunidade (2021)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Paulo Barros				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
21	<p>Uma Estrela Além do Tempo: Aho Gbogbo Vi, Katherine Johnson!</p>  <p>(no centro)</p> 	<p>O sucesso da exploração do espaço, a mais ousada aventura da humanidade, teve contribuições fundamentais de Katherine Johnson, a cientista, física e matemática que enfrentou todos os limites da segregação racial. Conhecida pela precisão na navegação astronômica informatizada, Katherine atuou como liderança técnica da NASA por décadas, onde calculou as trajetórias das primeiras missões espaciais norte-americanas que conseguiram orbitar em torno da Terra e chegar à Lua. Em 2015, recebeu, de Barack Obama, a Medalha Presidencial da Liberdade, a maior condecoração civil concedida nos Estados Unidos.</p> <p>Para acompanhar a cientista na sua travessia da Avenida, o Tuiuti traz Oxumarê, orixá que vive metade do ano no céu e outra metade na Terra. Divindade que domina o arco-íris e os movimentos dos astros, a transformação de dia em noite e de noite em dia. A grande serpente que envolve a Terra e o céu em um círculo infindo simboliza a garantia da unidade e da renovação do Universo e a ousadia dessa mulher negra pioneira que ajudou a humanidade a conquistar o espaço.</p>	Comunidade (2021)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantásias

Criador(es) das Fantásias (Figuristas)

Paulo Barros

DADOS SOBRE AS FANTÁSIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
21	<p>Uma Estrela Além do Tempo: Aho Gbogbo Vi, Katherine Johnson! (Continuação)</p>  <p>(à frente)</p>  <p>(no centro)</p>  <p>(nas laterais)</p>	<p>À frente da ala, Orunmilá revela Katherine Johnson no adereço da fantasia. No centro da ala, reverenciando a cientista, os componentes do Paraíso do Tuiuti representam, simbolicamente, a homenagem da Escola. Nas laterais, os griôs africanos protegem e transmitem a cultura e a memória ancestrais.</p> <p>Obs.: No desfile, o adereço no alto da fantasia de Orunmilá (à frente da ala) trará uma foto adesivada da personalidade homenageada.</p>	Comunidade (2021)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Paulo Barros				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
22	<p>Rastafári, a Inspiração de um Príncipe da Paz</p> 	<p>O Rastafári nasceu na Jamaica, mas suas raízes estão na África. O movimento religioso surgiu no auge das revoltas populares jamaicanas dos descendentes de africanos escravizados, na década de 1930. Salassié, um imperador etíope considerado herdeiro da dinastia iniciada pelo rei Salomão e pela rainha de Sabá, há mais de três mil anos, é uma espécie de messias para os mais de um milhão de seguidores do Rastafári que hoje se espalham pelo mundo. É reverenciado como o próprio Jah (Deus), o Leão de Judá. Sua postura contra a violência e o discurso contra o racismo e a desigualdade na Liga das Nações, em 1936, fizeram com que ele recebesse a denominação de <i>Ras Tafari</i> (“Príncipe da Paz”). Os adeptos do Rastafári são contrários ao consumismo desenfreado do capitalismo, são vegetarianos, usam ervas como tratamento e em rituais de meditação, não tatuam o corpo nem cortam os cabelos. Forte símbolo do movimento, as cores da bandeira da Etiópia representam a lealdade a Salassié e à África, com o verde da sua vegetação, o vermelho do sangue dos mártires e o amarelo da riqueza do continente antes da exploração colonialista. O “rasta” foi amplamente difundido pelo reggae de Bob Marley, que se tornou um de seus grandes ícones.</p>	Comunidade (2021)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)

Paulo Barros

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
23	<p>Gospel</p> 	<p>Do negro Spiritual, nascem as bases do Gospel, “<i>God Spell</i>” (“Deus soletra”), e de grande parte da música religiosa negra norte-americana. Os povos africanos escravizados, a partir do século XVIII nos Estados Unidos, foram obrigados a adotar a religião dos senhores, mas não podiam frequentar os mesmos espaços dos brancos. Reuniam-se em suas próprias igrejas, único lugar onde podiam entoar seus cânticos para aliviar a dor do cativo, do desterro e da exploração. Proibidos de tocar seus tambores, faziam a marcação com palmas e com os pés, criando, assim, o <i>Spiritual</i>, uma mistura de ritmos religiosos e herança africana, com mensagens de esperança e luta, cantadas à capela. Quando a escravidão foi abolida, o costume invadiu igrejas e templos afro-americanos por todo o país, originando o Gospel. Depois, foram incluídos instrumentos musicais, ressaltando o canto em forma de clamor, com ativa participação das congregações cristãs que se espalharam em todo o mundo.</p>	Comunidade (2021)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Paulo Barros				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
24	Congada de São Benedito 	<p>Celebrada em diversos estados do Brasil, a Congada é uma manifestação cultural e religiosa que surgiu no período colonial, com os africanos escravizados. Esse antigo folguedo envolve canto e dança, mesclando os ritos trazidos da África e o catolicismo praticado na colônia, para homenagear os reis do Congo e louvar os santos negros e protetores, como São Benedito. Na Avenida, a ala de congadeiros desfila com suas vestimentas adornadas por chapéus, fitas coloridas e a imagem do santo preto no altar, representando a devoção e as heranças culturais do tradicional cortejo.</p>	Comunidade (2021)	Harmonia
25	As Damas do Paço e as Calungas do Maracatu 	<p>O Maracatu é uma expressão cultural afro-brasileira de elementos diversos, repletos de <i>música, dança</i> e forte religiosidade, originada em Pernambuco, no século XVIII. Com sua <i>mistura de fé, alegria e resistência, o folguedo celebra a majestade do povo preto, que, apesar da cruel escravidão e da proibição de cultuar seus deuses, nunca deixou de lutar, cantar e dançar no ritmo dos antepassados.</i> Um dos seus mais populares estilos, o Maracatu Nação sai às ruas em forma de cortejo, representando a nobreza das antigas cortes africanas. Entre os personagens da realeza, as Damas do Paço carregam em seus braços as bonecas negras, conhecidas como calungas, que evocam a espiritualidade e o passado ancestral das nações afro-brasileiras.</p>	Comunidade (2021)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Paulo Barros

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
26	<p>Umbanda: os Pretos Velhos Pedem Passagem</p>   <p>(ao redor da ala)</p>  <p>(ao redor da ala)</p>	<p>A Umbanda é uma religião brasileira fundamentada no sincretismo entre o catolicismo, o espiritismo, o culto aos orixás e espíritos de origem indígena. O preconceito contra as manifestações religiosas vindas da África com os escravizados impedia que as pessoas cultuassem suas divindades e, como forma de resistência, os orixás eram evocados a partir de santos da Igreja Católica. Os praticantes da Umbanda acreditam que o universo está povoado de entidades espirituais que são chamadas guias e se comunicam através de uma pessoa iniciada, o médium. As guias se apresentam como pombagira, caboclo ou preto velho. Na Avenida, as cambonas carregam o alimento dos orixás, guiadas pelo casal de pretos velhos, representando a sabedoria dos negros escravizados, que, apesar dos sofrimentos nas senzalas, nos ensinam a evoluir espiritualmente com paciência e perseverança.</p>	Comunidade (2021)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Paulo Barros				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
27	<p>Candomblé: Tradição Religiosa de Origem Africana</p> 	<p>O Candomblé chegou ao Brasil com os primeiros negros escravizados e é perseguido pelo preconceito e pela intolerância até hoje. Nos tempos da escravidão, os homens e mulheres pretos praticavam sua fé, secretamente, utilizando os santos católicos para esconder o culto aos orixás. No entanto, os candomblecistas mantêm fortes conexões com a tradição africana e seus ensinamentos, como uma forma de afirmação da identidade e legitimação da cultura negra. A iniciação à religião implica um longo período de formação. Após a feitura de santo, as iaôs se preparam por sete anos para deixarem de ser iniciantes e completarem seus ciclos de renascimento para a religião. Devem respeitar a hierarquia, escutar e aprender com os mais velhos e experientes. As iaôs do Tuiuti vêm acompanhadas pelas ialorixás e fazem reverência ao Candomblé e à sua história de tradição e resistência negra.</p>	Comunidade (2021)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Local do Atelier Rua Rivadavia Correa, nº. 60 – Barracão nº. 03 – Cidade do Samba – Gamboa, RJ	
Diretor Responsável pelo Atelier Luiz Henrique	
Costureiro(a) Chefe de Equipe Flávia Jacob	Chapeleiro(a) Chefe de Equipe -
Aderecista Chefe de Equipe Fernando Kieer e Leo Catapreta	Sapateiro(a) Chefe de Equipe Alexandre
Outros Profissionais e Respectivas Funções Paulo Barros - Criador do Projeto Plástico das Fantasia Paulo Barros e Júnior Barata - Desenhos e Figurinos Fernando Kieer, Flávia Jacob, Jefferson Siqueira, Alex Cardoso, Felipe Rocha e Evelyn - Chefes de Ateliês	
Outras informações julgadas necessárias As imagens dos croquis reproduzidas nas fichas são originais e servem apenas como referência, pois foram realizadas modificações na execução das fantasia, de acordo com materiais disponíveis no mercado.	

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Autor(es) do Samba-Enredo		
Claudio Russo, Moacyr Luz, Júlio Alves, Chico Alves, Alessandro Falcão, W. Correia e Píer		
Presidente da Ala dos Compositores		
Aníbal Marenga		
Total de Componentes da Ala dos Compositores	Compositor mais Idoso (Nome e Idade)	Compositor mais Jovem (Nome e Idade)
80 (oitenta)	Jurandir 80 anos	Gabriel Russo 26 anos
Outras informações julgadas necessárias		
<p>Olodumarê mandou Oxalá me conduzir pelo céu da liberdade Me falou Orunmilá Vai, meu filho, semear pelo mundo a humanidade Nos caminhos de Exu Me perdendo encontrei nua e crua essa verdade Que a raiz do preconceito Nasce do olhar estreito da cruel desigualdade Sou alabê gungunando o tambor Trago cantos de dor, de guerra e de paz Pra ver secar todo pranto nagô E gritar por direitos iguais Meu sangue negro que escorre no jornal Inundou um oceano até a Pedra do Sol</p> <p>Eh! Dandara! A espada e a palavra, eh! Não ser escrava Hei de ver noutras negras minas Um baobá malê que nasceu do chão Pra vencer a opressão com a força da melanina</p> <p>Negro é cultura e saber Ka Riba Tí Ye, caminhos do sol Onde Mercedes, Stellas Por becos e vielas Se fazem farol Pra iluminar Alafins E morrer só de rir feito mil Benjamins E cantar! Cantar! Cantar... A beleza retinta que veio de la E cantar! Cantar! Cantar... Pra saudar o meu orixá</p> <p>Ogunhiê! Okê arô! Laroyê! Meu pai, kaô! Tem sangue nobre de Mandela e de Zumbi Nas veias do povo preto do meu Tuiuti</p>		
		BIS
		BIS

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

Defesa do Samba:

Cerca de 54% da população brasileira é constituída por pretos! Não obstante a isso, nossa história ainda não frequenta as bancas acadêmicas, nossos heróis pouco são vistos nos livros escolares e, assim, nossas crianças crescem conhecendo apenas retalhos de nossa cultura ao escutarem, na maioria das vezes, a narrativa do colonizador.

É preciso resgatar e trazer luz à cultura negra através de histórias de luta, sabedoria e resistência; mais do que é preciso, é necessário, mais que necessário é fundamental que os nossos caminhos se abram por intermédio de ações práticas e eficientes como são nossos enredo e samba. **KA RÍBA TÍ YE** proporcionou a feitura de uma composição com o refinamento de um vocabulário diverso e longe do usual aliado à estrutura melódica que permeia o que há de mais tradicional no estilo samba-enredo, um hino aos nossos ancestrais e a todos aqueles que abriam nossos caminhos...

De forma interpretativa, a letra do samba traz a essência do mito da criação na tradição Nagô, onde Olodumarê pediu a Oxalá que criasse o homem e, depois, enviou os orixás para o Ayé e ordenou que eles cuidassem do mundo e da humanidade. Orunmilá veio para dar direção e sentido aos homens e mulheres em seus percursos. Ele conhece os segredos do Ifá, o conhecimento mais profundo, os caminhos que existem e a maneira como orixás e pessoas transitam por eles:

Olodumarê mandou

Oxalá me conduzir pelo céu da liberdade

Me falou Orunmilá

Vai, meu filho, semear pelo mundo a humanidade

Nesta estrofe, mostra-se que Exu, em sua sabedoria, cria no homem a consciência do que é certo ou errado e o mostra pela primeira vez a nua e crua verdade do preconceito:

Nos caminhos de Exu

Me perdendo encontrei nua e crua essa verdade

Que a raiz do preconceito

Nasce do olhar estreito da cruel desigualdade

É o atabaque do ogã que murmura cantos de dor, de guerra e de paz, para que o povo Nagô possa secar o pranto e continuar seus caminhos por direitos iguais... Depois de vencer a maior migração forçada da história (a Diáspora Africana), depois de sangrar um oceano, é tempo de resistir e encontrar os exemplos marcantes de personagens do povo preto, como os que vão desfilar nos próximos versos:

Sou alabê gungunando o tambor

Trago cantos de dor, de guerra e de paz

Pra ver secar todo pranto nagô

E gritar por direitos iguais

Meu sangue negro que escorre no jornal

Inundou um oceano até a Pedra do Sal

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

Quantas negras minas podem lutar com a força de Dandara? Todas! Quantas pretas não nasceram para serem escravas? Todas! Quantos Baobás de sabedoria nasceram em solo africano e criaram raízes de resistência no novo mundo? **BaobáMalê**, que, propositalmente, forma o nome do primeiro presidente preto dos Estados Unidos da América, muito mais que um símbolo, um marco da vitória ante à opressão. Salve a força da melanina!

Eh! Dandara!

A espada e a palavra eh!

Não vai ser escrava

Hei de ver noutras negras minas

Um baobá malê que nasceu do chão

Pra vencer a opressão com a força da melanina

Na ciência moderna, inúmeros são os exemplos que destroem o arquétipo da inferioridade dos afrodescendentes, na verdade essa discussão deveria estar sepultada. E, se não está, nós apresentamos reis e rainhas negras que desvendam o micro e o macro, células e estrelas em caminhos de sol!

Negro é cultura e saber

Ka Ríba Tí Ye caminhos de sol

Nessa estrofe, utilizamos alguns nomes no plural para que a grandeza de cada personagem repercuta e ilumine como farol outros tantos alafins... Que surjam novas Mercedes Batistas e Mães Stelas de Oxossi através da dança, sabedoria e fé. E que se for pra morrer que seja morrer de rir com a arte de Benjamins de Oliveiras.

Onde Mercedes, Stellas por becos, vielas

Se fazem farol

Pra iluminar alafins

E morrer só de rir feito mil Benjamins

São tantas as manifestações culturais trazidas de lá, da Mãe África! Quantos maracatus e congadas? A música e a dança entrelaçadas para ressoar a beleza retinta de nossos irmãos e ancestrais e cantar, cantar, cantar a nossa fé, os nossos orixás e a nossa verdade...

E cantar! Cantar! Cantar...

A beleza retinta que veio de lá

E cantar! Cantar! Cantar...

Pra saudar o meu orixá

No refrão principal, materializamos as saudações de alguns orixás: Ogum, Oxóssi, Exu e Xangô! E como o sangue que corre em nossas veias tem a força de nossos ancestrais, nas veias do povo preto do meu Tuiuti corre sangue de Mandela e Zumbi dos Palmares. Axé!

Ogunhiê! Okê arô!

Laroyê! Meu pai kaô

Tem sangue nobre de Mandela e de Zumbi

Nas veias do povo preto do meu Tuiuti

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

Sobre os Compositores:

Claudio Russo: Consagrado compositor carioca e ganhador de diversos prêmios, como os Estandartes de Ouro de Melhor Samba-Enredo, nos anos de 2007, 2015 e 2017, é integrante da ala de compositores do Paraíso do Tuiuti desde 2015. Em 2016, teve a honra de compor o samba-enredo que ajudou a Escola a subir para o Grupo Especial e, em 2018, compôs o marcante samba que conduziu o Tuiuti à conquista do vice-campeonato do Grupo Especial.

Moacyr Luz: Mestre do samba carioca, possui 13 CDs gravados, trazendo em cada trabalho importantes referências à música brasileira. Com mais de 100 composições gravadas por diferentes intérpretes da MPB, Moacyr ganhou vários prêmios no Carnaval carioca, como o Estandarte de Ouro de Melhor Samba-Enredo de 2015, além de ser co-autor do antológico samba do Paraíso do Tuiuti no ano de 2018.

Chico Alves: Compositor capixaba, autor de cerca de 100 músicas, é parceiro de compositores como Moacyr Luz, Toninho Geraes, Toninho Nascimento e Wilson das Neves. Possui dois CDs autorais, além de ser gravado por intérpretes como Casuarina e Leila Pinheiro. Estreou no samba-enredo em 2020 e chegou ao Paraíso do Tuiuti neste ano.

Júlio Alves: Compositor carioca com várias vitórias no Carnaval. Possui músicas gravadas por Alcione, além de ser um dos autores do samba do Paraíso do Tuiuti em 2020.

Alessandro Falcão: É, acima de tudo, um torcedor fervoroso da agremiação e morador do bairro imperial de São Cristovão. Composto no Paraíso do Tuiuti desde 1999, teve sua primeira vitória em 2020.

W. Correia: Mais um apaixonado pelo samba e por compor, Correia possui algumas vitórias além de ser um dos autores do samba de 2016 do Paraíso do Tuiuti.

Pier: Do amor ao samba faz seu trabalho diário há 28 anos, trabalhando com artistas consagrados como: grupo Raça Negra e Mumuzinho. Desfilando no Tuiuti desde 2016, é um dos compositores do samba de 2022 do nosso Paraíso.

FICHA TÉCNICA**Bateria**

Diretor Geral de Bateria Mestre Marcão				
Outros Diretores de Bateria Marquinhos Jr., Marquinhos Passos, Jota, Yan Tuiuti, Leonardo Jorge, Guilherme (Sapão), Celso Frazão, Claudinho Tuiuti, Jeferson e Perereka				
Total de Componentes da Bateria 254 (duzentos e cinquenta e quatro) componentes				
NÚMERO DE COMPONENTES POR GRUPO DE INSTRUMENTOS				
1ª Marcação 10	2ª Marcação 10	3ª Marcação 12	Reco-Reco -	Ganzá -
Caixa 100	Tarol -	Tamborim 42	Tan-Tan -	Repinique 28
Prato -	Agogô -	Cuíca 24	Pandeiro -	Chocalho 28
Outras informações julgadas necessárias				
Bateria				
Nome da Fantasia: Alabê Gungunando o Tambor				
O que representa: Os sons dos tambores ecoam na vida há milhares de anos. Eles chegam de uma África antiga e atravessam o tempo alimentando a fé. Os alabês batucam os toques rituais nos terreiros do candomblé, em seus instrumentos sagrados, e conhecem a batida para cada orixá. Corpo e alma só tambor. Os ogãs do Tuiuti tocam os tambores na Avenida e animam a festa do Carnaval, para lembrar suas origens e render homenagens àqueles que, por não calarem suas vozes e cantos de guerra e de paz, nos trouxeram até aqui.				
Rainha de Bateria: Thay Magalhães				
Nome da Fantasia: A Energia do Samba				
O que representa: A Rainha de Bateria é a energia do samba que reverencia a ancestralidade dos ogãs e seu ritmo irresistível.				
Princesa de Bateria: Mayara Lima				
Nome da Fantasia: O Batuque dos Ogãs				
O que representa: Os sons e a beleza da África chegam à Avenida na alegria contagiante da Princesa de Bateria, que representa a força do batuque dos ogãs.				
Mestre Marcão: Marco Antonio da Silva tem passagem pelas escolas de samba Império da Tijuca, Salgueiro, Cova da Onça (Escola de Uruguaiana), Camisa Verde e Branco e Império da Casa Verde (com Mestre Zoinho, SP). Em 2022, é o Mestre de Bateria do Paraíso do Tuiuti.				

FICHA TÉCNICA

Harmonia

Diretor Geral de Harmonia

Luiz Carlos Amâncio e Fernando Honorato

Outros Diretores de Harmonia

-

Total de Componentes da Direção de Harmonia

60 (sessenta) componentes

Puxador(es) do Samba-Enredo

Intérpretes Oficiais: Celsinho Mody e Carlos Júnior

Participação Especial: Grazzi Brasil

Auxiliares: Hudson e Ciganerey

Instrumentistas Acompanhantes do Samba-Enredo

Cavaco Base e Solo: Tico do Cavaco, Juninho do Cavaco e Helinho Violão

Outras informações julgadas necessárias

Luiz Carlos Amâncio: Iniciou como Diretor de Harmonia, em 1998, na Imperatriz Leopoldinense. Foi Diretor de Carnaval e Harmonia das escolas de samba Boi da Ilha do Governador (2003 a 2005), Império da Tijuca, (2007 a 2014), Renascer de Jacarepaguá (2008 a 2010), Acadêmicos do Cubango (2011 a 2013) e Inocente de Belford Roxo (2018 e 2019). Luiz Carlos Amâncio também foi Diretor Geral de Harmonia do Paraíso do Tuiuti, em 2015, 2016 e 2017, retornando ao cargo nos anos de 2021 e 2022.

Fernando Honorato: Começou no mundo do samba em 1983, sempre participando do Carnaval do Rio de Janeiro. Atualmente, é Diretor Geral de Harmonia do Paraíso do Tuiuti.

Intérpretes:

O grande trunfo do Paraíso do Tuiuti para 2022 é seu time de intérpretes oficiais. Presentes no histórico Carnaval de 2018, dois nomes remanescentes conduzirão os microfones oficiais, cantando com emoção, força, simpatia e alegria na dosagem certa o samba-enredo da escola Azul e Amarelo de São Cristóvão.

Celsinho Mody – “Pegada de Africano!”

Com seu grito de guerra, que já está na boca do povo de todo o Brasil, promete levar, na melodia de sua voz, toda a irreverência e a alegria ao templo do Carnaval carioca, a Marquês de Sapucaí! Nascido e talhado em berço de sambistas, criado entre rodas de samba e barracões na cidade de São Paulo, é considerado a maior revelação do Carnaval da Pauliceia nos últimos anos. Sua história como cantor iniciou precocemente, e com apenas 11 anos de idade já era a voz da Escola de Samba Prova de Fogo. Em uma ascensão meteórica, despertou a atenção da tradicional Unidos do Peruche, cantando ao lado da consagrada cantora Eliana de Lima. É o mais jovem compositor a assinar um samba-enredo na multicampeã e centenária Mocidade Camisa Verde e Branco, onde se tornou o mais jovem intérprete oficial. Atualmente, carrega com orgulho o posto de intérprete oficial do Acadêmicos do Tatuapé. Na Azul e Branco da Zona Leste, viveu um grande momento na sua premiada carreira, conquistando, em 2017, além do título de Campeão do Carnaval, todos os prêmios disponíveis de melhor intérprete conferidos aos profissionais e artistas do Carnaval paulistano. Tamanha aclamação rendeu o convite de ser uma das vozes oficiais do Paraíso do Tuiuti desde o “histórico” Carnaval de 2018. Para 2022, não tem medo de errar e repete como um mantra o jargão: “*Eu acredito!*”.

FICHA TÉCNICA**Evolução**

Diretor Geral de Evolução André Gonçalves
Outros Diretores de Evolução Todos os diretores de Harmonia mais coreógrafos
Total de Componentes da Direção de Evolução 49 (quarenta e nove) componentes
Principais Passistas Femininos Thamara Lopes
Principais Passistas Masculinos Juninho Show
Outras informações julgadas necessárias <p>Nome da Fantasia da Ala de Passistas: Nos Caminhos de Exu: Láaròyè, Maria Lata D'Água e Serginho do Pandeiro! O que representa: Um espetáculo sem igual! A ala celebra Maria Lata D'Água e Serginho do Pandeiro, ícones do Carnaval carioca. Mestres na arte de sambar, eles eternizaram seus nomes na Avenida e continuam a inspirar gerações de passistas, mantendo vivas as tradições afro-brasileiras das escolas de samba. Lata d'água na cabeça, Maria Mercedes Chaves arrebatou o público, por décadas, com a dança de quem se equilibra na vida desde menina. Pandeiro nas mãos, Sérgio Murilo Rosa desfila seus incríveis malabarismos e gingado pela Mangueira, há muitos carnavais. Riscado, ginga, cadência, magia, poesia... Nos caminhos de Exu, o ritmo sincopado dos passistas evoca a energia vital do orixá que é o portador de todo axé. Exu tem o poder da comunicação e da alegria dos corpos. É a força do movimento que risca o chão sagrado do samba. O orixá está representado pelo figurino ao redor da ala e pelo destaque de chão, no centro da ala. Destaque de Chão: Alex Coutinho: “A Mensagem de Exu é a Alegria”</p> <p>Responsáveis pela Ala de Passistas: Alex Coutinho: Desfila na Escola desde 2002, sendo convidado para ser o responsável da Ala de Passistas no Carnaval de 2008. É o responsável pelo desenvolvimento do elenco feminino da ala. Fundou o projeto “Samba no Pé aos Passos do Paraíso”, que consiste em formar futuros passistas a desenvolver o dom de sambar e defender essa nobre arte. O diretor é, atualmente, uma referência em matéria de samba, sendo convidado a ministrar workshops em diversas cidades do país e do exterior, tais como: São Paulo, Manaus, Buenos Aires, Moscou e Londres.</p> <p>Jorge Amarelloh: Responsável por recrutar e formar o elenco masculino da ala, Jorge chegou ao Paraíso do Tuiuti em 2010. Desde então, acumulou prêmios. Para o diretor, o passista não pode perder a essência do “malandro sambista” tão cultivada no imaginário popular.</p>

FICHA TÉCNICA

Informações Complementares

Vice-Presidente de Carnaval Renato Marins “Renatinho”		
Diretor Geral de Carnaval André Gonçalves		
Outros Diretores de Carnaval Bruno Valle (Diretor Executivo Geral)		
Responsável pela Ala das Crianças -		
Total de Componentes da Ala das Crianças -	Quantidade de Meninas -	Quantidade de Meninos -
Responsável pela Ala das Baianas Tia Sandra Maria		
Total de Componentes da Ala das Baianas 80 (oitenta)	Baiana mais Idosa (Nome e Idade) Leda Rosa dos Santos 85 anos	Baiana mais Jovem (Nome e Idade) Gabriela de Jesus Moreira 32 anos
Responsável pela Velha-Guarda Maria Vitória		
Total de Componentes da Velha-Guarda 35 (trinta e cinco)	Componente mais Idoso (Nome e Idade) Ivonete da Silva Fernandes 89 anos	Componente mais Jovem (Nome e Idade) Inara 57 anos
Pessoas Notáveis que desfilam na Agremiação (Artistas, Esportistas, Políticos, etc.)		
Outras informações julgadas necessárias Diretor de Carnaval: André Gonçalves Iniciou sua trajetória no Carnaval carioca, no ano de 2000, integrando o carro de som do G.R.E.S. Tradição. Em 2011, assumiu a importante função de Diretor Financeiro do G.R.E.S. Império Serrano, adquirindo, por sua vez, vasta experiência na área artística, operacional e gerencial dos desfiles das escolas de samba. No G.R.E.S. Paraíso do Tuiuti, sua caminhada se iniciou no ano de 2015. Em 2016, contribuiu significativamente para a conquista do sonhado acesso ao Carnaval do Grupo Especial. Em 2018, realizou o sonho particular e de toda a comunidade de São Cristóvão ao contribuir para a conquista do tão aguardado vice-campeonato. Foi um desfile histórico. A agremiação saiu da Avenida literalmente aclamada pelos amantes do Carnaval, rendendo o título de “Campeã do Povo”. No Carnaval de 2020, André Gonçalves exerceu a importante função de Diretor de Operações, sendo responsável pela montagem da logística do barracão, criação de metas e gerenciamento dos prazos. Nos ensaios de rua, se mostra incansável, busca sempre aprimorar o canto da comunidade e zela pela organização e evolução das alas. Atualmente, é o Diretor de Carnaval da agremiação.		

FICHA TÉCNICA**Comissão de Frente**

Responsável pela Comissão de Frente Claudia Mota		
Coreógrafo(a) e Diretor(a) Claudia Mota		
Total de Componentes da Comissão de Frente 15 (quinze)	Componentes Femininos 0	Componentes Masculinos 15 (quinze)
Outras informações julgadas necessárias		
<p>Comissão de Frente: A Criação do Homem A Comissão de Frente do Paraíso do Tuiuti representa a cena em que Oxalá modela o barro e cria o homem. Contam os itãs da mitologia iorubá que Olodumarê ordena a Oxalá a criação do ser humano. O orixá experimenta vários materiais para atender ao pedido, mas nada dá resultado, até que Nanã chega em seu socorro. Os bailarinos representam a cena a partir do momento em que Nanã entrega a Oxalá a lama do lago, para que ele faça o homem. Oxalá modela o barro, esculpe o homem e mostra sua obra ao Deus Supremo. Olodumarê dá ao homem o sopro da vida. E o homem vai povoar o mundo, ser guerreiro e, com a luz dos orixás, vencer as tempestades e o desafio de viver.</p> <p>Obs.: Na cena, o componente que representa Olodumarê, na Comissão de Frente, está posicionado em um plano superior, porque interpreta o papel do Deus Supremo. Ele não cumprimenta os jurados nem se desloca da posição em que se encontra, restringindo-se às ações que o personagem deve interpretar, em respeito a essa figura sagrada da mitologia iorubá.</p>		
<p>Sobre a Coreógrafa: Claudia Mota: Primeira Bailarina do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, interpretando todos os primeiros papéis do repertório clássico e contemporâneo da Companhia, Claudia Mota é formada pela Escola Estadual de Danças Maria Olenewa, Escola oficial do Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Diplomada pelo grande Maître cubano, Fernando Alonso, em Excelência da Técnica Cubana, recebeu um contrato para sua Companhia, o Ballet de Camagüey, em Cuba. Ganhou o Prêmio de Melhor Bailarina da América Latina, sendo eleita pelo Conselho Latino-Americano de Dança. Diplomada Embaixadora da Cidade do Rio de Janeiro, também representa o Brasil em Galas Internacionais na América Latina, Estados Unidos e Europa. Claudia ministra Master Classes e workshops por todo o Brasil e em países como: Argentina (Buenos Aires Ballet); Portugal (Conservatório Nacional de Dança e Annarella Escola de Ballet); Uruguay (Ballet Nacional Sodre); Alemanha (Dortmund Ballet). É madrinha artística do Projeto Social de Dança, Ballet Manguinhos, e bailarina exclusiva da marca Só Dança. A convite da direção da Rede Globo, integra o elenco fixo da <i>Super Dança dos Famosos</i>, como jurada técnica. Hoje, Claudia Mota é uma das maiores representantes da dança no país e na América Latina, com sucesso de público, crítica e mídia, além de campanhas publicitárias. Atual coreógrafa da Comissão de Frente do Paraíso do Tuiuti, iniciou no Carnaval carioca em 2005, como assistente de coreógrafo, passando por escolas como Tradição, Unidos da Tijuca e Unidos do Viradouro. Estreou como coreógrafa, em 2012, na São Clemente, seguindo, depois, pela Estácio de Sá, Império Serrano e Imperatriz Leopoldinense, trabalhando com renomados carnavalescos, inclusive o consagrado Paulo Barros, seu atual carnavalesco, por três anos consecutivos. Arrebatou o público e os jurados, conquistando a nota máxima e todos os prêmios do Grupo de Acesso, com o Império Serrano, em 2016.</p>		

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

1º Mestre-Sala Raphael Rodrigues	Idade 37 anos
1ª Porta-Bandeira Dandara Ventapane	Idade 30 anos
2º Mestre-Sala Yuri Souzah	Idade 28 anos
2ª Porta-Bandeira Rebeca Tito	Idade 20 anos
3º Mestre-Sala Leo Thomé	Idade 26 anos
3ª Porta-Bandeira Manu Brasil	Idade 14 anos

Outras informações julgadas necessárias

1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Nome da fantasia: Zumbi e Dandara: Reis da Resistência

O que representa: No chão da resistência negra, Zumbi e Dandara são os heróis escolhidos pela Escola para representá-la em sua homenagem aos homens e às mulheres pretos que admiramos. Exemplo de altivez e coragem, o casal simboliza a força da ancestralidade africana.



Guardiões do 1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira:

Nome da fantasia: Corte Real

O que representa: A corte real africana reverencia Zumbi e Dandara.

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Outras informações julgadas necessárias

2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Nome da Fantasia: Ismael Ivo e Iemanjá – Um Bailado Divino

O que representa: Os movimentos das ondas nos levam à Iemanjá, Rainha do Mar, orixá protetora, que ensina, alimenta e abriga seus filhos e está representada pela Porta-Bandeira. Dançando com a elegante divindade, está o Mestre-Sala, homenageando Ismael Ivo, o premiado bailarino negro que levou o Brasil aos maiores palcos internacionais da dança. Nos seus últimos anos de vida, na curadoria do Programa de Qualificação em Artes de Dança de São Paulo, Ismael orientou diversos grupos artísticos com a generosidade dos que sabem ensinar o bailado da vida.



3º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Nome da Fantasia: Rei e Rainha do Maracatu

O que representa: O Rei e a Rainha do Maracatu pisam firme na Avenida, para mostrar a beleza dessa expressão cultural brasileira da música, da dança e da espiritualidade do povo pernambucano inspirada em nossos antepassados africanos.



FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Outras informações julgadas necessárias

1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira:

Raphael Rodrigues: 1º Mestre-Sala do G.R.E.S. Paraíso do Tuiuti, no Carnaval de 2022, Raphael defendeu os pavilhões das seguintes agremiações do Rio de Janeiro: G.R.E.S. Unidos de Vila Isabel (2005 a 2007 e 2017 a 2020), G.R.E.S. Unidos do Viradouro (2008), G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel (2009), G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira (2010 a 2016), entre outras. Já atuou como professor na Escola de Mestre-Sala e Porta-Estandarte Manoel Dionísio e fez diversos workshops e desfiles pelo país, em cidades como Florianópolis, Porto Alegre, Alegrete, Cruz Alta, Uruguaiiana, Manaus e Macapá. Também participou do Carnaval fora de época da África do Sul, em 2011, 2012 e 2013.

Dandara Ventapane: Atua desde 2013 no Carnaval carioca como Porta-Bandeira. Por sua experiência com o samba no pé, comissões de frente, casais de mestre-sala e porta-bandeira e dança de salão, também ministra aulas. Bacharel em Dança Contemporânea pela UFRJ, trabalha as danças influenciadas pela cultura negra como princípio gerador de movimento. Entre suas apresentações, há os trabalhos solos, na Cia. CCC, com direção de Isnard Manso, e na Cia. Étnica, com direção de Carmen Luz; shows de artistas brasileiros, como Martinho da Vila, Mart'nália, Arlindo Cruz, Beth Carvalho, Carlinhos Brown e Lucy Alves, entre outros; turnês no Brasil e na Europa, com grandes nomes da dança mundial, como o diretor Carlos Segovia, no espetáculo *Brasil Brasileiro*, além de participações em programas e novelas da TV Globo. No Carnaval, participou de comissões de frente e foi passista da Unidos de Vila Isabel, onde desfilou como 3ª Porta-Bandeira (2013 e 2014) e 1ª Porta-Bandeira (2015 e 2016). De 2017 a 2020, foi 1ª Porta-Bandeira da União da Ilha do Governador. Em 2022, desfila como 1ª Porta-Bandeira do Paraíso do Tuiuti.

2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira:

Yuri Souza: Começou a carreira no mundo do samba como passista do Império Serrano, função que exerceu entre os anos de 2007 e 2009. Foi Mestre-Sala de escolas como Boêmios de Inhaúma, Vila Santa Tereza e Em Cima da Hora. Entre 2014 e 2017, ocupou o posto de 3º Mestre-Sala do G.R.E.S. Beija-Flor e, de 2018 a 2020, foi 2º Mestre-Sala da Portela. Em 2022, desfila como 2º Mestre-Sala do Paraíso do Tuiuti.

Rebeca Tito: Iniciou sua jornada no samba como passista da escola mirim Tijuquinha do Borel, aos 4 anos de idade. Conheceu o projeto “Madureira toca, canta e dança”, vinculado à Portela, se apaixonando ainda criança pela arte do “Padedê com Bandeira” e dando o pontapé inicial no segmento. Com passagem pelas escolas mirins Inocentes da Caprichosos e Filhos da Águia, estreou em uma escola “adulta” na Unidos de Vila Kennedy, onde permaneceu de 2008 a 2010. Rebeca teve a responsabilidade de empunhar seu primeiro pavilhão na Unidos de Maricá, aos 13 anos de idade, atuando de 2011 a 2014. No Carnaval de 2015, venceu o concurso de 3ª Porta-Bandeira do Paraíso do Tuiuti. Em 2016, foi promovida ao posto de 2ª Porta-Bandeira da agremiação, cargo ocupado com segurança e elogios até os dias atuais.

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Outras informações julgadas necessárias

3º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira:

Leo Thomé: Leonardo Thomé iniciou sua trajetória no Carnaval, na ala das crianças da Beija-Flor de Nilópolis, passando a integrar a ala de assistentes, em 2006, onde ficou até despertar a vontade de ser como o Mestre-Sala Claudinho. Assim, ingressou na escola do Escola de Mestre-Sala e Porta-Estandarte Manoel Dionísio, em 2010. Desde então, surgiram oportunidades de desfilar em escolas como Matriz de São João de Meriti, Sereno de Campo Grande, Em Cima da Hora, Acadêmicos da Abolição, Lins Imperial, Leão de Nova Iguaçu e Alegria da Zona Sul. Em 2022, defende o pavilhão do Paraíso do Tuiuti.

Manu Brasil: Iniciou na dança aos 7 anos de idade, no projeto Manoel Dionísio, tornando-se a 3ª Porta-Bandeira do G.R.E.S. Acadêmicos do Engenho da Rainha, aos 8 anos de idade. Em seguida, passou por algumas agremiações na Intendente (Arranco, Independentes de Olaria, Lins Imperial etc.) e fez parte da Escola Mirim Infantes do Lins. Em 2022, desfila como 3ª Porta-Bandeira do Paraíso do Tuiuti.

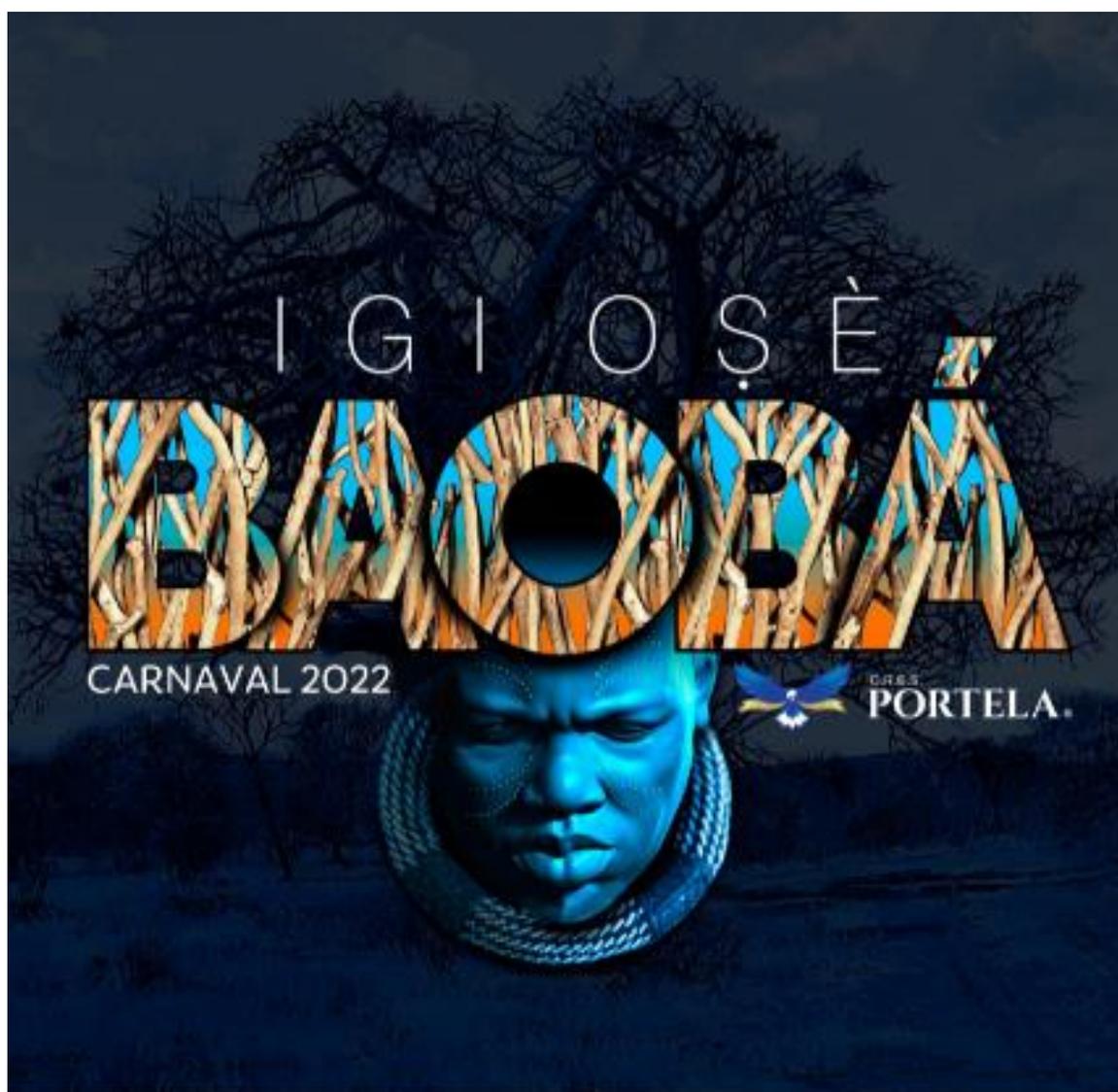
G.R.E.S. Portela



G.R.E.S.
PORTELA®

**PRESIDENTE
LUIS CARLOS MAGALHÃES**

Igi Oşè Baobá



Carnavalescos
RENATO LAGE E MÁRCIA LAGE

FICHA TÉCNICA**Enredo**

Enredo “Igi Oşè Baobá”					
Carnavalesco Renato Lage e Márcia Lage					
Autor(es) do Enredo Renato Lage, Márcia Lage, Luis Carlos Magalhães, Fábio Pavão e Vanderson Lopes.					
Autor(es) da Sinopse do Enredo Renato Lage e Márcia Lage					
Elaborador(es) do Roteiro do Desfile Renato Lage e Márcia Lage					
	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
01	O segredo das folhas: sistema de classificação de vegetais no candomblé Jêje-Nagô do Brasil.	BARROS, José Flávio Pessoa de.	Pallas	1993	Todas
02	A floresta sagrada de Ossaim: o segredo das folhas	BARROS, José Flávio Pessoa de.	Pallas	2011	Todas
03	Um baobá no Recife e o baobá do Senegal	CORREA, Everton Barbosa.	Revista Via Atlântica.	2014	Pg.216 a 229
04	Cada homem é uma raça	COUTO, Mía	Companhia das Letras	2013	Todas
05	Escravidão Vol. 1: Do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares	GOMES, Laurentino.	Globo Livros	2019	Todas
06	“Les forêts sacrées du couloir du Dahomey”	KOKOU, Kouami & SOKPON, Nestor.	Bois et forêts des tropiques	2006	Pg. 15 a 23
07	A semente que veio da África	LIMA, Heloísa Pires de	Salamandra	2005	Pg. 18 a 23

FICHA TÉCNICA

Enredo

	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
08	Poesia completa e prosa. 2ª ed	MELO NETO, João Cabral de.	Nova Aguilar	2008	Todas
09	Igi Oshè no Reino de Obaràyé: Uma etnografia acerca da presença do Baobá no Ilê Axé Opó Aganju, Bahia.	SANTOS, Fernando Batista dos	Dissertação de Mestrado em Antropologia pela UFPE	2016	Todas
10	Orixás, deuses Iorubás na África e no novo mundo. 5. ed.	VERGER, Pierre	Corropio	1997	Todas
11	A Travessia Atlântica de Árvores Sagradas: Estudos de paisagem e arqueologia em área de remanescente de quilombo em Vila Bela/MT.	CARVALHO, Patrícia Marinho.	Dissertação Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade de São Paulo	2012	Todas
12	Nationalising Intangible Cultural Heritage in Nigeria for Optimised Cultural Tourism: The Zangbeto Model	OKURE, Dominic Uduakabasi	IJAH Vol 9 (1)	2019	Pg.65 a 75
13	Candomblé da Bahia (Rito Nagô)	BASTIDES, Roger.	Companhia Editora Nacional	1961	Todas
14	Alma Africana no Brasil: Os iorubas	RIBEIRO, Ronilda Iyakemi.	Editora Oduduwa	1995	Todas

FICHA TÉCNICA**Enredo**

	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
15	Candomblé Iorubá: a relação do homem com seu orixá pessoal	SILVA, Francisco Thiago.	Revista de Educação, Ciência e Cultura. V. 16 n.2	2011	pg.63 a75
16	A árvore do esquecimento e as tentativas de desconstrução da Memória afrodiáspórica	MOREIRA, Rodrigo Birk. & PERETI, Emerson.	Revista UNIABEU, v.13 n.33	2020	Pg. 284 a 297
17	Zangbeto: Navigating Between the Spaces of Oral Art, Communal Security and Conflict Mediation in Badagry, Nigeria.	HUNSO, Folashade.	Norkiska Afrikainstitute/ ELBA Grafisk Produktion	2011	Todas
18	Zangbeto, a Form of Emotional Intelligence.	EDOH, Koffi Pierrot.	World Journal of Research and Review (WJRR) Volume-9, Issue-3	2019	p.01 a 05
19	La cultura negra como pensamiento ecológico.	SODRÉ, Muniz.	Contratexto - Universidade de Lima ed.	1989	Todas
20	A memória, a história, o esquecimento.	RICOEUR, Paul.	Editora da Unicamp	2007	Todas
21	Uma etnografia dos significados da Louvação a Baobá: Sentidos da África no Brasil	LUCENA, Francisco Carlos de.	Sentidos da África no Brasil Revista África e Africanidades – Ano 2 - n. 5	2009	Todas

FICHA TÉCNICA

Enredo

	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
22	Xirê: uma performance corporal de restauração da energia vital.	DAMASCENO, Tatiana Maria.	Anais do VI Congresso de pesquisa e pós-graduação em artes cênicas	2010	Todas
23	Boabab Adansonia Digitata L.,	SIDIBE, M. & WILLIANS, J. T.	RPM Reprographics	2002	Todas
24	Escola de samba: Árvore que esqueceu a raiz	CANDEIA FILHO, Antônio.	Lidador	1978	Todas
25	The Uses of the Baobab flower (Adansonia digitata L)	RASHFORD, John	Etnobotaniy, reasearch & applications.	2015	pg. 211 a 229
26	Imagens da diáspora	LOPES, Goya & FALCÓN, Gustavo.	Solisluna Design Editora,	2010	Todas
27	O Baobá na paisagem Africana: Singularidade de uma conjugação entre natural e artificial.	WALDMAN, Maurício	África: Revista do Centro de Estudos Africanos.	2012	Pg. 223 a 235
28	Capitães de navios negreiros, Cidade da Bahia – século XVIII.	DOMINGUES, Candido.	IV EJIHM	2015	Todas

Outras informações julgadas necessárias

UM Pé de Quê? Baobá. Direção de Estevão Ciavatta. Apresentação Regina Casé. Rio de Janeiro: Canal Futura, Fundação Roberto Marinho e Rede Globo de Televisão, 2006, 1 DVD, 25 min., son., color

BAOBÁS NO BRASIL: Um Tributo. Direção de John Rashford. Produção de Cláudia Barreto, Fernando Batista e John Rashford. Salvador: TVUFBA, 2006. 1 DVD, son., color.

HISTÓRICO DO ENREDO

Texto introdutório: uma árvore de muitos significados

Contar a história dos Boabás numa avenida carnavalesca requer uma atenção especial, tal é o conjunto de lendas e mitos que cercam este vegetal, bem como sua importância para a botânica e, em especial, para a dendrologia. Nosso recorte privilegiou os aspectos culturais da relação entre os povos africanos e estas árvores milenares, enfatizando os aspectos sagrados e seculares, a ancestralidade, a oralidade e o simbolismo que atravessou o oceano e se espalhou pelo Brasil. Todavia, é preciso ressaltar que algumas dicotomias engendradas em nossa forma ocidental de pensar, como a relação entre o sagrado e o secular, isto é, a capacidade desta árvore de alimentar a espiritualidade e o corpo físico das populações que crescem ao seu redor, precisam ser relativizadas ao entrarmos no universo cultural dos povos africanos. Como definiu Romilda Ribeiro, o “sagrado permeia de tal modo todos os setores da vida africana, que se torna impossível realizar uma distinção formal entre o sagrado e o secular, entre o espiritual e o material nas atividades do cotidiano.” (RIBEIRO, 1996, p.18).

Assim, ao abordarmos o Baobá como “Árvore mãe”, fornecendo alimento e água para a fauna e os seres humanos na África, é impossível desassociarmos completamente da dimensão sagrada. Pelo continente, áreas de vegetação são protegidas pelas restrições religiosas, contribuindo, de uma forma mais ampla, para limitar a ação devastadora dos seres humanos e garantir a preservação ambiental. Estas “Florestas sagradas”, segundo definição de Kouami Kokou e Nestor Sokpo, têm os Baobás no topo da lista de vegetais reverenciados. São nestes ambientes, protegidos pelas entidades sagradas, que acontecem os rituais de iniciação das “sociedades secretas”, como a responsável pela aparição dos misteriosos Zangbetos, na região de fronteira entre o Benim e a Nigéria. (KOKOU & SOKPON, 2006, p.18 e 19).

Pela dimensão sagrada, os Baobás são uma das “sete árvores pilares do mundo”, vegetais que fazem a conexão entre o Orun e o Ayê, isto é, entre o Céu e a Terra, ou ainda entre os mundos sobrenatural e material. Foi através do “pilar que une o Céu e a Terra” que, segundo a tradição Iorubá, os Deuses primordiais chegaram ao local onde deveriam dar início ao processo da criação do espaço material. Por este motivo, os Baobás são um elo entre os vivos e os mortos, como também um Deus vivo e presente. Na contextualização dos Baobás como “árvore sagrada”, John Rashford, professor da Universidade de Charleston (EUA) e reconhecido especialista nesta árvore, destaca que, no continente africano, os Baobás têm sido, de forma intencional ou involuntária, disseminados pelos ambientes de convivência social, especialmente os religiosos. A Árvore representa o local onde são realizadas as cerimônias ou o próprio altar (RASHFORD, 2015, p.218). Nas palavras de Lopes & Falcón:

O baobá simboliza a natureza da própria vida humana e, mais que isso, a própria divindade. As suas raízes remetem aos ancestrais; o seu tronco, à força da vida; os seus galhos e folhas, ao milagre da procriação. É no baobá que o homem pode espelhar-se, porque, para ele, a árvore é de fato um ente sagrado (LOPES & FALCÓN, 2010, p. 14).

Segundo Fernando Batista dos Santos, os Baobás estão diretamente associados ao Orixá Nanã, tal qual Pierre Verger (1997) havia mencionado. Essa aproximação se daria pela longevidade da árvore, o que a torna tão antiga quanto a Orixá que é a “mãe ancestral” dos seres humanos, associação reforçada pela capacidade do vegetal em armazenar água. Nanã é a mais antiga divindade das águas entre os africanos. Pelo gigantismo dos Boobás, metaforicamente é ressaltada sua qualidade como elo entre os mundos, de uma forma semelhante ao arco-íris, uma das imagens que representa Oxumaré. Esta deidade simboliza continuidade e permanência, como sugere a longevidade destas majestosas árvores, capazes de viver milhares de anos. Por estar relacionado aos “mais velhos” e a ancestralidade, servindo, inclusive, de cemitério para membros importantes da comunidade, especialmente os griots, evidencia-se uma relação direta entre os Baobás e Omulu, de forma que, em suma, esta árvore está diretamente associada aos membros da família da palha, como Nanã, Oxumaré e Omulu. (SANTOS, 2016, p. 132 e 136).

Em seus aspectos simbólicos, Rashford lembra as lendas em que o Baobá havia sido plantado, ou atirado dos céus, de cabeça para baixo, como se os galhos de folhas espaçadas fossem, na verdade, as raízes apontadas para cima. Ele afirma que, simbolicamente, esta árvore também está de ponta a cabeça, pois se encontra no lado feminino. Em várias perspectivas, apresenta fortes ligações com a fertilidade, como forma de grávida e cavidade semelhante à vagina. (RASHFORD, 2015, p.217). Esta relação simbólica com os aspectos femininos nos remete ao poeta João Cabral de Melo Neto, que, considerando sua presença na cultura senegalesa e, claro, sua forma arredondada, definiu o Baobá como uma espécie de “matriarca portinariana”. (MELO NETTO, 2008, p. 231).

Compreendemos, desta forma, a representação simbólica dos Baobás como “árvores mãe”, acholhando a fauna e os humanos com alimento e água. Assim, também podemos entender a centralidade deste vegetal na organização social das comunidades africanas, mesmo num universo de múltiplas etnias. Na maior parte dos aglomerados humanos, o Baobá ocupa um lugar de destaque, generosamente atendendo as necessidades da população. É uma árvore fundamental para a manutenção da vida e bem-estar de quem vive ao seu redor. Também nestes casos, faz-se necessário um exercício de relativização, pois, especialmente entre os Iorubanos, mesmo as ações cotidianas são perpassadas por uma força vital, uma “energia que permeia tudo”, como definiu Ribeiro (1996), o que inclui os progressos de ordem material e o prestígio social dos indivíduos. Assim, mesmo sentimentos abstratos, como a felicidade, são um sinal de que o indivíduo possui muita força, enquanto a infelicidade significa estar privado dela. Como mostrou Damasceno, doenças, flagelos, fracassos e as adversidades também seriam uma comprovação de que o indivíduo estaria desprovido desta energia. (DAMASCENO, 2010, p.02)

É esta força vital que as raízes do Baobá simbolicamente parecem captar ao penetrar profundamente no solo. Uma energia primeva que rege a natureza, revigorando o espírito e o corpo dos seres vivos. A “Força africana” que acompanhou cada um dos filhos da diáspora, que trouxeram as sementes de sua “Árvore da vida”. Como demonstrou Laurentino Gomes,

os traficantes de seres humanos obrigavam os escravizados a darem voltas em torno de um Baobá para esquecer sua identidade, num movimento para transformar a árvore relacionada à territorialidade e a memória histórica em árvore do esquecimento (GOMES, 2019). Todavia, o simples movimento de seus corpos passaram a simbolizar a resistência, e a energia primeva se perpetua no ciclo da vida, mantendo o respeito aos ancestrais.

E aqui estão os Baobás, no Brasil, com seus significados renovados. Como apontou Waldman (2012) e Santos (2016), no interior de Pernambuco, ativistas negros passaram a plantar Baobás em áreas ocupadas por quilombolas, visando à defesa simbólica da inviolabilidade daqueles territórios (SANTOS, 2016, 119). Ressurge, desta forma, no coração do Nordeste brasileiro, a representação da territorialidade conferida às árvores milenares. Em Salvador, há mais de dez anos um projeto plantou Baobás em terreiros de cultos afro-brasileiros, ratificando a simbologia da “árvore sagrada” e sua relação com a ancestralidade. Alguns setores do movimento negro encamparam o Baobá como símbolo de resistência, reivindicando junto à sociedade inclusão social para os filhos da injustiça histórica resultante da escravidão. E assim, atualizando os significados da “Árvore mãe”, a Portela, como legítima representante das tradições africanas, plantou um Baobá no Parque Madureira, no dia da Consciência Negra de 2020, em homenagem a todos os portelenses que nos deixaram durante a pandemia de COVID-19. Seguindo a tradição de nossos ancestrais, enquanto aquelas raízes estiveram fincadas no solo da nossa região, eles permanecerão compartilhando de nossas conquistas. E é para eles que dedicamos esse enredo e o desfile que faremos no carnaval de 2022.

Igi Oşè Baobá

Nas ensolaradas planícies africanas, uma árvore se destaca na paisagem. Robusta. Milenar. Sua vitalidade resiste ao ar seco e abafado da região, pois suas raízes penetram profundamente no solo, armazenando em seu tronco oco a quantidade de água necessária para permanecer vigorosa. Trata-se do Baobá, árvore que é uma espécie de símbolo do continente negro. Das nove espécies desta árvore existentes na natureza, uma delas, a “*Adansonia Digitata*”, espalha-se por toda a África subsaariana, ocupando as terras originárias de bantos e sudaneses, marcando sua presença, material ou simbólica, entre os povos e civilizações que surgiram no continente. Baobás dominam a paisagem da savana, destacando-se nas matas que resistem à devastação em virtude de restrições religiosas, as chamadas “florestas sagradas”, que abrigam vegetais utilizados em rituais profundamente enraizados entre os povos da região.

São nestas “florestas sagradas” que são iniciados os membros das “Sociedades secretas” ou “Sociedade de máscaras”, como os grupos masculinos responsáveis pelas aparições dos temidos Zangbetos, os “Guardiões da noite”, na fronteira da Nigéria com Benin. Muitas narrativas são elaboradas para explicar a origem deste misterioso culto, numa mistura de crença em reencarnação e imortalidade dos espíritos ancestrais. Hoje, eles são protetores da comunidade, vigilantes, agentes de socialização, mediadores de contendas, pacificadores e promotores de justiça. Neste último aspecto, aproximam-se das qualidades atribuídas ao

Orixá Xangô, Guerreiro e Rei de Oió, Orixá deificado que, historicamente, exerceu seu poder na região da atual Nigéria.

A região de fronteira entre a Nigéria e o Benim também possuía importantes portos por onde embarcaram escravizados para as Américas, lugares hoje marcados pelos chamados “portais do não retorno”. Neste carnaval, os atabaques da Portela tocam o Agueré e o Alujá, respectivamente, as batidas para Oxossi, protetor de nossa bateria, e Xangô, Orixá da justiça, para fazermos o sentido inverso, retornando pelo mesmo portal em que um dia nossos antepassados partiram. Pedimos licença aos “Guardiões da noite” para atravessar seus territórios, legitimados que somos pela herança genética e pela ancestralidade, que faz vibrar em nossa alma a energia primeva do continente negro, a “Força africana” que orgulhosamente preservamos. Evocamos Oxum, nossa Padroeira, para realizarmos um grande Xirê que anuncia o reencontro da Portela com os enredos de temática africana, exaltando os Baobás, árvores milenares que testemunharam todas as histórias do mundo. É cantando e sambando que nosso azul se espraia pelo “berço do mundo”.

Neste Xirê carnavalesco, feito com a licença poética de uma escola de samba em desfile, estão presentes a música, o som dos instrumentos e a verbalização da palavra. O movimento de nossos corpos reinstaura a energia de nossos antepassados africanos, e, num sublime momento atemporal, passado e presente se entrelaçam, permitindo realizar a comunicação entre os mundos. No ritmo do nosso samba, pedimos a benção para Obatala e reencontramos os mitos iorubanos da criação, em que, segundo algumas versões, os Deuses primordiais desceram a Terra pelo caule das grandes árvores. São sete as árvores pilares do mundo, e, entre elas, está o Baobá, cujas dimensões colossais fazem parecer que os galhos tocam o céu. Desta forma, temos o princípio entre os mundos sobrenatural e material, o elo entre o Orun e o Ayê.

No idioma Iorubano, Baobás se chamam Igi Oşè. É uma árvore sagrada, altar e templo para as suas devoções, o assentamento do Orixá. Pela longevidade e pelas águas armazenadas em seu generoso tronco, Baobás se aproximam das qualidades de Nanã, a “mãe ancestral” dos seres humanos. Unindo os mundos da mesma forma que o arco-íris, eles também se associam ao Oxumaré, deidade que, por simbolizar a continuidade e a permanência, coaduna-se perfeitamente com as características milenares de um vegetal que atravessa gerações. Os Baobás também estão vinculados a Omulu, filho mítico de Nanã, versão idosa de Obaluayê, o Rei Dono da Terra. É ele quem assume o domínio sobre as epidemias que assolam o Ayê, e também, conseqüentemente, sobre a vida e a morte. Baobás também representam a cura em várias culturas africanas! Assim, “sob os pés” destas árvores milenares, comumente cultua-se Nanã e os demais membros da “família da palha”.

Entre os Iorubanos, existe uma força vital que recebe o nome de Axé. É uma força invisível, mágico-sagrada, presente nas divindades e em todos os seres animados, em todas as coisas. Trata-se da mesma energia que fez eclodir a natureza. É ela que sopra o vento na savana, balançando os arbustos espalhados na vastidão do gramado levemente amarelado. A diversificada fauna passeia. A maior parte receosa, ressabiada, ciente de que algum predador

pode estar à espreita. Os elefantes lançam suas poderosas presas contra o tronco dos Baobás, conseguindo acesso à água de seu interior. Outras espécies se alimentam da mucua, generoso fruto da “Árvore mãe”. Existem lendas dizendo que se qualquer pessoa, inadvertidamente, colher a flor de um Baobá habitada por algum espírito maligno - ou ancestral, como algumas vezes aparece-, esta será devorado por um leão.

Para além do plano espiritual, os Baobás, em seus aspectos mundanos, são um alento em meio à aridez do clima africano. Pela capacidade de armazenar água, várias aldeias cresceram ao redor destas verdadeiras “cisternas naturais”, cujo próprio formato lembra uma moringa. Com habilidade, os aldeões recortam parte do caule e a retiram, coletando o líquido que saciará a necessidade de sua família, fechando-a em seguida. Além da água, ele coleta frutos e sementes, alimento para várias semanas. Nas já mencionadas “florestas sagradas”, o sagrado e o secular adquirem compreensão para além da dicotomia Ocidental. Ossain guia os “mãos de ofá”, que preparam folhas e ervas para a cura de enfermidades e outras finalidades. As restrições religiosas protegem da destruição o Baobá e outros vegetais utilizados em rituais, como se a proteção do caçador Oxossi tivesse mais valor que as frouxas leis dos homens.

Baobás são símbolos da fertilidade e da abundância, reforçando sua importância como “Árvore mãe” para indivíduos de várias etnias, tribos e reinos distintos entre si, mas que em comum possuem este vegetal como elemento fundamental em suas vidas. As diversas etnias africanas possuem rivalidades que levam a conflitos históricos, mas a centralidade dos Baobás para a organização social é um ponto comum entre os povos do continente. Contribui para isso o fato de que, além de ter presenciado a passagem do tempo, estas árvores também serem escolhidas como repositório para os ancestrais, fazendo-a ter poder espiritual sobre o bem-estar da população. Como “ancestrais vivos”, são dotados de conhecimento e memória histórica, erguendo-se como uma ponte viva entre a comunidade e os tempos imemoriais. É a “Árvore da memória”, comunicando sentidos e significados para a formação da identidade dos povos do continente, incluindo as noções de pertencimento a um território e a uma coletividade. No sul da Nigéria, os iorubanos muitas vezes incluem a palavra “Oṣè” aos topônimos que identificam suas comunidades, tamanha é a importância dos Baobás para sua identidade coletiva.

Os portugueses entenderam o simbolismo dos Baobás ao desembarcar na costa africana. Com o intuito de controlar o lucrativo tráfico de seres humanos escravizados, impuseram seus domínios empunhando a cruz e a espada, mas também adotando estratégias para ressignificar a “árvore mãe”, sobretudo para apagar sua função como comunicadora de territorialidade e pertencimento. Até hoje, centenas de anos depois, podemos encontrar nos grossos troncos deste vegetal, sobretudo na região do atual Senegal, brasões lusitanos gravados para demarcar a apropriação do território pela coroa portuguesa.

Ao longo dos séculos, milhões de seres humanos escravizados cruzaram o oceano a bordo dos navios negreiros. Eles embarcavam em portos localizados ao longo da Costa Atlântica da África e de Moçambique, esta última banhada pelas águas do índico. Entre estes lugares,

merece especial destaque o porto de Ajudá, no Reino do Daomé, atual costa do Benim, cujo tráfico era controlado pelo baiano Francisco Felix de Souza, que ganhou do Rei Guezo o título de Chachá. No local, além de um conhecido “portal do não retorno”, erguia-se a Fortaleza de São João do Ajudá, principal entreposto lusitano para o comércio de seres humanos escravizados no golfo de Benim. Antes de embarcarem nos tumbeiros para a travessia do oceano, os africanos capturados eram obrigados a dar voltas em torno de um Baobá. Mulheres davam sete voltas. Homens, nove. A intenção era apagar as lembranças da Terra natal, fazendo-os se esquecer da ancestralidade. Ao completar esse ciclo, os seres humanos escravizados já não pertenceriam a lugar nenhum, deixando de ter memória ou quaisquer vínculos familiares. Assim, os mercadores de seres humanos procuravam subverter o simbolismo deste vegetal, visando a transformá-lo em uma “árvore do esquecimento”.

Esquecimento? Jamais! A inútil e cruel tentativa apenas fez com que os Baobás ganhassem um novo significado para os escravizados, assumindo a condição de “árvore da resistência”. Muitos africanos, na nova jornada que se iniciava ao atravessarem o oceano, carregavam em seus cabelos sementes de sua “Árvore mãe”. Assim, Baobás cresceram em todas as regiões no Brasil, porém, simbolicamente, o que estas sementes trouxeram foi à essência da ancestralidade. Transportavam a história. A arte. A identidade. A força da oralidade desembarcou junto com os Griots que aqui chegaram. E a partir de então, sobre todos os solos pisados por pés africanos, alvoroçava-se a poeira da resiliência. A diáspora semeou a cultura africana pelas Américas, fazendo germinar, também no Novo Mundo, a representação da fé e a esperança. E quando nos momentos de desalento, por alguns instantes, nem que seja por uma exígua fração de um breve momento, por ventura um filho da África tenha questionado seu destino vencedor, o simples olhar para o esplendor de um Baobá conectava-o aos firmes troncos de sua herança, revitalizando-os com a força de seus antepassados.

De Norte a Sul do continente americano, os africanos e seus descendentes edificaram a história de seu povo como um vigoroso tronco de sua “Árvore da resistência”. Guiados pela fé em seus Orixás, fincaram seus valores e crenças em raízes tão profundas que nem o preconceito é capaz de fazê-los tombar. Pelo contrário, ao deparar-se com o solo rochoso da discriminação, as raízes encontram as fendas necessárias para ir mais além, esticando-se para penetrar mais profundamente no solo, até finalmente encontrar a igualdade. E assim, como o vento que balança as folhas de uma árvore, o tempo passou. Ora calmo como uma doce brisa, ora agitado como uma devastadora ventania. Nos quilombos, favelas, subúrbios ou periferias, a cultura africana floresceu. Uma cultura múltipla e plural, que guardou idiosincrasias em cada região, como galhos distintos que se estendem até a África. Os rebentos brotaram por toda a América, como expressões da identidade preservada da terra dos ancestrais. No Rio de Janeiro, germinou em forma de samba, ao som dos tambores que ecoavam na “Pequena África”, da ancestralidade africana que aflorava nas “Tias Baianas”, como Tia Ciata.

Na cada vez mais longínqua década de 1920, no bairro de Oswaldo Cruz, ergueu-se não um Baobá, mas uma igualmente sagrada Jaqueira. Suas raízes se aprofundavam no solo, fincando a solidez de nossa identidade. Seus galhos sustentavam a vasta folhagem que moldavam suas copas, abrigando os herdeiros do “berço do mundo”. Suas sombras eram um alento em meio à aridez suburbana, e seu frescor fez pulsar a densidade cultural. Os corpos em movimento vertem o suor da ancestralidade africana. É a nossa primeira semente! Assim, sob os auspícios dos padroeiros Oxum e Oxóssi, os elos que unem nosso espírito à essência sagrada, o destino fez surgir o Grêmio Recreativo Escola de Samba Portela. Nossos fundadores são nossos antepassados. Seus ensinamentos, os pilares que nos sustentam. O azul e o branco são a natureza de nosso pertencimento. A velha guarda, os guardiões de nossas lembranças. São eles que nos contam todas as histórias de nosso mundo. E hoje, quando de mãos dadas fechamos os olhos, sentimos a presença de nossos antepassados, da África e do Subúrbio de Oswaldo Cruz, como se a ancestralidade unisse o tempo e a distância. E de fato une, pois a canção que ouvimos neste instante ecoa dos céus e abraça dois continentes. Os Baobás reverberam na Terra uma melodia acolhedora, e tudo finalmente faz sentido. É samba! A voz de Monarco nos guiará por toda a eternidade.

Sinopse

Pilar que une o céu e a terra! Elo entre vivos e mortos. Deus vivo e presente, és tu ó Baobá, árvore sagrada testemunha do tempo.

O guerreiro de Oyó contempla Igi Osé. Ele sente a energia. Evoca proteção com afeto e respeito. O tronco é seu templo, e ali expressa sua religiosidade.

Saluba Nanã! Mãe de todos nós. Tuas águas abundantes repousam no tronco do Baobá, nutrindo a terra. Por ti os galhos se vestem de oásis lilás.

Orixás e vegetal estão unidos na energia sagrada... Salve o Rei Dono da Terra! Omulu, curai-nos de todos os males que assolam nosso Aiyê!

Árvore da vida, ó Baobá. Tu emanas a energia primeva que no solo africano faz eclodir a natureza. É ela que sopra o vento da savana, e faz teus galhos balançarem. A fauna passeia livremente ao seu redor, e tudo se doura sob a luz do Sol. Teus frutos, folhas e sementes são alimentos e remédios para os seres vivos. Tu és mãe que sacia nossa sede e fome. Sob tua copa, oferece generosa e benfazeja sombra em meio à aridez das regiões onde impera. Tuas raízes representam os ancestrais de nossas comunidades, aconselham-nos e ajudam-nos a seguir com coragem e decisão.

Em Ajudá, o Rei Guezo nos fez esquecer... Voltas e voltas em torno de ti para apagar toda nossa devoção, nossas lembranças, torná-la “Árvore do Esquecimento”. Portal do Não Retorno jamais conseguiu.

Fizemos de teu tronco, aparentemente tombado, a balsa que atravessou oceanos para nos levar rumo ao desconhecido. E assim tuas raízes uniram dois mundos. Tua força multiplicada ganhou novo significado em terras distantes.

Baobá, Árvore da Resistência! Todos os solos pisados por pés africanos, sob a poeira da resiliência, fez com que a cultura negra semeasse pelas Américas, germinando um Novo Mundo e a representação de sua fé. E se algum desalento nos toca, ao olhar para teu esplendor, nos conectamos em seus firmes troncos com nossa herança, e nos revitalizamos com a energia de nossos antepassados.

Fincamos em tuas raízes profundas valores e crenças que nenhum preconceito é capaz de fazê-los tombar. E no solo rochoso da discriminação, elas encontraram fendas para ir mais além, penetrando mais profundamente no solo, até, finalmente, encontrar a esperança.

E assim o tempo passou. Ora calmo, ora agitado como o vento a balançar tuas folhas... E sob o Arco-íris de Oxumaré, tudo tornou-se menos sombrio.

Nos quilombos, favelas ou periferias, teus “rebentos” brotaram como galhos distintos que se estenderam por toda América, expressando a identidade preservada da terra de seus ancestrais, a África. No Brasil, os frutos nasceram em forma de Maracatu, Maculelê, Tambor de Crioula, Caxambu, Jongo, Funk e tantas outras manifestações afro-brasileiras, assim como o Samba.

Nas franjas da Região Central do Rio de Janeiro, espreado-se por áreas alagadiças, floresceu a Pequena África. Da Pedra do Sal à mítica Praça Onze, nos morro e subúrbios, os herdeiros do “Berço do Mundo” comungaram sentimentos, compartilharam seu passado comum e criaram as escolas de samba.

Nossos fundadores são nossos antepassados. Os velhas guardas, os guardiões de nossas memórias. As baianas, a herança das antigas festas, profanas e sagradas. Ao som do batuque da bateria, o suor dos passistas verte nossa ancestralidade. E até hoje, sempre que os sambistas se unem de mãos dadas, sentem reverberar em suas almas a energia primordial unindo a África e o Brasil, como bons filhos da diáspora que todos somos. O samba respira como um velho Baobá.

Ope

Renato Lage e Márcia Lage

JUSTIFICATIVA DO ENREDO

Por sua longevidade, os Baobás são árvores testemunhas dos tempos imemoriais, acompanhando a sucessão de gerações. São ancestrais vivos, que nos remetem ao princípio da criação, aconselhando-nos no dia a dia. Nosso primeiro setor se chama “Árvore da ancestralidade”. Na abertura do desfile, pedimos licença aos “Guardiões da noite” para entrar no território por eles vigiado. Como legítimos herdeiros dos povos escravizados, atravessamos o “portal do não retorno” no sentido inverso de nossos antepassados, dispostos a contar a história dos Baobás. Evocamos a força de nossa ancestralidade, que nos encoraja a fazer esta jornada. Esta é a mensagem passada pela nossa “comissão de frente”, que é seguida pelo primeiro casal de Mestre-sala e Porta-bandeira, Marlon Lamar e Lucinha Nobre. A fantasia de nosso Primeiro casal chama-se “Entre o Céu e a Terra”, aludindo ao sagrado elo entre o Orun e o Ayê.

Nossos atabaques ecoam na avenida. Buscando a comunicação com a energia criadora de nossos antepassados, organizamos um grande Xirê! Com a licença poética carnavalesca, dança o grupo “Saída das Iaôs”. Na sequência, vem o tripé “Energia da criação”, com elementos que lembram Obatalá e a criação do mundo segundo a mitologia iorubana. Na ala 01, “Babalorixás e Ialorixás”, nossos guias espirituais abrem os caminhos para a passagem de nossa escola, que reencontra nos enredos a temática africana, exatamente cinquenta anos depois de “Ilu Ayê”, apresentado no carnaval de 1972. A alegoria 01, o abre-alas, enfatiza a arte iorubana, com máscaras e estátuas antigas que mostram a riqueza cultural deste povo. Na África, a Ciência se une aos mitos e lendas para dizer que foi neste continente que os seres humanos surgiram. Por isso, podemos chamá-lo de “Berço do mundo”, nome que batiza esta primeira alegoria. Nossa grande Águia, num imenso galho que se estende ao céu, alude à união entre o Orun e o Ayê, tal qual a mitologia Iorubana descreve. Em algumas versões para o mito de criação, os Deuses primordiais descem à Terra através dos galhos das grandes árvores, como a Igi Oshè, nome pelo qual os Baobás são chamados no idioma Iorubá. É deste povo também a devoção aos Orixás. Em seguida, a nossa “Galeria da velha guarda”, na ala 02, representa a “sabedoria ancestral”. Como um “ancestral vivo”, o Baobá é uma árvore para a qual os africanos pedem conselhos, especialmente antes de tomarem uma decisão importante.

Abrindo o segundo setor, “Árvore sagrada”, a ala 03, “Oxalá”, apresenta o Orixá responsável pela criação dos seres humanos. É o Orixá mais velho, o mais respeitado do panteão africano. Utilizando a licença poética carnavalesca, ele é o primeiro Orixá que apresentamos. Na sequência, trazemos três membros da família da palha, Orixás que, pelas qualidades, estão diretamente associados aos Baobás. “Naná”, “Omulu” e “Oxumaré” são mostrados, respectivamente, nas alas 04, 05 e 06. A primeira, “mãe ancestral” dos seres humanos, a mais antiga divindade das águas, é representada por nossas baianas. O segundo, associado ao respeito aos “mais velhos” e a ancestralidade, é responsável pela cura das enfermidades que assolam a Terra. O terceiro, pelo colossal tronco que une o Céu e a Terra, de maneira semelhante ao arco-íris, uma das representações do Orixá. A ala 07, “Oxum”,

apresenta a padroeira da Portela, Orixá que nos acompanha e protege nesta jornada pelo continente negro. Em seguida, a Destaque de chão/Musa Shaiane Cesário representa o “Poder feminino”, numa alusão às sociedades femininas que cultuam elementos sagrados relacionados à fecundidade e a feminilidade, buscando restaurar a energia vital.

Fechando este segundo setor, a Alegoria 02, “Baobá, templo e altar”, traz no centro uma escultura desta árvore. No alto, um destaque representa Oxalá. Completam a alegoria, em volta da escultura central, Nanã, Omulu, Oxumaré e Oxum. Na parte da frente do carro, uma escultura de Xangô, o Orixá da justiça. O Baobá é templo e altar para a fé e devoção, o sagrado assentamento para os Orixás. Do generoso caule desta árvore verte água, precioso bem natural que sacia a sede dos seres humanos que vivem ao seu redor, bem como da fauna.

Abrindo o terceiro setor, “Árvore mãe”, que faz referência exatamente à importância dos Baobás para a sobrevivência da fauna e das comunidades humanas, a ala 08 representa os “Antílopes”, animal que é visto em abundância na maior parte do continente. Este animal chama a atenção pela capacidade de esquecer completamente de episódios traumáticos caso consigam sobreviver, por exemplo, ao ataque de um predador. Num sentido simbólico, eles nos mostram que devemos ouvir nossos guias e seguir sempre nosso coração, que não mente. A ala 09 representa o “Leão”, animal que simboliza a sabedoria divina. Desde os tempos imemoriais, este animal é considerado um símbolo de justiça e bravura. Em alguns lugares da África, existe a lenda que, se alguém colher uma flor de Baobá incorporada por um espírito maligno, ou por um ancestral, será devorado por um Leão. Para além de sua importância para a diversificada fauna, por toda a extensão da savana os Baobás alimentam e saciam a sede dos seres humanos. Suas folhas, fruto e sementes são muito nutritivos e possuem propriedades medicinais. A mucua, fruto do Baobá, é considerada um alimento rico e completo, conhecida como uma das “superfrutas”. Isso é representando pela ala 10, “Frutos do Baobá”.

Todavia, quando apresentamos a relação material dos povos africanos com os Baobás, é preciso relativizar nosso olhar e entender que, ao entrarmos nesta cultura, os aspectos seculares e sagrados se confundem. Parte das matas preservadas no continente compõe as chamadas “Florestas sagradas”, isto é, regiões protegidas por restrições religiosas, local de rituais para as divindades. A ala 11, passistas, representa “Ossain”, Orixá cultuado nas matas, assim como “Oxossi”, o caçador, e “Otim”, sua companheira. Estes dois últimos são representados, respectivamente, pela ala 12, nossa bateria, que tem esse Orixá como padroeiro, e pela Rainha de bateria, Bianca Monteiro. Por toda a extensão do continente, as diversas etnias africanas travam disputas desde tempos imemoriais. Muitas vezes, são conflitos ritualizados, que regem a interação entre diferentes grupos. Apesar das diferenças, estes guerreiros têm em comum contemplarem a Igi Oşè, compartilhando as características sagradas destas árvores. A maior parte das comunidades africanas tem um Baobá no centro de sua vida social. A ala 13 representa os “Guerreiros africanos”, que prestam devoção a sua “Árvore mãe”. Na sequência, o Destaque de chão/Musa Alice Alves representa a “zebra”, um dos animais mais conhecidos do continente. Ela antecede à alegoria 03, “Pela vastidão

da savana”, que traz de maneira estilizada a variada fauna da região, além dos guerreiros de tribos e etnias africanas. Como já dissemos, apesar das diferenças, eles possuem a devoção ao Baobá como uma característica em comum.

Intitulado “Árvore da resistência”, o 4º Setor mostra como o simbolismo dos Baobás esteve presente no cruel comércio de escravizados, acompanhando a diáspora africana e chegando às Américas. Os portugueses lideraram este lucrativo negócio, que se estendeu por vários séculos. Para isso, os lusitanos espalharam postos avançados em várias partes da costa da África, deixando suas heráldicas gravadas nos Baobás como forma de comunicar a posse das terras. A ala 14, “Mercadores de escravizados”, faz referência aos portugueses que traficavam seres humanos. Neste processo, os lusitanos, e europeus de uma forma geral, tiveram o apoio de vários líderes locais, entre os quais o de maior destaque talvez tenha sido o “Rei Guezo”, que é lembrado na Ala 15. Ele foi o nono Rei de Daomé, no atual Benin, tendo ascendido ao trono com o apoio do brasileiro Francisco Félix de Souza, o Chachá, que derrubou Adanuzam, irmão de Guezo, com um golpe de Estado. O longo governo deste monarca foi marcado pela rígida posição contrária ao fim do comércio transatlântico de escravizados, uma vez que, na prática, esta era uma grande fonte de riqueza para o seu reino. Nesta região se situa um dos mais importantes “portais do não retorno”, local em que milhões de africanos embarcaram ao longo de mais de três séculos. Em seguida, o nosso segundo casal de Mestre-sala e porta-bandeira, Emanuel Lima e Camyllinha Nascimento, vestem fantasia intitulada “Força africana”, a energia vital que, atravessando o Atlântico, está presente na alma de todos os filhos da diáspora que nasceram no Brasil.

Nas sombras fornecidas pelos Baobás, os Griots contavam suas histórias, fazendo a memória dos povos africanos circularem entre as gerações. Alguns destes responsáveis pela oralidade chegavam a ser sepultado no interior desta árvore, permanecendo junto à sua comunidade enquanto os vegetais milenares permanecerem de pé, com suas vigorosas raízes atadas ao solo, reforçando o vínculo com a ancestralidade. Ao cruzarem o oceano, eles espalharam as tradições africanas pelas Américas, mantendo viva a lembrança dos antepassados e suas práticas culturais. Numa escola de samba, essa transmissão dos ensinamentos do passado, além da boa e velha tradição oral, pode ser feita em forma de música, de canções que se lembram de um tempo que existe apenas nas recordações dos mais velhos, nas histórias que são passadas de geração para geração. A ala 16, com o DP feminino e os compositores da “ala Ari do Cavaco”, faz referência aos “Griots”.

A ala 17, “Sementes do Baobá”, é uma referência aos relatos de que, ao embarcarem rumo ao desconhecido, muitos africanos escondiam sementes da “árvore da resistência” em seus cabelos, preservando com eles um pouco de suas próprias origens. Assim, estas árvores milenares se espalharam pelo Brasil, erguendo-se com vigor em todas as regiões. Simbolicamente, o que estas sementes trouxeram foi o legado cultural do continente negro, fazendo germinar toda a riqueza das manifestações afro-brasileiras. A relação dos Baobás com a territorialidade dos povos africanos era tão forte que, ressignificando os laços desta árvore com a memória dos ancestrais, em alguns lugares, os escravizados, antes de cruzarem o mar, eram obrigados a dar algumas voltas em torno de um Baobá, transformando-o numa

espécie de “árvore do esquecimento“. Em geral, mulheres davam sete voltas. Homens, nove. Após esse ritual, acreditava-se que as lembranças de sua Terra natal e de sua ancestralidade haviam sido apagadas. Todavia, mesmo submetidos a todas as formas de degradação, os negros resistiram trazendo a África no movimento de seus corpos, transformando os próprios Baobás num símbolo de sua Terra, a lembrança de seu passado. A ala 18, que mostra os escravizados, leva o nome de “Resistência!”. Para fechar esta parte do desfile, a alegoria 04, “Travessia”, apresenta um “Navio negreiro” atravessando o oceano, com os escravizados que não resistiram atirados ao mar. A madeira dos Baobás ajuda a formar a embarcação, aludindo ao fato de que, junto com os africanos, esta árvore também aportou no Novo Mundo, espalhando sua simbologia pelas Américas..

No Brasil, as sementes que traziam a cultura dos antepassados de África germinaram de Norte a Sul. É o que chamamos de “Árvore de muitos frutos”, título de nosso quinto setor. Estes frutos, naturalmente, são as ricas manifestações culturais afro-brasileiras que surgiram com o passar dos anos, trazendo em sua essência as raízes do “Berço do mundo”. A ala 19 representa o “Jongo”, manifestação essencialmente rural que, por aqui, desembarcou junto com os negros bantos do Congo e de Angola, sendo praticada entre escravizados do Vale do rio Paraíba e de Minas Gerais. Com o poder das palavras, os jongueiros buscam encantar o outro pela poesia, no ritmo dos tambores. Estes tambores, por sua vez, são sagrados, pois têm o poder de fazer a comunicação com o outro mundo, ou seja, com os antepassados. Igualmente utilizando-se de tambores, o Tambor de Crioula é uma prática que se desenvolveu no Maranhão, envolvendo dança circular, canto e percussão. É o que representamos na ala 20, “Tambor de Crioula”.

Na sequência, apresentamos o terceiro Casal de Mestre-sala e Porta-bandeira, Vinícius Jesus e Rosilaine Queiroz, com a fantasia “Riqueza do Maracatu”. De origem pernambucana, trata-se de uma dança folclórica que surgiu no século XVIII, resultado da miscigenação das tradições africanas com elementos culturais indígenas e portugueses. Sob um pálio, quatro personagens interpretam a corte do Maracatu, tendo na sequência a ala 21, “Caboclo de lança”, também chamado de “lanceiros africanos” ou “Guerreiros de Ogum”, personagem folclórico atrelado ao Maracatu rural e ao carnaval, especialmente em Pernambuco. No Rio de Janeiro, então capital da República, nas franjas da região Central se desenvolveu o samba, no lugar chamado de “Pequena África”. Já o samba das escolas de samba surgiu com os poetas do bairro do Estácio, completando em 2022 noventa anos do primeiro desfile. Isso é retratado pela ala 22, “Samba”. Estes primeiros desfiles aconteceram na Praça Onze, uma espécie de centro da vida social da “Pequena África”, reunindo descendentes de escravizados dos morros da região central e do Subúrbio. Neste processo de surgimento do samba, a presença das “Tias Baianas” foi fundamental, entre as quais a mais famosa é Hilária Batista de Almeida, a Tia Ciata, quituteira e mãe-de-santo que realizava festas num momento em que as manifestações de origem africanas ainda eram perseguidas pelas autoridades públicas. Nossa ala das Damas, ala 23, é uma homenagem a “Tia Ciata”.

Por fim, nossa quinta alegoria, “Ancestralidade do samba”, destaca que, na década de 1920, os descendentes de escravizados criaram no subúrbio de Oswaldo Cruz o Grêmio Recreativo Escola de Samba Portela. Nossa árvore de devoção é uma jaqueira, vegetal não menos sagrado, lar das Apaokás, a mãe de Oxossi. Ela acompanhou em nosso antigo terreiro a maioria de nossas vitórias, mas sucumbiu em 1961, diante da necessidade de construir uma quadra de ensaios mais estruturada, a “Portelinha”, hoje um espaço administrado por nossa Galeria da Velha Guarda, e onde se lê a sugestiva frase “aqui deu frutos a semente que a velha guarda plantou”. Muitos senhores e senhoras da Galeria da velha guarda desfilam nesta alegoria, assim como os integrantes da Velha Guarda Show. Duas esculturas de griots lembram-nos que, da África para o Oswaldo Cruz, uma constante de ensinamentos acompanhou a sucessão das gerações, mantendo a “Força africana” viva em cada um de nós, jovens ou idosos. Alguns portelenses históricos são homenageados com suas imagens. No alto, trazemos uma escultura de Mestre Monarco, falecido em dezembro de 2021. Em vida, ele foi nosso esteio, nossa base. O pilar sobre o qual erguemos nossos valores. A ponte que nos unia aos fundadores, o passado e o presente personificados. Monarco era o nosso Griot, nosso Baobá. Era a essência de nossa ancestralidade, mesclando os ensinamentos da África e do subúrbio carioca. E assim, como diz a tradição do “berço do mundo”, enquanto nos lembrarmos de nossos antepassados eles permanecerão entre nós. É por isso que seguimos sentindo a presença do Mestre ao nosso lado.

ROTEIRO DO DESFILE

1º SETOR – ÁRVORE DA ANCESTRALIDADE

**Comissão de Frente
ORIGEM**

**1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Márlon Lamar e Lucinha Nobre
ENTRE O CÉU E A TERRA**

**Grupo Coreográfico
SAÍDA DAS IAÔS**

**Tripé
ENERGIA DA CRIAÇÃO**

**Ala 01 – Sambart
BABALORIXÁS E IALORIXÁS**

**Alegoria 01 – Abre-Alas
“BERÇO DO MUNDO”**

**Ala 02 – Galeria da Velha Guarda
SABEDORIA ANCESTRAL**

2º SETOR – ÁRVORE SAGRADA

**Ala 03 – Comunidade 01
OXALÁ**

**Ala 04 – Baianas
NANÃ**

**Ala 05 – Comunidade 02
OMULU**

**Ala 06 – Comunidade 03
OXUMARÉ**

Ala 07 – Comunidade 04
OXUM

Destaque de Chão (Musa)
Shaiene Cesário
PODER FEMININO

Alegoria 02
BAOBÁ, TEMPLO E ALTAR

3º SETOR – ÁRVORE MÃE

Ala 08 – Comunidade 05
ANTÍLOPE

Ala 09 – Comunidade 06
LEÃO

Ala 10 – Feijão da Vicentina
FRUTOS DO BAOBÁ

Ala 11 – Passistas
OSSAIN

Rainha de Bateria
Bianca Monteiro
OTIM

Ala 12 – Bateria
OXOSSI

Ala 13 – Sambola e Explode Coração
GUERREIRO AFRICANO

Destaque de Chão
Alice Alves
ZEBRA

Alegoria 03
PELA VASTIDÃO DA SAVANA

4º SETOR – ÁRVORE DA RESISTÊNCIA

Ala 14 – Águia na Folia e Raízes da Portela
MERCADORES DE ESCRAVIZADOS

Ala 15 – Comunidade 07
REI GUEZO

**2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Emanuel Lima e Camyllinha Nascimento
FORÇA AFRICANA**

Ala 16 – DP Feminino e Compositores
GRIOTS

Ala 17 – Comunidade 08
SEMENTES DO BAOBÁ

Ala 18 – Comunidade 09
RESISTÊNCIA!

**Alegoria 04
TRAVESSIA**

5º SETOR – ÁRVORE DE MUITOS FRUTOS

Ala 19 – Mocotó e Amor e Paz
JONGO

Ala 20 – Impossíveis
TAMBOR DE CRIOULA

**3º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Vinícius Jesus e Rosilaine Queiroz
RIQUEZA DO MARACATU**

Grupo de Destaques
CORTE DO MARACATU

Ala 21 – Comunidade 10
CABLOCO DE LANÇA

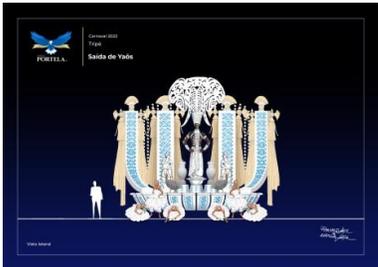
Ala 22 – Comunidade 11, Cadeirantes e
Pessoas com Deficiência
SAMBA

Ala 23 – Damas
TIA CIATA

Alegoria 05
ANCESTRALIDADE DO SAMBA

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Renato Lage e Márcia Lage		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
*	<p>Tripé ENERGIA DA CRIAÇÃO</p> 	<p>Ao som dos atabaques, louvamos a Obatalá e buscamos a energia primordial dos povos africanos.</p> <p>Semidestaques: Ogãs.</p>
01	<p>BERÇO DO MUNDO</p> 	<p>Na África, Ciência e mitologia se unem para afirmar que lá surgiram os seres humanos. Por isso, poeticamente a chamamos de “Berço do mundo”. A alegoria é uma referência à arte e a cultura Iorubá, povo que, em seu idioma, chama os Baobás de Igi Osé. A cor branca predominante, etéreo, remete à espiritualidade. Sobre um tronco que se estende até o céu, a Águia da Portela faz a união entre os mundos, evocando nossa ancestralidade.</p> <p>Destaque: Guardião das Tradições Iorubá Semidestaques frontais: Respeito à Ancestralidade Composições: Beleza Negra</p>
02	<p>BAOBÁ, TEMPLO E ALTAR</p> 	<p>Para a religiosidade dos povos africanos, Baobás são ao mesmo tempo templo e altar. A escultura principal do carro é um Baobá, cercado por destaques representando os Orixás Nanã, Omulu, Oxumaré, membros da família da palha, e Oxum, padroeira da Portela. No alto, Oxalá, o “Pai de todos”. Na frente da alegoria, uma escultura de Xangô, o Orixá da justiça. Estas “árvores sagradas” são verdadeiras cisternas naturais, o que a aproxima de Nanã, primeira divindade das águas.</p> <p>Destaque central alto: Oxalá Demais destaques: Nanã, Omulu, Oxumaré e Oxum Composições: “Povo de Santo”</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Renato Lage e Márcia Lage		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
03	<p>PELA VASTIDÃO DA SAVANA</p> 	<p>Os Baobás se espalham pela vastidão da Savana, alimentando e saciando a sede da fauna e das comunidades que vivem ao seu redor. A alegoria traz esculturas de animais estilizados, além de composições representando as populações tradicionais, que, apesar de suas diferenças étnicas, têm os Baobás como sua “árvore mãe”.</p> <p>Destaque Central: Guerreiro Africano Semidestaque Direito: Fauna da Savana Semidestaque Esquerdo: Povos da Savana Composições: Africanos</p>
04	<p>TRAVESSIA</p> 	<p>A alegoria representa a travessia do atlântico pelos escravizados, a bordo dos Navios Negreiros. Nestes tumbeiros, muitos africanos que não resistiam eram atirados ao mar. A fusão de elementos da embarcação com galhos e troncos de árvores alude ao fato de que, ao atravessarem o oceano, os escravizados levavam consigo os Baobás e todo o seu simbolismo.</p> <p>Destaque Central: Capitão Negroiro Composição: Escravizados Composições Teatralizadas: Marujos</p>
05	<p>ANCESTRALIDADE DO SAMBA</p> 	<p>Os portelenses são legítimos herdeiros dos povos africanos, tendo em nossa história uma imponente Jaqueira, árvore fundamental para a nossa formação. Nosso legado une nossos fundadores, no subúrbio carioca, e nossos antepassados africanos. Esta última alegoria traz nossa galeria da velha guarda e a velha guarda show, e, no alto, uma escultura de Mestre Monarco, a essência de nossa ancestralidade.</p> <p>Destaque Central: Honra e Glória da Portela Composições laterais: Casais de Passistas Composições alto: Casais de Porta-Estandartes Velhas Guardas: Essência Ancestral</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Nomes dos Principais Destaques	Respectivas Profissões
<p><u>Tripé “Energia da criação”</u> Marcos Vinícius e João Pedro (Semidestaques) Fantasia: Ogãns</p>	<p>Autônomo e Vendedor</p>
<p><u>Alegoria 01</u> Carlos Reis (Destaque Central) Fantasia: Guardião das Tradições Iorubá</p> <p>Surica e Mirinho (Semidestaques) Fantasia: Respeito à Ancestralidade</p>	<p>Hair Stily</p> <p>Cantora e Aposentado</p>
<p><u>Alegoria 02</u> Carlos Ribeiro (Destaque Central) Fantasia: Oxalá</p> <p>Demais destaques: Rogéria Meneguel – Fantasia: Oxum</p> <p>Carlos Martins – Fantasia: Nanã</p> <p>Paulo Brito – Fantasia: Oxumaré</p> <p>Ricardo Guedes – Fantasia: Omulu</p>	<p>Pai de Santo</p> <p>Atriz</p> <p>Cabeleireiro</p> <p>Empresário</p> <p>Empresário</p>
<p><u>Alegoria 03</u> Nil de Yomonjá (Destaque Central) Fantasia: Guerreiro Africano</p> <p>Maria Fernanda (Semidestaque Esquerdo) Fantasia: Fauna da Savana</p> <p>Jana Teixeira (Semidestaque Direito) Fantasia: Povos da Savana</p>	<p>Pai de Santos</p> <p>Advogada</p> <p>Atriz</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Nomes dos Principais Destaques	Respectivas Profissões
<p><u>Alegoria 04</u> Wagner Mendes (Destaque Central) Fantasia: Capitão negreiro</p>	Empresário
<p><u>Alegoria 05</u> Marcília (Destaque Central) Fantasia: Honra e Glória da Portela</p>	Aposentada
<p>Local do Barracão Rua Rivadavia Correa, nº. 60 – Galpão 06 – Gamboa – Rio de Janeiro – RJ</p>	
<p>Diretor Responsável pelo Barracão Higor Machado</p>	
<p>Ferreiro Chefe de Equipe Roberto Romário, Adolson e Caprichoso.</p>	<p>Carpinteiro Chefe de Equipe Futica</p>
<p>Escultor(a) Chefe de Equipe Levi e Caprichoso</p>	<p>Pintor Chefe de Equipe Gilberto</p>
<p>Eletricista Chefe de Equipe Tom</p>	<p>Mecânico Chefe de Equipe Cal</p>
<p>Outros Profissionais e Respectivas Funções</p>	
Luiz	- Borracheiro
Mauro	- Geradores
Nino	- Fibra e Empastelação
Sandro	- Vidraceiro
Reginando, Luciano e Sherila	- Decoração
Carlos Henrique	- Placas
Serginho	- Equipe de Motoristas
Elisa Fernandes, Val Gomes, Ricardo Costa, Luciano Nery, Fabio Loyo, Elisabeth Sá e Nezinho	- Diretores de Carro

FICHA TÉCNICA

Fantásias

Criador(es) das Fantásias (Figurinistas)

Renato Lage e Márcia Lage

DADOS SOBRE AS FANTÁSIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p>Saída das Iaôs</p> 	<p>Estabelecendo a relação com a energia primeva do continente africano, as Iaôs, na licença poética de uma escola de samba, dançam abrindo o xirê na avenida.</p>	<p>Grupo Coreográfico (2022)</p>	<p>Ana</p>
01	<p>Babalorixás e Ialorixás</p> 	<p>Nossos guias espirituais abrem os caminhos para o grande Xirê da Portela, neste reencontro com os enredos de temática africana.</p>	<p>Sambart (1988)</p>	<p>Jerônimo Patrocínio.</p>
02	<p>Sabedoria Ancestral</p> 	<p>Nossa Galeria da Velha Guarda representa a “Sabedoria ancestral”. Por sua longevidade, os Baobás estão associados à ancestralidade. São testemunhas dos tempos imemoriais, acompanhando a sucessão de gerações. Baobás são ancestrais vivos, aconselhando tanto figuras de destaque quanto pessoas comuns na comunidade.</p>	<p>Galeria da Velha Guarda (1932)</p>	<p>Aymoré Azevedo.</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Renato Lage e Márcia Lage				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
03	Oxalá 	Primeiro filho de Olorum, é o Orixá da energia da criação. O Orixá mais velho, cultuado como o maior e mais respeitado de todo o panteão africano. Simboliza a paz, a compaixão e a fé. Significa a luz (oxa) branca (alá). Calmo, sereno, pacificador.	Comunidade 01 (2002)	DP de Harmonia
04	Nanã 	Orixá feminino relacionado à origem do homem na Terra. Anciã, está presente desde a criação da humanidade, tendo relação com os espíritos ancestrais. É a primeira divindade das águas. Essas características a aproximam dos Baobás.	Baianas (1932)	Jane Carla
05	Omulu 	É o Orixá da terra, da morte e da cura. O protetor da saúde. Representa o respeito “aos velhos”. Como os Baobás são árvores longevas e que, em muitos lugares, serve como repositório de ancestrais mortos, Orixá e árvore se aproximam. Filho de Nanã, é parte da “família da palha”.	Comunidade 02 (2002)	DP de Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Renato Lage e Márcia Lage

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
06	<p>Oxumaré</p> 	<p>O arco-íris deste Orixá faz a ponte ligando os mundos, da mesma forma que o colossal tronco do Baobá, o que aproxima Orixá e árvore. Membro da família da palha, representa a continuidade e a permanência.</p>	<p>Comunidade 03 (2002)</p>	<p>DP de harmonia</p>
07	<p>Oxum</p> 	<p>Orixá protetora da Portela, acompanha nossa escola nesta jornada de reencontro com nossas raízes africanas. Representa a Deusa da beleza, do amor, da fertilidade e da maternidade. No sincretismo brasileiro, está associada à Nossa Senhora da Conceição.</p>	<p>Comunidade 04 (2002)</p>	<p>DP de harmonia</p>
*	<p>Poder Feminino</p> 	<p>Simbolicamente, os Baobás estão associados aos aspectos femininos. As Sociedades Geledes cultuam elementos sagrados relacionados à fecundidade e a feminilidade, restaurando a energia vital.</p>	<p>Destaque de Chão (Musa)</p>	<p>Shaiene Cesário</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Renato Lage e Márcia Lage				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
08	Antílope 	Animal visto em abundância na maior parte do continente africano. Chama a atenção pela capacidade de esquecer completamente de episódios traumáticos caso consigam sobreviver, por exemplo, ao ataque de um predador. Num sentido simbólico, os antílopes nos mostram que devemos ouvir nossos guias e seguir nosso coração, que não mente.	Comunidade 05 (2002)	DP de Harmonia
09	Leão 	O Leão simboliza a sabedoria divina. Desde os tempos imemoriais, este animal é considerado um símbolo de justiça e bravura. Em alguns lugares da África, existe uma lenda de que, se alguém colher a flor de um Baobá possuída por um espírito maligno - ou por um ancestral -, a pessoa será devorada por um leão.	Comunidade 06 (2002)	DP de Harmonia
10	Frutos do Baobá 	Em toda a extensão do continente africano, os Baobás, além de fornecer água, ajudam a alimentar humanos e animais. Suas folhas, frutos e sementes são muito nutritivos e têm propriedades medicinais. O fruto do Baobá, a mucua, é conhecido como uma das “superfrutas”, por ser considerado um alimento rico e completo.	Feijão da Vicentina (2005)	Tia Surica

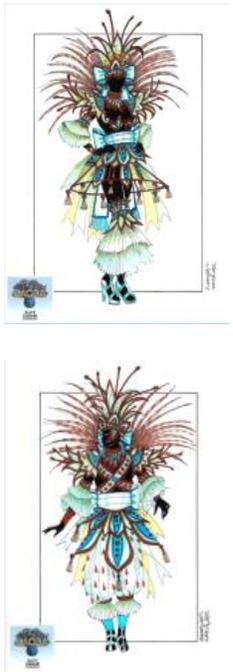
FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)

Renato Lage e Márcia Lage

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
11	<p>Ossain</p> 	<p>Sua presença é sentida nas “florestas sagradas”, isto é, nichos de vegetação preservados em função das restrições religiosas ou mágicas, que, por isso, mantiveram-se preservadas da devastação dos seres humanos. É o Orixá responsável pelos “mãos de ofá”, que manipulam as folhas e ervas para realizar curas.</p>	<p>Passistas (1932)</p>	<p>Nilce Fran</p>
*	<p>Otim</p> 	<p>Nossa Rainha de bateria representa Otim, Orixá feminino que habita as matas, companheira de Oxossi em suas caçadas.</p>	<p>Rainha de Bateria</p>	<p>Bianca Monteiro</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Renato Lage e Márcia Lage				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
12	Oxossi 	Orixá protetor da bateria da Portela, o caçador da flecha certa nos protege ao cruzarmos as “florestas sagradas”. É aquele quem caça as boas influências e as energias positivas.	Bateria (1932)	Nilo Sérgio
13	Guerreiro Africano 	As diversas etnias africanas travam disputas desde os tempos imemoriais. Muitas vezes, são conflitos ritualizados que regulam a interação entre diferentes grupos. Apesar das diferenças, estes guerreiros têm em comum contemplarem a Igi Osé, compartilhando o simbolismo destas árvores. A maior parte das comunidades africanas tem um Baobá no centro de sua vida social.	Explode Coração (1972) e Sambola (1985)	Egídio e Júnior Escafura
*	Zebra 	Animal que habita a savana, um dos mais conhecidos da rica fauna do continente africano.	Destaque de Chão (Musa)	Alice Alves

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Renato Lage e Márcia Lage

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
14	<p>Mercadores de Escravizados</p> 	<p>Os portugueses foram os primeiros a se engajarem no comércio de escravizados para o Novo Mundo. Para sustentar esse negócio, estabeleceram postos avançados ao longo da costa africana. Para marcar a posse dos territórios no continente negro, os lusitanos gravavam suas heráldicas nos Baobás.</p>	<p>Águia na Folia (1997) e Raízes da Portela (1995)</p>	<p>Renato Vasconcelos e Luciano Luck</p>
15	<p>Rei Guezo</p> 	<p>Guezo foi o nono Rei de Daomé, no atual Benin. Ascendeu ao trono depois de um golpe de Estado, tendo o apoio do brasileiro Francisco Félix de Souza (o Chachá), Ficou conhecido por ser contra o fim do comércio transatlântico de escravos, destacando que era a maior fonte de riqueza do seu povo. Nesta região, antes de embarcarem, os escravizados davam voltas num Baobá para “esquecerem sua vida anterior”, num ritual que tentava transformar este vegetal numa “Árvore do Esquecimento”.</p>	<p>Comunidade 07 (2002)</p>	<p>DP de Harmonia</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Renato Lage e Márcia Lage				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
16	Griots 	<p>Sob a generosa sombra dos Baobás, os griots contavam suas histórias, transmitindo a memória dos povos Africanos. Muitos deles, inclusive, eram sepultados no interior desta árvore, reforçando o vínculo com a ancestralidade. Ao cruzarem o oceano e aportarem na América, esses griots passaram a espalhar entre nós as tradições milenares do continente que é o “Berço do mundo”</p>	DP Feminino e Compositores (1932)	Aldalea Rosa Negra da Portela, Sérgio Procópio e Camarão Neto
17	Sementes do Baobá 	<p>Há relatos de que, ao serem forçados a embarcar para a América, muitos africanos escondiam sementes de Baobá em seus cabelos. Assim, a “árvore-mãe” se espalhou por várias regiões do Brasil, trazendo um pouco da religiosidade e da ancestralidade africana para o nosso país. Num plano simbólico, estas sementes trouxeram a cultura do continente negro, fazendo germinar toda a riqueza das manifestações culturais afro-brasileiras.</p>	Comunidade 08 (2002)	DP de Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Renato Lage e Márcia Lage

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
18	<p>Resistência!</p> 	<p>Antes dos escravizados embarcarem nos negreiros, os traficantes de seres humanos se esforçavam para apagar as noções de identidade e ancestralidade. Tentativa inútil, pois, apesar de todas as adversidades, os africanos trouxeram os Baobás como símbolos de sua terra natal, ressignificando-os como “árvore da resistência”.</p>	<p>Comunidade 09 (2002)</p>	<p>DP de Harmonia</p>
19	<p>Jongo</p> 	<p>Uma das manifestações afro-brasileiras que germinaram é o Jongo. Essencialmente rural, chegou ao Brasil junto com os escravos bantos do Congo e de Angola, permanecendo, principalmente, entre as práticas culturais de escravizados do Vale do Paraíba e de Minas Gerais.</p>	<p>Mocotó (1972) e Amor e Paz (2014)</p>	<p>Rosane</p>
20	<p>Tambor de Crioula</p> 	<p>Praticado especialmente no Maranhão, é uma forma de expressão cultural de matriz africana que envolve dança circular, canto e percussão de tambores. Os elementos rituais do tambor permanecem vivos e presentes, propiciando o exercício dos vínculos de pertencimento e a reiteração de valores afro-brasileiros.</p>	<p>Impossíveis (2018)</p>	<p>Nilce Fran</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Renato Lage e Márcia Lage				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	Corte do Maracatu 	Personagens que formam a corte do Maracatu, manifestação afro-brasileira tradicional em várias regiões do país, especialmente em Pernambuco.	Grupo de Destaques (2022)	Jerônimo Patrocínio
21	Caboclo de Lança 	Figura folclórica popular especialmente em Pernambuco, também é chamado de “Lanceiro africano” ou “Guerreiro de Ogum”, É um personagem típico do Maracatu rural.	Comunidade 10 (2002)	DP de Harmonia
22	Samba 	Originário das comunidades afro-brasileiras urbanas do Rio de Janeiro, o samba é um dos mais importantes fenômenos culturais do país, sendo também um símbolo da própria nacionalidade.	Comunidade 11, Cadeirantes e Pessoas com Deficiência	DP de Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)

Renato Lage e Márcia Lage

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
23	<p>Tia Ciata</p> 	<p>Quituteira e mãe-de-santo, Hilária Batista de Almeida, a Tia Cita, é considerada uma das figuras mais influentes para o samba carioca. Vinda da Bahia, ela abria as portas de sua casa, na Praça Onze, para a realização de festas, mesmo quando as manifestações de origem africana ainda eram perseguidas pelas autoridades públicas. Seguramente, é a mais conhecida das “Tias Baianas”, a personificação de nossa própria ancestralidade.</p>	<p>Ala das Damas (1966)</p>	<p>DP de Harmonia</p>

FICHA TÉCNICA**Fantasia**

Local do Atelier Rua Rivadavia Correa, nº. 60 – Galpão 06 – Gamboa – Rio de Janeiro – RJ	
Diretor Responsável pelo Atelier Luciano Costa	
Costureiro(a) Chefe de Equipe Rose	Chapeleiro(a) Chefe de Equipe Luciano Costa
Aderecista Chefe de Equipe Luciano Costa, Vera, Proença, Rogério, Wagner, Luis Claudio, Beto e Anthony	Sapateiro(a) Chefe de Equipe JBV Calçados
Outros Profissionais e Respektivas Funções	
Levi	- Esculturas
Vitor	- Vime
Almir e Paulo	- Arame
Carlos Henrique	- Placas
Gilberto	- Pintura
Outras informações julgadas necessárias	
<p>As imagens dos croquis reproduzidas nas fichas são originais e servem apenas como referência, pois foram realizadas modificações na execução das fantasias, de acordo com materiais disponíveis no mercado.</p>	

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Autor(es) do Samba-Enredo		
Wanderley Monteiro, Vinicius Ferreira, Rafael Gigante, Bira, Edmar Jr, Paulo Borges & André do Posto 7.		
Presidente da Ala dos Compositores		
Serginho Procópio e Camarão Neto		
Total de Componentes da Ala dos Compositores	Compositor mais Idoso (Nome e Idade)	Compositor mais Jovem (Nome e Idade)
100 (cem)	Noca da Portela 89 anos	Thiago na Fé 29 anos
Outras informações julgadas necessárias		
<p>Prepara o terreiro, Separa a mucua Apaoká baixou no xirê Em nosso celeiro a gente cultua Do mesmo preceito e saber Raiz imponente da “Primeira Semente” Nós temos muito em comum O elo sagrado de Ayê e Orum Casa pra se respeitar: meu Baobá!</p>		
<p>Obatalá colofé Tem batucada no Arê Pra minha gente de fé, ayeraye Nessa mironga tem mão de ofá Pê aluá no coitê e dandá</p>		BIS
<p>Saluba, mamãe! Fiz do meu samba curimba Mata a minha sede de Axé Faz do meu Igi Osè, moringa Quem tenta acorrentar um sentimento “Esquece” que ser livre é fundamento Matiz suburbano, herança de preto Coragem do medo! Meu povo é resistência Feito um “nó na madeira” do cajado de Oxalá Força africana vem nos orgulhar</p>		
<p>Azul e “banto”, aguarê e alujá Pra poeira levantar, de crioula é meu tambor Iluayê na ginga do meu lugar Portela é Baboá no gongá do meu amor</p>		BIS

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

No melhor estilo de samba interpretativo, a obra musical da Portela para o carnaval de 2022 descreve, com o talento dos compositores da azul e branco de Oswaldo Cruz e Madureira, o ritual para a plantação de um Baobá. Ao longo da cerimônia, elementos de todos os setores apresentados em desfile são ressaltados na letra, que são os Baobás como “Árvore da ancestralidade”, “Árvore sagrada”, “Árvore mãe”, “Árvore da resistência” e “Árvore de muitos frutos”. Como legítima herdeira dos povos escravizados, a Portela está unida aos Baobás desde os tempos imemoriais, no canto de nossos antepassados diante destas árvores milenares, que na mutação do tempo virou samba. “Samba de raiz”, como se costumam dizer. Através da plantação do Baobá, o ritual ratifica os vínculos entre a Majestade do samba e os povos africanos, dualidade que estrutura toda a composição. O samba foi construído utilizando palavras e termos representativos de várias étnicas e nações africanas, sem a intenção de se ater a apenas um idioma específico. De uma forma geral, assim como o enredo, embora muitas vezes a cultura iorubá, graças à riqueza de sua arte, mitologia e religiosidade, tenha hegemonia nas representações sobre o continente negro, os Baobás são encontrados por toda a extensão da savana:

Prepara o terreiro, separa a mucua

Apaoká baixou no xirê

Em nosso celeiro a gente cultua

Do mesmo preceito e saber

No início do samba, temos a preparação do terreiro, termo utilizado tanto para as manifestações religiosas afro-brasileiras quanto pelas escolas de samba em seus primeiros anos. A mucua, fruta/semente do Baobá, é separada para a plantação. A Apaoká, no Brasil, é uma entidade relacionada às jaqueiras, árvore historicamente vinculada à Portela, cuja presença dominava nosso antigo terreiro. A Apaoká também é considerada a mãe do Oxossi, padroeiro de nossa bateria. A presença desta entidade neste ritual apresenta, desde o início, a relação entre os Baobás e a Jaqueira, ou, de outra forma, entre os povos africanos e a Portela.

Raiz imponente da “Primeira Semente”

Nós temos muito em comum

O elo sagrado de Ayê e Orun

Casa para se respeitar: meu Baobá!

O ritual evoca os ancestrais comuns da Portela e dos povos africanos, remetendo às suas grandes árvores, Jaqueira e Baobá, e suas ligações com os elementos sagrados. O samba faz referência à canção “Primeira semente”, de Noca da Portela, que remete à fundação de nossa escola pelos descendentes de escravizados, o que une de maneira inseparável o subúrbio carioca e o continente negro. É o que no enredo chamamos de “Árvore da ancestralidade”

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

Obatalá colofé

Tem batucada no Arê

Pra minha gente de fé, ayeraye

Nessa mironga tem mão de ofá

Põe aluá no coitê e dandá

O ritual segue pedindo bênçãos para Obatalá, Orixá da criação. O povo batuca nas ruas, festejando. A Portela e os povos africanos são “irmãos de fé”, compartilhando crenças, eternizando este momento sublime. O ritual é envolvido por mistérios. Guiados por Ossain, os mãos de ofá manejam folhas e ervas, preparando poções para Orixás e Caboclos.

Saluba, mamãe! Fiz do meu samba curimba

É feita saudação especial para Nanã, “Mãe ancestral” dos seres humanos, entidade associada aos Baobás, tal qual o enredo define como “Árvore sagrada”.

Mata a minha sede de Axé

Faz do meu Igi Oşè, moringa

O ritual lembra que, além de sua dimensão sagrada, os Baobás suprem a necessidade de água para as populações ao seu redor, tendo, inclusive, a forma de uma moringa, o que o enredo define como “Árvore mãe”.

Quem tenta acorrentar um sentimento

“Esquece” que ser livre é fundamento

Matiz Suburbano, herança de preto

Coragem no medo!

Em uma perspectiva histórica, o ritual lembra que os Baobás também simbolizam aquilo que o enredo define como “árvore da resistência”, pois, mesmo acorrentados fisicamente, o sentimento dos escravizados permaneceram livres. O subúrbio do Rio de Janeiro traz na pele e na alma de sua gente a herança africana, e, diante das adversidades do dia a dia, podem até sentir medo, mas enfrentam tudo com coragem.

Meu povo é resistência

Feito um “nó na madeira” do cajado de Oxalá

Força africana vem nos orgulhar

Citando a composição “Nó da madeira”, de João Nogueira, o samba afirma que a Portela é um símbolo de resistência, guiados pela mesma fé do povo africano, seguindo a sabedoria de Oxalá. Nós temos a energia vital que emana do solo africano, a “Força africana” que pulsa em cada um de nós, filhos da diáspora que somos.

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

**Azul e “banto”, aguarê e alujá
Pra poeira levantar, de crioula é meu tambor
Iluayê na ginga do meu lugar
Portela é Baobá no gongá do meu amor**

Neste carnaval, o azul da Portela se espalha pelo continente africano, pelas terras de bantos e sudaneses, assim como o Baobá se faz presente na vastidão da savana. No toque do Aguerê, para nosso padroeiro, Oxossi, e do Alujá, para Xangô, o Orixá da justiça, exaltamos os frutos da cultura africana no Brasil, como o Tambor de Crioula e a própria Portela. O Baobá é uma “Árvore de muitos frutos”, como o enredo define. A “Iluayê”, “terra distante”, título do enredo da Portela de 1972, encontra o “meu lugar”, Madureira, unindo a África e o Subúrbio carioca. Por fim, com a árvore plantada, isto é, com suas raízes unidas ao solo, o ritual chega ao fim e todos a reverenciam numa frase que sintetiza todos os sentimentos: “Portela é Baobá, no gongá do meu amor”

- Este material contou com a participação de Felipe Cantalice em sua elaboração.

GLOSSÁRIO:

MUCUA – Fruta do Baobá

APAOKÁ – Orixá/Entidade protetor da Jaqueira

XIRÊ – Festa

AYÊ – Terra

ORUN – Céu

OBATALÁ – Orixá da paz e da criação do mundo.

COLOFÉ – A benção.

ARÊ – Ruas e Encruzilhadas.

AYERAYE - Eternizar

MIRONGA - Mistério

MÃO DE OFÁ – Pessoa incumbida de colher folhas para rituais.

ALUÁ – Bebida feita com farinha de milho ou de arroz, servida nos terreiros de Candomblé, principalmente aos Caboclos.

COITÉ – Fruto que partido ao meio, serve como recipiente para servir bebidas aos Orixás e participantes do culto.

DANDÁ – Tipo de raiz, utilizada nos cultos aos Orixás.

CURIMBA – Os cânticos realizados, na Umbanda.

BANTO – indivíduo pertencente aos Bantos, grupo etnolinguístico africano

AGUERÊ – Toque atribuído a ODÉ, o caçador (OXOSSI).

ALUJÁ – Toque atribuído a XANGÔ.

FICHA TÉCNICA

Bateria

Diretor Geral de Bateria

Nilo Sérgio

Outros Diretores de Bateria

Andé, Pablo, Daniel, Arsênio, Luiz, Douglas, Nilson, Sidcley, Raul, Paulo Richard, Cacau, Demétrius e Léo

Total de Componentes da Bateria

280 (duzentos e oitenta) componentes

NÚMERO DE COMPONENTES POR GRUPO DE INSTRUMENTOS

1ª Marcação	2ª Marcação	3ª Marcação	Reco-Reco	Ganzá
11	11	12	0	0
Caixa 93	Tarol 0	Tamborim 36	Tan-Tan 0	Repinique 36
Prato 0	Agogô 28	Cuíca 24	Pandeiro 0	Chocalho 28

Outras informações julgadas necessárias

XEQUERÊ – 01

Fantasia: Oxossi

Nilo Sérgio - Herdeiro de Mestre Marçal, Nilo Sérgio é três vezes vencedor do prêmio Estandarte de Ouro de Melhor Bateria, em 2010, 2012 e 2013, além de ter ganhado o prêmio de Revelação em sua estreia. Desde o carnaval de 2006 é Mestre de bateria da Portela, sagrando-se campeão em 2017.

Rainha de Bateria:

Bianca Monteiro – Rainha da Comunidade, Bianca Monteiro começou no carnaval como passista da Portela, tendo integrado a corte do carnaval duas vezes, ocupando o posto de Princesa. É Rainha de bateria desde o carnaval de 2017, sagrando-se campeã logo na estreia.

Fantasia: Otim

Orixá da mata, companheira de Oxossi em suas caçadas.

FICHA TÉCNICA

Harmonia

Diretor Geral de Harmonia

Márcio Emerson, Jorge Barbosa, Servulo Alves e Walter Moura

Outros Diretores de Harmonia

Alessandro Santana, Artur Varandas, Alex França, Alexandre de Melo, Alexsander Campos, Almir Jose Bueno, Anderson Mendes, Andreia Ribeiro, Brian Ramos, Camila dos Santos Lucio, Carina de Oliveira Obelar, Carla Teixeira, Carlos Ary Silva Carvalho, Cesar de Souza Lima, Charles Santos de Azevedo, Claudio Roberto Gralha, Cleber dos Santos Coutinho, Cleide da Silva, Cristiane Montemurro, Diego Barcelos, Edilasio Alex dos Santos, Edivaldo Macario, Edison Jacob, Fausto Antunes, Felipe Teodoro, Gilberto Rio Branco, Guilherme Rodrigues, Helder Silva Rosino, Iza Duarte, Jonas da Costa, Jose Carlos de Souza, Jose Osier de Melo, Josenardo de Barros, Jussara Costa, Leonardo Fartura, Lorene Goulart, Luan Felipe, Luciane Peres, Marcelo Pereira Ribeiro, Marcius Osnir Marcolino, Maria Jose Ferreira, Moacyr Antonio Cerbino, Monica Nogueira, Nilson Conceição, Paula Nogueira, Paulo Monteiro, Rachel Soares, Renato Tadeu da Silva, Rhuanderson Santos, Rosangela Vitalino, Sandra Chaves de Melo, Selma Gomes de Jesus, Thaissa Lucia Santos, Thiago Amaral Pantoja, Vilma Guimarães, Vitor Pereira Leite

Total de Componentes da Direção de Harmonia

60 (sessenta) componentes

Puxador(es) do Samba-Enredo

Gilsinho (Intérprete oficial), Niu Souza, Edinho, Rafael Faustino, Pipa Brasey, Rodrigo Tinoco, Clebinho Show e Felipe Tinoco.

Instrumentistas Acompanhantes do Samba-Enredo

Leandro e Gabriel (cavacos) Igor e Felipe Sorriso (Violão sete cordas)

Outras informações julgadas necessárias

Locutor: Boca

Gilsinho: Filho de Jorge do Violão, músico da Velha-Guarda da Portela, Gilsinho começou sua carreira em São Paulo, passando por escolas como Vai-Vai, Barroca da Zona Sul e Vila Maria. No Carnaval carioca, estreou na Portela em 2006, permanecendo como primeiro intérprete de nossa agremiação até 2013. Nesse período, além de conseguir forte identificação com a Escola, foi agraciado em 2012 com o prêmio Estandarte de Ouro. Após breve passagem pela Unidos de Vila Isabel, retornou para a Portela no Carnaval de 2016, contribuindo para a conquista do título portelense de 2017.

FICHA TÉCNICA

Evolução

Diretor Geral de Evolução

Márcio Emerson, Jorge Barbosa, Servulo Alves, Walter Moura, Junior Escafura, Claudinho Portela, Higor Machado e Leonardo Brandão.

Outros Diretores de Evolução

Alessandro Santana, Artur Varandas, Alex França, Alexandre de Melo, Alexsander Campos, Almir Jose Bueno, Anderson Mendes, Andreia Ribeiro, Brian Ramos, Camila dos Santos Lucio, Carina de Oliveira Obelar, Carla Teixeira, Carlos Ary Silva Carvalho, Cesar de Souza Lima, Charles Santos de Azevedo, Claudio Roberto Gralha, Cleber dos Santos Coutinho, Cleide da Silva, Cristiane Montemurro, Diego Barcelos, Edilasio Alex dos Santos, Edivaldo Macario, Edison Jacob, Fausto Antunes, Felipe Teodoro, Gilberto Rio Branco, Guilherme Rodrigues, Helder Silva Rosino, Iza Duarte, Jonas da Costa, Jose Carlos de Souza, Jose Osier de Melo, Josenardo de Barros, Jussara Costa, Leonardo Fartura, Lorene Goulart, Luan Felipe, Luciane Peres, Marcelo Pereira Ribeiro, Marcius Osnir Marcolino, Maria Jose Ferreira, Moacyr Antonio Cerbino, Monica Nogueira, Nilson Conceição, Paula Nogueira, Paulo Monteiro, Rachel Soares, Renato Tadeu da Silva, Rhuanderson Santos, Rosangela Vitalino, Sandra Chaves de Melo, Selma Gomes de Jesus, Thaissa Lucia Santos, Thiago Amaral Pantoja, Vilma Guimarães, Vitor Pereira Leite

Total de Componentes da Direção de Evolução

64 (sessenta e quatro)

Principais Passistas Femininos

Thamires Mattos, Ingrid França, Amanda Oliveira, Rosi Santos, Carolina Xavier e Roberta Almeida.

Principais Passistas Masculinos

Arthur Santos, Igor Walker, Lucas Matheus, Damasceno, Douglas Bonfim, e Flavinho Silva.

Outras informações julgadas necessárias

Coordenadora da Ala de Passistas: Nilce Fran

Nilce Fran: Passista consagrada na Portela, com passagem pela Estação Primeira de Mangueira, em 2012 foi vencedora do prêmio Estandarte de Ouro de Melhor Passista Feminino.

FICHA TÉCNICA**Informações Complementares**

Vice-Presidente de Carnaval Fábio Pavão		
Diretor Geral de Carnaval Claudinho Portela, Junior Escafura e Higor Machado		
Outros Diretores de Carnaval -		
Responsável pela Ala das Crianças -		
Total de Componentes da Ala das Crianças -	Quantidade de Meninas -	Quantidade de Meninos -
Responsável pela Ala das Baianas Jane Carla		
Total de Componentes da Ala das Baianas 70 (setenta)	Baiana mais Idosa (Nome e Idade) Dulcinea Oliveira 85 anos	Baiana mais Jovem (Nome e Idade) Lívia P. Cardoso 36 anos
Responsável pela Velha-Guarda Aymoré Azevedo		
Total de Componentes da Velha-Guarda 100 (cem)	Componente mais Idoso (Nome e Idade) Mirinho 91 anos	Componente mais Jovem (Nome e Idade) Márcia B. Marinho 56 anos
Pessoas Notáveis que desfilam na Agremiação (Artistas, Esportistas, Políticos, etc.) Surica, Paulinho da Viola e Marisa Monte.		
Outras informações julgadas necessárias Diretor Financeiro: Felipe Guimarães Assistentes da Direção de Carnaval: Marcos Vinícios, Nívea Martini e Leonardo Brandão Técnico de Segurança do trabalho: Felipe Sorriso Secretária barracão: Rosana Rosa Secretária quadra: Jaqueline Gomes Administrador quadra: Paulo Pedrazzi Chefes de segurança: Mondego e Vinícios.		

FICHA TÉCNICA

Comissão de Frente

Responsável pela Comissão de Frente

Leo Senna e Kely Siqueira

Coreógrafo(a) e Diretor(a)

Leo Senna e Kely Siqueira

Total de Componentes da Comissão de Frente	Componentes Femininos	Componentes Masculinos
15 (quinze)	0	15 (quinze)

Outras informações julgadas necessárias

Neste carnaval de 2022, a Comissão de Frente da Portela mostra o retorno às origens dos povos africanos. Uma busca pelo encontro com a energia dos antepassados fundadores de nossa escola, um ritual em memória dos escravizados.

Nosso ponto de partida é a cidade de Ajudá, no sul de Benin, que concentrou grande parte do tráfico de seres humanos da costa sul da África Ocidental. Por seis séculos, oficialmente quatro milhões de escravizados utilizaram este porto para o embarque rumo ao desconhecido, o que faz com que encontremos neste local, escondido no mato, uma placa pintada à mão trazendo o seguinte alerta: “A Porta sem Volta, um desafio à história”. Resgatando sua ancestralidade, a Portela retorna a esse local mostrando que venceu esse desafio. Retorna sem medo, vitoriosa!

Na verdade, essa crença não nasceu exatamente em Ajudá, mas foi de lá que esse culto do invisível e dos espíritos da natureza foi exportado para outros lugares do mundo, entre eles o Brasil.

PARTE 1

A primeira cena apresentada é a chegada dos guerreiros em um solo sagrado. Eles são guiados por um sacerdote, ser respeitado dotado de conhecimento, sábio que possui permissão para comandar o culto e invocar os espíritos dos ancestrais. Reunidos, eles preparam o terreiro em frente ao templo, nosso elemento alegórico, que também pode ser visto como a grande cabaça, ou o grande útero. Ao dançarem, dão início ao ritual para celebrar este retorno às origens, reconectando-se às raízes.

PARTE 2

O movimento seguinte é o início do ritual. Uma celebração única, reunindo as mais importantes manifestações desta região africana, na convivência pacífica de um continente sem fronteiras.

O sacerdote é quem abre as portas para a manifestação das entidades.

Após a invocação, os Zangbetos participam do ritual. Os “guardiões da noite” são os responsáveis por estabelecer a ordem e a “limpeza” na preparação do terreiro. São estruturas feitas de palhas que gostam de dançar, desaparecendo e reaparecendo à sua vontade, trazendo boa sorte. Em transe, diz-se que o Zangbeto evoca um poder que habitou a Terra muito antes do surgimento do homem, constituindo-se numa fonte de sabedoria e continuidade para o povo.

FICHA TÉCNICA

Comissão de Frente

Outras informações julgadas necessárias

PARTE 3

Os “guardiões da noite” partem ao concluir suas funções, abrindo caminho para os altamente reverenciados Egunguns (espíritos dos ancestrais importantes, que designa toda uma coletividade de seres veneráveis), que dão vida a seu traje sagrado ricamente ornamentado. É neste momento que o sacerdote evoca a ancestralidade da Portela, que é revivida, por alguns momentos preciosos, abençoando a todos os presentes.

PARTE 4

Por fim, a celebração da memória e da ancestralidade tem seu ponto culminante. Oxumaré se personifica em seu aspecto principesco, o Vodum Azaunodor. Ele vive no Baobá, a árvore da vida ancestral dos povos africanos, um símbolo de resistência que faz a ligação entre o céu e a terra, isto é, entre o mundo sobrenatural e o material, da mesma forma que o arco-íris do Orixá. Esta entidade sagrada traz a força vital e o poder das cores, a abundância, a cura e a certeza da vitória nas batalhas travadas, fechando os ciclos dolorosos e, com alegria, dando-nos um recomeço próspero. É seguindo seus arcos coloridos que encontramos a origem do que verdadeiramente somos.

“Eu não caminho para o fim, eu caminho para as origens.”

Manuel de Barros

Personagens:

- Sacerdote
- Guerreiros
- Zangbetos
- Egunguns
- Oxumaré / Vodum Azaunodor

Ficha Técnica

Concepção: Renato Lage e Marcia Lage

Direção e Coreografia: Leonardo Senna e Kelly Siqueira

Figurino: Renato Lage e Marcia Lage

Consultoria mágica: Ilusionista Dimy

Visagismo e Maquiagem: Jorge Abreu

FICHA TÉCNICA

Comissão de Frente

Outras informações julgadas necessárias

Léo Senna – Leonardo Senna é dançarino, ator e coreógrafo. Tem larga experiência na coreografia de carros alegóricos, trabalhando com alguns dos mais importantes carnavalescos do Rio de Janeiro. Ao lado de Kelly Siqueira, foi coreógrafo da Comissão de frente campeã do carnaval de 2017, no último título conquistado pela Portela.

Kelly Siqueira - Bailarina, coreógrafa, atriz, diretora de arte e pesquisadora, graduada em Educação Física, Artes Cênicas e Dança. Com formação corporal que passa pelo ballet clássico, dança do ventre, artes circenses e performance, atua como Integradora Artística em diversas criações. Realizou seus estudos, espetáculos e workshops em teatros, instituições artísticas e festivais pelo Brasil e no exterior, com destaque para Dubai onde trabalhou por 5 anos, com os principais grupos do país. Atua há mais de 10 anos, em parceria com Leonardo Senna, no Grupo Especial das Escolas de Samba do Carnaval do Rio de Janeiro e São Paulo, coreografando dezenas de carros alegóricos e a Comissão de Frente da Portela, campeã em 2017. Coreografou a cerimônia da final da Copa do Brasil de 2018, 2020, e 2021. Tem como trabalhos mais recentes de Coreografia e Direção de movimento:

- Peça Pandora, direção Leona Cavalli,
- Elogio da Loucura, produzido por Manhas & Manias, direção de Eduardo Figueiredo, (2020)
- Peça Sexo, Champanhe e Tchou, direção Juliana Betti (2021)
- Novela Gênesis - Record TV direção de Edgard Miranda (2021)

FICHA TÉCNICA**Mestre-Sala e Porta-Bandeira**

1º Mestre-Sala Marlon Lamar	Idade 27 anos
1ª Porta-Bandeira Lucinha Nobre	Idade 46 anos
2º Mestre-Sala Emanuel Lima	Idade 29 anos
2ª Porta-Bandeira Camyllinha Nascimento	Idade 33 anos
3º Mestre-Sala Vinicius Jesus	Idade 24 anos
3ª Porta-Bandeira Rosilaine Queiroz	Idade 37 anos

Outras informações julgadas necessárias**1º CASAL DE MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA****Nome da fantasia:** Entre o Céu e a Terra**Criação do figurino:** Renato Lage a Márcia Lage**Confecção:** Fernando Magalhães**Ensaiadora:** Camille Sales**Apresentador:** Rhuanderson Albuquerque

O que representa: Neste carnaval de 2022, nosso primeiro casal de Mestre-sala e Porta-bandeira veste fantasia intitulada “Entre o Céu e a Terra”. Segundo a mitologia Iorubá, as grandes árvores sagradas são pontes de contato entre o Orun e o Ayê, isto é, entre o mundo dos vivos e dos mortos, ou ainda entre o material e sobrenatural. Segundo algumas versões, é pelo caule destas árvores que os Deuses primordiais desceram a Terra para realizar a criação. Entre essas árvores merece destaque o Baobá (Igi Oshè), com seus troncos colossais que parecem tocar o céu. Desta forma, Baobás estão presentes na Terra desde os tempos imemoriais. São ancestrais vivos, árvores milenares cujas raízes atreladas ao solo nutrem-se da energia vital que emana do “Berço do mundo”.

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Outras informações julgadas necessárias

Marlon Lamar: Mestre-sala oriundo de São Paulo, passou por escolas como Príncipe Negro, Mocidade Unida da Mooca e Império da Casa Verde, conquistando, nesta última agremiação, o título de campeão do carnaval paulistano. Em 2017, estreou ao lado de Lucinha Nobre na Marquês de Sapucaí, defendendo a Unidos do Porto da Pedra. Desde 2018 ocupa o posto de Primeiro Mestre-sala da Portela.

Lucinha Nobre: Iniciou sua carreira como Primeira Porta-bandeira em 1992, desde então chamando a atenção do público e da crítica. Ao longo dos anos, construiu uma sólida trajetória no mundo do samba, conquistando, entre outros prêmios, cinco Estandartes de Ouro e três Tamborins de Ouro. Também se destaca como apresentadora de eventos e comentarista de carnaval da Rede Globo de televisão. Após defender escolas como Mocidade Independente de Padre Miguel e Unidos da Tijuca, estreou na Portela em 2010, permanecendo como Primeira Porta-bandeira até o carnaval de 2012. Em 2018, retornou à Majestade do samba, sendo um dos trunfos da azul e branco para a conquista do campeonato.

2º CASAL DE MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA

Nome da fantasia: Força Africana

Criação do figurino: Renato Lage a Márcia Lage

Confecção: João Vitor



Apresentador: Edilásio

O que representa: Os africanos possuem uma força vital. A energia primeva que emana do continente desde a criação, presente em todos os seres animados ou não, aquilo que os Irobuanos definem como Axé. Esta “Força africana”, como nosso samba define, foi trazida para o Brasil pelos filhos da Diáspora, estando hoje presente em cada um dos descendentes de escravizados.

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Outras informações julgadas necessárias

Emanuel Lima: Aprendeu a arte da dança no projeto social “primeiros passos”, e, aos oito anos de idade, já desfilava como passista da Majestade do Samba. Como Terceiro Mestre-sala, estreou na Portela em 2018, depois de passar por escolas como Rosa de Ouro, Arame de Ricardo, Lins Imperial e Acadêmicos da Rocinha. Neste carnaval de 2022, Emanuel desfila pela União Cruzmaltina e pela Unidos da Ponte, além de assumir o posto de Segundo Mestre-sala da Portela..

Camyllinha Nascimento: Deu seus primeiros rodopios como Porta-bandeira na escolinha que a avó, Vilma Nascimento, comandava na quadra da Tradição. Foi também na escola de Campinho que estreou na Avenida, sendo a 2ª Porta-bandeira de sua tia, Danielle Nascimento. Com a arte e o talento da família correndo em sua veia, Camyllinha foi Terceira Porta-bandeira da Portela entre os anos de 2014 e 2016. Desde 2017, ocupa o posto de Segunda Porta-bandeira da Majestade do Samba. Desde 2019, também desfila como Primeira Porta-bandeira da Unidos da Ponte.

3º CASAL DE MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA

Nome da fantasia: Riqueza do Maracatu

Criação do figurino: Renato Lage a Márcia Lage

Confecção: João Vitor



O que representa: Desfilando no setor que faz referência às manifestações afro-brasileiras que surgiram de Norte a Sul do país, a fantasia representa a “Riqueza do Maracatu”, manifestação cultural que remonta à época do Brasil colônia, tendo surgido em Pernambuco.

Apresentador: Cleber dos Santos

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Outras informações julgadas necessárias

Vinicius Jesus: Formado pela “Filhos da Águia”, escola de samba mirim da Portela, .Vinicius Jesus é membro de uma tradicional família de portelenses, sendo irmão de Diogo Jesus, 1º Mestre-sala da Portela no carnaval de 2014. Depois de desfilar em escolas como Acadêmicos da Rocinha, Vinicius faz sua estreia como 3º Mestre-sala da Portela.

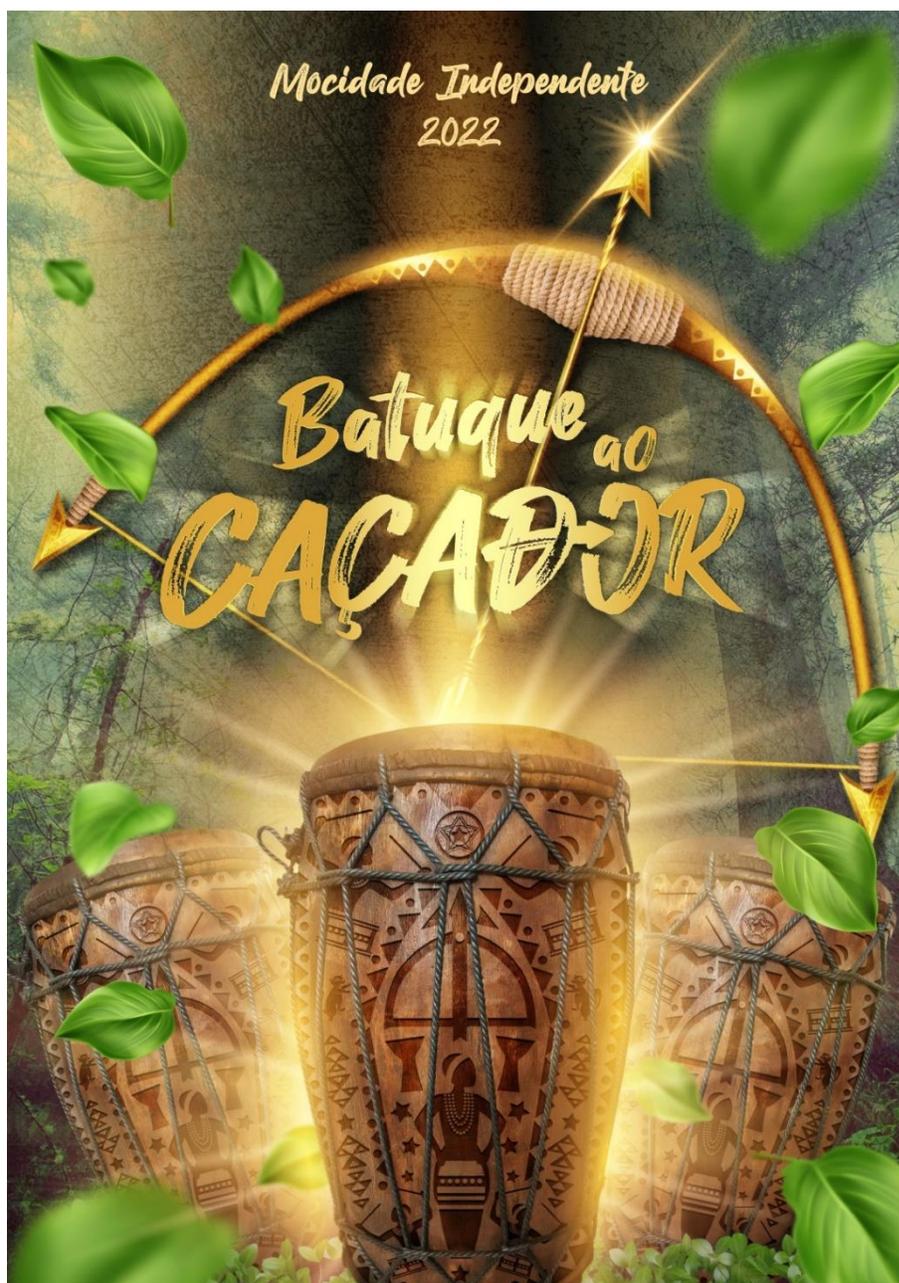
Rosilaine Queiroz: Iniciou a carreira no Império da Tijuca, em 2003. Entre 2004 e 2009, defendeu a Inocentes de Belford Roxo, conquistando, em 2006 e 2008, o prêmio Samba-net de Melhor Porta-bandeira do Grupo B do carnaval carioca. Em 2010 e 2012, defendeu a Acadêmicos do Sossego, de Niterói, e, em 2013, a Unidos de Vila Santa Teresa. Em 2013, também estreou como 2ª Porta-bandeira da Portela, permanecendo até 2016. Após uma breve pausa, retornou ao carnaval em 2018, ocupando desde então o posto de 3ª Porta-bandeira da Majestade do Samba.

G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel



**PRESIDENTE
FLÁVIO SANTOS**

“Batuque ao Caçador”



Carnavalesco
FABIO RICARDO

FICHA TÉCNICA

Enredo

Enredo "Batuque ao Caçador"					
Carnavalesco Fabio Ricardo					
Autor(es) do Enredo Fábio Fabato, Marco Antonio Marino, Fabio Ricardo e André Luis Jr					
Autor(es) da Sinopse do Enredo Fabio Fabato					
Elaborador(es) do Roteiro do Desfile André Luis Jr.					
	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
01	As contribuições culturais dos africanos na América Latina	Bastide, Roger	Editora Ática	1971	Todas
02	Mother is Gold, Father is Glass: Gender and Colonialism in a Yoruba Town	SEMLEY, Lorelle D.	Bloomington: Indiana University Press	2011	Todas
03	Pierre Lendas africanas dos Orixás, ilustrado por Carybé	Verger, Pierre	Salvador-BA Fundação Pierre Verger	2019	Todas
04	Oxóssi	Teixeira, Antonio Alves	Editora eco	2002	Todas
05	Umbanda, Oxóssi se as florestas	Morais, Marcelo Alonso	Primeira edição, Rio de Janeiro: ideias jurídicas	2015	Todas
06	Mitologia dos Orixás; ilustrações de Pedro Rafael	Prandi, Reginaldo	Primeira edição - São Paulo: Cia das Letras	2000	Todas
07	Os senhores dos caminhos: Exu, Ogum, Oxóssi	Araújo, Dalva Silva	5ª edição. Rio de Janeiro: Palas	2010	Todas

FICHA TÉCNICA

Enredo

	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
08	Ifá, o senhor dos destinos	Portugal Filho, Fernandes	Madras	2014	Todas
09	MITOLOGIA DOS ORIXÁS AFRICANOS: história, cultura e religiosidade afro brasileira	Martins, Giovanni	Primeira Edição São Paulo	2018	Todas
10	Livro de ouro dos Orixás	Barbosa Júnior, Ademir	1ª edição, São Paulo: Anubis	2017	Todas
11	Sobre Outras Revoluções Possíveis: O lazer e a festa como forma de resistência nas Ocupações Urbanas da Izidora	GALERA. Izabella.	Tese. Curso Arquitetura e Urbanismo. UFMG Belo Horizonte	2019	Todas
12	<i>Maracatus do Recife</i> . Recife: Irmãos Vitale	GUERRA-PEIXE	Fundação de Cultura Cidade do Recife	1980	Todas
13	<i>Tantas páginas belas</i> : Histórias da Portela. Rio de Janeiro:	SIMAS, Luiz Antonio	Verso Brasil Editora	2012	Todas
14	Da Candelária à Apoteose	GOMYDE, Pérsio	Multifoco, 3ª Edição	2014	Todas
15	O sagrado e o profano [tradução Rogério Fernandes].	ELIADE, Mircea	São Paulo: Martins Fontes	1992	Todas

FICHA TÉCNICA

Enredo

	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
16	Coco de Umbigada: cultura popular como ferramenta de transformação social	BASTOS, Dani.	Recife: Editora Daniela Bastos dos Santos	2011	Todas
17	Festa e morte: um olhar sobre redes educativas e rituais fúnebres afrodescendentes	MARCELINA, Elaine; SANFILIPPO, Lucio Bernard	Seminário Redes. Proped/UERJ	2017	Todas
18	Mitologia dos Orixás. 14. reimpr	PRANDI, Reginaldo	Rio de Janeiro Companhia das Letras	2001	Todas
19	Danças de matriz africana: antropologia do movimento	SABINO, Jorge; LODY, Raul	Rio de Janeiro Pallas	2011	Todas
20	Aguaré: caminhos de transbordamento na afro-diáspora	SANFILIPPO, Lucio Bernard	Rio de Janeiro Proped/UERJ	2016	Todas
21	Um discurso sobre as ciências. 5. ed.	SANTOS, Boaventura de Sousa	São Paulo Cortez	2010	Todas
22	A gramática do tempo: para uma nova cultura política	SANTOS, Boaventura de Sousa	São Paulo Cortez	2008	Todas
23	Oxóssi, o caçador de alegrias	SANTOS, Maria Stella de Azevedo	Salvador: Fundação Pedro Calmon	2011	Todas
24	Meu Tempo é Agora. 2ª edição	SANTOS, Maris Stella de Azevedo	Salvador: Assembleia Legislativa do Estado da Bahia	2010	Todas

FICHA TÉCNICA

Enredo

	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
25	Pedrinhas miudinhas: ensaios sobre ruas, aldeias e terreiros	SIMAS, Luiz Antonio	Rio de Janeiro: Mórula Editorial	2013	Todas
26	O Corpo Encantado das Ruas	SIMAS, Luiz Antonio	Rio de Janeiro: Civilização Brasileira	2019	Todas
27	RUFINO, Luiz. A Cidade é Terreiro	SIMAS, Luiz Antonio	Disponível em http://hisbrasileiras.blogspot.com.br/2016/10/a-cidade-e-terreiro.html	Acesso 04/10/2017	Todas
28	RUFINO, Luiz. Fogo no Mato - A Ciência Encantada das Macumbas	SIMAS, Luiz Antonio	Rio de Janeiro: Mórula Editorial,	2018	Todas
29	O Terreiro e a Cidade	SODRÉ, Muniz	Petrópolis: Vozes	1988	Todas
30	Pensar Nagô	SODRÉ, Muniz	Petrópolis: Vozes	2017	Todas
31	<i>Samba: o dono do corpo</i>	SODRÉ, Muniz	Rio de Janeiro: Mauad	2007	Todas
32	A Festa e a Cidade	SOUZA, Marcos Felipe Sudré	Belo Horizonte: Escola de Arquitetura da UFGM	2010	Todas

FICHA TÉCNICA

Enredo

	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
33	A Galinha d'Angola: Iniciação e Identidade na Cultura Afro-Brasileira	VOGEL, Arno; MELLO, Marco Antonio da Silva; BARROS, José Flávio Pessoa de	Rio de Janeiro: Pallas	1993	Todas
34	Entre Tambores e Procissões: Festas e Frestas da Brasilidade	Aulas com LUIZ ANTÔNIO SIMAS, LUCIO SANFILIPPO	Curso on-line	-	Todas
35	As Três Irmãs como um Trio de Penetas Arrrombou a Festa – Mocidade, Imperatriz e Beija-Flor	FABATO, Fábio MEDEIROS, Alexandre; DINZ, Alan;	1ª edição, Rio de Janeiro: NovaTerra	2012	Todas
36	Estrela que me faz Sonhar: Histórias da Mocidade	PEREIRA, Barbara	1ª edição, Rio de Janeiro: Verso Brasil	2014	Todas
37	Mestre Dudu: As Paradinhas da Não Existe Mais Quente	LOPES, Gabriel	1ª edição, Rio de Janeiro	2021	Todas

Outras informações julgadas necessárias

HISTÓRICO DO ENREDO

BATUQUE AO CAÇADOR

Há aqueles que pensam ser somente um o caminho para a produção de conhecimentos. Universos inteiros têm sido silenciados diante da dificuldade de compreender que o mundo é rico na diversidade.

Nosso enredo “Batuque ao Caçador” nos faz visitar a ancestralidade, e perceber que, embora quase tornados invisíveis pelos preconceitos, o canto, o batuque, a crença de um povo sobrevivem.

Para cada chicote ou joelhada que sufoca um negro, um batuque se impõe em um clamor que precisa desconstruir os preconceitos.

Nossa narrativa, de mãos dadas com Oxóssi, percorre um caminho de resistência, de reconhecimento e de reverência aos ancestrais; uma busca por origens; um resgate às tradições africanas que nos legou uma religião intensa, visceral e de profunda grandeza.

JUSTIFICATIVA DO ENREDO

"Se a única coisa de que o homem terá certeza é a morte; a única certeza do brasileiro é o carnaval no próximo ano."

Graciliano Ramos

"Poesia é a descoberta das coisas que eu nunca vi"

Oswald de Andrade

Ainda sem acreditar no pesadelo vivido, a humanidade se pergunta sobre sua história, sua origem e seu legado. As grandes certezas se perderam, aquele carnaval que não veio, deixou, além de um sabor amargo, a esperança de tempos melhores. Um novo tempo de pensar sobre a vida, sobre o futuro, sem perder de vista o passado, sem deixar morrer a tradição. Alguns eventos nos fazem renascer, nos exigem reinvenção, momentos que nos fazem perceber que nosso legado deve ser mantido para gerações futuras.

O teórico Walter Benjamin trabalha o conceito de "aura", um olhar que nos obriga a levantar os olhos e perceber a sacralidade das coisas, a poesia escondida, a batida antiga repleta de significados ocultos os quais poderiam ter se perdido na história.

Quando quase se perde tudo - vidas, sonhos e esperanças - o momento seguinte é de respirar, resgatar as histórias e colocar o batuque para abrir caminho, vencer a luta, celebrar a vitória. Resgatar essa história é resgatar nossa identidade. É dentro desse contexto que inserimos nosso enredo!

Na sociedade tradicional dos iorubás, o mito explica o passado, a origem de tudo; através dele, se interpreta o caos do presente e se prediz o futuro.

Ao longo da história ocidental, os africanos foram conquistados, escravizados, inferiorizados, estigmatizados. Apesar de tudo isso, o culto sagrado africano se sobressaiu pela beleza ritualista, pela riqueza simbólica do seu panteão mítico - uma tradição espiritual que permaneceu preservada a duras penas.

Como os iorubás não conheciam a escrita, seu corpo mítico era transmitido oralmente, por isso há uma profusão de histórias e lendas a respeito das religiões de matriz africana, um conto de forças cósmicas, telúricas. Ainda que silenciada nas escolas brasileiras, cuja ênfase recai nos mitos gregos e latinos, essas religiões são caracterizadas pela resistência e pela resignificação.

Esses povos concebem seus deuses e deusas como seres sobrenaturais, bastante parecidos com os humanos. A exemplo do que veremos com Oxóssi, inspiração do enredo - os orixás alegram-se, sofrem, vencem, perdem, conquistam, são conquistados, amam e odeiam.

O conjunto de mitos, narrativas e lendas, chamados em iorubá de “itans”, dão conta de que Orunmilá, o guardião do Ifá, o oráculo sagrado, era o adivinho que transmitia aos sacerdotes todas as histórias dos seus povos. Ele reunia todo o conhecimento necessário para desvendar os mistérios sobre a origem e o governo do mundo. Orunmilá conduz a história de Oxóssi, o Oxotocanxoxô, guerreiro de uma flecha só que, com seu batuque, doravante também chamado de “agueré”, transmite lições de luta e de resistência.

Como que inspirado por uma entidade da poesia, ousamos parafrasear Fernando Pessoa, cujas palavras são também repletas de encantamentos...

*“Para ser grande, sê inteiro: nada teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa. Põe esse “batuque, esse axé”, o quanto és, no mínimo que fazes”.*

O mito de Oxóssi atravessou oceanos e gerações, embora tentassem aniquilá-lo, silenciá-lo, conseguiu resistir, ser grande, ser todo, ser inteiro.

Nota 1

Durante o enredo, usaremos o termo “religiões de matriz africana” para se referir às religiões que se desenvolveram a partir do processo vindo dos povos escravizados do continente africano. Dessa forma, recorreremos aos ritos e aos mitos da Umbanda, do Candomblé e do Omolokô para construir nossa narrativa.

Nota 2

Poema de Fernando Pessoa

*Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
No mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda
Brilha, porque alta vive.*

SETORIZAÇÃO

“Somos um país forjado em pelourinhos, senzalas, tambores silenciados, arrogância dos bacharéis, chicote dos capatazes. Um Brasil bem-sucedido como projeto de aniquilação. Acontece que no meio de tudo isso, produzimos formas originais de inventar a vida onde amiúde só a morte poderia triunfar. Uma brasilidade forjada nas miudezas da nossa gente, alumbrada pela subversão dos couros percutidos, capaz de transformar a chibata em baqueta que faz o atabaque chamar o mundo e produzir incessantemente a vida”

Luiz Antônio Simas

1º setor

Okê Arô

Abrimos o primeiro setor saudando Oxóssi, guerreiro, o dono da mata e da mira certa. Espelho de muitos de nós que, com poucos recursos, não pode desperdiçar a única chance de sobreviver, de ser feliz e de conquistar seus objetivos.

Okê Arô! Salve o guerreiro Oxóssi!

Os tambores - símbolo mágico da conexão com a ancestralidade - nos ajudam a contar essa narrativa. O batuque - produto encantado da interação do homem com o tambor - anuncia que Orunmilá, o guardião da sabedoria, faz uma revelação a Oxóssi:

“A luz que te ilumina é uma estrela!”

Dessa forma, Oxóssi se converte em Mutalambô, a face divina do Odé, do guerreiro, do caçador.

Segundo a profecia, Oxóssi - caçador INDEPENDENTE - teria sua história entrelaçada com as estrelas desde sua MOCIDADE. Ficou decretado que todos os odés protegeriam o pavilhão verde e branco e, por isso, independente de enredo, um BATUQUE AO CAÇADOR seria sempre executado em homenagem a eles.

2º Setor

“Nos Idilês, a ancestralidade”: a linhagem de Oxóssi

Orunmilá narra os “idilês” de Oxóssi, suas relações familiares, suas interações com os amigos e com o mundo. O guerreiro, filho de Iemanjá com Oxalá, era irmão de Exu, de Ogum. Com eles, aprendeu lições que marcariam sua trajetória.

Exu - o orixá mensageiro, aquele que conhece os mistérios dos homens e da natureza, que “abre os caminhos” - encoraja seu irmão Oxóssi a correr o mundo em busca de conhecimento.

Com Ogum, senhor do ferro e da tecnologia, Oxóssi aprende a caçar. Conta Orunmilá que Ogum encontrou o irmão muito triste ao ver sua aldeia ser destruída. Ogum, então, o ensinou a arte da guerra e da caça, fazendo dele um Odé - o grande guerreiro caçador.

Iemanjá, mãe de Oxóssi, ensina ao filho como a floresta e o mar - infinitos em recursos para sobrevivência - precisam ser bem cuidados. Ela o incentiva a dividir essa fartura de forma justa entre todos. Quando brigava com seu rebento, a orixá, mãe das águas, segundo Orunmilá, chorava tanto que suas lágrimas se transformavam em rios.

Com Ocô e Ossain, Oxóssi desenvolve uma relação quase fraternal de trocas e aprendizagens. Ocô, o orixá da agricultura, ensina o guerreiro a plantar e a colher de forma que ajuda seu povo a superar a escassez de alimentos e a vencer a fome.

Oxóssi também morou com Ossain na mata, para desespero de Iemanjá e de Ogum, que queriam o guerreiro de volta. Com Ossain, ele se interessa pelo segredo das folhas e pelos mistérios da floresta, tornando-se, assim, um grande sábio e feiticeiro.

Oxóssi, sempre atento, aprendeu e assimilou rápido as lições que lhe foram passadas, sobretudo soube compartilhá-las com quem precisasse.

3º Setor

Os itans do Ogboju Odé: as histórias e as lendas de um corajoso e volúvel caçador

O primeiro romance na língua iorubá foi Ogboju Odé (o corajoso guerreiro) no qual aprendemos as lendas da floresta, os “itans” dos caçadores.

Em um desses itans, Orunmilá, aquele que tudo sabe, conta que Otim, um rapaz com corpo de mulher, nascido com quatro seios, envergonhado e solitário, foi viver na floresta. Sonhou que um caçador lhe pedia para fazer um “ebó”, uma oferenda, mas, em contrapartida, ele deveria oferecer suas roupas e facas ao guerreiro. Fez exatamente como no sonho. Nesse momento, surge Oxóssi, já um grande caçador, a quem passa a acompanhar em todos os lugares. Enquanto Oxóssi levava os alimentos, Otim levava água potável. O cuidado com o próximo trouxe autoconfiança para Otim. Oxóssi, feliz em ajudar o jovem a vencer suas questões, mostra como soube aproveitar as lições que aprendeu.

O corajoso caçador também partiu muitos corações. Contam as histórias, que Iansã, também chamada Oyá, a senhora dos ventos e da tempestade, se apaixonou perdidamente por Oxóssi. Apesar da paixão imensa entre eles, Oxóssi não conseguia ser fiel. A senhora dos ventos resolve deixar Oxóssi e se transformar em borboleta. Desesperado, o orixá correu o mundo caçando borboletas na esperança de rever o seu amor.

Outro amor arrebatador do guerreiro foi Oxum, orixá das águas. Juntos concebem Logunedé, príncipe do encanto e da magia. Vaidosos ao extremo e brigando com frequência, Oxóssi e Oxum se separam e decidem que o filho viveria metade do ano nas matas, com o pai, e a outra metade, no rio, com a mãe. Logunedé se torna, assim, um grande guerreiro, amante das plantas e, ao mesmo tempo, um conhecedor dos mistérios das águas.

A rebeldia de Oxóssi é algo latente em todas as narrativas do caçador. Avesso à morte, Oxóssi - expressão da energia vital - não se importava com o quanto poderia viver, desde que se vivesse intensamente.

Conta Orunmilá que Oxóssi, desobedecendo aos pedidos de sua mãe para não caçar nos dias sagrados, lançou sua flecha e capturou uma serpente enorme, “lhe deu um nó” e a levou para casa. O animal, na verdade, era Oxumaré que, disfarçado, se enroscou no corpo do caçador e o devorou. Iemanjá e Oxum rogaram muito a Oxalá para que ressuscitasse o guerreiro. Esse foi o primeiro renascimento do guerreiro.

Outro itan narrado por Orunmilá, conta que Oxalá queria ornar seu palácio com joias brancas. O orixá, então, delega a Oxóssi a missão de encontrar esse elemento mágico pelas florestas. Com sua flecha sagrada, Oxóssi Inlé, o caçador de elefantes, encontra no inquebrantável marfim, o símbolo perfeito que Oxalá procurava.

Por conta disso, nosso odé Oxóssi tem permissão para entrar no reino de Oxalá.

Depois disso, Oxalá faz um novo pedido: Oxóssi deveria trazer um pássaro sagrado para Oxalá. O guerreiro correu o mundo atrás do animal; mas, ao capturá-lo, precisou ainda vencer uma série de feitiços e de armadilhas. Exausto e quase desfalecido, entregou a Oxalá somente duas penas do pássaro. Oxalá, em reconhecimento a tanto esforço, o faz renascer novamente, lhe entrega o diadema, sua coroa sagrada, e o proclama Ministro Sagrado do Reino.

Seja ensinando ou aprendendo, amando ou traindo, a história de Oxóssi é marcada pelo renascimento, uma narrativa que se conecta a todos nós como lição ou espelhamento da necessidade de lutar, de prover, e de sobreviver às demandas do dia a dia.

4º Setor

As histórias de Alaketu: a escravidão e a semente da fé

Segundo os itans, quando Oxóssi saiu para buscar comida para sua gente, se dispersou, ao se encantar com a beleza das orixás. Ele demorou muito para voltar e socorrer seu povo. Com a demora, os companheiros da tribo de Oxóssi, famintos, sentiram-se traídos e começaram a lhe atirar flechas. Oxum, para protegê-lo, entoou cantigas que desviram as mortíferas flechadas:

“A ti re Okê. Ate re nu balé ba re iô”.
(“do alto, restauro a confiança em ti e te protejo, caçador”)

A orixá das águas guiou Oxóssi na fuga, encontrando um refúgio na cidade de Ketu - uma das mais antigas capitais dos iorubás, antigo reino da atual cidade de Benin, na África. Lá, Oxóssi se torna o Rei da cidade. O orixá, corajoso e amado por sua gente, segundo as lendas, intensifica a fé da população nos rituais sagrados.

Alaketu, o rei de Ketu, deveria zelar e cuidar do Araketu, o povo da cidade, conhecido por sua alegria e pelo engajamento de suas mulheres.

Para além das lendas e dos mitos, segundo a historiografia, o reino de Ketu, diferente da tradição patriarcal africana, era conhecido por ter cargos do governo ocupados não só por homens, mas também por mulheres. A elas cabiam as funções de vigiar e de denunciar ao Rei tudo o que os homens faziam. Essas mulheres integravam o poderoso exército do reino, sendo consideradas como leas, fortes, destemidas. Elas eram responsáveis ainda por comandar os rituais sagrados.

A pesquisadora Lorelle Semly, analisando as mulheres de Ketu, em seu livro “A mãe é de ouro, o pai é de vidro”, a partir do título, traça uma metáfora que aponta a força e o protagonismo das mulheres do reino em comparação à fragilidade dos homens, menos comprometidos com a defesa e com os rituais do que as mulheres.

Dentro desses rituais, os tambores possuíam “gramáticas” próprias, contando histórias, conversando com o povo, modelando condutas. Havia toques para expressar conquistas, alegrias, tristezas, colheitas; havia outros toques que anunciavam a vida e ainda os que celebravam a morte ou anunciavam os reis.

Em todos os rituais, fosse de guerra, de festa ou de culto, os guerreiros de Ketu tinham por hábito tocar um ritmo forte imitando a caça. Esse batuque chamado de Agueré de Oxóssi é o toque consagrado ao orixá - o patrono da cidade. (Como veremos à frente, a bateria da Mocidade Independente de Padre Miguel sempre foi caracterizada por tocar esse Agueré, ritmo forte que, independente de enredo, é uma marca da escola de Padre Miguel).

O batuque em homenagem ao caçador que, outrora, anunciou a coroação de tantos reis, também anunciou um dos momentos mais terríveis da história da cidade. O tambor comunica, por hora, o rito da guerra e, sobretudo, a esperança de paz.

O fato é que o Reino de Daomé, vizinho a Ketu, um dos maiores exportadores de escravos para as Américas, desde o século XVII, guerreava contra povos do entorno para obter prisioneiros. Daomé foi um dos principais inimigos de Ketu, invadindo a cidade, prendendo e vendendo seus cidadãos para toda América escravocrata.

A historiografia descreve as várias trocas de correspondências entre os reis de Portugal com a realeza de Daomé. Nessas cartas, eles negociavam armas e privilégios para dar continuidade ao comércio de escravos com o Brasil. Dessa forma, as tropas de Daomé, mais bem aparelhadas e financiadas pelo Reino Português, destruíram o Reino de Ketu, por interesses comerciais, e tentaram pôr um fim a uma história rica de crenças e de mitos.

Apesar de defesas formidáveis, Ketu foi destruída pelos daomeanos em 1886.

Parafraseando Euclides da Cunha, em “O Sertão”, diríamos que “*Ketu não se rendeu! Exemplo único em toda a história, resistiu até o esgotamento completo. Vencido palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu (...) quando caíram os seus últimos defensores (...) na frente dos quais rugiam raivosamente muitos soldados*”, neste caso, *também financiados pelo Reino Português na sua ambição colonizadora escravocrata.*

Com a destruição de Ketu, o culto de Oxóssi, segundo Pierre Verger, quase se extingue na África, mas acaba sendo bastante difundido no Novo Mundo, tanto em Cuba como no Brasil, uma vez que os iniciados de Oxóssi foram vendidos como escravos.

Os itans de Oxóssi e a crença do povo de Ketu renasceriam com os africanos que chegaram à América.

Matam o homem, escravizam um povo. O símbolo, o mito, a crença, como diria o psiquiatra suíço Carl Gustav Jung, não se perdem, retornam eternamente.

Mesmo em se tratando de narrativas orais, marcadas pela ausência de documentos escritos, o simbólico, o imortal e o coletivo renascerão como sementes por onde forem. Foi assim com Oxóssi.

5º Setor

Sincretismo: “Ibualama, o mar atravessou”

“Jurei mentiras e sigo sozinho, assumo os pecados (...)

E o que me resta é só um gemido

Minha vida, meus mortos, meus caminhos tortos,

Meu sangue latino, minha alma cativa

Rompí tratados, traí os ritos (...)

Um grito, um desabafo

E o que me importa é não estar vencido”

O sistema escravocrata trouxe para o Brasil aproximadamente quatro milhões de africanos considerados a força motriz da nação.

O Atlântico se convertera, então, em uma gigantesca encruzilhada pela qual atravessaram sabedorias, memórias e experiências que, vindas de longe, precisaram se reinventar.

Ao cruzar o oceano rumo ao desconhecido, sob a condição de escravos, era exigido que os africanos “jurando mentiras”, assumindo um conceito equivocado de “pecado”, passassem por um batismo e se tornassem “cristãos”.

A religiosidade africana bem como a riqueza e a diversidade cultural dos recém-chegados eram sentidas como uma afronta à ideologia cristã europeia. As doutrinas religiosas africanas logo precisaram se fundir com as crenças locais em um processo de ressignificação. Nas palavras de Pierre Verger, esse sincretismo era como uma máscara que permitia a sobrevivência dos cultos afro-brasileiros.

Mesmo que em terra natal, tenham tentado pôr fim a seu culto, Ibualama, o espírito de Oxóssi, o velho caçador, atravessa o mar, sobrevive, se fortalece, se ressignifica.

Na Bahia, o sincretismo de Oxóssi se deu com **São Jorge**. Na Capadócia, Jorge tal qual uma divindade africana, foi um guerreiro que lutou contra os desmandos do imperador Diocleciano.

No Rio de Janeiro, Oxóssi foi sincretizado através da figura de **São Sebastião** - padroeiro da cidade e protetor das epidemias. Ambos são reverenciados dia 20 de janeiro.

Além da simbologia das flechas, comum a eles, os dois unem a ideia da luta contra a injustiça e contra as forças negativas que atrapalham o desenvolvimento espiritual das pessoas.

A Umbanda - religião propriamente brasileira, marcada pelo forte sincretismo entre catolicismo, espiritismo e religiões afro-brasileiras - foi se estabelecendo, em nosso solo, através de fragmentos de memórias e discursos orais de uma tradição milenar. Muitos africanos, acostumados a cultuar divindades com origem na natureza, logo viram similaridades com os espíritos da nova terra.

A crença do Caboclo marca um momento de trocas entre índios e negros, que compartilhavam ritos e ervas - uma integração da ancestralidade indígena com a africana. Os **Caboclos**, aos quais pertencem à linha de Oxóssi, estão entre os mais cultuados na Umbanda, podendo ser citadas as seguintes divindades: Aimoré, Pena Branca e Cabocla Jurema. As vibrações dos espíritos desses Caboclos são sempre positivas, eles não alimentam a disputa, apenas buscam um ambiente de paz.

Da mesma forma que os negros recém-chegados de Ketu interagiram com os índios, outros se conectaram com o homem do campo: vaqueiros, boiadeiros. O culto aos Boiadeiros, na Umbanda, aponta para as lições de respeito à natureza e aos animais, ideias compartilhadas com os preceitos advindos dos rituais africanos. Geralmente, essas entidades atuam com a irradiação de Oxóssi, Ogum e Iansã.

Diferente da Umbanda, essencialmente brasileira, o Candomblé, vertente religiosa que preza pelo respeito à herança da ancestralidade africana, também chegou ao Brasil com a escravidão.

Sacerdotisas e princesas, vindas de Ketu na condição de escravas, fundaram o mais antigo terreiro que se tem registro no Brasil, o terreiro da Casa Branca do Engenho Velho, e procuraram se manter fiéis aos ensinamentos originais, reproduzindo os rituais, as rezas, as lendas, as cantigas e as comidas.

As muitas casas de Candomblé, o Gantois e a Nação Ketu, que têm Oxóssi como patrono, reforçam a expressão da cultura Africana em solo Brasileiro. Nesses ambientes, ocorre a “iniciação Ketu” ou “feitura de cabeça”, um ritual praticamente extinto na cidade de Oxóssi, mas que renasceu nos locais para onde os seus seguidores foram trazidos. Em retiro, as Iaôs, ou filhas de santo, se afastam da vida profana e da família e se iniciam nos ritos do Candomblé e no batuque, aprendendo preceitos, rezas, cantigas.

O fato é que o culto a Oxóssi renasceria como semente nas terras do Novo Mundo. Podem dizimar uma cidade, escravizar seu povo, batizar e evangelizar os escravos, a força simbólica da fé, no entanto, se ergue, se impõe, vence as ambições mundanas.

A história da escravidão é, pois, uma experiência de reconstrução, de reinvenção, de superação, de transbordamento.

As culturas africanas, aparentemente destroçadas e fragmentadas pela experiência do cativo, se redefiniram a partir da criação de instituições como os terreiros de santo e as agremiações carnavalescas. O batuque de guerra de outrora, por hora, ecoa o toque da resistência, da esperança e do renascimento!

Apesar da alma cativa, “o que importa é não estar vencido”.

6º SETOR

Todo Ogã da Mocidade é cria do Mestre André

O carnaval traz lições que nos ensinam a ler nas entrelinhas, a desvendar a aura daquilo que estava diante dos nossos olhos, mas que não conseguíamos ver. Se o tambor fosse um livro, os aguidavis, as baquetas sagradas, um instrumento de escrita, o batuque contaria uma história. Os mais sábios dos terreiros sempre afirmaram que os atabaques conversam com os homens, que cada toque guarda um discurso, passa uma mensagem, conta uma história.

As Escolas de Samba e os Terreiros eram, em certa medida, extensões de uma mesma coisa: instituições cujo objetivo seria manter e reunir um legado ancestral, não permitindo que tanta riqueza histórica desaparecesse.

Diferente do prestígio atual, símbolo da cultura brasileira, o samba, no início do século 20, trazia um estigma marginal. Músicos e frequentadores das rodas de samba, populares nas periferias das cidades, eram perseguidos pela polícia. Os sambistas de origem pobre, periférica e negra eram detidos por tocarem nas ruas, e eram enquadrados na Lei da Vadiagem e Capoeiragem de 1890. Por conta disso, as manifestações culturais da população negra, altamente estigmatizadas e marcadas por forte preconceito, passaram a acontecer em ambientes privados, nas casas de "tias", maneira como eram chamados os terreiros religiosos (curioso notar como ainda chamamos de “terreiros do samba” locais de festas carnavalescas, pagodes - termo herdado desse contexto).

Eram os ogãs da casa de santo, responsáveis pelos toques sagrados, que geralmente levavam, para as baterias das escolas de samba, aquilo que ouviam no “centro”.

Seu Tiozinho, famoso compositor da Mocidade Independente de Padre Miguel, em entrevista ao pesquisador Lucio Sanfilippo, lembra que, quando a escola foi criada, os percussionistas tinham uma forte relação com o terreiro da Tia Chica, famosa mãe de santo do bairro e responsável por escolher as cores do pavilhão da escola. Reza a lenda que ninguém rumava aos ensaios da Mocidade ou aos jogos de futebol sem passar antes pelo terreiro dela para receber sua benção.

Mestre André, o lendário mestre de bateria da Mocidade, era filho de santo e ogã do terreiro de Tia Chica. Ela teria pedido a ele que fizesse um batuque para honrar Oxóssi, o orixá padroeiro da escola e da bateria. Atendendo ao pedido dela, o músico conseguiu criar com maestria um toque “em cima do agueré de Oxóssi”, um ritmo percebido principalmente na caixa de guerra (“mandinga da Tia Chica fez a caixa guerrear”). Foi esse ritmo que transbordou para além dos muros das casas de santo e se transformou no “FUNDAMENTO que A BATIDA INCORPOROU”.

Além disso, André, em sua genialidade, foi responsável por inovações, como as famosas paradinhas e a afinação “invertida” dos surdos. A Mocidade, diferente das baterias das outras agremiações, tem seus surdos de primeira afinados no estilo “médio-agudo ou agudo”, enquanto os surdos de segunda têm uma afinação grave. São características como essas que trazem para a bateria uma identidade única e um ritmo marcante. Além disso, Mestre André percebeu a originalidade e a “imaginação percussiva” de Tião Miquimba, criador do surdo de terceira - uma batida que nasce do improviso, um ritmo sincopado que preenche os tempos marcados pelos outros dois surdos. Atento, André também implementou essa bossa em sua bateria. A inovação deu tão certo que hoje é utilizada em inúmeras escolas de samba.

As lições passadas de geração para geração, permitiram que a “NÃO EXISTE MAIS QUENTE”, mantivesse suas características.

A família Oliveira, por exemplo, uma espécie de dinastia da comunidade, tem sua história extremamente conectada com a da Mocidade. Desde um dos fundadores da escola, “Orozimbo de Oliveira”, passando por Mestre Jorjão que se iniciou na bateria mirim criada pelo Mestre André ainda aos seis anos de idade. Ele conquistou dois importantes Estandartes de Ouro da escola. Hoje, a Mocidade é composta por muitos Oliveiras, que vão desde baianas e assistidas até membros da bateria. Outro importante mestre de bateria, Mestre Coé, comandou a bateria de 1995 até 2004. Seu filho, Carlos Eduardo, trilhou seus passos, tendo começado, aos oito anos, também na bateria da Estrelinha da Mocidade (aquela criada por Mestre André). Hoje, ele é o atual mestre de Bateria da Mocidade. Mestre Dudu carrega consigo a tradição do trabalho em família. Por isso, a escola canta em uníssono: “todo ogã da Mocidade é cria de Mestre André”.

Nessa constelação infinita, árvore genealógica que se entronca na história da escola, temos ainda Quirino, famoso cuiqueiro da escola que levou nosso ritmo pelo mundo. A famosa “cuíca com as moedas” o acompanhou até 2006, quando passou para as mãos de seu filho Quirinho, que assumiu o legado do pai. Em 2010, essa lendária cuíca chegou às mãos de Eryck Quirino Neto, a terceira geração.

Esses herdeiros da verdadeira dinastia do samba perpetuam um conhecimento passado de pai para filho, eternizando as conexões com a ancestralidade. Todos eles caçadores de axé, como Oxóssi, certos em seus propósitos, mostram que o Batuque ao Caçador, outrora ritmo de guerra, de morte, de resistência, hoje é energia que embala multidões para além das durezas do cotidiano.

Da clandestinidade ao palco do mundo, as escolas de samba, cada qual a sua maneira, apresentam uma “gramática”, um toque único, uma ligação mágica que a conecta com a ancestralidade.

O “agueré” de Oxóssi transbordou para além dos muros das casas de santo que, em cujos quintais, foi, por muito tempo, confinado.

Além dos tambores do carnaval carioca, o toque do Olodum, o Cortejo Afro, o bloco Bankoma, o Ilê Aiyê, o Afoxé, o Frevo, a Ciranda, a Caixa do Maracatu, entre tantos outros, são “memórias ancestrais” que transbordaram os limites em que foram confinados. Para Luiz Antônio Simas, tudo isso hoje nos ajuda a perceber, entre “Frestas e Festas”, como processos culturais sofisticados, desenvolvidos em meio à mazela do cativo dos negros africanos, se adaptam, resistem e se revelam.

✓ **O fundamento que a batida incorporou: momentos inesquecíveis da bateria**

Em 1958, com apenas três anos de existência oficial, a Mocidade seria campeã da chamada segunda divisão - uma espécie de Série A - ao se apresentar na Praça Onze. O enredo “Apoteose do Samba” explicava a origem do carnaval a partir do terreiro com “um preto velho” amarrado no tronco. O ponto alto do desfile que permitiu a agremiação desfilar, no ano seguinte, pela primeira vez entre as grandes escolas, foi a bateria comandada pelo então jovem Mestre André, que já trazia no batuque aquela bossa diferente aprendida nos terreiros da Tia Chica.

Em crônica, no jornal “O Dia”, Arthur da Távola lembra que, “na bateria de Mestre André, estavam todas as crianças a quem ele passava a lição: lá estavam os deuses escondidos das religiões oprimidas, (...) centenas de mãos pobres batendo na miséria e na injustiça, não com golpes de destruição, mas com a percussão da harmonia e da esperança”.

As lições passadas de geração para geração, como lembrou o cronista, fez a “NÃO EXISTE MAIS QUENTE”, a bateria da Mocidade, ser inovadora, sem perder a conexão com a ancestralidade.

Entre tantos momentos marcantes, lembramos que, em 1985, a Mocidade desfilou na Sapucaí com o antológico enredo “Ziriguidum 2001”. A bateria comandada por Mestre Bira veio fantasiada de astronauta dourado, um dos momentos históricos do carnaval carioca. Independente do enredo, os ritmistas seguiam com sua batida forte, e a bateria evocava a cadência e a astúcia do caçador, simbolicamente levado para o espaço sideral.

Outro momento inesquecível da Mocidade foi, segundo o professor e pesquisador Pêrsio Gomyde, em seu livro “Da Candelária à Apoteose”, a visão daquela “metrópole-tupiniquim-futurista” de Fernando Pinto em 1987. Enquanto a bateria, comandada por Mestre Bira, vinha vestida de índio metaleiro-roqueiro com saias de penas, o batuque evocava a força da ancestralidade.

Em 1991, foi a vez de Mestre Jorjão vir à frente da bateria, no enredo “Chuê Chuá, as águas vão rolar”. Os ritmistas que tocavam a caixa de guerra, mesmo vestidos de mergulhadores, seguiam a tradição do batuque ancestral, e assim, celebrariam o primeiro Estandarte de Ouro da “Não Existe Mais Quente”.

Em 1992, bateria ainda com Mestre Jorjão, por sua excelência, pelo segundo ano consecutivo, ganha o Estandarte de Ouro. Os ritmistas, vestidos simbolicamente como o inseto esperança - com tons verdes e amarelos - representavam os sonhos e os anseios do povo brasileiro em um enredo que falava “Sonhar não custa nada”. Independente de fantasia ou de enredo, a cadência retomava os velhos ensinamentos.

Em 2001, mais um Estandarte de Ouro para a bateria, agora comandada por Mestre Coé. Ritmistas vestidos como o líder indiano Mahatma Gandhi, com as cabeças raspadas, celebravam a cultura da não violência em um enredo desenvolvido por Renato Lage e Márcia Látia.

Em 2017, dando continuidade a uma tradição do pai que deixa sua lição para o rebento, a bateria comandada por Mestre Dudu, filho do Mestre Coé, homenageava “Simbad”, o Marujo Independente das Mil e uma Noites. Independente de enredo, a batida ao caçador sempre acompanhou a história da escola: um toque de guerra, de resistência.

✓ **Palavras finais... ARERÊ ...ARERÊ COMORODE**

Podemos afirmar que a história da escravidão é, a um só tempo, uma experiência de reconstrução constante, de invenção e de vida. As culturas africanas, aparentemente destroçadas pela fragmentação trazida pela experiência do cativo, precisaram se redefinir; e conseguiram, com muita luta, se reafirmar. O batuque foi uma dessas estratégias que ludibriaram a censura e o preconceito, mesclando o terreiro e o samba, permitindo que a riqueza de uma cultura milenar permanecesse até hoje encantando multidões. Parafraseando Fernando Pessoa, a cultura que cruzou o atlântico conseguiu “ser grande”, ser inteira, nada exagerando ou excluindo, mas, sobretudo, conseguiu ser, “o todo, em cada coisa”, pondo “o quanto é no mínimo que faz”.

Como disse Oswald de Andrade, citado no início do enredo, “a poesia é a descoberta das coisas que eu nunca vi”. Redescobrimos, na bateria da Mocidade, “agueré”, a conexão ancestral, o legado que tentaram apagar, mas que “re-existe”. Mesmo que, durante alguns anos, os enredos tenham sido determinados pela ditadura militar, uma escuta atenta conseguiria perceber um toque que subvertia a ordem, um batuque que não acatava as imposições e se fazia ouvir no silêncio da ignorância.

Esse é um enredo que retoma a poesia, a “aura” não vista, a ancestralidade que tentaram esconder, um enredo que narra uma história de resistência.

Depois de tanto batuque, retornando ao passado e ressignificando o presente, aprendemos com Oxóssi a sobreviver, a ser certo. Mesmo dispondo de poucos recursos, aprendemos a buscar, em todos os lugares, o “axé” - a energia que nos impulsiona na vida.

Ele nos fez lembrar que o batuque do terreiro se conecta ao batuque da avenida, toque que nos faz vivos, força que bate dentro do peito, coração pulsando.

O filósofo alemão Nietzsche, em “Assim falou Zaratustra”, disse não acreditar em um Deus que não dança. Com o batuque, os corpos entram nesse transe apoteótico e todos se convertem em deuses que dançam e celebram a vida.

Universos inteiros têm sido silenciados por forças que pensam ser somente um caminho para a produção de conhecimentos. Para além dos encantos do Grande Rei Caçador, o Agueré nos faz visitar a ancestralidade, e perceber que embora quase tornados invisíveis pelos preconceitos, o canto, a crença, o clamor de um povo sobrevivem.

Para cada chicote ou joelhada que sufoca um negro, um batuque se impõe em um clamor que precisa desconstruir os preconceitos. Guiados pela mira certa e pela força de luta de Oxóssi, dizemos UBUNTU - palavra mágica africana que literalmente significa “humanidade”; “sou o que sou pelo que nós somos”, o princípio do respeito à alteridade, o respeito ao próximo.

Nosso enredo é um toque de resistência, de reconhecimento e de reverência aos ancestrais; uma busca por origens; um resgate às tradições africanas que nos legou uma religião intensa, visceral e de profunda grandeza. O mundo é gigante e tem espaço para todas as religiões e filosofias de vida. E é fundamental que o respeito às diferenças esteja presente em todas as relações.

Por isso, hoje, cantamos.

ARERÊ ARERÊ COMORODE
COMORODE AROLÊ COMORODE*
OKÊ ARO! SALVE OXÓSSI,
SALVE O BATUQUE AO CAÇADOR

(*Em meio a essa festa-arerê - seus herdeiros - arolês - pedem licença e te saúdam)

“ENREDO DEDICADO À BATERIA DA NOSSA GENTE DE HOJE E DE
SEMPRE”

André Luis Junior

Glossário

Aguidavi ou oguidavi - Varetas utilizadas para a percussão dos atabaques no Candomblé Ketu. São confeccionadas com pequenos galhos das árvores sagradas, geralmente goiabeira e araçazeiro, medindo cerca de trinta a quarenta centímetros.

Aguerê- dança do candomblé, ritmo consagrado ao orixá Oxóssi.

Ajeum – Banquete Sagrado dos Orixás.

Arerê - Algazarra, alegria, festa.

Nota: o último samba afro da Mocidade em 1976, em homenagem à Mãe Menininha do Gantois, trazia no refrão “arerê”, o termo foi utilizado como homenagem a esse momento inesquecível da história da escola.

Arolê - Herdeiro, seguidor, filho.

Candomblé - Modificação fonética de Candonbé - um tipo de Atabaque usado pelos negros de Angola; ou Candonibé - ato de louvor para pedir para alguém alguma coisa ou proteção. O termo passou a definir o modelo de cada tribo da região africana, a exemplo do Candomblé da Nação Ketu, Candomblé da Nação Angola, Candomblé da Nação JEJE. Hoje, a palavra Candomblé define, no Brasil, o que chamamos de culto afro-brasileiro, ou seja, uma cultura africana em solo brasileiro.

Egbé - chão, comunidade, sociedade.

Ibualama - Orixá caçador de idade avançada. No enredo, representa o velho Oxóssi, o espírito que atravessou o mar e veio renascer em nossas terras.

Idilês – Família.

Ifá (em iorubá, é um oráculo africano) - É um sistema divinatório, o porta-voz de Orunmilá e dos outros orixás. Orunmilá, muitas vezes, é designado como Orixá do destino na cultura africana Yorubá.

Itan – É o termo em iorubá para o conjunto de todos os mitos, canções, histórias, lendas e outros componentes culturais dos iorubás. Os itans são passados oralmente de geração a geração.

Fundamento - Batuque ao orixá.

Mutalambô - nome que revela a natureza divina do caçador, a face divina de Deus como provedor. Essa Divindade é responsável pela manutenção da tribo e ainda tem a função de manter a vigilância noturna nas aldeias garantindo-lhes a segurança.

Odé (cujo coletivo é **olodé**) - Significa caçador, guerreiro em iorubá. No enredo, tomamos como sinônimo para Oxóssi e todas suas qualidades. Todo Oxóssi (independente de qualidade) é um odé.

Odé Comorodé - Em iorubá, “Saudações meu pai, guerreiro. Ajude-me a encontrar o meu caminho”.

Ofá - Arco e flecha; arma sagrada usada por Oxóssi, entidade das religiões afro-brasileiros sincretizada em alguns estados como São Sebastião. Este tipo de adereço pode ser também usado pelos orixás Logunedé, Obá e Oxum.

Ogboju ode - o corajoso guerreiro, nome da primeira narrativa em iorubá.

Okê Arô - “Salve o grande Caçador!

Ogã – na linguagem das religiões africanas e afro-brasileiras, significa originalmente “aquele que bate, toca e canta”. Nos cultos, Ogã é aquele que toca os tambores.

Ori - no Candomblé, a cabeça, a mente, a inteligência, a alma.

Samborê, pamba - nos momentos de grande energia, riscam- se os pontos com a pamba e dançam (samborê - como um samba) para firmar nossos trabalhos.

ROTEIRO DO DESFILE

PRIMEIRO SETOR

**Comissão de Frente
“OXÓSSI É CAÇADOR DE UMA
FLECHA SÓ...”**

**1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Diogo Jesus e Bruna Santos
MUTALAMBÔ**

**Ala 01 – Comunidade
A ANCESTRALIDADE INDEPENDENTE**

**Alegoria 01 – Abre-Alas
TOQUE DA ANUNCIAÇÃO:
UM DESTINO ESCRITO NAS ESTRELAS**

SEGUNDO SETOR

“NOS IDILÊS, A ANCESTRALIDADE”: A LINHAGEM DE OXÓSSI

**Ala 02 – Comunidade
EXU ABRE OS CAMINHOS PARA
OXÓSSI PASSAR**

**Ala 03 – Vivo Mocidade
OGUM: A FORÇA DE OXÓSSI**

**Ala 04 – Comunidade
IEMANJÁ: A MÃE DAS ÁGUAS,
SENHORA DAS CABEÇAS**

**Ala 05 – Comunidade
OCÔ: AS LIÇÕES PARA VENCER A
FOME**

**Ala 06 – Comunidade
OSSAIM: O MESTRE DA CURA**

Musa
O CANTO DE OSSAIN NO REINO DAS
MATAS

Tripé
O ESPÍRITO DAS ÁRVORES SAGRADAS

TERCEIRO SETOR
OS ITANS DO OGBOJU ODÉ: AS HISTÓRIAS E AS LENDAS DE UM
CORAJOSO E VOLÚVEL CACADOR

Ala 07 – Oba Obá
OTIM: PARCERIA NO CUIDADO DO
POVO

Ala 08 – Comunidade
IANSÃ: UM AMOR ALADO

2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Jeferson Pereira e Isabela Moura
OXUM E LOGUNEDÉ:
ENTRE CACHOEIRAS E FLORESTAS

Guardiãs do 2º Casal de
Mestre-Sala e Porta-Bandeira
AS GUARDIÃS DAS ÁGUAS DOCES
(em torno do Casal)

Ala 09 – Comunidade
OXUMARÉ: OS RENASCIMENTOS DE
OXÓSSI – “AQUELE QUE, NA COBRA,
DÁ UM NÓ”

Ala 10 – Comunidade
IKÚ: O ENFRENTAMENTO DA MORTE

Ala 11 – Comunidade
AS PENAS DE OXALÁ:
MINISTRO SAGRADO DO REINO

Musa
LUZ DE OXALÁ

Alegoria 02
TOQUE DE HISTÓRIA:
OXÓSSI É ACLAMADO NO REINO DE OXALÁ

QUARTO SETOR
AS HISTÓRIAS DE ALAKETU: A ESCRAVIDÃO E A SEMENTE DA FÉ

Ala 12 – Comunidade
OS ALAKETUS:
OS REIS DA CIDADE DE KETU

Ala 13 – Comunidade
AS MULHERES LEOAS:
AS GUERREIRAS DE KETU

Ala 14 – Passistas
O POVO DE KETU: A ALEGRIA E O
BAILADO DE ARAKETU

Rainha de Bateria
Giovanna Angélica
O ESPÍRITO DE KETU

Ala 15 – Bateria
OXÓSSI E O AGUERÉ:
O BATUQUE AO CAÇADOR

Ala 16 – Comunidade
CARTAS DE DAOMÉ:
NEGOCIATAS COMERCIAIS

Ala 17 – Ala do Sol
AS TROPAS DE DAOMÉ:
DESTRUIÇÃO DE KETU

Ala 18 – Coreografada
CAVEIRAS E MURALHAS:
OS GUERREIROS DE KETU

Musa
A SOMBRA DA GUERRA

Alegoria 03
ENTRE TAMBORES E DORES:
UMA TERRA DEVASTADA

QUINTO SETOR
SINCRETISMO: “IBUALAMA, O MAR ATRAVESSOU”

Ala 19 – Tetralizada
A PROCISSÃO E O SINCRETISMO:
“QUEM É DE OXÓSSI É DE SÃO
SEBASTIÃO”

Ala 20 – Estrela Guia
SINCRETISMO: OXÓSSI, NA BAHIA,
“VIROU SÃO JORGE, GUARDIÃO”

Ala 21 – Ala dos Compositores
BOIADEIRO:
O ESPÍRITO DO HOMEM DO CAMPO

Ala 22 – Miorais do Samba
FESTA DO CABOCLO:
AS DIVINDADES AFRICANAS E A
ESPIRITUALIDADE INDÍGENA

Ala 23 – Comunidade
IAÔS:
INICIAÇÃO KETU NO CANDOMBLÉ

Ala 24 – Baianas
AS SACERDOTISAS DO TERREIRO

Musa
SINCRETISMO: A FORÇA DAS MATAS

Alegoria 04
“A MANDINGA DA TIA CHICA FEZ A CAIXA
GUERREAR”

SEXTO SETOR
TODO OGÃ DA MOCIDADE É CRIA DO MESTRE ANDRÉ

Ala 25 – Comunidade
MOCIDADE 1958 – APOTEOSE DO
SAMBA

Ala 26 – Comunidade
MOCIDADE 1985 – “ZIRIGUIDUM 2001”

Ala 27 – Raízes Independentes
MOCIDADE 1987 – “TUPINICÓPOLIS”

Ala 28 – Comunidade
MOCIDADE 1991 – “CHUÊ, CHUÁ, AS
ÁGUAS VÃO ROLAR”

Ala 29 – Comunidade
MOCIDADE 1992 – “SONHAR NÃO
CUSTA NADA”

Ala 30 – Comunidade
MOCIDADE 2001 – “PAZ, HARMONIA,
MOCIDADE É ALEGRIA”

Ala 31 – Mostrando a Minha Identidade
MOCIDADE 2017 – “AS MIL E UMA
NOITES DE UMA MOCIDADE PRA LÁ
DE MARRAKESH

Musa
A ESTRELA DE PADRE MIGUEL

Alegoria 05
CONSTELAÇÃO: O TERREIRO DE TODA
ALMA INDEPENDENTE

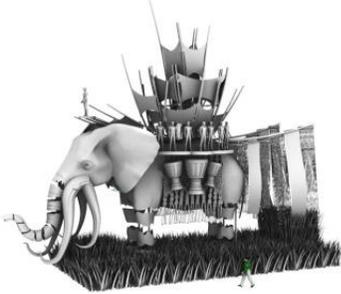
FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Fabio Ricardo		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
01	<p>ABRE ALAS</p> <p>TOQUE DA ANUNCIÇÃO: UM DESTINO ESCRITO NAS ESTRELAS</p>  <p><i>As imagens apresentadas ao longo do Abre Alas são meramente ilustrativas, apenas uma referência para compreender melhor o desfile.</i></p>	<p>Os tambores ancestrais anunciam que Orunmilá, o guardião da sabedoria, aquele que tudo sabe e tudo advinha, traça os destinos de todos nós.</p> <p>O grande sábio faz uma revelação a Oxóssi, o dono da mata:</p> <p>“a luz que te ilumina é uma estrela”</p> <p>Segundo a profecia, Oxóssi, caçador INDEPENDENTE, teria sua história entrelaçada com as estrelas desde sua MOCIDADE. Ficou decretado que todos os odés protegeriam o pavilhão verde e branco e, por isso, independente de enredo, um BATUQUE AO CAÇADOR seria sempre executado em homenagem a eles.</p> <p>A alegoria traz um grande Orunmilá com seu Ozun, seu galo sagrado. Vários olodés, na mata, apontam o ofá - o arco e flecha sagrado para todos os lados. Orunmilá, sobre seu “opon” - tábua sagrada de adivinhação - posiciona o símbolo da Mocidade.</p> <p>O adivinho desvenda a história que vamos contar na avenida: a história de Oxóssi que, desde sempre, foi escrita nas estrelas.</p> <p>Todas as alegorias trazem, de alguma forma, um tambor - um dos fios condutores do enredo. Cada batuque, magia da interação do homem com o tambor, sempre contará uma história.</p> <p>Na primeira alegoria, os tambores anunciam a conexão com a ancestralidade, base do nosso enredo.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Fabio Ricardo		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
*	<p>TRIPÉ O ESPÍRITO DAS ÁRVORES SAGRADAS</p>  <p><i>As imagens apresentadas ao longo do Abre Alas são meramente ilustrativas, apenas uma referência para compreender melhor o desfile.</i></p>	<p>Iroco, o orixá do tempo, foi a primeira árvore plantada na terra, por onde desceram todos os orixás. Ele representa o espírito das árvores sagradas. Todos os caçadores lhe rendem homenagem.</p> <p>Oxóssi, o rei da mata, vê Iroco como símbolo de poder e de respeito.</p> <p>No tripé, Iroco é reverenciado por vários odés, os caçadores que se alimentam da energia vital da árvore.</p>
02	<p>TOQUE DE HISTÓRIA: OXÓSSI É ACLAMADO NO REINO DE OXALÁ</p>  <p><i>As imagens apresentadas ao longo do Abre Alas são meramente ilustrativas, apenas uma referência para compreender melhor o desfile.</i></p>	<p>Contam os itans, que Oxóssi acertou em cheio ao presentear Oxalá com marfim, um elemento mágico para os caçadores. Por conta disso, Oxóssi Inlé foi consagrado como o caçador de elefantes-(Enrilé em ioruba) expandindo seus poderes por todo reino. Diziam que quem dominava um animal tão grande, teria poder sobre todas as coisas. Por tantos feitos, Oxóssi é aclamado como o supremo caçador do Reino de Oxalá.</p> <p>Na alegoria, o elefante carrega os tambores que sempre marcam o ritmo para narrar os itans, as lendas.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Fabio Ricardo		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
03	<p>ENTRE TAMBORES E DORES: UMA TERRA DEVASTADA</p>  <p><i>As imagens apresentadas ao longo do Abre Alas são meramente ilustrativas, apenas uma referência para compreender melhor o desfile.</i></p>	<p>A alegoria é uma metáfora da destruição de Ketu causada pela ganância imperialista portuguesa que, ao financiar o Reino de Daomé, visava apenas escravizar e vender os cativos.</p> <p>Na alegoria, um africano martirizado, cabeças representando a ira, estandartes de navios rotos pela guerra compõem a imagem de uma terra devastada.</p> <p>Os tambores que já anunciaram coroações e festas, hoje, manchados de sangue, tocam um batuque de guerra, um toque de tristeza.</p>
04	<p>“A MANDINGA DA TIA CHICA FEZ A CAIXA GUERREAR”</p>  <p><i>As imagens apresentadas ao longo do Abre Alas são meramente ilustrativas, apenas uma referência para compreender melhor o desfile.</i></p>	<p>Tia Chica, líder religiosa da comunidade, primeira baiana da Mocidade Independente de Padre Miguel, foi responsável por escolher as cores do pavilhão da escola. Contam as histórias que ninguém rumava ao futebol nem aos desfiles de carnaval sem antes receber seu axé. Foi em seu terreiro de candomblé que o jovem ogã, André, recebeu a incumbência de criar uma homenagem a Oxóssi para ser executada naquela que viria a ser a Mocidade Independente de Padre Miguel.</p> <p>Mestre André criaria um ritmo inspirado no agueré de Oxóssi que, independente de enredo, se tornaria uma das marcas da bateria verde e branca; ritmo esse executado na caixa de guerra... “mandinga da Tia Chica fez a caixa guerrear”.</p> <p>Na alegoria, a Velha Guarda da escola, de certa forma contemporânea da Tia Chica, é acolhida simbolicamente em sua casa de candomblé (vale lembrar que todas as crenças eram bem-vindas ali).</p> <p>Os tambores, presentes nas outras alegorias, aqui se transformam nos atabaques do candomblé (chamados de rum/rumpi/lê). Os ogãs dos terreiros viraram grandes mestres de bateria. Percebemos claramente aí a conexão da ancestralidade com nosso carnaval.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Fabio Ricardo		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
05	<p>CONSTELAÇÃO: O TERREIRO DE TODA ALMA INDEPENDENTE</p>  <p><i>As imagens apresentadas ao longo do Abre Alas são meramente ilustrativas, apenas uma referência para compreender melhor o desfile.</i></p>	<p>“O terreiro de fé se transforma em terreiro do samba. Com um toque de saudade, a lembrança e a homenagem a toda alma independente, a todas as famílias que se uniram numa verdadeira dinastia do samba e ajudaram a perpetuar um conhecimento que vem sendo transmitido por gerações. Essa constelação infinita - conexão do presente e do passado- é simbolizada por aquela que terá sempre lugar em nossas alegorias e em nossos corações. Seu lugar seria esse, seu lugar sempre será esse- Elza Soares.</p> <p>Saudade e gratidão se unem à certeza de que somos todos “independentes e raiz também de Padre Miguel e da Vila Vintém”.</p> <p>O bатуque que se conectou com a ancestralidade, que contou histórias, que anunciou ritos de guerra e de fé, se ressignifica, conecta os terreiros, passado e presente, força que faz o coração pulsar mais acelerado dentro de uma bateria de escola de samba. Os surdos, as caixas de guerra, os repiques - símbolos concretos dessa magia - nos ajudam a perceber como processos culturais, desenvolvidos em meio à mazela da escravidão, resistem, se revelam, se reinventam.”</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Nomes dos Principais Destaques	Respectivas Profissões
Marcos Lerroy	Empresário
Rodrigo Leocádio	Empresário
João Batista	Empresário
Weldeck	Servidor Público
Karine Coutinho	Empresário
Local do Barracão Cidade do Samba – Rua Rivadávia Correa, nº. 60 – Barracão 10 – Rio de Janeiro	
Diretor Responsável pelo Barracão Alexandro Furtado e Wagner Felix	
Ferreiro Chefe de Equipe Phillip Alves	Carpinteiro Chefe de Equipe Bryan
Escultor(a) Chefe de Equipe Ailton Souza	Pintor Chefe de Equipe Andrew Viana
Eletricista Chefe de Equipe Cidinho	Mecânico Chefe de Equipe Roosevelt
Outros Profissionais e Respectivas Funções	

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)				
Fabio Ricardo				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
01	A Ancestralidade Independente 	<p>A primeira ala da Mocidade representa o espírito da ancestralidade africana, todos aqueles que nos precederam e que, com muita persistência, foram responsáveis por deixar um legado e uma história de resistência.</p> <p>Esses mensageiros do mundo espiritual, com roupas típicas dos rituais africanos, nos transmitem todo ensinamento e nos permitem hoje contar nosso enredo.</p>	Comunidade	Escola
02	Exu Abre os Caminhos para Oxóssi Passar 	<p>Exu, irmão de Oxóssi, é o orixá mensageiro, aquele que conhece os mistérios dos homens e da natureza, o senhor que “abre os caminhos” e inicia todos os trabalhos. Exu inspira seu irmão Oxóssi a correr o mundo em busca de conhecimento.</p> <p>A fantasia nas cores tradicionais do orixá é inspirada nos rituais da cultura africana.</p>	Comunidade	Escola
03	Ogum: A Força de Oxóssi 	<p>Ogum, irmão de Oxóssi, é o senhor do ferro e da tecnologia, o mestre da forja, o comandante da guerra. Foi ele quem ensinou a seu irmão a arte da caça, fazendo de Oxóssi um grande guerreiro caçador, um Odé.</p> <p>A arma de Ogum, na fantasia, marca a forte ligação entre os irmãos.</p>	Vivo Mocidade	Escola

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Fabio Ricardo

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
04	<p>Iemanjá: a Mãe das Águas, Senhora das Cabeças</p> 	<p>Iemanjá concebeu muitos filhos, entre eles Oxóssi. Arquétipo da maternidade, Iemanjá, a rainha do mar, ensina a seu filho Oxóssi a dividir a fartura, seja do mar ou da floresta, de forma justa entre todos. Senhora das cabeças, Iemanjá traz na fantasia um “ejá” - peixe em iorubá - seu símbolo sagrado.</p>	Comunidade	Escola
05	<p>Ocô: As Lições para Vencer a Fome</p> 	<p>O orixá Ocô é o patrono da agricultura, mestre das plantações. Extremamente próximo a Oxóssi, é ele quem ensina ao guerreiro a plantar, a superar a escassez de alimentos e a derrotar a fome de seu povo. A ferramenta, nas mãos de Ocô, bem como seu chapéu simbolizam a agricultura.</p>	Comunidade	Escola

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)				
Fabio Ricardo				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
06	<p>Ossaim: O Mestre da Cura</p> 	<p>Ossaim - senhor das folhas, das ciências e das ervas - conhece o segredo da cura e dos mistérios da vida. Oxóssi morou com Ossaim na mata de forma que desenvolveram uma relação fraternal. O orixá aprendeu com Ossaim, seu mestre, todos os poderes de cura das plantas. Ossaim é representado como se estivesse saindo do meio da vegetação. Na cabeça, a ferramenta, em forma de pássaro estilizado, é seu símbolo sagrado.</p>	Comunidade	Escola
07	<p>Otim: Parceria no Cuidado do Povo</p> 	<p>Otim - um rapaz com corpo de mulher - acompanha Oxóssi em todos os lugares, aprendendo com ele a arte da caça. Enquanto Oxóssi levava os alimentos, Otim levava água potável para aldeia. Juntos cuidavam do povo. Na fantasia, o arco e flecha e a cabeça com animais estilizados simbolizam a relação entre os dois.</p>	Oba Obá	Escola

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Fabio Ricardo

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
08	<p>Iansã: Um Amor Alado</p> 	<p>Oyá - também chamada de Iansã - é a senhora dos ventos e da tempestade. Oxóssi se apaixonou por Iansã e lhe ensina sobre o poder das folhas. Apesar da paixão, Oxóssi não era fiel. A senhora dos ventos deixa Oxóssi e se transforma em borboleta. Desesperado, o orixá caça borboletas na esperança de rever o seu amor.</p>	Comunidade	Escola
09	<p>Oxumaré: os Renascimentos de Oxóssi - “Aquele que, na Cobra, dá um Nó”</p> 	<p>Oxumaré - o orixá da imortalidade - é representado por uma cobra. Contam os itans que Oxóssi, desobedecendo aos pedidos de sua mãe para não caçar nos dias sagrados, lançou sua flecha, capturou uma serpente enorme, lhe “deu um nó” e a levou para casa. Oxum, desesperada, percebeu que o animal era Oxumaré, que rapidamente se enroscou no corpo do caçador e o devorou. Oxum rogou a Oxalá para que ressuscitasse o guerreiro. Esse foi o primeiro renascimento de Oxóssi. Na fantasia, as cores tradicionais do Orixá com representação de cobras estilizadas.</p>	Comunidade	Escola

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)				
Fabio Ricardo				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
10	<p>Ikú: O Enfrentamento da Morte</p> 	<p>Ikú é o orixá da morte, aquele faz o caminho de volta com todos os seres da Ayé, a terra; para Orun, o mundo espiritual. Oxóssi, por medo de Ikú, passou a ignorá-lo, não pensar no tema seria uma forma de viver a vida, como se não houvesse fim. A fantasia com cores fúnebres é uma representação tradicional do orixá.</p>	Comunidade	Escola
11	<p>As Penas de Oxalá: Ministro Sagrado do Reino</p> 	<p>Conta um itan que Oxalá pediu a Ogum um pássaro sagrado. Ogum, que havia ensinado tudo a seu irmão Oxóssi, lhe transferiu essa incumbência. O guerreiro correu o mundo atrás do pássaro. Ao capturá-lo, precisou ainda vencer uma série de obstáculos, de feitiços e de armadilhas. Exausto e quase desfalecido, entregou a Oxalá somente duas penas do pássaro sagrado. Oxalá, em reconhecimento a tanto esforço, lhe dá seu diadema, sua coroa sagrada, e o faz renascer. Oxóssi é proclamado como Ministro Sagrado do Reino. Compõem a fantasia, a pena sagrada e o diadema de marfim na cabeça do desfilante.</p>	Comunidade	Escola

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia(s) (Figuristas)

Fabio Ricardo

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
12	<p>Os Alaketus: Os Reis da Cidade de Ketu</p> 	<p>Oxóssi se torna Alaketu - o rei de Ketu. Na ala, uma homenagem a todos os reis de Ketu, que, hoje, no reino do carnaval, vêm acompanhados por súditos que carregam um pálio, uma espécie de guarda-sol para proteger a realeza.</p>	Comunidade	Escola
13	<p>As mulheres Leos: As Guerreiras de Ketu</p> 	<p>No Reino de Ketu, diferente da tradição dos outros lugares, os cargos do governo eram ocupados tanto por homens quanto por mulheres. A elas, cabiam as funções de vigiar e de denunciar ao Rei todos os atos dos homens. As mulheres, assim, integravam o poderoso exército do reino, sendo chamadas de leos por serem fortes e destemidas. Elas eram responsáveis também por comandar os rituais sagrados. As muitas lanças marcam a força e a bravura dessas guerreiras.</p>	Comunidade	Escola
14	<p>O Povo de Ketu: A Alegria e o Bailado de Araketu</p> 	<p>Araketu - ou o povo de Ketu - era conhecido por sua alegria, por suas danças características e por sua devoção a Oxóssi. A ala de passistas da Mocidade homenageia o axé do Povo de Ketu, seu bailado e sua beleza. “quebrei, balancei, vibrei, Araketu me fez dançar”.</p>	Passistas	Escola

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)				
Fabio Ricardo				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
15	<p>Bateria: Oxóssi e o Agueré: O Batuque ao Caçador</p> 	<p>A bateria da Mocidade Independente de Padre Miguel homenageia seu odé, Oxóssi, o orixá padroeiro da escola, e a ele segue rendendo a maior homenagem: não permitir que sua história seja silenciada. O “FUNDAMENTO, que A BATIDA INCORPOROU, o agueré ao Orixá, o batuque ao caçador, é marca registrada da bateria, conexão mágica e identidade da “Não Existe Mais Quente, nossa bateria.</p> <p>Na fantasia, a representação tradicional de Oxóssi com um manto sagrado (simbólico) de pele, a maior recompensa de um caçador.</p>	Bateria	Escola
16	<p>Cartas de Daomé: Negociatas Comerciais</p> 	<p>A historiografia descreve as várias trocas de correspondências entre os reis de Portugal com a realeza de Daomé. O Reino de Daomé, vizinho de Ketu, negociava com D. João, rei português, armas e privilégios para dar continuidade ao comércio de escravos com o Brasil. O Reino de Daomé, com ajuda portuguesa, declara guerra a Ketu e obtém prisioneiros para serem exportados como escravos para a América. As cartas são a evidência da união entre os dois reinos para aniquilar a cidade de Ketu.</p> <p>Mapas, cartas, símbolos de Portugal e caravelas compõem a fantasia.</p> <p>Observação: 05 figurinos representando CARAVELAS acompanham a Ala 16.</p>	Comunidade	Escola

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Fabio Ricardo

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
17	<p>As Tropas de Daomé: Destruição de Ketu</p> 	<p>Muito bem aparelhadas e financiadas pelo Reino Português, que obteria vantagem com o tráfico negreiro, as tropas de Daomé destruíram o Reino de Ketu e tentaram pôr um fim a sua história, a suas crenças e a seus mitos. Flechas compõe a fantasia das tropas.</p>	Ala do Sol	Escola
18	<p>Caveiras e Muralhas: Os Guerreiros de Ketu</p> 	<p>A guerra de Daomé contra Ketu visava unicamente a interesses econômicos: vencer o “irmão” para vendê-lo. A caveira - símbolo da transformação, dos ciclos de vida e da morte - representa essa tentativa de aniquilar uma tradição. Na ala interação, além dos guerreiros que lutam até a morte, desfilantes que compõem uma espécie de muralha (de pano). Muralha essa que representa a tentativa de defender seu reino a todo custo, mesmo que precisassem usar o próprio corpo para salvar seu povo.</p>	Coreografada	Escola

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)				
Fabio Ricardo				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
19	<p>A Procissão e o Sincretismo: “Quem é de Oxóssi é de São Sebastião”</p> 	<p>No Rio de Janeiro, o sincretismo de Oxóssi se deu com São Sebastião, padroeiro da cidade, cujo nome - SÃO SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO - é lembrado no samba enredo “Um Rio inteiro tem seu nome, meu senhor, quem é de Oxóssi é de São Sebastião”. Tanto o orixá quanto o santo são reverenciados no dia 20 de janeiro.</p> <p>Além da simbologia das flechas, comum a ambos, eles unem à ideia da luta contra a injustiça e as forças negativas que atrapalham o desenvolvimento espiritual das pessoas.</p> <p>A ala é a representação de uma procissão tradicional do Rio de Janeiro com bispos, padres e fiéis reverenciando o santo padroeiro.</p>	Teatralizada	Escola
20	<p>Sincretismo: Oxóssi, na Bahia, “Virou São Jorge, Guardiã”</p> 	<p>Na Bahia, o sincretismo de São Jorge se deu com Oxóssi - o orixá da sobrevivência, caçador e guerreiro. Na Capadócia, Turquia, Jorge era, como uma divindade africana, um guerreiro que lutou contra os desmandos do Imperador Diocleciano. Na fantasia, a representação do guerreiro nas cores tradicionais de São Jorge.</p>	Estrela Guia	Escola

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Fabio Ricardo

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
21	<p>Boiadeiro: O Espírito do Homem do Campo</p> 	<p>Arquétipo do homem do campo, os Boiadeiros, na Umbanda, representam a manifestação dos espíritos daqueles que cuidam da terra e tocam o gado no interior do país.</p> <p>Geralmente essas entidades atuam com a irradiação de Oxóssi, de Ogum e de Iansã. Os boiadeiros trazem lições de respeito à natureza, à família e aos animais - ideias compartilhadas com os preceitos advindos dos rituais africanos.</p> <p>A ala dos compositores, em trajes típicos do homem do campo, homenageia os boiadeiros.</p>	Ala dos Compositores	Escola
22	<p>Festa do Caboclo: As Divindades Africanas e a Espiritualidade Indígena</p> 	<p>Os Caboclos que pertencem à linha de Oxóssi estão entre os mais cultuados na Umbanda brasileira. Seu culto nasce do sincretismo entre as divindades africanas e a espiritualidade dos indígenas brasileiros.</p> <p>A crença do Caboclo marca um momento de trocas entre índios e negros, que compartilhavam ritos e ervas. A fantasia traz a forte presença dos indígenas brasileiros.</p>	Maiorais do Samba	Escola

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)				
Fabio Ricardo				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
23	<p>Iaôs: Iniciação Ketu no Candomblé</p> 	<p>Herança dos rituais africanos, a iniciação Ketu ou “feitura de cabeça”, ainda que varie de casa para casa, é um retiro pelo qual as Iaôs, os filhos de santo, se afastam da vida profana e da família e se iniciam no Candomblé e no batuque, aprendendo preceitos, rezas, cantigas. Um ritual praticamente extinto na cidade de Oxóssi, mas que renasceu nos locais para onde foram trazidos os escravos de Ketu. Na fantasia, trajes tradicionais da “iniciação Ketu”, uma mistura de elementos de várias religiões.</p>	Comunidade	Escola
24	<p>Baianas: As Sacerdotisas do Terreiro</p> 	<p>A ala das Baianas presta homenagem a todas as ialorixás - as mães de Santos, as sacerdotisas dos terreiros. Sejam do Candomblé, da Umbanda ou da Quimbanda, elas são responsáveis por dar continuidade a um legado ancestral, uma crença que tentaram silenciar, mas que, a duras penas, se reinventou, se ressignificou. A ala das baianas, por si só, é o maior exemplo dessa resistência. Retomando uma tradição, as baianas trazem o pano da costa, amuletos e penca de balangandãs.</p>	Ala das Baianas	Escola

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Fabio Ricardo

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
25	<p>Mocidade 1958 - Apoteose do Samba</p> 	<p>Em 1958, com apenas três anos de existência oficial, a Mocidade seria campeã da chamada segunda divisão (uma espécie de Série A) ao se apresentar na Praça Onze. O enredo “Apoteose do Samba” explicava a origem do nosso carnaval, “orgulho nacional”, que foi ouvido primeiro “no terreiro / com “um preto velho que entoava sua melodia / era o Samba, sim senhor”.</p> <p>O ponto alto do desfile, que permitiu a agremiação desfilar, pela primeira vez, entre as grandes escolas, no ano seguinte, foi a bateria comandada pelo sempre inovador Mestre André, que já trazia no batuque uma bossa diferente, um Agueré. Na ala, o Preto Velho, mencionado no samba daquele ano, traz um tamborim com as três baquetas, mais uma das inovações da escola.</p>	Comunidade	Escola
26	<p>Mocidade 1985 - “Ziriguidum 2001”</p> 	<p>A Mocidade, em 1985, desfilou, na Sapucaí, o antológico enredo “Ziriguidum 2001”. Fernando Pinto trouxe o espaço sideral para a Passarela do Samba em um desfile repleto de seres extraterrestres, naves espaciais, planetas e baianas vestidas de insetos espaciais.</p> <p>A bateria, fantasiada de astronauta, faz parte de um dos momentos históricos do carnaval carioca. Independente do enredo, os ritmistas seguiam com sua batida forte, e o batuque ao caçador era levado simbolicamente para o espaço sideral. Chocalhos, na ala, ajudavam na configuração alegórica da bateria comandada, na época, por Mestre Bira, que ficou à frente da “Não Existe Mais Quente” de 1984 até 1988.</p>	Comunidade	Escola

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)				
Fabio Ricardo				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
27	<p>Mocidade 1987 - “Tupinicópolis”</p> 	<p>Outro momento inesquecível da Mocidade foi a visão daquela “metrópole-tupiniquim urbanizada, consumista”, uma “ficção científica futurista” nas palavras de Fernando Pinto.</p> <p>A bateria, comandada por mestre Bira, veio vestida de índio metaleiro-roqueiro com saias de penas. O enredo celebrava a força da ancestralidade em um apelo pela preservação das florestas e de seus povos.</p> <p>A ala traz a cuíca de Quirino, famoso cuiqueiro da escola, que levou sua arte para diversos países.</p>	Raízes Independentes	Escola
28	<p>Mocidade 1991 – “Chuê, Chuá, as Águas vão Rolar”</p> 	<p>O enredo sobre a água, fonte de vida, desenvolvido por Renato Lage e Lílian Rebello, é lembrado como um dos grandes desfiles da Sapucaí. Temas como a origem da vida, as divindades das águas, a poluição e o desrespeito à natureza fizeram “as águas rolar”.</p> <p>Mestre Jorjão, à frente da bateria nota 10, vestida de mergulhadores, ganha o seu primeiro Estandarte de Ouro.</p> <p>A ala traz um Agogô para compor simbolicamente a bateria.</p>	Comunidade	Escola

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Fabio Ricardo

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
29	<p>Mocidade 1992 - “Sonhar Não Custa Nada”</p> 	<p>O enredo “Sonhar não custa nada”, de Renato Lage, em 1992, foi uma grande exaltação à esperança e à necessidade de transformar o “sonho em realidade”; foi também um daqueles momentos inesquecíveis para os Independentes.</p> <p>A bateria, comandada por Mestre Jorjão, por sua excelência, pelo segundo ano consecutivo, ganha o Estandarte de Ouro.</p> <p>Os ritmistas, vestidos simbolicamente como o inseto esperança, com tons verdes e amarelos, representavam os sonhos e os anseios do povo brasileiro.</p> <p>O repique ajuda a compor a fantasia da ala em homenagem à bateria.</p>	Comunidade	Escola
30	<p>Mocidade 2001 - “Paz, Harmonia, Mocidade é Alegria”</p> 	<p>“Explode o amor, é carnaval, o mundo se abraça pela paz universal”, com esse refrão a Mocidade celebrava, no início de um novo milênio, a paz, a cultura da não violência, um enredo desenvolvido por Renato Lage e Márcia Látia.</p> <p>A bateria, que ganhou mais um Estandarte de Ouro, comandada por Mestre Coé, veio vestida como o líder indiano Mahatma Gandhi, com as cabeças todas raspadas.</p> <p>A ala traz caixas de guerra para a caracterização da bateria (lembrando que a caixa de guerra sempre foi o instrumento através do qual se prestou homenagem a Oxóssi. Com ela, os ritmistas executam o “agueré”, o “fundamento”, que a batida incorporou).</p>	Comunidade	Escola

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Local do Atelier Cidade do Samba – Rua Rivadávia Correa, nº. 60 – Barracão 10 – Rio de Janeiro	
Diretor Responsável pelo Atelier Willian Costa, Highor Pfaltzgraff e Wagner Félix	
Costureiro(a) Chefe de Equipe Eliane (Lili)	Chapeleiro(a) Chefe de Equipe -
Aderecista Chefe de Equipe Luciano Furtado e Mineiro	Sapateiro(a) Chefe de Equipe Gomes Sapataria
Outros Profissionais e Respectivas Funções Vitor - Vime Djan - Aramado	
Outras informações julgadas necessárias	

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Autor(es) do Samba-Enredo			Carlinhos Brown, Diego Nicolau, Richard Valença, Orlando Ambrosio, Gigi da Estiva, Nattan Lopes, J.J. Santos e Cabeça do Ajax
Presidente da Ala dos Compositores			Domenil
Total de Componentes da Ala dos Compositores	Compositor mais Idoso (Nome e Idade)	Compositor mais Jovem (Nome e Idade)	
90 (noventa)	Jaci Campo Grande 82 anos	Richard Valença 29 anos	
Outras informações julgadas necessárias			
<p>Okê arô ofá da mira certa Dono da mata, okê okê, mutalambô Seu jejum já preparei na quinta feira No fundamento, a batida incorporou Samborê, pamba, folha de Jurema Há proteção de Ogboju Odé Pai Oxalá lhe deu seu diadema Quem rege meu ori governa minha fé Nos idilês a ancestralidade O alaketu no egbé da Mocidade</p>			
<p>Oxossi é caçador de uma flecha só Herdeiro de Iemanjá, irmão de Ogum (Exu) Aquele que na cobra dá um nó Aquele apaixonado por Oxum</p>			BIS
<p>Ibualama o mar atravessou No Gantois, virou São Jorge guardião Um rio inteiro em teu nome meu Senhor Quem é de Oxossi é de São Sebastião Ô juremê, ô juremá Caboclo lá da Jurema é cacique nesse congá Ô juremê, ô juremá Mandinga de tia Chica fez a caixa guerrear. Inverteu meu tambor De Dudu e de Coé, foi Quirino, foi Miquimba De Jorjão, o Agueré Fez do Aguidavi, baqueta da nossa gente Pra evocar nesse terreiro toda alma independente</p>			BIS
<p>Arerê arerê comorode Comorode arole comorode Arerê arerê comorode Todo Ogã da Mocidade é cria de Mestre André</p>			BIS

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

*OKÊ ARÔ OFÁ DA MIRA CERTEIRA
DONO DA MATA, OKÊ OKÊ, MUTALAMBÔ*

Em 2022, a Mocidade Independente de Padre Miguel, através do enredo “Batuque ao Caçador”, a um só tempo, resgata sua história e presta homenagem a Oxóssi, seu padroeiro, o orixá “dono da mata”, “ofá da mira certa”, “mutalambô”, a divindade responsável pela manutenção e da vigilância da tribo.

*SEU AJEUM JÁ PREPAREI NA QUINTA FEIRA
NO FUNDAMENTO, A BATIDA INCORPOROU
SAMBORÊ, PEMBA,*

Nosso canto se inicia saudando o Odé, o guerreiro! Okê Arô- “Salve o grande caçador”. No meio desse “are are”, dessa celebração, cantamos “Comorodé: que em iorubá significa “te saudamos meu pai... ajude-nos a encontrar o nosso caminho”.

Antes de contar seus itans, suas histórias sagradas, riscamos os pontos "**Samborê, pamba**" para firmar e abrir nossos trabalhos. Com sua licença, preparamos o banquete sagrado “seu ajeum” na quinta feira!

*“HERDEIRO DE IEMANJÁ, IRMÃO DE OGUM (EXU)
AQUELE QUE NA COBRA DÁ UM NÓ
AQUELE APAIXONADO POR OXUM*

Entre os tantos itans contados pelos “IDILÊS, a família, aprendemos que Oxóssi, filho de Yemanjá com Oxalá, era irmão de Exu e Ogum. Contrariando sua mãe, que lhe pediu para não caçar nos dias sagrados, Oxóssi, o Oxotocanxô, GUERREIRO DE UMA FLEXA SÓ, captura uma grande serpente (“aquele que, na cobra, dá um nó”). O animal era, em verdade, Oxumaré que acaba por devorá-lo.

Pai Oxalá, para PROTEGER o OGBOJU ODÉ, o guerreiro corajoso, o resgata e lhe entrega o diadema, (sua coroa), tornando o imune a Ikú, o orixá da morte.

Entre tantos amores, contam que Oxóssi teve uma história arrebatadora com Oxum, orixá das águas. Ao fugir de caçadores que o perseguiram, Oxum o ajuda a se refugiar em Ketu, cidade que mais tarde, reconhecendo sua bravura, lhe confere o título de ALAKETU, o rei de Ketu.

*IBUALAMA O MAR ATRAVESSOU
NO GANTOIS VIROU SÃO JORGE GUARDIÃO
UM RIO INTEIRO EM TEU NOME, MEU SENHOR
QUEM É DE OXOSSI É DE SÃO SEBASTIÃO
Ô JUREMÊ, Ô JUREMÁ
CABOCLO LÁ DA JUREMA É CACIQUE NESSE CONGÁ*

Ibualama, representação de Oxóssi com idade avançada, simbolicamente atravessa o mar. O Atlântico, que se convetera então em um gigantesca encruzilhada, foi o caminho pelo qual atravessaram sabedorias, memórias e experiências que precisaram se reinventar.

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

Ao cruzar o oceano, rumo ao desconhecido, sob a condição de escravos, era exigido que os africanos passassem por um batismo e se tornassem “cristãos”, as doutrinas religiosas africanas logo precisaram se fundir com as crenças locais.

Princesas e sacerdotisas vinda de Ketu na condição de escravas, procuraram manter-se fiel aos ensinamentos originais, formando muitas casas de Candomblé, como o Gantois e a Nação Ketu, que têm Oxóssi como patrono.

Na Bahia, o sincretismo de **São Jorge** se deu com **Oxóssi** (“NO GANTOIS, VIROU SÃO JORGE GUARDIÃO”).

Já no Rio de Janeiro, Oxóssi foi sincretizado através da figura de São Sebastião – padroeiro da cidade cujo nome completo lhe presta homenagem: São Sebastião do Rio de Janeiro, “UM RIO INTEIRO EM TEU NOME”... “QUEM É DE OSÓSSI É DE SÃO SEBASTIÃO”!

Ô JUREMÊ, Ô JUREMÁ

CABOCLO LÁ DA JUREMA É CACIQUE NESSE CONGÁ

Muitos africanos, acostumados a cultuar divindades com origem na natureza, logo viram similaridades com os espíritos da nova terra.

A crença do Caboclo marca um momento de trocas entre índios e negros, que compartilhavam ritos e ervas como a Jurema, árvore sagrada. Foi a seus pés que, segundo a lenda, foi deixada a cabocla que viria a ser nomeada de Jurema, da linha de Osóssi, ela é considerada protetora da floresta.

MANDINGA DA TIA CHICA FEZ A CAIXA GUERREAR

INVERTEU MEU TAMBOR

DE DUDU E DE COÉ, FOI QUIRINO, FOI MIQUIMBA

DE JORJÃO... O AGUERÊ

As culturas africanas, fragmentadas pela experiência do cativo, se redefiniram a partir da criação de instituições como os terreiros de santo, as Agremiações carnavalescas. O samba se sustentava e ocorria de forma disfarçada nos terreiros, uma vez que o sambista era considerado criminoso.

Seu Tiãozinho, famoso compositor do Mocidade, lembra que, quando a Escola foi criada, os percussionistas tinham uma forte relação com terreiros religiosos, principalmente o terreiro da Tia Chica – famosa mãe de santo, líder religiosa do bairro e responsável por escolher as cores do pavilhão da Escola.

Reza a lenda que ninguém rumava aos ensaios da Mocidade, nem saía dos jogos de futebol, sem passar antes pelo terreiro dela para receber a benção.

Eram os ogãs da casa de santo, responsáveis pelos toques sagrados, que geralmente se tornaram os mestres “batuqueiros” do Carnaval.

Mestre André, o maestro do povo, era filho de santo e ogã do terreiro de Tia Chica. Ela teria pedido a ele que fizesse um toque de caixas para honrar o orixá padroeiro da escola e da bateria, Oxóssi. Atendendo o pedido de Tia Chica, o músico conseguiu criar com maestria um toque “em cima do agueré de Oxóssi”, dando para a bateria da Mocidade uma característica única no Carnaval.

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

Assim, mais do que um ritmo ou uma marca, o Agueré de Oxóssi, ritmo percebido principalmente na caixa de guerra (“mandinga da Tia Chica... fez a caixa guerrear) transbordou, para além dos muros das casas de santo, e se transformou no “FUNDAMENTO, que A BATIDA INCORPOROU”. Tal qual a ida do caçador à floresta em busca de sua sobrevivência, a bateria da Mocidade pulsa como um ato de resistência, de conexão mágica com a ancestralidade.

Por conta disso,
TODA ALMA INDEPENDENTE reconhece que
TODA OGÃ DA MOCIDADE É CRIA DE MESTRE ANDRÉ

Além disso, André, em sua genialidade, foi responsável por inovações como as famosas paradinhas e a afinação “invertida” dos surdos. A Mocidade, diferente das baterias das outras Agremiações, tem seus surdos de primeira afinados no estilo “médio-aguda ou aguda”, enquanto os surdos de segunda têm uma afinação grave. São todas essas características que trazem para a bateria uma identidade única e um ritmo marcante.

(...) *TAMBOR*
DE DUDU E DE CÔE, FOI QUIRINO, FOI MIQUIMBA
DE JORJÃO, O AGUERÉ

As lições passadas, de geração para geração, permitiram que a “NÃO EXISTE MAIS QUENTE”, mantivesse suas características.

Mestre Coé, por exemplo, comandou a bateria de 1995 até 2004. Seu filho trilhou seus passos, tendo começado sua vida na bateria da Estrelinha da Mocidade com oito anos, mostrando que a semente plantada por Mestre André daria muitos frutos. O menino se apaixonou pelo repique, chegando a ser o mestre da escola mirim. Hoje, mestre de Bateria da Mocidade, o mestre Dudu carrega consigo a tradição do trabalho em família.

A família Oliveira também nos presenteou com nomes como Orozimbo, fundador da escola e que, além de baianas e passistas, nos deu mestre Jonas e nosso Mestre Jorjão de tantos estandartes de ouro. Mestre Jorjão também se iniciou na bateria mirim, criada pelo Mestre André, ainda aos seis anos de idade.

Nessa constelação infinita, árvore genealógica que se entronca na história da escola, temos ainda Quirino, famoso cuiqueiro da escola que levou nosso ritmo pelo mundo. A famosa “cuíca com as moedas” o acompanhou até 2006, quando passou para as mãos de seu filho Quirininho, que assumiu o legado do pai.

Em 2010, essa lendária cuíca chegou às mãos de Eryck Quirino Neto, a terceira geração.

Palavras em iorubá, mencionadas no samba enredo como Idilês (família), arolé (herdeiros) prenunciam essa relação tão presente na história da Mocidade.

Essas famílias, esses herdeiros, como uma verdadeira dinastia do samba, perpetuam um conhecimento passado de pai para filho, eternizam as conexões com a ancestralidade. Tal qual Oxóssi, todos eles, caçadores de axé, por meio desse “Batuque”, fortalecem essa alegria que pulsa no coração da avenida.

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

*FEZ DO AGUIDAVI, BAQUETA DA NOSSA GENTE
PRA EVOCAR NESSE TERREIRO TODA ALMA INDEPENDENTE*

Por conta disso, o “egbé da Mocidade, o chão, a comunidade, essa grande família, tem uma relação muito forte com Oxóssi, “QUEM REGE MEU ORI”, minha cabeça, “GOVERNA MINHA FÉ”.

O Aguidavi - a “baqueta da nossa gente” - feita por galhos de árvores sagradas, junto ao tambor, produzem o batuque, talvez uma das pontes mais sólidas entre o terreiro e a avenida. Podemos dizer que o “batuque” (em especial ao caçador) transpôs os limites dos terreiros e, hoje, no carnaval, nos ajuda a perceber, como processos culturais sofisticados de adaptação, desenvolvidos em meio à mazela do cativo dos negros africanos, resistem, se revelam, se reinventam.

Hoje, a Nação Independente se une para reverenciar Oxóssi:

“ARERÊ ARERÊ COMORODE COMORODE AROLÊ COMORODE*”

(*Em meio a essa festa-arerê - seus herdeiros - arolês - pedem licença e te saúdam)

FICHA TÉCNICA

Bateria

Diretor Geral de Bateria

Dudu Oliveira

Outros Diretores de Bateria

Adriano, Alan, Amaro, Artur, Eugenio, Gilvan, Hebert, Paulo Cezar, Uilton, Junior, Lazaro, Leandro, Leandro Bicho, Milton, Peterson, Claudio, Rubens e Alexandre.

Total de Componentes da Bateria

276 (duzentos e setenta e seis) componentes

NÚMERO DE COMPONENTES POR GRUPO DE INSTRUMENTOS

1ª Marcação	2ª Marcação	3ª Marcação	Reco-Reco	Ganzá
14	14	16	0	0
Caixa	Tarol	Tamborim	Tan-Tan	Repinique
90	0	36	0	36
Prato	Agogô	Cuíca	Pandeiro	Chocalho
01	12	24	01	24

Outras informações julgadas necessárias

08 TIMBALÊS

Rainha de Bateria : O Espírito de Ketu

GIOVANNA ANGÉLICA

Nossa rainha de bateria representa o espírito de Ketu, um reino marcado por lutas e resistência. Dizimada, a cidade de Oxóssi renasceu em todos os lugares para onde seus filhos foram levados. Memórias e identidades desse reino ainda hoje fazem parte da nossa história provando que o Espírito de Ketu é imortal.

A fantasia traz características das diversas tribos que habitavam a região!

FICHA TÉCNICA

Harmonia

Diretor Geral de Harmonia Wallace Capoeira
Outros Diretores de Harmonia Dinho Madeira, Alemão e Sandro Menezes
Total de Componentes da Direção de Harmonia 50 (cinquenta) componentes
Puxador(es) do Samba-Enredo Wander Pires e Equipe
Instrumentistas Acompanhantes do Samba-Enredo André Felix, Jotinha, Vitor Alves e Leandro Mello
Outras informações julgadas necessárias André Felix – Diretor Musical

FICHA TÉCNICA

Evolução

Diretor Geral de Evolução Marco Antonio Marino e Wallace Capoeira
Outros Diretores de Evolução Dinho Madeira, Alemão e Sandro Menezes
Total de Componentes da Direção de Evolução 50 (cinquenta) componentes
Principais Passistas Femininos Andressa Marinho, Tuany de Paula, Luanda Araújo
Principais Passistas Masculinos Brayan Laurind, Lucas Pedro, Guilherme Lins
Outras informações julgadas necessárias Coordenador da Ala de Passistas: George Louzada

FICHA TÉCNICA

Informações Complementares

Vice-Presidente de Carnaval Marco Antonio Marino		
Diretor Geral de Carnaval Marco Antonio Marino		
Outros Diretores de Carnaval -		
Responsável pela Ala das Crianças -		
Total de Componentes da Ala das Crianças -	Quantidade de Meninas -	Quantidade de Meninos -
Responsável pela Ala das Baianas Tia Nilda		
Total de Componentes da Ala das Baianas 70 (setenta)	Baiana mais Idosa (Nome e Idade) Luzia Moreira Ferreira 87 anos	Baiana mais Jovem (Nome e Idade) Gleyce Borges 32 anos
Responsável pela Velha-Guarda Arnaldo e Cristiano		
Total de Componentes da Velha-Guarda 70 (setenta)	Componente mais Idoso (Nome e Idade) João B. Figueiredo 86 anos	Componente mais Jovem (Nome e Idade) Fábio Azevedo Coelho 45 anos
Pessoas Notáveis que desfilam na Agremiação (Artistas, Esportistas, Políticos, etc.) Elza Soares (Cantora), Dudu Nobre (Cantor e Compositor), Andrezinho (Cantor e Compositor), Grafite (Jornalista e ex jogador), Flavio Renegado (Cantor) e Rosangela dos Santos (Esportista Olímpica).		
Outras informações julgadas necessárias		

FICHA TÉCNICA

Comissão de Frente

Responsável pela Comissão de Frente

Jorge Teixeira e Saulo Finelon

Coreógrafo(a) e Diretor(a)

Jorge Teixeira e Saulo Finelon

**Total de Componentes da
Comissão de Frente**

15
(quinze)

Componentes Femininos

0

Componentes Masculinos

15
(quinze)

Outras informações julgadas necessárias

“Oxóssi é caçador de uma flecha só...”

Cantam os mais antigos do terreiro... “Arerê Comorodé

Ode Comorodé

No meio da festa

A ave-bruxa funesta.

O dia virou noite, a alegria, apreensão. Sombra, peste, escuridão.

Guerreiros com flechas em toda direção

Ave intacta, maldição!

Chamam o Odé da mira certa

Que vence demanda,

Abate o animal, desfaz o nó

Aclamado: Oxóssi, o caçador de uma flecha só! “Odé, Comorodé... arerê!”

A Comissão de frente da Mocidade Independente de Padre Miguel encena um dos itans fundadores da história de Oxóssi. Na narrativa, o guerreiro põe fim ao sofrimento de uma aldeia assombrada pelo feitiço de uma ave-bruxa. Vários caçadores falham em eliminar o animal. Tocam os tambores. O batuque convoca a força da ancestralidade e os guias da natureza conduzem Oxóssi, com sua FLECHA ÚNICA, CERTEIRA E ENCANTADA. O disparo preciso, guiado por esse axé, consegue dar cabo da ave do mal.

Luz e esperança tomam lugar do medo e do desespero.

Por sua mira certa, o dono da mata é nomeado Oxotocanxô, o caçador de uma flecha só. O batuque dos tambores que acompanha os ritos, que conta histórias, que nos conecta com a ancestralidade, hoje, traz axé, proteção e força para nosso guerreiro vencer as demandas.

FICHA TÉCNICA

Comissão de Frente

Outras informações julgadas necessárias

Jorge Texeira

É formado em Educação Artística, pela Faculdade de Formação Profissional Integrada, e em Música, pela Escola de Música Villa-Lobos. Iniciou na dança, em 1987, na Escola de Dança Hortência Mollo. Diretor Artístico da Cia. Brasileira de Ballet e Fundador do Conservatório Brasileiro de Dança e da ONG Ciranda Carioca, Jorge Texeira se destaca ao utilizar metodologia própria de ensino, o que lhe rendeu prêmios, como: “Moção de Congratulações”, da Câmara Municipal do Rio de Janeiro; “Melhor Espetáculo” e “Menção Honrosa”, pela Prefeitura de Cabo Frio; “Moção Aplauso”, pela Prefeitura do Carmo; “Prêmio Cultura Nota 10”, pela Secretária de Cultura da Cidade do Rio de Janeiro; “Prêmio Dedicación”, pelo XIII Certamen Internacional de Danzas, “Danzamérica 2007”, na Argentina; “Prêmio de Melhor Maitre”, pelo V Fest Dance 3; Prêmio “Especial de Melhor Grupo”, em 2008 e 2009, no Festival de Dança de Joinville. Atuou como professor convidado de companhias profissionais, como: Studio de Ballet Tatiana Leskova, Cia. de Ballet da Cidade de Niterói, Deborah Colker Cia. de Dança, Ballet do Teatro Municipal do Rio de Janeiro e Ballet Nacional Dell Sódre (Montevideu); prestou consultoria e supervisão de cursos de ballet clássico nas escolas: Ballet da Ilha de Vila Velha, Espírito Santo; Escola de Dança da Fundação Clóvis Salgado, Belo Horizonte, Minas Gerais; Escola Municipal de Bailados de Ourinhos, Ourinhos, São Paulo. Hoje atua como Diretor Artístico e Pedagógico da Escola Municipal de Bailados de Ourinhos e é professor/ensaiador convidado do Ballet Nacional de Sodré, em Montevideu, Uruguai, sob a direção de Julio Bocca. Tem sido premiado com seus alunos nos principais festivais de dança do mundo, tais como: Youth América Grand Prix, New York, EUA; Prix de Lausanne, Suíça; International Ballet Competition, Beijing, China; New York Ballet Competition, EUA; Mônaco Danse Fórum, Mônaco; USA/IBC International Ballet Competition, Jackson. Orgulha-se de ter formado bailarinos que atuam em grandes companhias, pelas Américas e Europa. Desde 2007, assina como coreógrafo a Comissão de Frente de Escolas de Samba do Grupo Especial do Carnaval do Rio de Janeiro, atualmente no G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel. No ano de 2011, recebeu o Prêmio Plumas e Paetês, pela Melhor Comissão de Frente do Grupo B do Carnaval Carioca.

FICHA TÉCNICA

Comissão de Frente

Outras informações julgadas necessárias

Saulo Finelon

Iniciou seus estudos de ballet, em 1994, na Escola de Danças Maria Olenewa. Ingressou no Grupo Thalhe, em 1995, passando a ter aulas com o professor Jorge Texeira. Em 1996, foi aprovado para a Cia de Ballet da Cidade de Niterói, onde atuou como solista do ballet “Caminhada”, do coreógrafo Rodrigo Moreira. Em 1997, foi aprovado em audição pública para o Corpo de Baile do TMRJ, atuando como solista em vários espetáculos, tais como “Suíte em Blanc”, de Lifar; “Divertissements No 5”, de Ballanchine; “Les Pressages”, de Massine; “Daphinis e Cloé” de Fokine; “Amigos de Copélia”, de Henrique Martinez. Ensaiou sob a orientação de Jean Yves Lourmaux (etóile da Ópera de Paris), então diretor do TMRJ, o primeiro papel de Príncipe Desirée, do ballet “A Bela Adormecida”, de Marius Petipa. Em 2001, atuou como solista em: “As Quatro Estações”, com música de Verdi e coreografia de Gustavo Malojoli; “A Megera Domada”, de John Cankro, no papel de Inocência; “O Quebra-Nozes”, de Dallah Achcar. Integra o elenco da Cia Brasileira de Ballet como bailarino convidado, desde a sua reestreia, em 2001. Em 2002, foi aprovado como Bailarino Estatutário do TMRJ. A partir de 2003, passou a atuar como assistente/ensaiador do professor Jorge Texeira, nas companhias de Ballet da Escola Petite Danse e na Cia Brasileira de Ballet. Atuou como assessor artístico do Conservatório Brasileiro de Dança, desde a sua inauguração, em 2007, até 2011. Desde 2004, é modelo exclusivo das grifes internacionais de artigos de dança e fitness “Só Dança”, “Kerche&Kerche” e “Trinys”, atuando como bailarino/modelo em desfiles do evento “Fashion Rio”. No filme “A Dona da História”, de Daniel Filho, dançou com as atrizes Débora Falabella e Fernanda Lima. Nos anos de 2008, 2009 e 2010, participou, como bailarino convidado da Cia. Brasileira de Ballet, de diversas turnês internacionais, pelas seguintes cidades: Mônaco, Miami e Nova York (EUA), Beijing (China) e Córdoba (Argentina). Desde 2007, é assistente do coreógrafo Jorge Texeira, nas coreografias Comissão de Frente de Escolas de Samba do Grupo Especial do Rio de Janeiro, como Portela, Grande Rio e, atualmente, para a Mocidade Independente de Padre Miguel. No ano de 2011, recebeu o Prêmio Plumas e Paetês, pela Melhor Comissão de Frente do Grupo B do Carnaval Carioca. OBS: Jorge Texeira e Saulo Finelon são os coreógrafos campeões do carnaval carioca de 2017 com a Mocidade Independente. Foram os criadores da coreografia que embalou o voo mágico do Aladdin pela Sapucaí!

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

1º Mestre-Sala Diogo Jesus	Idade 30 anos
1ª Porta-Bandeira Bruna Santos	Idade 23 anos
2º Mestre-Sala Jeferson Pereira	Idade 23 anos
2ª Porta-Bandeira Isabela Moura	Idade 20 anos

Outras informações julgadas necessárias

Coreógrafa dos Casais: Vânia Reis

Primeiro Casal – Mutalambô

O primeiro casal de Mestre Sala e Porta Bandeira da Mocidade Independente de Padre Miguel simboliza o Mutalambô - a face divina da natureza do caçador.

O casal une a força das mulheres caçadoras e a valentia dos guerreiros - aqueles que doam sua vida para o sustento de sua aldeia. Ao agregar a força feminina e a masculina de um Odé, um caçador, Oxóssi se converte em Mutalambô, a divindade protetora da natureza, o deus da caça, da fartura e da abundância.



FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Outras informações julgadas necessárias

Coreógrafa dos Casais: Vânia Reis

Segundo Casal – Oxum e Logunedé: Entre Cachoeiras e Florestas

O segundo casal de Mestre e Sala e Porta Bandeira da Mocidade Independente de Padre Miguel encena um xirê - um bailado entre mãe e filho: Oxum e Logunedé. Oxum, orixá das águas e do amor, concebe com Oxóssi, Logunedé, príncipe do encanto e da magia. Vaidosos ao extremo, Oxóssi e Oxum se separam e decidem que o filho viveria metade do ano, nas matas, com o pai, e a outra metade, no rio, com a mãe. Logunedé se torna, assim, um grande guerreiro, amante das plantas e, ao mesmo tempo, um conhecedor dos mistérios das águas. A Porta Bandeira vem em amarelo, cor tradicional de Oxum, ao passo que a fantasia do Mestre Sala vem caracterizada com elementos e cores das águas.



Guardiãs do Segundo Casal: As Guardiãs das Águas Doces

As guardiãs do segundo casal de Mestre Sala e Porta Bandeira representam todas as mulheres que rendem homenagens aos orixás das águas doces. A fantasia, em amarelo, cor tradicional de Oxum, traz vasos que caracterizam as oferendas e os rituais feitos tanto para Oxum, como para Logunedé.

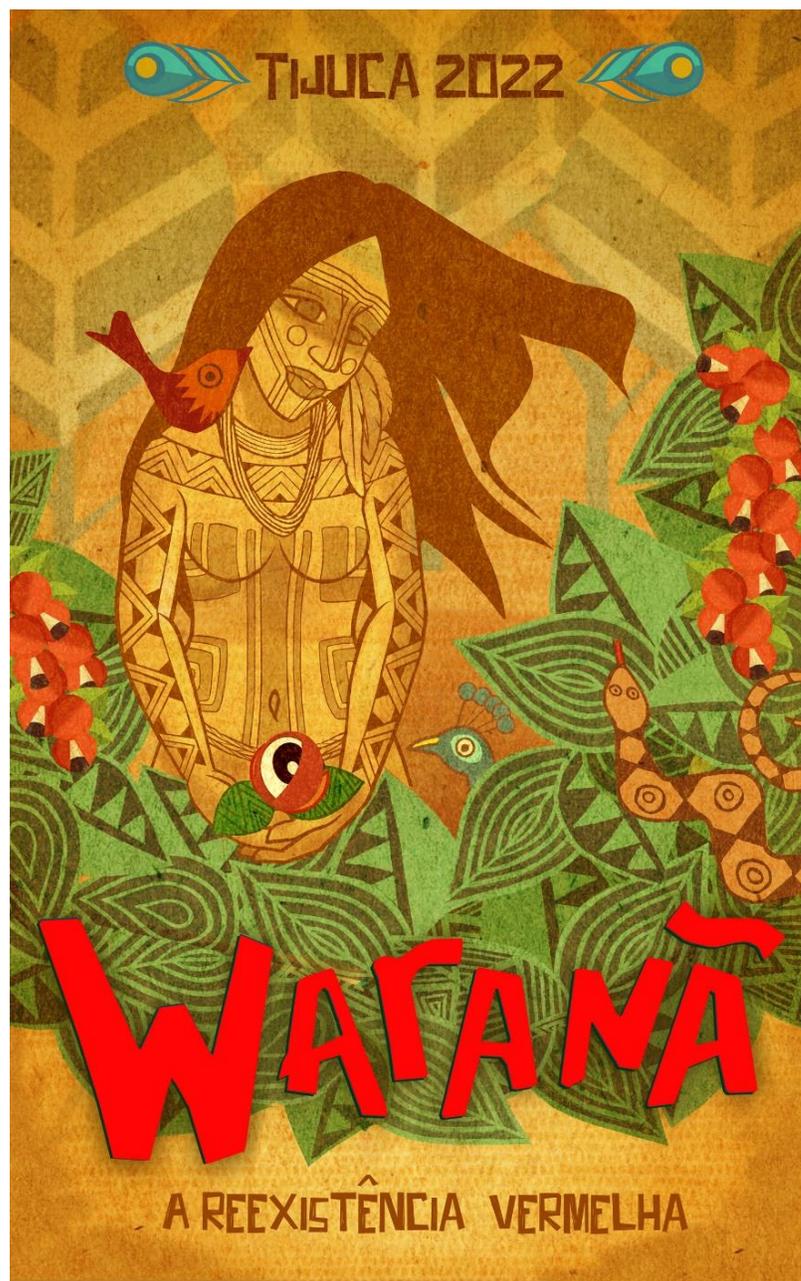


G.R.E.S. Unidos da Tijuca



**PRESIDENTE
FERNANDO HORTA**

“Waraná: a Reexistência Vermelha”



Carnavalesco
JACK VASCONCELOS

FICHA TÉCNICA**Enredo**

Enredo “Waranã: a Reexistência Vermelha”					
Carnavalesco Jack Vasconcelos					
Autor(es) do Enredo Jack Vasconcelos					
Autor(es) da Sinopse do Enredo Jack Vasconcelos					
Elaborador(es) do Roteiro do Desfile Jack Vasconcelos					
	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
01	O Ritual da Tocandeira entre os Sateré-Mawé: aspectos simbólicos do Waumat.	ALVAREZ, Gabriel O	Departamento de Antropologia, UnB, Brasília	2005	Todas
02	Cultura e literatura africana e indígena.	AMORIM, Claudia; PALADINO, Mariana.	IESDE Brasil S.A	2012	Todas
03	Entre práticas e saberes: Incorporação de encantados na Umbanda.	BRITTO, Leonardo Lucas; SOUZA, Sérgio Luiz de.	Universidade Federal de Rondônia. Porto Velho: Revista Labirinto	2018	Todas
04	Guaraná, a máquina do tempo dos Sateré-Mawé	FIGUEROA, Alba Lucy Giraldo	Belém: Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi – Ciências Humanas	2016	Todas

FICHA TÉCNICA

Enredo

	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
05	A lenda do guaraná: mito dos índios Sateré-Maué Waraná: o legítimo guaraná dos Sateré-Mawé	FITTIPALDI, Ciça	Melhoramentos	2016	Todas
06	Umbanda: História, cultura e resistência.	FRABONI, Mauricio. In: RICARDO, Carlos A. (Ed.).	Instituto Socioambiental	2000	Todas
07	Sateré-Mawé, os filhos do Guaraná.	JARDIM, Tatiana	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro	2017	Todas
08	Das Macumbas à Umbanda: uma análise histórica da construção de uma religião brasileira.	LORENZ, Sônia M. da S. OLIVEIRA, José Henrique Motta de	Centro de Trabalho Indigenista	2008	Todas
09	As bonitas histórias Sateré-Mawé	UGGÉ, Enrique	Manaus: Secretaria da Educação e Cultura do Amazonas	2008	Todas
10	Sehaypóri, o Livro Sagrado do Povo Sateré-mawé	YAMÃ, Yaguarê	Editora Petrópolis	2007	Todas

HISTÓRICO DO ENREDO

Tupana, criador das boas coisas do mundo, reinava no alto do céu na forma de A'at, o sol, enquanto seu irmão oposto, Yurupari, sob a proteção de Waty, a lua, regia as más na escuridão. Assim, as ações entre os dois deuses estabeleceriam o equilíbrio cíclico de Monã, as forças cósmicas geradoras do universo.

Contam que três irmãos, os varões Yucumã e Ukumã'wató e a bela Anhyã-Muasawê, viviam em Nusokén, uma floresta encantada, abundante, onde até as pedras poderiam falar.

Anhyã-Muasawê era a guardiã, a dona de Nusokén, pois detinha o conhecimento das plantas medicinais. Não existia folha que ela não conhecesse o poder. De tão bonita e habilidosa, todos os animais de Nusokén se enamoraram por ela, o que mergulhava seus irmãos no ciúme.

Certo dia, uma cobra verde tomada de amor usou o perfume de uma flor para atrair Anhyã-Muasawê e com apenas um toque em seu pé a fez engravidar. Quando Yucumã e Ukumã'wató descobriram a gravidez indesejada por eles, possuídos pela má energia de Yurupari, expulsaram a irmã e tomaram para si o controle do paraíso Nusokén, a proibindo de voltar. Ela e a criança que nasceria.

Anhyã-Muasawê vai para uma mata distante dar à luz a Kahu'ê, o kurumin mais bonito e alegre que já existiu. Kahu'ê era uma criança prodigiosa, dizem que começou a tagarelar bem cedo. Olhos vivos, atentos para as muitas perguntas que brotavam de sua curiosidade inocente. Fartava-se dos frutos que a floresta com bom grado lhe dava, mas havia uma iguaria que não era permitida a ninguém e que Kahu'ê se apetitou: a castanha da castanheira sagrada de Nusokén. Aquela, primeira, brotada das patas de uma onça e que estava sendo vigiada pela cotia e pelo macaco, Hanuã-Xuin, a mando dos irmãos Yucumã e Ukumã'wató.

Chegando lá, o kurumin arteiro subiu na árvore e saciou a fome até o cair da noite como se dono fosse daquele fruto proibido. Na verdade, era mesmo herdeiro daquelas terras, já que sua mãe seria senhora de Nusokén por direito.

Ao saberem pelos vigias da violação da castanheira sagrada, os tios de Kahu'ê, obsediados pelo espírito da inveja, invocaram Yuyrupari, que se transformou em uma serpente terrível e tirou a vida do pequeno índio.

Anhyã-Muasawê ouviu o grito de longe, correu em socorro a seu filho, mas não pôde evitar o pior. Uma tristeza súbita tomou aquela terra. O mal de Yurupari parecia ter vencido ao exterminar a existência de Kahuê quando os raios de Tupana rasgaram as nuvens. Ao tocarem o solo, falaram ao coração da mãe ferida que aquela maldade se tornaria bônção. Anhyã-Muasawê se transformou num pássaro, levou seu filho para os arredores do rio Maráw, enterrou os olhos do kurumin e os regou com suas lágrimas.

O olho esquerdo plantou em terras amarelas, do qual nasceu uma planta que não prestava. Era o Waraná-Hôp, o falso guaraná. O olho direito, plantado em terras pretas, gerou o Waraná-Sése, o verdadeiro guaraná. Com ele, Anhyã-Muasawê fez um elixir mágico para

longa vida ao povo que floresceria das entranhas de Kahu'ê, enterrado embaixo de uma Abiu'rana. Seu ajudante, o passarinho Karaxué, cantava sua mais bela melodia quando Mary-Aypók nasceu do corpo de Kahu'ê. Era o “originador”, o primeiro Mawé. Tupana deu a ele de presente a língua que só era falada pelos seres de bem que o acompanhavam, chamada Sateré, a lagarta de fogo.

O segundo Mawé nascido da criança enterrada foi Wasary-Pót, o irmão gêmeo do “originador”.

Os irmãos cresceram. Mary-Aypók se casou com Ahút-Piã, a filha do papagaio, e concebeu o significado da palavra Mawé, o papagaio falante. Wasary-Pót desposou com Hano'onapiã'hop, filha da arara-piranga, e seus descendentes dariam as mais belas penas para adornar o povo que surgia.

O bendito kurumin Kahu'ê, fruto da união entre a ancestralidade indígena e os animais, renascia em uma raça de pele vermelha como a cor da pele do sagrado Waranã. Estava iniciada a nação Sateré-Mawé, o povo do guaraná. Descendente do fruto que cura as doenças das almas cansadas, dos fracos, que fortalece e devolve a força, a juventude. Revive.

Organizaram-se em clãs, construíram identidade e desenvolveram ritos e mitos regados a guaraná, pintados e gravados com branco do barro taguatinga, preto do jenipapo e vermelho urucum no remo sagrado Puratig.

Do bastão de guaraná ralado criaram o Çapó para beber nas festas, pajelanças e no Waymat, onde as tucandeiras iniciam os jovens para a vida adulta como símbolo de renascimento sob o comando dos Tuxauas.

Porém, não se engane em pensar que Yurupari descansou de sua maldade predatória, que deixou a vida na floresta em harmonia. Ele se fez ressurgir ao longo do tempo em colonizadores, missionários religiosos enviados às aldeias, caçadores, garimpeiros e madeireiros ilegais, grileiros de terras... Pelos desmatamentos e queimadas, os filhos-demônios de pele clara de Yurupari seguem semeando o caos em nome do capetal.

Mas os filhos do guaraná, pelas vermelhas do Brasil, são predestinados, pois apenas povos sábios, de espiritualidade elevada, são capazes de reexistirem encantados pelas matas, acabocladados nos terreiros onde bradam sua força e encontrarem com os espíritos infantis de erês e ibejadas que, quando “chegam”, gostam de tomar guaraná.

Assim, completando o ciclo da eterna renovação, enfim o curumim Kahu'ê é elevado ao paraíso prometido Mawé, Nusokén, ou à Jurema, ou à Aruanda, quando na gira as crianças bebem seu guaraná e vão brincar.

Elas são a prova que o espírito do amor é muito maior que o ódio semeado por Yurupari.

Ele não vai vencer. Ele nunca irá nos exterminar.
Yurupari jamais triunfará.

Jack Vasconcelos

JUSTIFICATIVA DO ENREDO

“Por meio do conhecimento (Sehaypóri) é que compreendemos a razão por que estamos no mundo e por que somos o que somos, pois não estamos aqui somente para viver, mas para saber viver”. (Provérbio Mawé)

A natureza nos ensina sobre a arte de observar e respeitar os ciclos que a regem. Sol e lua; dia e noite; chuva e seca... Presentes em diversos mitos, das mais variadas etnias, as narrativas sobre forças opostas que se alternam para a manutenção do equilíbrio cósmico estão entre as mais belas, mais fortes e mais impressionantes formas de enxergar além do que as coisas são.

Transformações e ciclos. É com base nessas categorias que a Unidos da Tijuca apresenta "Waranã: a Reexistência Vermelha", enredo no sentido clássico do termo, com desenvolvimento dramático calcado em acontecimentos que se sucedem. Personagens e paisagens são apresentados no tempo mítico, em que se costura uma trama tal qual fibra de arumã, cujo trançado se apresenta firme e “imune aos desgastes do tempo¹”.

Histórias, mitos e referências visuais entrecruzadas são formas de manutenção do pensamento sateré-mawé, que estão presentes na educação dos curumins por meio da contação de fábulas e parábolas. Essa mitopoética contribui para a formação desses jovens, que serão as lideranças da etnia e que aprendem desde cedo a respeitar os ciclos da natureza, os mistérios da floresta e a sabedoria dos ancestrais.

São essas histórias produzidas pelo pensamento ameríndio - e disseminadas pela tradição oral dos povos originários do Brasil - que vão se desenrolar diante dos nossos olhos. A partir do conceito de conto, que se desdobra ao sabor dos acontecimentos, narraremos, segundo mitos presentes no *Sehaypóri* (conjunto de narrativas mitopoéticas dos sateré-mawé), a formação do guaraná a partir da saga de Kahu'ê, o inocente curumim, cuja presença breve sobre o plano terreno se dá em face das disputas das forças cósmicas e do embate entre Tupana (o bem) e Yurupari (o mal). Ao quebrar um tabu, isto é, provar do fruto proibido da castanheira sagrada, Kahu'ê se transforma em entidade espiritual, transmutando-se em energia pura e benfeitora.

E é nesta encruzilhada que se dá a invocação a Kahu'ê, espírito infantil que, assim como outras diversas linhagens místicas, é celebrado em manifestações conhecidas como Ibeji, Ibeijada, Beijada, Cosminho, Erês, Curumins. São entidades que ainda são puras e livres das cargas densas e viciosas comuns aos humanos. São energias de cura, de generosidade, que trabalham espiritualmente em nosso benefício.

¹ Trecho da toada “Fibras de Arumã” (Boi-bumbá Caprichoso). Compositor: Ronaldo Barbosa.

Para melhor apresentar esse conto-enredo, o projeto visual se apresenta como ilustrações que vão nos guiar ao longo da jornada. Nessa perspectiva, as cores tornam-se fundamentais para marcar os contrastes e delimitar os personagens. Assim, o amarelo faz alusão às energias que emanam do reino solar de Tupana. Já o azul em tons mais fechados, refere-se à noite e às energias soturnas do reino de Yurupari. O vermelho surge para caracterizar o povo sateré-mawé, cuja origem é umbilicalmente ligada ao guaraná, à terra, ao sangue, à vitalidade. E há também momentos de explosão multicolor, que têm como intenção estética conduzir-nos aos domínios do fantástico, do discurso mítico que vai além do real.

Os grafismos estão presentes nos contos *Sehaypóri* gravados no *Puratig* (ou Porantim), o remo sagrado e símbolo da identidade sateré-mawé. Por isso, lançamos mão de uma série de geometrizações e padronagens que contribuem para a formação de uma visualidade que metaforicamente, ao longo do desfile, remete a esse artefato mágico. A partir de pesquisas em diversas composições visuais, recortes, colagens e sobreposições de tecidos, buscamos construir uma teia gráfica coerente com a produção discursiva dos sateré-mawé, mas sem nos privar da liberdade estética que o carnaval permite enquanto campo de criação artística.

A reexistência da vida contada no mito de origem do guaraná, ora transformado em enredo, é uma criação humana sobre como a morte, a ausência, é também cura, presença, vida e renascimento. Nos últimos anos, vozes como Ailton Krenak, Sônia Guajajara, Davi Kopenawa, Raoni entre outras diversas lideranças, têm se levantado fortemente contra o extermínio indígena. E este conto, de atmosfera infantil, mas de fundo perspectivado xamânico, guarda um compromisso com essa luta em favor da defesa da cultura e da vida dessas populações.

Na metáfora em que Kahu'ê sucumbe à maldade de Yurupari, o bem, no final triunfa. Mas... e no plano da realidade? Enquanto pudermos, que usemos a arte, o canto, a sabedoria, e as narrativas para criar imaginários e adiar o fim do mundo. E fazer deste planeta um paraíso, tal como os sateré-mawé idealizaram Nusokén. Não há mal que sempre dure, mas é preciso luta, coesão e estratégia. Somos os Kahu'ês dessa história e estamos sendo atacados por Yurupari. É hora de reexistir. Essa mata é nossa.

ROTEIRO DO DESFILE

ABERTURA: A DUALIDADE NO REINO DE MONAN

**Comissão de Frente
A REEXISTÊNCIA VERMELHA**

**1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Phelipe Lemos e Denadir Garcia
ENERGIA ENCARNADA**

Ala 01 – Comunidade
A'AT (SOL) E WATY (LUA) NO ALTO
CÉU DE TUPANA E YURUPARI

**Pede Passagem
O PAVÃO CÓSMICO**

**Alegoria 01 – Abre-Alas
NUSOKÉN: O PARAÍSO SEGUNDO O POVO
SATERÉ-MAWÉ**

SETOR 02: KAHU'Ê: VIDA INOCENTE, VIRA SEMENTE

Ala 02 – Comunidade
O REBOJO DAS ÁGUAS DO RIO
MARAW

Ala 03 – Comunidade
ANHYÃ, A MÃE ZELOSA DE KAHU'Ê

Ala 04 – Comunidade
KAHU'Ê, É O FALANTE CURUMIM

Destaque de Chão
Fabíola Ferreira
VERDEJANTE ATRAÇÃO

Ala 05 – Comunidade
O FRUTO PROIBIDO ATRAI O ARTEIRO
CURUMIM

Ala 06 – Comunidade
A CASTANHEIRA SAGRADA

Performance (Totens):
O MACACO E A COTIA: GUARDIÕES
DA CASTANHEIRA SAGRADA

Grupo A (ao redor do Tripé)
FLORES DE NUSOKÉN

Tripé
KAHU'Ê SUCUMBE À MALDADE DE
YURUPARI

SETOR 03: SEMENTES DA REEXISTÊNCIA

Ala 07 – Comunidade
RAIOS ANUNCIAM A PROFECIA DE
TUPANA

Destaque de Chão
Ana Filipa
A AVE MÍSTICA

Ala 08 – Comunidade
ANHYÃ SE TRANSFORMA
EM AVE-MÃE

Ala 09 – Comunidade
OS OLHOS DO CURUMIM

Destaque de Chão
Patrícia Chélida
A FERTILIDADE DA TERRA PRETA

Ala 10 – Comunidade
DAS LÁGRIMAS DE ANHYÃ,
RESSURGE A VIDA

Ala 11 – Comunidade
WARANÃ-SESÉ, O BOM FRUTO

Alegoria 02
RENASCER E FRUTIFICAR:
A DÁDIVA DE TUPANA

Ala 12 – Comunidade
KARAXUÉ E A MELODIA DA VIDA

Destaque de Chão
Valéria Gonçalves
MARIPOSA AZUL

Ala 13 – Passistas
O REVOAR DAS BORBOLETAS

Rainha de Bateria
Lexa
O FRUTO QUE TUPANA ABENÇOOU

Mestre Casagrande
MARY-AYPÓK, O PRIMEIRO MAWÉ

Ala 14 – Bateria
AO SOM DO TROVÃO DE TUPANA

Ala 15 – Comunidade
LAGARTA DE FOGO SATERÉ

Ala 16 – Comunidade
PAPAGAIO FALANTE MAWÉ

Ala 17 – Comunidade
A ARARA-PIRANGA, DONA DAS MAIS
BELAS PENAS

Alegoria 03
OS FRUTOS DE UMA NAÇÃO

SETOR 04: A REEXISTÊNCIA VERMELHA

Ala 18 – Comunidade
TUXAUAS, O CLÃ DA SABEDORIA

Destaque de Chão
Ariane Rocha
CUNHÃ SATERÉ

Ala 19 – Comunidade
WANTURIÁ, O CLÃ PESCADOR

Ala 20 – Comunidade
KOREIWÁ, O CLÃ CAÇADOR

2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Matheus e Lohane Lemos
O RITUAL DA TUCANDEIRA

Ala 21 – Comunidade
HWARIÁ, O CLÃ GUERREIRO

Ala 22 – Comunidade
NAPU'WANY'Ã, O CLÃ DOS
AGRICULTORES NO RITUAL DO ÇAPÓ

Alegoria 04
A MALDADE DE YURUPARI AVANÇA SOBRE
A FLORESTA

SETOR 05: ...E O AMOR VAI VENCER!

Grupo B
ÁRVORES ENCANTADAS

Ala 23 – Comunidade
CABOCLOS DA MATA

Ala 24 – Baianas
JUREMA

Ala 25 – Comunidade
A REEXISTÊNCIA DAS FOLHAS

Destaque de Chão
Larissa Neto
FEITIÇO CABOCLO

Ala 26 – Comunidade
O RENASCIMENTO DA FLORESTA

Ala 27 – Comunidade
O ESPÍRITO DE KAHU'Ê REEXISTE NA
NATUREZA

Alegoria 05
ERÊ, ESSA MATA É SUA!

Ala 28
COMPOSITORES

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Jack Vasconcelos		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
*	<p>Pede Passagem</p> <p>O PAVÃO CÓSMICO</p>  <p><i>*As imagens apresentadas no livro abre-alas são meramente ilustrativas, servindo como referência para melhor compreensão do desfile.</i></p>	<p>O Pavão, símbolo da nossa escola, abre os caminhos para contar a saga do povo sateré-mawé que se dá no tempo mítico dos deuses do panteão indígena. Um conto que começa no alto céu, de Tupana e Yurupari, cujas forças passam a reger o cosmos, ao sabor dos desígnios de Monan, a energia que equilibra o bem e mal.</p> <p>Destaque Central (alto): Waleska Mamede: A Dualidade Cósmica</p>
01	<p>NUSOKÉN: O PARAÍSO SEGUNDO O POVO SATERÉ-MAWÉ</p>  <p><i>*As imagens apresentadas no livro abre-alas são meramente ilustrativas, servindo como referência para melhor compreensão do desfile.</i></p>	<p>O carro abre-alas da Unidos da Tijuca representa Nusokén, o paraíso segundo a visão Sateré-mawé. Trata-se de uma versão fantástica da terra e seus encantados, em que os elementos dos reinos animal, vegetal e mineral apresentam formas, texturas, grafismos e cores que se instauram no campo mítico, muito além do real.</p> <p>A partir desse conceito estético e discursivo, as onças representam as Tapyra'yawaras, sentinelas da floresta, espíritos criados por Tupana para proteção da natureza. São elas, banhadas pela luz do Sol e pelo brilho da Lua, que trazem o paraíso de Nusokén para a Avenida.</p>

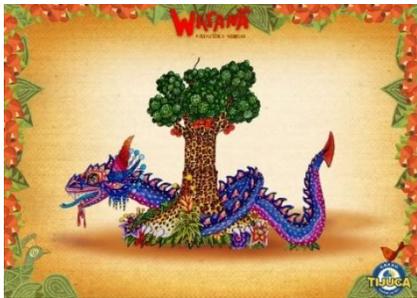
FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Jack Vasconcelos		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
01	<p>NUSOKÉN: O PARAÍSO SEGUNDO O POVO SATERÉ-MAWÉ (Continuação)</p>  <p><i>*As imagens apresentadas no livro abre-alas são meramente ilustrativas, servindo como referência para melhor compreensão do desfile.</i></p>	<p>O primeiro chassi reproduz o esplendor de Nusokén, com um igarapé que é precedido por um jacaré estilizado, com paisagem idílica ornada com vitórias-régias e flores em diversos tons. No segundo chassi, trazido por um cágado representando a ancestralidade, projeta-se, entre flores e plantas estilizadas, a imagem maternal de Aynhã, grávida de Kahu'ê. A figura de Aynhã se funde com a de uma borboleta, símbolo de feminilidade e liberdade. Ela é a guardiã do paraíso, mimetizada com os elementos da natureza que a cerca. O paraíso de Nusokén constitui Anhyã e todos os saberes da natureza estão com ela.</p> <p>Destaques:</p> <p>Sobre as onças, as semi-destaques: Paula Valente (Waty, a Lua) e Anderson Soares (A'aty, o Sol).</p> <p>1º Chassi: Destaque: Amanda Marques (Aynhã). (Central Médio, sobre a cabeça do jacaré) Destaques (os dois irmãos de Aynhã): Felipe Fonseca: (A Inveja de Yucumã) e Magno Werneck: (a Cobiça de Ukumã'wató). Alex Araújo (A Energia de Monã). (Central Alto)</p> <p>Composições sobre as vitórias-régias: Aquáticas do Igarapé de Nusokén</p> <p>2º Chassi: Destaque: Yooji Leão (A Cobra Ardilosa) Central Médio, sobre a cabeça da tartaruga)</p> <p>Composições em volta da escultura de Aynhã: Encantadas de Nusokén</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Jack Vasconcelos		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
*	<p>Tripé</p> <p>KAHU'Ê SUCUMBE À MALDADE DE YURUPARI</p> 	<p>Rodeado pelas flores, formadas pela ala ao redor do tripé, está, em primeiro plano, a castanheira sagrada, brotada de um pé de onça. Em corpo de serpente, Yurupari, surge na castanheira sagrada em tons soturnos azulados e ataca o curumim. O espírito maligno de Yurupari está saciado com o desaparecimento de Kahu'ê, que desperta dor e reação de Anhyã, ajudada por Tupana.</p> <p>Destaque: Corintho Rodrigues. O Espírito Maligno de Yurupari</p>
02	<p>RENASCER E FRUTIFICAR: A DÁDIVA DE TUPANA</p>  <p><i>*As imagens apresentadas no livro abre-alas são meramente ilustrativas, servindo como referência para melhor compreensão do desfile.</i></p>	<p>Ao lançar os raios da boa aventura, Tupana espalha a dádiva da fartura. Da terra, brotam as sementes nascidas do olho de Kahu'ê e regadas pelas lágrimas de Aynhã, provendo de vitalidade e energia o povo de pele vermelha.</p> <p>À frente da alegoria, Aynhã é representada de forma poética e estilizada, com um rosto encoberto por uma máscara feita em grafismos, de onde caem lágrimas regando o solo em que brota o waranã-sessé, o guaraná bom. A terra preta, a boa terra de plantar, é representada no piso da alegoria, cuja forração apresenta geometrizações que estilizam o chão em que Aynhã plantou um dos olhos de Kahu'ê. Acima, Tupana derrama as dádivas sobre o guaraná, transformando a tragédia em benefício ao povo que vai surgir das sementes que brotam do bondoso espírito de Kahu'ê.</p> <p>Destaques:</p> <p>Central baixo: Lisa Suan (As Lágrimas de Aynhã)</p> <p>Central Alto: Janderson Tavares (Deus Tupana)</p> <p>Semi-destaques: Thalyssa Siqueira e Dida Borges (O Triunfo de Tupana)</p>

FICHA TÉCNICA**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Jack Vasconcelos		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
03	<p>OS FRUTOS DE UMA NAÇÃO</p>  <p><i>*As imagens apresentadas no livro abre-alas são meramente ilustrativas, servindo como referência para melhor compreensão do desfile.</i></p>	<p>A formação da etnia sateré-mawé, o povo do guaraná, é o mote da terceira alegoria da escola. Em destaque, estão a lagarta de fogo sateré e o papagaio mawé, que formam o nome da etnia. À frente, está a escultura do primeiro sateré-mawé, Mary-Aypók, empunhando o remo sagrado, chamado de Puratig, artefato totêmico, amuleto filosófico e repositório da memória da etnia sateré-mawé. No remo sagrado Puratig, também conhecido como “Porantim”, está gravado o <i>sehaypóri</i>, coleção de mitos que o povo do guaraná passa de geração a geração. A alegoria também traz, na parte frontal baixa, as cuias em que são servidos o guaraná líquido. O grande sol A’at continua a brilhar no alto céu, enquanto na Terra a vegetação ganha tons avermelhados, representando a visão encarnada da natureza como dádiva de Tupana ao povo do guaraná.</p> <p>Destaque Central Baixo: Carlos Acuña (Waranã)</p> <p>Destaque Central Alto: Meime dos Brilhos (O Papagaio Mawé)</p> <p>Semi-destaques: (Waranã Vital) Micaella Giorgi Talita do Amaral Patrícia Figueiredo Catharina do Amaral</p> <p>Composições: Sateré-mawé</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Jack Vasconcelos		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
04	<p>A MALDADE DE YURUPARI AVANÇA SOBRE A FLORESTA</p>  <p><i>*As imagens apresentadas no livro abre-alas são meramente ilustrativas, servindo como referência para melhor compreensão do desfile.</i></p>	<p>Yurupari não desiste. Seu espírito maligno espalha destruição, medo e ameaça o equilíbrio da vida. Dessa vez, ele envia demandas contra os povos originários do Brasil, transformando a floresta em um imenso campo de fogo. A maldade de Yurupari se manifesta por meio de diversas criaturas que representam os ataques contra a natureza e contra as comunidades indígenas, que não são apenas os ocupantes da terra, mas eles são a própria terra. Destruir a natureza, a cultura e as crenças tradicionais é dizimar toda uma população, é promover o genocídio contra nossos povos originários. Mas a vida sempre resiste e reexiste. Na parte de trás da alegoria, paini-pajés ora pelos espíritos de restauração, pelos benfeitores, pelas crianças. E a floresta começa de novo a verdejar, num ciclo de renovação da vida que Yurupari jamais conseguirá deter.</p> <p>Destaque Central Baixo: Carla Close – Fantasia: Demandas de Yurupari</p> <p>Destaque Central Alto: Camila Prins – Fantasia: Chamas da Destruição</p> <p>Composições (Masculinas e Femininas): Fogaréu</p>

FICHA TÉCNICA**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Jack Vasconcelos		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
05	ERÊ, ESSA MATA É SUA!  <p><i>*As imagens apresentadas no livro abre-alas são meramente ilustrativas, servindo como referência para melhor compreensão do desfile.</i></p>	<p>O amor venceu! E para celebrar a vitória, a última alegoria traz uma ibejada na Avenida. Com direito a guaraná, doces e muita brincadeira. Nosso curumim agora se apresenta como um erê transmutado em espírito de luz, com o rosto emergindo na alegoria e contemplando o público com o olhar atento e puro de criança, distribuindo axé. A inocência e a pureza agora dominam a mata, que renasce como guaraná que um dia foi plantado no solo da pura emoção e germinou a partir da semente da bondade e do afeto. Nessa festa, a nossa velha-guarda desfila para unir todas as gerações em uma grande gira de umbanda, com os encantados trabalhando em prol da limpeza de energias. Enfim, a vida ressurgiu pelo poder da reexistência. Essa mata é sua Kahu'ê!</p> <p>Destaque Central: Luiz Dorini – Fantasia: Espíritos de Luz</p> <p>Destaque Frontal: Mariah – Fantasia: Cabocla Jupira, Princesa da Mata</p> <p>Semi-destaques: Edgar Silva e Madson Hipólito – Fantasia: Espíritos da Floresta</p> <p>Composições: Velha-guarda – Fantasia: Reexistência Ancestral</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Nomes dos Principais Destaques	Respectivas Profissões
<p><u>Pede-Passagem</u> Waleska Mamede (Destaque baixo) Fantasia: Dualidade Cósmica</p>	<p>Empresária</p>
<p><u>Alegoria 01 (Sobre as onças)</u> Paula Valente – Fantasia: Waty, a Lua Anderson Soares – Fantasia: A’aty, o Sol</p>	<p>Empresária</p>
<p><u>1º Chassi (Alegoria 01)</u> Alex Araújo – Fantasia: A Energia de Monã Amanda Marques – Fantasia: Anhyã Destaques (os dois irmãos de Aynhã) Felipe Fonseca – Fantasia: A Inveja de Yucumã Magno Werneck – Fantasia A Cobiça de Ukumã’wató</p>	<p>Maquiador Empresária - -</p>
<p><u>2º Chassi (Alegoria 01)</u> Yooji Leão – Fantasia: A Cobra Ardilosa</p>	<p>Modelo e Dançarino</p>
<p><u>Tripé</u> Corintho Rodrigues Fantasia: O Espírito Maligno de Yurupari</p>	<p>-</p>
<p><u>Alegoria 02</u> Lisa Suan – Fantasia: As Lágrimas de Aynhã Janderson Tavares – Fantasia: Deus Tupana Thalyssa Siqueira (Semi-destaque) Fantasia: O Triunfo de Tupana Dida Borges (Semi-destaque) Fantasias: O Triunfo de Tupana</p>	<p>Estilista Ag. de Serviço de Ordem Internacional - -</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Nomes dos Principais Destaques	Respectivas Profissões
<p><u>Alegoria 03</u> Carlos Acunã (Semi-destaque) Fantasia: Waranã</p> <p>Meime dos Brilhos – Fantasia: O Papagaio Mawé</p> <p>Micaella Giorgi (Semi-destaque) Fantasia: Waranã Vital</p> <p>Talita do Amaral (Semi-destaque) Fantasia: Waranã Vital</p> <p>Patrícia Figueiredo (Semi-destaque) Fantasia: Waranã Vital</p> <p>Catharina do Amaral (Semi-destaque) Fantasia: Waranã Vital</p> <p><u>Alegoria 04</u> Carla Close – Fantasia: Demandas de Yurupari</p> <p>Camila Prins – Fantasia: Chamas de Destruição</p> <p><u>Alegoria 05</u> Mariah - Fantasia: Cabocla Jupira</p> <p>Luiz Dorini - Fantasia: Espíritos de Luz</p>	<p>Administrador de Empresas</p> <p>-</p> <p>-</p> <p>-</p> <p>-</p> <p>-</p> <p>-</p> <p>Bailarina</p> <p>-</p> <p>-</p>
<p>Local do Barracão Rua Rivadávia Correa, nº. 60 – Barracão nº. 12 – Gamboa – Rio de Janeiro – Cidade do Samba</p>	
<p>Diretor Responsável pelo Barracão Fernando Leal</p>	
<p>Ferreiro Chefe de Equipe Devalcy Ribeiro</p>	<p>Carpinteiro Chefe de Equipe Jander Gomes</p>
<p>Escultor(a) Chefe de Equipe Jander Gomes</p>	<p>Pintor Chefe de Equipe Jander Gomes</p>
<p>Eletricista Chefe de Equipe Oliveira</p>	<p>Mecânico Chefe de Equipe Antônio</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Outros Profissionais e Respectivas Funções

Pedro Veloso	- Gerente de Barracão
Laerte Couto	- Responsável pelo Ateliê de Alegorias
Nino	- Fibra
Jander Gomes	- Espuma
João Vitor	- Costura
Tom – Knowhow Production	- Iluminação
Edgar	- Carpintaria
Ivone Gomes	- Secretária Geral
Maurício Simões	- Setor de Compras
Paulo Legg	- Almojarifado
Geissa Evaristo	- Assessoria de Imprensa
Paula Valente	- Eventos
Fernando Leal	- Administrador de Quadra de Ensaios
Amanda, Ana Maria, Aparecida, Elóildes, Fátima, Ivone, Ingrid, Kátia, Diva, Regina, Rosemere e Sueli	- Departamento Feminino

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Jack Vasconcelos				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
01	<p>A'at (Sol) e Waty (Lua) no Alto Céu de Tupana e Yurupari</p> 	<p>Alto céu. Durante o dia, A'at (o grande sol), em nome de Tupana (o bem), rege Nusokén, o paraíso segundo o povo sateré-mawé. À noite, Waty (a lua) vem comandar, em nome de Yurupari, as energias más que se revelam quando a luz vai embora. A existência dessas duas forças contrárias equilibra o cosmos. A oposição entre o bem e o mal se revela nas cores desta ala com dois figurinos, que representa a polarização de energias cósmicas e os ciclos que regem o universo.</p>	Comunidade	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Jack Vasconcelos

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
02	O Rebojo das Águas do Rio Maraw 	As águas do rio Maraw banham de vida o paraíso abençoado por Tupana. O movimento das águas que não cessa de fluir forma pequenos redemoinhos, que os ribeirinhos batizaram de rebojo. Às margens do rio, a mata protege a diversidade de seres que habitam o paraíso e proveem os que ali habitam.	Comunidade	Harmonia
03	Anhyã, a Mãe Zelosa de Kahu'ê 	Bela e habilidosa, Anhyã-muasawê era a guardiã dos segredos das folhas. Expulsa do paraíso após engravidar de Kahu'ê, vai viver em uma mata distante. Mãe zelosa, carrega o pequeno curumim com ela aonde for, ensinando a ele sobre as belezas e os mistérios da floresta.	Comunidade	Harmonia
04	Kahu'ê, o Falante Curumim 	A vivacidade do pequeno Kahu'ê chamava a atenção todas as formas de vida. A floresta era seu mundo e nela, desde cedo, o curumim aprendeu a falar com os seres da mata. Entre as folhagens, lá estava o curioso Kahu'ê para aprender o segredo das plantas e de toda forma vivente.	Comunidade	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Jack Vasconcelos				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	Verdejante Atração 	Kahu'ê é atraído também pelo verdejar das folhas que brotam próximo à castanheira sagrada.	Destaque de Chão	Harmonia
05	O Fruto Proibido Atrai o Arteiro Curumim 	Em suas andanças, o arteiro curumim se embrenha no paraíso Nusokén e se depara com uma frondosa castanheira. Atraído pela visão apetitosa da castanha, subiu para colher o fruto e saboreá-lo ali mesmo. Mas tudo não passava de uma trama ardilosa e Kahu'ê quebra um tabu ao ingerir o fruto proibido da árvore sagrada.	Comunidade	Harmonia
06	A Castanheira Sagrada 	Conta a lenda que, de uma árvore sagrada em plena mata, nascia a castanha, o fruto proibido que o arteiro Kahu'ê quis provar. No mundo místico do universo indígena, as árvores passam a se engerrar (isto é, transformar-se) em seres da mata. Ou são gerados a partir desses seres, como o caso da castanheira sagrada, que brotou das patas de uma onça.	Comunidade	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Jack Vasconcelos

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p>O Macaco e a Cotia: Guardiões da Castanheira Sagrada (Totens)</p> 	<p>Representados ludicamente por dois totens, a cotia e o macaco, a mando dos irmãos Yucumã e Ukumã'wató, vigiam a castanheira sagrada.</p>	Performance	Harmonia
*	<p>Flores de Nusokén</p> 	<p>No coração de Nusokén, ao redor da castanheira sagrada, brotavam flores que despertaram os sentidos de Kahu'ê. O arteiro curumim, enfim retornou ao paraíso do qual foi expulso, ainda no ventre da mãe Aynhã. A beleza, o colorido e o odor das flores atraíram a criança para a castanheira sagrada, onde se daria o desfecho cruel que tiraria a vida do pequeno Kahu'ê.</p>	Grupo A	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Jack Vasconcelos				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
07	Raios Anunciam a Profecia de Tupana 	Após a tristeza súbita que tomou conta da mata pelo desaparecimento de Kahu'ê deste plano, deus Tupana desce à Terra em forma de raios para anunciar a profecia: toda a maldade que tomou conta da aldeia um dia seria transformada em bênção.	Comunidade	Harmonia
*	A Ave Mística 	O poder místico dos encantados faz com que o espírito de Aynhã se conecte com as forças da natureza e a transforme em uma ave mística sob os desígnios de Tupana.	Destaque de Chão	Ana Filipa
08	Aynhã se Transforma em Ave-mãe 	Depois de revelada a profecia de Tupana, Anhyã, tomada de uma força mística divina, misto de dor e de esperança, transforma-se na grande ave-mãe e voa até as margens do rio Maraw, cumprindo o rito de despedida da breve presença de Kahu'ê.	Comunidade	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Jack Vasconcelos

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
09	Os Olhos do Curumim 	<p>Às margens do rio Maraw, Anhyã, engerada (isto é, transformada) em ave-mãe, enterra os dois olhos do curumim. Novamente, a dualidade está presente, manifestada na qualidade do solo em que foram plantados os olhos de Kahu'ê. Na terra amarela, nada frutificou. Na terra preta, surge o bom fruto que daria origem ao povo sateré-mawé.</p>	Comunidade	Harmonia
*	A Fertilidade da Terra Preta 	<p>Representa a terra boa de plantar, da qual brota o bom guaraná.</p>	Destaque de Chão	Patrícia Chélida
10	Das Lágrimas de Anhyã, Ressurge a Vida 	<p>Anhyã, mãe zelosa até no momento de sua dor maior, rega com as próprias lágrimas a terra preta onde foi enterrado o olho direito de Kahu'ê. Após a cerimônia de despedida, renasce a vida e um novo fruto ressurge para dar fim à tristeza, como a profetizou Tupana.</p>	Comunidade	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas) Jack Vasconcelos				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
11	Waranã Sessé, o Bom Fruto 	Do olho direito de Kahu'ê, plantado na terra preta, surgiu o waraná-sése, o bom fruto da reexistência da vida. Da iguaria brotada da terra, Aynhã fez um elixir mágico que daria longevidade e força ao povo vermelho que ali nasceu.	Comunidade	Harmonia
12	Karaxué, a Melodia da Vida 	Entoando a canção mágica da floresta, o pássaro Karaxué auxilia Aynhã na missão de semear a vida e fazer com que prosperasse o povo do guaraná. O ciclo vital estava sendo cumprido, sob as bênçãos de Tupana.	Comunidade	Harmonia
*	Mariposa Azul 	A linda mariposa primordial azul prenuncia o revoar das borboletas.	Destaque de Chão	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Jack Vasconcelos

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
13	<p>O Revoar das Borboletas</p> 	<p>Bailando e colorindo de vida o paraíso, as borboletas representam o poder da transformação e da reexistência. Encantados que povoam o imaginário dos povos originários do Brasil, com movimento e graça, singeleza e vigor, voam graciosamente ao som do trovão de Tupana.</p>	Passistas	Harmonia
*	<p>O Fruto Que Tupana Abençoou</p> 	<p>O guaraná é o fruto que dá energia e inspira os ritmistas da Pura Cadência tijuicana. E é esse fruto que dá vivacidade e força para originar o povo sateré-mawé, a brava nação que surge da reexistência vermelha.</p> <p>Observação: A parte de baixo será um biquini, devendo ser desconsiderada a saia.</p>	Rainha de Bateria (Lexa)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)				
Jack Vasconcelos				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	Mary-Aypók - O Primeiro Sateré-Mawé	Representa o “originador”, o primeiro sateré-mawé.	Mestre de Bateria	Mestre Casagrande
14	Ao Som do Trovão de Tupana	Para anunciar o bom presságio que agora paira na aldeia, Tupana desce em forma de trovão. O som que rimbomba em forma de pura cadência traduz a voz do pensamento bom que reestabelece o equilíbrio vital sobre a Terra.	Bateria	Harmonia
15	Lagarta de Fogo Sateré	Sateré significa “lagarta de fogo”. Representando o clã mais importante dos sateré-mawé, a lagarta de fogo constitui o respeito da etnia aos seres da natureza. O inseto reúne o poder de reexistência e de transformação diante dos desafios do mundo natural.	Comunidade	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Jack Vasconcelos

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
16	<p>Papagaio Falante Mawé</p> 	<p>A segunda parte da composição do nome da etnia sateré-mawé refere-se ao papagaio falante, ser considerado mágico, que exprime curiosidade sobre todas as coisas que estão no mundo. Por meio do papagaio falante, o nome da etnia abrange a reverência a todos os bichos da floresta.</p>	Comunidade	Harmonia
17	<p>A Arara-piranga, Dona das Mais Belas Penas</p> 	<p>Os descendentes da Arara-piranga gerariam as mais belas plumagens para enfeitar o povo sateré-mawé. O adorno tem sentido de mimetização com as qualidades da natureza, apreendendo a força, as habilidades e os poderes presentes na constituição desses encantados.</p>	Comunidade	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Jack Vasconcelos				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
18	Tuxauas, o Clã da Sabedoria 	<p>Neste setor, o vermelho é a cor predominante, representando a vitalidade e a energia dos sateré-mawé. Organizada em clãs, a etnia mantém os laços com os ancestrais para manutenção da vida. Os Tuxauas são os chefes políticos da etnia. Em tupi-guarani, tuxaua significa “aquele que manda”. São dotados de sabedoria e treinados ao longo da vida para serem líderes diplomáticos. O clã dos Tuxauas sateré-mawé abre os caminhos para a passagem dos povos de alma vermelha, originários do fruto do guaraná.</p>	Comunidade	Harmonia
*	Cunhã Sateré	<p>Representa a beleza e a bravura da cunhã Sateré, a mais bela entre todas as mulheres da aldeia.</p>	Destaque de Chão	Ariane Rocha
19	Wanturiá, o Clã Pescador 	<p>Responsáveis por coletar alimentos na mata e nos rios, os Wanturiá são um dos mais importantes e respeitados clãs entre os sateré-mawé. Deles depende a subsistência da etnia e a segurança alimentar dos povos da floresta com o alimento que vem das águas. Exímios na arte da pesca, dominam os segredos dos rios e dos igarapés.</p>	Comunidade	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Jack Vasconcelos

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
20	<p>Koreiwá, o Clã Caçador</p> 	<p>O povo do guaraná prepara, desde cedo, os curumins mais habilidosos para a caça, para que nunca falte alimento na aldeia. Os integrantes do clã caçador têm como o símbolo a cotia e são profundos conhecedores dos mistérios da natureza. Sabem como as presas se movimentam na floresta e respeitam o tempo de caça e o tempo de espera para manter o equilíbrio ambiental, garantindo o alimento das famílias da etnia.</p>	Comunidade	Harmonia
21	<p>Hwariá, o Clã Guerreiro</p> 	<p>Os jovens valentes da etnia sateré-mawé são preparados para a defesa do território. O clã guerreiro cuida para que nenhuma outra etnia ou que a cobiça do capital tome as terras dos povos sateré-mawé, que imunizam e fortalecem seus jovens por meio do ritual da Tucandeira. Armados com lanças de guerra e vestidos de coragem vermelha, unem-se para resistir sempre que se sentirem ameaçados.</p>	Comunidade	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Jack Vasconcelos				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
22	<p>Napu'wany'ã, o Clã dos Agricultores no Ritual do Çapó</p> 	<p>Chega ao desfile o clã dos agricultores, cultivadores do guaraná, para o ritual do çapó, que é o guaraná em bastão ralado na água. Para os sateré-mawé, é a bebida cotidiana, ritualística e religiosa. Dissolvido em água, o guaraná, agora líquido, vai sendo despejado e servido em uma cuia. O çapó também faz parte dos preparativos para o ritual da tucandeira, sendo elemento primordial para a sociabilidade e a integração entre os sateré-mawé.</p>	Comunidade	Harmonia
*	<p>Grupo B Árvores Encantadas</p> 	<p>A reexistência da floresta passa pelo reencantamento do mundo. A conexão com os encantados é primordial para que a profecia de tupana se cumpra e a força do bem triunfe. Na cosmogonia sateré-mawé, as árvores são seres encantados que acumulam sabedoria e compartilham com os pajés os segredos da floresta.</p>	Comunidade	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Jack Vasconcelos

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
23	<p>Caboclos da Mata</p> 	<p>Em verde e azul, os caboclos mimetizam as folhas das plantas e a força espiritual que vem do céu de tupana. Entidades que baixam nos terreiros, são guias de luz, os cuidadores da natureza que integram as cerimônias de raiz afro-ameríndia. Vêm em falanges que derrotam toda maldade com a flecha certa.</p>	Comunidade	Harmonia
24	<p>Jurema</p> 	<p>A ala das baianas da Unidos da Tijuca desfila neste último setor representando o poder da Jurema, que em ritos religiosos, entre danças, cantos e infusões, manifesta-se em incorporações por meio da ingestão da bebida sagrada. O culto à Jurema, especialmente no Norte e no Nordeste do país, representa a reconexão com os espíritos e com a natureza, religando a sabedoria ancestral dos povos originários às energias ligadas à ancestralidade e à força materna.</p>	Baianas	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Jack Vasconcelos				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
25	A Reexistência das Folhas 	As boas energias expulsarão os malignos e a vida sempre há de ressurgir. As folhas que Aynhã cultivou renascem e protegem a floresta da maldade de Yurupari. O bem há de triunfar sobre o mal. E uma grande festa multicolor dará lugar ao temor, ao ódio e à intolerância.	Comunidade	Harmonia
*	Feitiço Caboclo 	Representa a caboclitude ancestral dos cultos ameríndios.	Destaque de Chão	Larissa Neto
26	O Renascimento da Floresta 	Entre o verde da mata, salta aos olhos o colorido das flores representando a diversidade das formas de vida que coexistem na natureza. A floresta renasce, assim como o espírito de Kahu'ê. A maldade de Yurupari não vingou.	Comunidade	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Jack Vasconcelos

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
27	<p>O Espírito de Kahu'ê Reexiste na Natureza</p> 	<p>Kahu'ê, o arceiro curumim, não sucumbiu à maldade de Yurupari. De grande sabedoria ancestral, por sua natureza divina ligada à terra, ao reino vegetal, generosamente nosso curumim manipula as boas energias em nosso benefício. É, portanto, um espírito de cura. Kahu'ê reexiste no poder da natureza, na mata que insiste em reviver. É semente que se multiplicou, verdejou, floresceu e deu frutos. O espírito alegre do curumim nos guiará para uma nova consciência, em que o bem irá triunfar sobre o mal.</p> <p>Esta mata será nossa outra vez!</p>	Comunidade	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Local do Atelier Rua Rivadavia Correa, 60 – Barracão 12 – Gamboa – Rio de Janeiro – RJ	
Diretor Responsável pelo Atelier Laerte Couto	
Costureiro(a) Chefe de Equipe João Vitor	Chapeleiro(a) Chefe de Equipe Anderson Oliveira, Eduardo Dias, Roberto Abreu, Wilson Vieira e Sarah Nascimento
Aderecista Chefe de Equipe Anderson Oliveira, Eduardo Dias, Roberto Abreu, Wilson Vieira e Sarah Nascimento	Sapateiro(a) Chefe de Equipe José Francisco de Mendonça Neto
Outros Profissionais e Respektivas Funções	
Jander Gomes	- Espuma e Pintura de Arte
Almir	- Ferragens
Outras informações julgadas necessárias	

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Autor(es) do Samba-Enredo Anderson Benson, Eduardo Medrado e Kleber Rodrigues.		
Presidente da Ala dos Compositores Direção de Carnaval		
Total de Componentes da Ala dos Compositores 71 (setenta e um)	Compositor mais Idoso (Nome e Idade) Azeitona 75 anos	Compositor mais Jovem (Nome e Idade) Gabriel Machado 23 anos
Outras informações julgadas necessárias		
<p>Alto céu de tupana e yrupary Duas forças que vão fluir a energia de monã Que equilibra o bem e o mal Um lugar onde as pedras podiam falar Onde irmãos desfrutavam a beleza singular Anhiã, bela e habilidosa Mas a cobra artilosa usa a flor pra lhe tocar</p> <p>E nasce Kahu'ê, o curumim De olhos alegres... sempre assim Presença tão breve A ingenuidade sucumbe à maldade</p> <p>Renasce Kahu'ê, o curumim Seus olhos alegres não têm fim Pois o bem é maior, vai reexistir</p> <p>Vida ligeira, passageira Plantada no solo da pura emoção De pele vermelha, os frutos de uma nação Vida inocente, vira semente E ao sol de uma ave a cantar Floresce imponente o povo do guaraná E se a cobiça e o fogo chegarem na aldeia Deixa a força Mawé ressurgir E sorrir quando o sol reluzir Nesse dia eles vão temer E o amor vai vencer</p> <p>Erê, essa mata é sua... É sua Erê, vem provar doce mel... Doce mel Waranã da Tijuca vem brincar no Borel</p>		
		BIS

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

Argumentação do samba:

Em 2022, o samba da Unidos da Tijuca interpreta, em letra e melodia, o enredo sobre o mito da criação do guaraná. A composição aposta no amor, como o ápice do afeto humano e representação da vitória do BEM contra o MAL.

O samba inicia destacando duas forças opostas que coexistiam no alto do céu: Tupana (“criador das boas coisas do mundo”) e Yurupari (regente das forças do Mal). Essas duas forças são equilibradas por Monã.

Essa tensão (BEM versus MAL) está presente em todo o desenvolvimento do enredo e representada em vários momentos do samba.

Trecho do samba:

*ALTO CÉU DE TUPANA E YURUPARI
DUAS FORÇAS QUE VÃO FLUIR A ENERGIA DE MONÃ
QUE EQUILIBRA O BEM E O MAL*

Em seguida a composição faz referência à Nusoken, uma floresta encantada onde até as pedras podiam falar...

Nesse local paradisíaco viviam 3 irmãos - Yucumã e Ukumã'wató e a bela Anhyã-Muasawê. Anhyã era a guardiã desse paraíso: bela e habilidosa, era adorada pelos animais do lugar, o que provocava ciúmes em seus 2 irmãos.

Um dia uma cobra tomada de paixão, se valeu de um ardil e atraiu Anhyã usando o perfume de uma flor. Ao tocar em seu pé, a engravidou.

Trecho do samba:

*UM LUGAR ONDE AS PEDRAS PODIAM FALAR
ONDE IRMÃOS DESFRUTAVAM A BELEZA SINGULAR
ANHYÃ, BELA E HABILIDOSA
MAS A COBRA ARDILOSA USA A FLOR PRA LHE TOCAR*

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

Anhyã dá luz ao curumim chamado Kahu'ê. Ele era uma criança alegre e de olhos curiosos, mas teve a vida abreviada pela maldade. O pequeno curumim comeu a castanha da castanheira sagrada de Nusokén, um fruto proibido. Ao saberem do fato seus tios invocaram Yurupari, que sob a forma de uma serpente matou o menino ingênuo.

Mas, o mal não prevaleceu: Tupana intervém e define que aquela maldade se tornaria benção. E, assim, Kahu'ê reexiste quando as lágrimas de sua mãe regam seus olhos plantados ao solo, sob pura emoção. De seu olho direito é gerado o Waraná-Sése, o verdadeiro guaraná. Dando continuidade ao ciclo da afirmação da vida, diz a lenda que o passarinho Karaxué cantava sua mais bela melodia quando das entranhas de Kahu'ê surge uma raça com a cor da pele do sagrado Waraná. Nascia então o primeiro Mawé, o “povo do guaraná”. Portanto, a criança inocente vira semente e a vida persiste no solo brasileiro em frutos de pele vermelha.

Trecho do samba:

*E NASCE KAHU'Ê, O CURUMIM
DE OLHOS ALEGRES... SEMPRE ASSIM*

*PRESENÇA TÃO BREVE
A INGENUIDADE SUCUMBE À MALDADE
RENASCE KAHU'Ê, O CURUMIM
SEUS OLHOS ALEGRES NÃO TÊM FIM
POIS O BEM É MAIOR, VAI REEXISTIR*

*VIDA LIGEIRA, PASSAGEIRA
PLANTADA NO SOLO DA PURA EMOÇÃO
DE PELE VERMELHA, OS FRUTOS DE UMA NAÇÃO VIDA INOCENTE, VIRA SEMENTE
E AO SOM DE UMA AVE A CANTAR
FLORESCE IMPONENTE O POVO DO GUARANÁ*

Mas Yurupari não descansa em sua maldade predatória.

Ele se fez ressurgir ao longo do tempo em colonizadores, missionários religiosos enviados às aldeias, caçadores, garimpeiros e madeireiros ilegais, grileiros de terras...desmatamentos e queimadas...

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

A força Mawé é novamente necessária e deve ser revivida em cada um de nós em prol da defesa dos povos originários de nossa terra. E quando o Sol- representação de Tupana- reluzir, o mal vai temer e as forças de resistência vão sorrir demonstrando que o amor - expressão de tudo que é bom e generoso - sempre vence!

Trecho do samba:

*E SE A COBIÇA E O FOGO CHEGAREM NA ALDEIA
DEIXA A FORÇA MAWÉ RESSURGIR
E SORRIR QUANDO O SOL RELUZIR
NESSE DIA ELES VÃO TEMER
E O AMOR VAI VENCER*

Completando o ciclo da eterna renovação, enfim o curumim Kahu'ê é elevado ao paraíso prometido. Na gira as crianças bebem guaraná e vão brincar. O nosso refrão convida o Erê, espírito de criança evoluída, a experimentar o sabor da Tijuca e brincar o carnaval na Escola do Borel.

Trecho do samba:

*ERÊ, ESSA MATA É SUA... É SUA
ERÊ, VEM PROVAR DOCE MEL... DOCE MEL
WARANÃ DA TIJUCA VEM BRINCAR NO BOREL*

FICHA TÉCNICA

Bateria

Diretor Geral de Bateria Mestre Casagrande				
Outros Diretores de Bateria Américo, Coringa, Cosme, Gabriel, Jorginho, Julinho, Luiz, Paulo, Rodrigo, Sampaio, Thompson e Yuri.				
Total de Componentes da Bateria 262 (duzentos e sessenta e dois) componentes				
NÚMERO DE COMPONENTES POR GRUPO DE INSTRUMENTOS				
1ª Marcação 12	2ª Marcação 12	3ª Marcação 11	Reco-Reco 0	Ganzá 0
Caixa 95	Tarol 0	Tamborim 42	Tan-Tan 0	Repinique 36
Prato 0	Agogô 0	Cuica 24	Pandeiro 02	Chocalho 28
Outras informações julgadas necessárias				
<p>Bateria Nome da Fantasia: Ao Som do Trovão de Tupana O que representa: Para anunciar o bom presságio que agora paira na aldeia, Tupana desce em forma de trovão. O som que rimbomba em forma de pura cadência traduz a voz do pensamento bom que reestabelece o equilíbrio vital sobre a Terra.</p> <p>Rainha de Bateria: Lexa Nome da Fantasia: O Fruto Que Tupana Abençoou O que representa: O guaraná é o fruto que dá energia e inspira os ritimistas da Pura Cadência tijuicana. E é esse fruto que dá vivacidade e força para originar o povo sateré-mawé, a brava nação que surge da reexistência vermelha.</p> <p>Mestre Casagrande: Luiz Calixto Monteiro iniciou a carreira no Carnaval como ritmista, em 1979. Na década de 1980, foi promovido a diretor de bateria da Unidos da Tijuca, tocando ao lado do lendário Mestre Marçal. Após anos atuando como diretor, Mestre Casagrande assumiu, em 2008, a regência da bateria “Pura Cadência” da Unidos da Tijuca. À frente da bateria tijuicana ganhou diversos prêmios, como o Estandarte de Ouro de Melhor Bateria, em 2015. Casagrande é considerado um dos melhores mestres da atualidade, por seu desempenho primoroso na Tijuca. Desde 2012, contando com o descarte da menor nota, os ritmistas da Tijuca não perderam décimos. No último Carnaval, a bateria conseguiu todas as notas máximas dos jurados.</p>				

FICHA TÉCNICA**Harmonia****Diretor Geral de Harmonia**

Fernando Costa

Outros Diretores de Harmonia

Allan Guimarães, Almir Coimbra Rodrigues, Antônio Augusto, Arthur Napoleão, Cláudia Souza, Danilo Rosário Farias Santos, Deise Lúcia Ramos de Alencar, Eduardo Neves, Eduardo Resende, Emilson Albuquerque de Oliveira, Fábio Cardoso, Fábio de Lima e Silva, Fernando Ribeiro, Jackson Laranjeiras Carvalho, Janaína Leite, Jorge da Silva Maio, José Adriano, Juarez da Silva Carvalho, Jucelino Santana, Leandro Assis, Leonardo Canedo, Luis Antonio Pinto Duarte, Luiz Carlos França, Luiz Cláudio da Silva Braga, Luiz Fernando Nonato Turibi, Marcelo Guimarães, Márcio Tavares, Magno de Aguiar Granadeiro, Mary Oliveira da Costa, Márvio Salustiano de Souza, Osmar Maria da Silveira, Paulo Delphim, Rafael Naval, Renato Cardoso, Ruan Frade Oliveira, Sidnei Marcio Cosentino, Thiago Henrique Dias, Thiago Ribas, Weverton Augusto dos Santos e Victor Manaia

Total de Componentes da Direção de Harmonia

42 (quarenta e dois) componentes

Puxador(es) do Samba-Enredo

Intérpretes Oficiais: Wantuir e Wic Tavares

Intérpretes de Apoio: Daniel Silva, Rodrigo de Jesus, Tiago Chafin e Vitor Cunha

Instrumentistas Acompanhantes do Samba-Enredo

Violão de Sete Cordas – Rafael Paiva

Cavaquinho – Ivinho do Cavaco e Sandro Pio

Outras informações julgadas necessáriasIntérpretes Oficiais:

Wantuir: Iniciou a carreira como cantor de samba-enredo no extinto bloco de enredo Acadêmicos de Caxias, do município da Baixada Fluminense. No início, Wantuir de Oliveira acompanhou o intérprete Dominginhos do Estácio na Estácio de Sá, Imperatriz Leopoldinense e Grande Rio, onde ficou sete anos. A estreia como cantor oficial de uma agremiação ocorreu em 1994, na Acadêmicos do Cubango. No ano seguinte, foi convidado para a Porto da Pedra, tendo sido campeão do Grupo de Acesso A. Na Unidos da Tijuca, Wantuir ingressou para o Carnaval de 2001, permanecendo por dois anos. Retornou para a Azul e Amarelo, em 2004, ficando até 2008. Defendendo a Escola tijuca, conquistou o Estandarte de Ouro por duas vezes (2005 e 2007), sendo considerado um dos melhores intérpretes do Carnaval. Após passagens pela Inocentes de Belford Roxo, Grande Rio, Portela, Paraíso do Tuiuti e agremiações do Grupo Especial de São Paulo, Wantuir retornou à Unidos da Tijuca, em 2019.

Wic: Wictória Tavares, mais conhecida como Wic, estreou em 2013 no carro de som da Inocentes de Belford Roxo no Grupo Especial, com apenas 16 anos, mas foi na quadra da escola do Borel, aos 6 anos de idade, que conheceu o Carnaval. Apesar de jovem, Wic tem um currículo invejável: já foi passista na São Clemente, cantou no carro de som da Portela, na Beija-Flor em 2018 conquistou o campeonato. Teve passagem por Unidos do Viradouro, Renascer de Jacarepaguá, Acadêmicos do Tucuruvi e Estácio de Sá. Paralelamente dedica-se ao funk, empresariada pelo DJ Dennis. Tendo seu pai, Wantuir, como referência musical, A preparação de Wic como cantora é intensa. Ela já estudou jazz, ballet afro e street dance. Aos 17 anos chegou a fazer uma participação no evento de encerramento da Copa das Confederações em 2013, dançando ao lado de Shakira. Hoje, aos 24 anos, ao lado de todo o carro de som tijuca, formado ainda por: Thiago Chaffin, Vitor Cunha e Digão e Daniel Silva.

FICHA TÉCNICA

Evolução

Diretor Geral de Evolução

Fernando Costa

Outros Diretores de Evolução

-

Total de Componentes da Direção de Evolução

42 (quarenta e dois) componentes

Principais Passistas Femininos

Ana Filipa, Carolina Macharethe e Dayanne Jadijisk

Principais Passistas Masculinos

David da Costa, Phil Ferraz e Leandro Matheus

Outras informações julgadas necessárias

Nome da Fantasia da Ala de Passistas:

O que representa: Bailando e colorindo de vida o paraíso, as borboletas representam o poder da transformação e da reexistência. Encantados que povoam o imaginário dos povos originários do Brasil, com movimento e graça, singeleza e vigor, voam graciosamente ao som do trovão de Tupana.

Responsável pela Ala de Passistas: Cristiano Amorim

Principais Passistas Femininos: Aisha Khaled, Alexandra Olímpio, Ana Carolina Silva, Ana Patricia Paula, Carolina Oliveira, Cintya Ribeiro, Clara Oliveira, Flaviana Gomes, Gleice Freire, Gleyce Kelly, Janaina Guimarães, Jacqueline Sapucahy, Luana André, Luciene Oliveira, Keyla Souza, Michele Leão, Priscila Capri, Rayanne Santos, Renata Cruz e Vanessa Bomfim.

Principais Passistas Masculinos: Anderson Silva, Bruno Silva, Flávio Sobreira, Nicio Oliveira, Rodrigo Franco, Douglas Fernandes, Flávio Machado, Wagner Souza, Hederson Souza.

FICHA TÉCNICA**Informações Complementares**

Vice-Presidente de Carnaval João Paredes		
Diretor Geral de Carnaval Fernando Costa		
Outros Diretores de Carnaval -		
Responsável pela Ala das Crianças -		
Total de Componentes da Ala das Crianças -	Quantidade de Meninas -	Quantidade de Meninos -
Responsável pela Ala das Baianas Ivone Gomes		
Total de Componentes da Ala das Baianas 65 (sessenta e cinco)	Baiana mais Idosa (Nome e Idade) Marina Bulcão de Araújo 86 anos	Baiana mais Jovem (Nome e Idade) Jéssica Marcolino 27 anos
Responsável pela Velha-Guarda Eli de Souza Barbosa		
Total de Componentes da Velha-Guarda 47 (quarenta e sete)	Componente mais Idoso (Nome e Idade) Tia Hilda 92 anos	Componente mais Jovem (Nome e Idade) Evandro Ferreira 50 anos
Pessoas Notáveis que desfilam na Agremiação (Artistas, Esportistas, Políticos, etc.)		
Outras informações julgadas necessárias Diretor de Carnaval: Fernando Costa Descendente de portugueses, nascido no bairro de Vista Alegre, Zona Norte do Rio, onde mora atualmente, Fernando Costa está no samba desde os tempos de criança. Fascinado por instrumentos musicais, sobretudo os de percussão, em 1988, começou a frequentar, na companhia de amigos, os ensaios da Unidos da Tijuca. Em pouco tempo, passou a pertencer ativamente à família tijuca, quando, por três anos seguidos, desfilou na bateria, tocando caixa. Dali em diante, estreitou relações com outros segmentos da Escola, até que, em 2000, foi convidado pelo presidente Fernando Horta a fazer parte da harmonia da agremiação. Fernando Costa levou a sério a função que assumiria no Carnaval carioca, sendo convidado, em 2006, a comandar a Harmonia do Salgueiro, fato que o fez encarar o trabalho no samba como profissão. De volta à Unidos da Tijuca, comandou o Departamento de Harmonia, no Carnaval campeão de 2010, no vice-campeonato de 2011 e no campeonato de 2012, consagrando-se campeão como Diretor de Carnaval no Carnaval de 2014. A determinação e a dedicação são as principais marcas do seu trabalho em busca de mais um título para escola de samba da comunidade do Borel.		

FICHA TÉCNICA

Comissão de Frente

Responsável pela Comissão de Frente

Sérgio Lobato e Patrícia Salgado

Coreógrafo(a) e Diretor(a)

Sérgio Lobato

Total de Componentes da Comissão de Frente	Componentes Femininos	Componentes Masculinos
15 (quinze)	-	-

Outras informações julgadas necessárias

“A Reexistência Vermelha”

Não há povo, país ou cultura cuja tradição não tenha suas histórias, seus mitos. Eles ajudaram e ajudam os homens e seus grupos a construir sua memória, identidade e valores. Contar histórias é uma forma de manter viva a alma de um povo.

As Escolas de Samba sempre cumpriram um papel fundamental na manutenção e atualização dessas narrativas – ora para resistir aos desgastes do tempo e os atravessamentos de outras culturas, ora para rever a história “à contrapelo”. Nesse aspecto, as culturas afrobrasileiras e indígenas sempre foram as protagonistas, por merecerem um cuidado especial contra um perecimento incentivado por muitas forças.

Em 2022, a Unidos da Tijuca traz para a avenida o enredo “Waranã, a Reexistência Vermelha”, contando o mito de surgimento da etnia Mawé - os filhos do guaraná, os peles vermelhas do Brasil. Um mito repleto de dualidades, de luta entre o bem e o mal, vida e morte, amor e raiva e que tem no kurumin Kahu'ê, a chance do renascimento.

A escolha da criança não é à toa, já que ela é um símbolo que conecta o passado e o futuro, o vulnerável e o potente, o ingênuo e o sábio. Na criança mora também a criatividade e a espontaneidade e nela mora nossas possibilidades.

Exatamente por ser um mito, essa história carrega em si potentes metáforas para compreender o mundo concreto e as realidades vividas pelos povos originários do Brasil.

A comissão de frente “A Reexistência Vermelha” apresentará uma síntese da história narrada no enredo e será dividida em três blocos:

Mítico

A apresentação se inicia com o conflito entre Tupanã e Yurupari, entre o sol e a lua, entre luz e escuridão. Seres do A'at e do Waty se combatem em busca de um equilíbrio. Surge a figura de Anhyã, uma guardiã, uma sábia e conhecedora do poder das plantas, que é tocada por uma cobra enamorada e dá à luz a Kahu'ê. Mas toda alegria e inocência do menino continua a provocar o ciúme e inveja de seus tios e Kahu'ê é aniquilado.

Levado pelos braços do Yurupajé, o corpo do menino faz renascer o povo Mawé.

FICHA TÉCNICA

Comissão de Frente

Outras informações julgadas necessárias

Concreto

Surge o povo Mawé, renascidos “*em uma raça de pele vermelha como a cor da pele do sagrado Waranã*”.

Real

No Brasil de 2022, quantos povos continuam a ser atacados pela inveja e cobiça? Em quantas formas Yurupari consegue se transmutar para continuar a atacar Kahu'ês espalhados por nossas terras? A resistência vermelha está viva há mais de 520 anos e talvez esteja na inocência e sabedoria da criança encontrar os caminhos possíveis para o equilíbrio.

“Deixa a força Mawé ressugir”

Sobre o Coreógrafo:

Sérgio Lobato: Coreógrafo, Maitre de Ballet. Foi Diretor do Ballet do Theatro Municipal do RJ. Diretor Artístico da Escola Bolshoi no Brasil. Intercâmbio Artístico, no Royal Ballet School (Londres), Vaganova Academia (Rússia-São Petersburgo), American Ballet (NY- EUA). Coreógrafo premiado em festivais de dança Internacional e Nacional. Convidado para trabalhos em Cias. Nacionais e Escolas América Latina. Coreógrafo premiado no Carnaval Carioca, tal como, Estandarte de Ouro, Tamborim de Ouro, Samba net 3x, Plumas e Paetês, Rádio tupi, e muitos outros. Trabalhou com grandes artistas Internacionais e Nacionais. Atualmente, é Professor e coreógrafo da Escola Petite Danse.

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

1º Mestre-Sala Phelipe Lemos	Idade 32 anos
1ª Porta-Bandeira Denadir Garcia	Idade 45 anos
2º Mestre-Sala Matheus André	Idade 23 anos
2ª Porta-Bandeira Lohane Lemos	Idade 24 anos

Outras informações julgadas necessárias

1º Casal de Mestre-sala e Porta-Bandeira

Fantasia: Energia Encarnada

Eles chegam como a energia da cor vermelha para traduzir em dança e vigor a força vital que comanda os ciclos da natureza. Os sateré-mawé são a dádiva do guaraná, cuja origem é cercada de poesia e misticismo. E é essa energia encarnada que se espalha por todo o desfile, quando a nossa bandeira azul e amarela se une ao vermelho, pedindo licença aos ancestrais, desfraldando a bandeira tijuicana e lançando ao vento uma fábula mítica de luta e reexistência que agora vamos contar.



Phelipe Lemos: Começou desde cedo a arte do bailar como mestre-sala mirim. Atuou como mestre-sala no G.R.E.S. Unidos de Vila Isabel, G.R.E.S. Imperatriz Leopoldinense e, por último no G.R.E.S. União da Ilha do Governador. Foi vendedor por quatro vezes do Prêmio Estandarte de Ouro (2013/2014/2016/2019). Além disso, foi premiado pelo SRZD (2016 e 2017), Tamborim de Ouro (2017), Sambanet (2019) e Estrela do Carnaval (2019). Estreiará em 2022 no G.R.E.S. Unidos da Tijuca ao lado da porta-bandeira Denadir Garcia.

Denadir Garcia: A experiente porta-bandeira encanta a Marquês de Sapucaí com sua linda dança e simpatia. Foi porta-bandeira do G.R.E.S. Renascer de Jacarepaguá, G.R.E.S. Caprichosos de Pilares, G.R.E.S. Unidos do Porto da Pedra e G.R.E.S. São Clemente. No último carnaval defendeu o pavilhão do G.R.E.S. Unidos de Vila Isabel. Também estreiará em 2022 no G.R.E.S. Unidos da Tijuca ao lado do mestre-sala Phelipe Lemos.

FICHA TÉCNICA

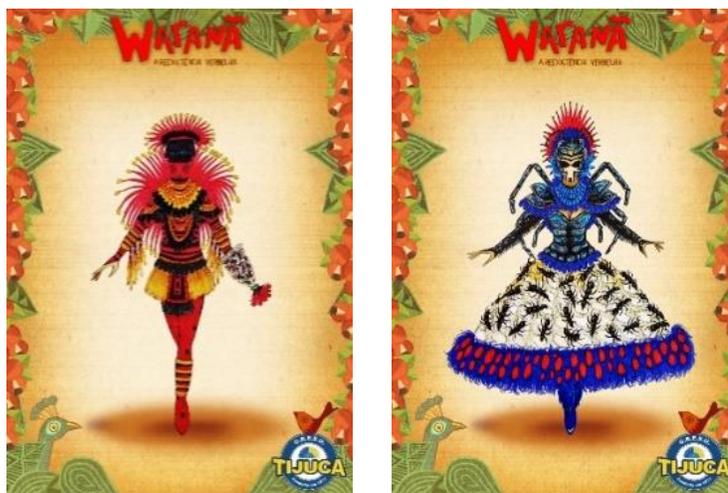
Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Outras informações julgadas necessárias

2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Fantasia: O Ritual da Tucandeira

O ritual da tucandeira é um rito de iniciação masculina entre os sateré-mawé. Na passagem da infância para a vida adulta, os jovens calçam uma luva (saaripé) feita em palha, com formigas tucandeiras (também chamadas de *paraponeras*). É um rito de resistência e demonstração de coragem, pois as picadas das formigas chegam a causar dores quase insuportáveis. Segundo os xamãs, o rito demonstra a bravura do jovem sateré-mawé e o imuniza contra várias enfermidades, sendo uma espécie de vacina que protege não só o iniciado, mas toda a etnia.



Matheus André: Após os primeiros passos como Mestre-Sala no projeto "Madureira, Toca, Canta e Dança" e na Escola Mestre Dionísio, Matheus defendeu os pavilhões das agremiações Unidos do Anil, Unidos da Vila Kennedy e Caprichosos de Pilares, onde venceu o concurso para 2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira, ao lado da Lohane Lemos. Desde 2016, desfila com sua Porta-Bandeira na Unidos da Tijuca, após ganharem o concurso que formou o 2º Casal da agremiação.

Lohane Lemos: A Porta-Bandeira conheceu sua arte na Escola Mestre Dionísio, em 2011. Desde então, defendeu os pavilhões das agremiações Boca de Siri, atual Siri de Ramos, em 2012 e 2013, e Sereno de Campo Grande, em 2014 e 2015, conquistando o prêmio Samba Net, com os demais segmentos da Escola. Em 2015, Lohane bailou na Caprichosos de Pilares, ao lado de Matheus André, após vencerem o concurso que formou o 2º Casal da agremiação. Em 2016, o par também venceu o concurso que elegeu o 2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira da Unidos da Tijuca, passando a desfilar, desde então, pela agremiação tijuicana.

G.R.E.S. Acadêmicos do Grande Rio



PRESIDENTE
MILTON ABREU DO NASCIMENTO “PERÁCIO”

*“Fala, Majeté!
Sete Chaves de Exu”*



Carnavalescos
GABRIEL HADDAD E LEONARDO BORA

FICHA TÉCNICA

Enredo

Enredo “Fala, Majeté! Sete Chaves de Exu”					
Carnavalesco Gabriel Haddad e Leonardo Bora					
Autor(es) do Enredo Gabriel Haddad, Leonardo Bora e Vinícius Natal					
Autor(es) da Sinopse do Enredo Gabriel Haddad, Leonardo Bora e Vinícius Natal					
Elaborador(es) do Roteiro do Desfile Gabriel Haddad e Leonardo Bora					
	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
01	Para ver quem vem na umbanda	CARNEIRO, Janderson.	Appris	2020	Todas
02	Por um feminismo afro-latino-americano	GONZALEZ, Lélia.	Zahar	2001	Todas
03	Racismo e sexismo na cultura brasileira	GONZALEZ, Lélia.	Filhos de África	2018	Todas
04	Encruzilhadas da cultura	MOURÃO, Tadeu.	Aeroplano	2012	Todas
05	Reino dos bichos e dos animais é o meu nome	PATROCÍNIO, Stela do.	Azougue	2001	Todas
06	Jardim Gramacho	PRADO, Marcos.	Argumento	2004	Todas
07	Flecha no tempo	RUFINO, Luiz; SIMAS, Luiz Antonio.	Mórula	2019	Todas
08	Fogo no Mato. A ciência encantada das macumbas.	RUFINO, Luiz; SIMAS, Luiz Antonio.	Mórula	2018	Todas
09	Pedagogia das encruzilhadas	RUFINO, Luiz.	Mórula	2019	Todas

FICHA TÉCNICA

Enredo

	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
10	O corpo encantado das ruas	SIMAS, Luiz Antonio.	Civilização Brasileira	2019	Todas
11	Pedrinhas miudinhas. Ensaio sobre ruas, aldeias e terreiros	SIMAS, Luiz Antonio.	Mórula	2013	Todas
12	O fenômeno Seu Sete da Lira	SIQUEIRA, Cristian.	Legião	2020	Todas
13	Lendas africanas dos Orixás	CARYBÉ, Hector; VERGER, Pierre Fatumbi.	Fundação Pierre Verger	2019	Todas
14	Elegbara	MUSSA, Alberto.	Record	2005	Todas
15	As Religiões do Rio	RIO, João do.	José Olympio	2015	Todas
16	Um Exu em Nova York	SILVA, Cidinha da.	Pallas	2018	Todas
17	Exu. O Guardião da Casa do Futuro	Vagner Gonçalves	Pallas	2015	Todas
18	Grande Sertão: Veredas.	ROSA, João Guimarães.	Nova Fronteira	2001	Todas
19	Macunaíma. O herói sem nenhum caráter	ANDRADE, Mário de.	Garnier	2004	Todas
20	Samba, o dono do corpo.	SODRÉ, Muniz.	Mauad	2011	Todas
21	Caroço de dendê. A sabedoria dos terreiros.	YEMONJÁ, Mãe Beata de.	Pallas	2002	Todas
22	Exu não é diabo	CUMINO, Alexandre	Madras	2018	Todas

FICHA TÉCNICA

Enredo

Outras informações julgadas necessárias

Artigos Consultados:

BRITO, Sebastião Geraldo Silva et. al. Dionísio, Trickster, Exu e Diadorim como representação mítica-arquetípica-religiosa-poética. Disponível em:

<https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/31519>

GOLTARA, Diogo Bonadiman. Santos Guerreiros: relatos de uma experiência vivida nas Folias de Reis do sul do Espírito Santo. Disponível em:

http://www.dan.unb.br/images/doc/Dissertacao_260.pdf

LAGES, Sônia Regina Corrêa. Exu – Luz e Sombras. Uma análise da linha de Exu na Umbanda. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/cliodel/files/2009/10/COD03001.pdf>

LIMA, Ivaldo Marciano de França. Maracatus-Nação e religiões afro-descendentes: uma relação muito além do carnaval. Disponível em:

<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/38972>

MENDONÇA, Luciara Leite de; RAMALHO, Christina Bieliski. Zumbi-Exu e outras questões identitárias em “A cabeça de Zumbi”. Disponível em:

<https://philpapers.org/rec/RAMZEO-3>

MIGUEL, Marlon. Representar o mundo, sobreviver ao apocalipse. A ecologia marítima de Arthur Bispo do Rosário. Disponível em:

https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/48251/1/MIGUEL_Representar%20o%20mundo%2C%20sobreviver%20ao%20apocalipse_A%20ecologia%20mar%C3%ADtima%20de%20Arthur%20Bispo%20do%20Ros%C3%A1rio.pdf

NASCIMENTO, Wanderson Flor do. Olojá: entre encontros – Exu, o Senhor do Mercado. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/320930585_Oloja_Entre_encontros_-_Exu_o_senhor_do_mercado

FICHA TÉCNICA

Enredo

Outras informações julgadas necessárias

Perfil dos Carnavalescos

Gabriel Haddad

Gabriel Haddad Gomes Porto, 33 anos, é formado em Relações Internacionais pela UNILASALLE – RJ (2011), Mestre em Artes pelo Programa de Pós-Graduação em Artes da UERJ (PPGArtes – UERJ) e doutorando em História da Arte pelo PPGHArt-UERJ. Além disso, cursou História da Arte na Escola de Belas Artes (EBA) da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em 2008, começou a desenvolver trabalhos para o carnaval, realizando as defesas e justificativas de enredo, fantasias e alegorias para a Estação Primeira de Mangueira. Para os carnavais de 2011 e 2012 realizou a pesquisa, o desenvolvimento e as defesas dos enredos da Imperatriz Leopoldinense (“Sambar faz bem à saúde” e “Jorge, Amado Jorge”, respectivamente), em parceria com o carnavalesco Max Lopes. Em paralelo, realizou trabalhos vitoriosos no concurso “Carnaval Virtual”, na liga Virtuafolia, sagrando-se campeão pelo Grupo de Acesso, em 2011, e pelo Grupo Especial, em 2012. A partir dos projetos de alegorias desenvolvidos para o Carnaval Virtual, foi convidado pelo carnavalesco Eduardo Gonçalves para integrar a sua equipe de criação e artefinalização, na escola de samba Alegria da Zona Sul (então no Grupo de Acesso A), e pelo carnavalesco Alexandre Louzada, que estava à frente da Mocidade Independente de Padre Miguel (Grupo Especial). Para o carnaval de 2013, em parceria com os profissionais citados, desenvolveu as plantas técnicas dos carros alegóricos. No mesmo ano, como carnavalesco, assinou o desfile da Mocidade Unida do Santa Marta (que terminou campeã no Grupo de Acesso D), juntamente com Eduardo Gonçalves, Leonardo Bora, Fábio Fabato, Rafael Gonçalves, Vitor Saraiva e Vinícius Natal. Ainda em 2013, realizou a pesquisa, o desenvolvimento e as defesas do enredo da Unidos do Viradouro (2ª colocada no Grupo de Acesso A). Para o carnaval de 2014, Gabriel seguiu como assistente de Eduardo Gonçalves, no Império Serrano, e de Alexandre Louzada, na Portela (3ª colocada no Grupo Especial), realizando os projetos artísticos e técnicos dos carros alegóricos de ambas as escolas. No mesmo ano, permaneceu como carnavalesco da Mocidade Unida do Santa Marta, em conjunto com Leonardo Bora, Rafael Gonçalves e Vítor Saraiva, sagrando-se novamente campeão (Grupo de Acesso C). Além disso, desenvolveu, sob orientação de Alexandre Louzada, os projetos das alegorias da escola de samba Império de Casa Verde, de São Paulo. Para o carnaval de 2015, Gabriel continuou na Portela (5ª colocada no Grupo Especial), tendo efetuado os projetos artísticos e técnicos do carro abre-alas da agremiação (idealizado por Alexandre Louzada), conhecido como a “Águia Redentora”. Graças ao impacto da alegoria, conquistou o prêmio de melhor desenhista do Grupo Especial, cedido pelo Plumas e Paetês Cultural. No mesmo ano, foi convidado pelo carnavalesco Fábio Ricardo para realizar a arte-finalização das alegorias da Acadêmicos do Grande Rio (3ª colocada no Grupo Especial). Para o carnaval de 2016, Gabriel seguiu assistente de Alexandre Louzada, na Mocidade Independente, e assinou, em parceria com Leonardo Bora, o desfile apresentado pela Acadêmicos do Sossego, na Série B. O conjunto visual e a narrativa do enredo sobre as imagens poéticas de Manoel de Barros levaram a escola à vitória. Além disso, realizou os projetos artísticos e técnicos do carnavalesco Edson Pereira para a Unidos de Padre Miguel (2ª colocada na Série A), e de Alexandre Louzada para a Unidos de Vila Maria (5ª colocada no Grupo Especial de São Paulo).

FICHA TÉCNICA

Enredo

Outras informações julgadas necessárias

Para o carnaval de 2017, Gabriel trabalhou como assistente e projetista na Mocidade Independente de Padre Miguel (uma das campeãs do Grupo Especial, ao lado da Portela) e na Unidos de Padre Miguel (Série A), além de ter sido convidado pelo carnavalesco Leandro Vieira para realizar projetos de alegorias da Mocidade Alegre, do Grupo Especial de São Paulo. Em 2018 e 2019, ao lado de Leonardo Bora, assinou os desfiles do GRES Acadêmicos do Cubango, pela Série A – ganhadores, ambos, do Estandarte de Ouro de Melhor Escola e Melhor Samba – um feito inédito na história da premiação. A apresentação de 2018, em homenagem a Arthur Bispo do Rosário, ganhou mais de 15 prêmios, gerou exposições e desdobramentos diversos. O desfile de 2019, “Igbá Cubango – a alma das coisas e a arte dos milagres”, ganhou mais de 40 prêmios e gerou o documentário “A Alma das Coisas”, de Douglas Soares. Além do carnaval, o artista já efetuou outros trabalhos, como os desenhos cenográficos do concurso Miss Angola (2015 e 2016) e projetos cenográficos de inúmeros shows e eventos.

No carnaval de 2020, ao lado de Leonardo Bora, apresentou “Tata Londirá – O Canto do Caboclo no Quilombo de Caxias”, enredo que levou a Grande Rio ao vice-campeonato do Grupo Especial, além da conquista de cinco Estandartes de Ouro, incluindo o de Melhor Escola, Melhor Ala de Baianas e a Categoria Especial Fernando Pamplona, prêmio este que valorizou o trabalho realizado no carro abre-alas em conjunto com as oficinas de criação da Escola de Belas Artes-UFRJ, PUC-RJ e IFRJ-Belford Roxo. Além disso, a escola foi aclamada e premiada por diversas outras instituições, demonstrando a potência do enredo proposto.

Leonardo Bora

Leonardo Augusto Bora, 35 anos, é Licenciado em Letras Português-Inglês pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2009), Bacharel em Direito pela Universidade Federal do Paraná (2011), Mestre e Doutor em Ciência da Literatura (Teoria Literária) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2014 e 2018). Atualmente, é professor adjunto de Fundamentos da Cultura Literária Brasileira do Departamento de Ciência da Literatura da Faculdade de Letras da UFRJ, onde também desenvolve pesquisa de pós-doutorado no Programa Avançado de Cultura Contemporânea (PACC) da Faculdade de Letras da UFRJ. Foi, de 2018 a 2021, Professor Substituto de Estudos da Cena, da Dramaturgia e do Espaço Cênico da Escola de Belas Artes da UFRJ, ministrando aulas para os cursos de Cenografia e Indumentária. Participou do Programa de Mobilidade Acadêmica (Doutorado-Sanduiche), com bolsa Erasmus + (concedida pela União Europeia), morando seis meses (de janeiro a julho de 2017) na cidade de Nice, França, onde conheceu e participou dos festejos carnavalescos daquele lugar, além de pesquisar o carnaval de Veneza. Publicou, em 2019, o livro “A Antropofagia de Rosa Magalhães” (Rico Editora), análise de 11 carnavais assinados pela famosa artista. Trabalhou como professor assistente e revisor de textos no Curso e Colégio Positivo, em Curitiba-PR (2008 a 2011) e como Professor Substituto do Departamento de Artes (curso de Produção Cultural) da Universidade Federal Fluminense, em Niterói-RJ (2015 a 2016).

FICHA TÉCNICA

Enredo

Outras informações julgadas necessárias

Como ilustrador, já fez desenhos para eventos e publicações, como a série “Família do Carnaval” (Editora NovaTerra, 2012 - 2017), o livro científico “O sentido das estrelas – a história que nos trouxe à Terra”, da bióloga Eneida Miskalo (Editora CRV, 2016), o livro infantil “Primeiro Voo”, de Denise Mazocco (Insight, 2019), e a obra “Arte Total Brasileira”, de IzakDahora (Cândido, 2019). No campo específico das Escolas de Samba, começou a trabalhar em 2008, quando realizou pequenos trabalhos para a Unidos do Viradouro e ingressou no concurso “Carnaval Virtual” (Liga Virtuafolia), sagrando-se campeão pelos grupos Especial e de Acesso. De 2009 a 2013, acumulou mais dois campeonatos (2010 e 2011) e três vice-campeonatos (2009, 2012 e 2013). Em 2012, prestou serviços para as Escolas de Samba São Clemente, Alegria da Zona Sul e Estrelinha da Mocidade. No mesmo ano, ingressou na Comissão de Carnaval da Mocidade Unida do Santa Marta (da qual também faziam parte Fábio Fabato, Gabriel Haddad, Rafael Gonçalves, Vinícius Natal e Vítor Saraiva). A Escola de Botafogo terminou campeã do Grupo D, após um desfile aclamado. Para o carnaval de 2014, permaneceu na equipe de arte-finalização de desenhos de figurinos de Eduardo Gonçalves (então à frente do Império Serrano) e na Comissão de Carnaval da Mocidade Unida do Santa Marta, juntamente com Gabriel Haddad, Rafael Gonçalves e Vítor Saraiva. Bicampeã, após o desfile com o enredo “Na hora em que o sol se esconde”, homenagem ao músico Dorival Caymmi, a Mocidade Unida do Santa Marta subiu para o Grupo B. Para o carnaval de 2015, Leonardo Bora e Gabriel Haddad se desligaram da Mocidade Unida e migraram para a Escola de Samba Acadêmicos do Sossego, também no Grupo B. No desfile de 2015, com enredo baseado em contos de Mia Couto e na obra “Made in Africa”, de Câmara Cascudo, a agremiação terminou em oitavo lugar. Para o carnaval de 2016, Leonardo e Gabriel, ainda à frente da Acadêmicos do Sossego, idealizaram enredo sobre as imagens poéticas de Manoel de Barros: “O Circo do Menino Passarinho”. O desfile terminou campeão e levou a escola para a Série A. No carnaval de 2018, assinou o desfile do GRES Acadêmicos do Cubango, juntamente com Gabriel Haddad. A homenagem a Arthur Bispo do Rosário, ganhadora de dezenas de prêmios (entre eles, os Estandartes de Ouro de melhor escola e melhor samba de enredo), gerou exposições, apresentações de trabalhos acadêmicos e parcerias com instituições de ensino. O desfile de 2019, “Igbá Cubango – a alma das coisas e a arte dos milagres”, novamente ganhou os principais prêmios da Série A do Rio de Janeiro, incluindo os Estandartes de Melhor Escola e Melhor Samba, um feito inédito. Enquanto prestador de serviços, Leonardo Bora já efetuou trabalhos de criação visual para diversas agremiações carnavalescas do Brasil, entre elas: Império da Tijuca, Boi da Ilha do Governador, Imperatriz Leopoldinense, Tupy de Brás de Pina, Vai-Vai (São Paulo) e Piratas da Batucada (Macapá). No carnaval de 2020, ao lado de Gabriel Haddad, apresentou “Tata Londirá – O Canto do Caboclo no Quilombo de Caxias”, enredo que levou a Grande Rio ao vice-campeonato do Grupo Especial, além da conquista de cinco Estandartes de Ouro, incluindo o de Melhor Escola, Melhor Ala de Baianas e a Categoria Especial Fernando Pamplona, prêmio este que valorizou o trabalho realizado no carro abre-alas em conjunto com as oficinas de criação da Escola de Belas Artes-UFRJ, PUC-RJ e IFRJ-Belford Roxo. Além disso, a escola foi aclamada e premiada por diversas outras instituições, demonstrando a potência do enredo proposto.”

HISTÓRICO DO ENREDO

FALA, MAJETÉ!

Sete Chaves de Exu

Quem sou eu... Quem sou eu?

1

-Câmbio, Exu! Fala, Majeté!

Exu, princípio de tudo: gira, faísca, espiral, movimento, corpo-redemoinho, Okotô!, desterro, fervura, espanto, espuma, axé da Terceira Cabaça, Igbá Ketá. Que abre, então, os caminhos: L’Onan, Legba, Eleguá, Bará, Elegbara, Mavambo - pé na porta, pedrada, com sete chaves nas mãos, o nó das encruzilhadas, tranca, carranca, Calunga Grande, porteiras, ponteiras, diásporas, às travessias na barca, correntes os olhos e as águas. Salve Aluvaiá, Salve Bombogira! “*O que se há de?*” – mar de dendê! O que será?

2

Exu que se fez caboclo, poeira, na cruza, em brasa, chão de terreiro, fora da casa - o mundo inteiro nos pés de andarilhos peregrinantes. Os chifres, os dentes, os búzios, as garras: batalhas! Ali, tanto sacrifício: argila vermelha na praia. Rasgos, penhascos, altares, o orí, a voz de Palmares: os gritos, os mitos, os guizos, a cabeça de Zumbi, “mortal eterno”, “ente coletivo” ao sol do mais verde encanto (porque Zumbi-Exu *está em tudo quanto é canto*). Agbá! – esprou-se o culto, firmeza e toque. Sigamos!

3

Exu de proezas tantas, pelejas, orikis, Ifá, adivinhação, histórias fragmentadas nas entrelinhas de odús - o destino do rei de Oió e o trono do Engenho Velho. Odusô, o guardião. Erro que vira acerto, certo que brota errado, do outro lado, enigma, tempero, vucu-vucu, o remédio e o veneno. Tendas, feiras, farofas, recados, as lendas da criação debulhadas nos mercados, o corpo que voa fechado e a visão de cada um: *ninguém pode viver sem mim*. Preceitos, pressentimentos, trotes, fabulações. Trocas, trocadilhos, *línguas desgovernadas*. Ciscos, lâminas, lágrimas – Olobé, Elebó, cachimbos, caixotes, cachaça. Truques de linguagem: traquinagens. Osijê, Obá Babá! Oferendas d’Eleru. Pimentas!

4

“*Salve o Sol, salve a estrela, salve a Lua!*” Saravá, Seu Tranca Rua! Exu que são muitos em um: corpo em si desdobrável. Fala, falo e falácia: falanges. Alafia! Centenas de *sobrenomes que vem de muitos lugares* – Rio que leva as gentes, ruas que tudo dragam. Exu, malandro Pelintra, Padilha, fio de Navalha, ponta de agulha, os cacos da noite, as sombras da Lapa, Marias, ciganos, cigarras, jogo e cartas na mesa, rendas, vidrilhos, rasteiras, meio-fio das quebradas, rabos de galo e de saia, também os rabos de arraia, o cheiro bom da cerveja, destreza, sem falar nas gargalhadas. O primeiro gole é dele! Exu, Veludo encarnado, luz de abajur, sonhos bordados – *sentimentalmente, visivelmente*.

“*Exu Caveira, Capa Preta, Sete Catacumbas estavam por ali; Fui convidado pra uma festa nobre; na casa de Exu Tiriri...*”

5

Exu, potência e gingado, ponto riscado na carne, palco das festas da gente. Brinca o carnaval em transe, desafia, des(con)fia, desconcerta, bate a bola no asfalto, pisa no sapatinho, samba despudorado, dança inflado de vida, palhaço, e trança a crina do cavalo. Deus de chinelo rasgado, boca beijada, copo na mão, Seu Sete da Lira, bloco lotado, a máscara, Odara!, o baque, o buraco, o cru, o afoxé, o maracatu, o surdo de terceira, a fuzarca dos velhos cordões, o som que vem das favelas, capaz de transver o mundo. Exu, pedra que pulsa, valsa convulsa, mangue que benze, curva, couro, esquina, jorro, ouro e lata no *Bal Masqué: não é um robô sanguíneo, não! É santo – mas nem tanto*.

6

Exu de tinta e de sangue: é dose, tudo come, tudo sabe, tudo viu. De curto pavio! Lamento de poetinhas – porque tudo é perigoso, divino-maravilhoso. Desnuda as frases no muro, sagrado e profano, mundano, pós-contemporâneo, língua ferina, flauta e cajado, casa de bamba, Basquiati no batuque, as letras amadas, a macumba dos modernistas, o piá-Macunaíma, os perfumes rosianos, na saga do Ser-Tão, “*Exu nas escolas*”, voz estelar, quebrando tabus e “*costumes frágeis*” - *vocês não aprendem na escola. Vocês copiam!* Criemos! Novas pedagogias, para os tempos que virão. Verão! Antropofagias, Enugbarijó. “*Através das travessuras de Exu / Apesar da travessia ruim...*”

7

Exu que não é o diabo do teatro colonial, projeto de corpos mortos (culpas, medos, grilhões, carcaças, *escravos disfarçados de libertos*) - mas força que une os opostos, jongo de ser e não ser. Exu, *to be* e Tupi! Fome, cada vez mais fome! Insone. Os nervos são fios elétricos. Evoca os profetas do caos, as vozes do lixo, a desconstrução, o avesso do manto, um sem quanto, a costura dos trapos, as aparições, remendos-retalhos, o eterno

retorno, a fortuna, os farrapos, o espanto e a possível, por que não?, recriação: Olímpia, Stela, Jardelina, Arthur Bispo do Rosário, Estamira no lixão de Gramacho, às margens da alegria, cantarolando aos vapores, saudando os cometas e o fogo, ao som milenar das estrelas, Yangi, pedras de laterita, bailando, da pá virada, Molambo, Mulamba, ruínas:

“Todo lugar tem uma rainha, lá no lixo também tem...”

Exu, a sacerdotisa:

-Câmbio, Exu! Fala, Majeté, fala! Os além dos além é um transbordo. Tem o eterno, tem o infinito, tem o além dos além. O além dos além vocês ainda não viram. Se eu sou à beira do mundo! Entendeu agora? Quer me desafiar? Você quer saber? Cada pessoa é um astro! Câmbio, Exu! Fala, Majeté, fala!

Falemos! Dancemos! Bebamos! Vivamos! Destranquemos os olhos! Sigamos por outros caminhos! Cantemos até o fim – que não deixa de ser um começo. Ouçamos os atabaques - atentos, plenos, fortes!

Exu, a ancestralidade. Exu, desenredo proposto. Exu, a aposta mais alta. Exu, o padê arriado. Exu, passada ligeira: Exu, Laroíê, Mojubá!

-Câmbio, Exu!

Fala, Grande Rio!

Transbordado com expressões e falas retiradas do documentário “*Estamira*”, de Marcos Prado, além de fragmentos de poemas, canções e pontos de macumba. Inspirado nas provocações de Conceição Evaristo, Helena Theodoro, Alberto Mussa, Luiz Antonio Simas (“*Exu é uma escola de samba!*”) e Luiz Rufino; e nas narrativas orais de Luiza Maria e Dib Haddad. Dedicado aos inúmeros torcedores apaixonados que nos ajudaram a tecer este manifesto, fonte de afeto, convite para o diálogo. Axé!

Carnavalescos – Gabriel Haddad e Leonardo Bora

Pesquisa, costura e texto – Gabriel Haddad, Leonardo Bora e Vinícius Natal.
Colaboração de Thiago Hoshino e Luise Campos.

GLOSSÁRIO

- *Igbá Ketá, L’Onan, Bará, Elegbara, Okotô, Agbá, Odusô, Olobé, Elebó, Osijê, Obá Babá, Eleru, Alafia, Odara, Enugbarijó, Yangi*: segundo Luiz Antonio Simas, são os títulos que representam os maiores atributos de Exu, diluídos no sumo do enredo, guardados a sete chaves.

REFERÊNCIAS

Livros, artigos e sítios da Internet:

- AMADO, Jorge. *Dona Flor e seus dois maridos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- ANDERSON, Robert. *O Mito de Zumbi*. Implicações culturais para o Brasil e para a diáspora africana. Revista Afro-Ásia, n. 17, 1996 – Salvador. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20859>
- ANDRADE, Mário de. *Macunaíma*. O herói sem nenhum caráter. Rio de Janeiro: Garnier, 2004.
- CARYBÉ, Hector; VERGER, Pierre Fatumbi. *Lendas africanas dos Orixás*. Salvador: Fundação Pierre Verger, 2019.
- CUNHA, Maria Clementina Pereira (org.). *Carnavais e outras f(r)estas*. Campinas: Editora Unicamp, 2005.
- FERNANDES, Alexandre de Oliveira. *Exu: sagrado e profano*. ODEERE, v. 2, n. 3, jul. 2017. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/odeere/article/view/1573>
- FUX, Jacques; SANTOS, Darlan. *Estamira e Lixo Extraordinário*. A arte na terra desolada. Revista Ipotesi – Universidade Federal de Juiz de Fora, 2011. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2011/05/14-Estamira-e-Lixo-Extraord%C3%A1rio-Ipotesi-1521.pdf>
- LOPES, Nei. *Mandingas da Mulata Velha na Cidade Nova*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2009.
- MENDONÇA, Luciara Leite de; RAMALHO, Christina Bielinski. “Zumbi-Exu” e outras questões identitárias em “A Cabeça de Zumbi”. ODEERE, v. 2, n. 3, jul. 2017. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/odeere/article/view/1578>
- MOURÃO, Tadeu. *Encruzilhadas da cultura*. Imagens de Exu e Pombagira. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2012.
- MUSSA, Alberto. *Elegbara*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2005.
- PINTO, Flávia. *Umbanda*. Religião Brasileira. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.
- PRADO, Marcos. *Jardim Gramacho*. Rio de Janeiro: Argumento, 2004.
- RIO, João do. *As Religiões do Rio*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.
- ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- RUFINO, Luiz. *Pedagogia das Encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.
- RUFINO, Luiz; SIMAS, Luiz Antonio. *Flecha no Tempo*. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.
- RUFINO, Luiz; SIMAS, Luiz Antonio. *Fogo no Mato*. A ciência encantada das macumbas. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.
- SANTOS, Deoscóredes Maximiliano dos (Mestre Didi). *Contos negros da Bahia*. Rio de Janeiro: GRD, 1961.

- SANTOS, Deoscóredes Maximiliano dos (Mestre Didi); SANTOS, Juana Elbein dos. *ÈSÙ*. Salvador: Corrupio, 2014.
- SILVA, Cidinha da. *Um Exu em Nova York*. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.
- SILVA, Vagner Gonçalves da. *Exu. O Guardião da Casa do Futuro*. Rio de Janeiro: Pallas, 2015.
- SIMAS, Luiz Antonio. *O Corpo Encantado das Ruas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.
- SIMAS, Luiz Antonio. *Pedrinhas Miudinhas*. Ensaio sobre ruas, aldeias e terreiros. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.
- SODRÉ, Muniz. *Samba, o dono do corpo*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.
- SODRÉ, Muniz. *Santugri*. Histórias de mandinga e capoeiragem. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.
- VENTURA, Leonardo de Souza Lima. *Estamira em três miradas*. Dissertação de Mestrado em Psicologia – Universidade de Brasília (UNB). Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/3955/1/2008_LeonardoSouzaLimaVentura.pdf
- VERGER, Pierre Fatumbi. *Orixás*. Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo. Salvador: Corrupio, 2013.
- YEMONJÁ, Mãe Beata de. *Caroço de dendê*. A sabedoria dos terreiros. Rio de Janeiro: Pallas, 2002.
- YEMONJÁ, Mãe Beata de. *Histórias que minha avó contava*. São Paulo: Terceira Margem, 2004.
- <https://jornalggn.com.br/musica/seu-sete-no-bloco-de-carnaval/>
- <http://reconstruindoexu.blogspot.com/>

Filmes, poemas e canções:

- *Assiwajú, – ebó sonso obé –, Tudo o que a boca come* – Thiago Hoshino
- *Besouro* - João Daniel Tikhomiroff, 2009
- *Carnaval Carioca* – Mário de Andrade
- *Divino Maravilhoso* – Caetano Veloso e Gilberto Gil
- *Estamira* – Marcos Prado, 2006
- *ESÚ* – Baco Exu do Blues
- *EXU* - Adílio Ferreira
- *Exu nas escolas* - Edgar e Kiko Dinucci, voz de Elza Soares
- *Lamento de Exu* – Baden Powell e Vinícius de Moraes
- *Lixo Extraordinário* - Lucy Walker, João Jardim, Karen Harley, 2011
- *Padê de Exu Libertador* – Abdias Nascimento
- *Salve Exu* – Dawtas of Aya
- *Sarau Exu, Odara!* – youtube.com, Revista Caju
- *Serafim* - Gilberto Gil
- *Zé Pelintra* – Itamar Assumpção e Wally Salomão

JUSTIFICATIVA DO ENREDO

Centelha inicial

Alguns pensadores do carnaval contemporâneo levantaram um questionamento interessante, logo após a folia de 2020: por que Exu nunca foi o protagonista de um enredo de Escola de Samba? Essa pergunta é basilar para o entendimento da relevância cultural do enredo “Fala, Majeté! Sete Chaves de Exu”, que apresentamos agora. Antes, porém, é preciso um breve retorno ao último desfile da Grande Rio – Exu, afinal, é circularidade!

No decorrer do processo de confecção do enredo de 2020, o narrar da história do pai de santo Joãozinho da Goméia ganhou uma proporção muito além da esperada pelos componentes, torcedores e dirigentes da Grande Rio, fomentando debates acerca da intolerância religiosa. A comunidade tricolor fervia e as publicações jornalísticas enfatizavam a mensagem da Grande Rio em defesa do povo de axé. A escola participou da 12ª Caminhada em Defesa da Liberdade Religiosa, a convite do babalaô Ivanir dos Santos, e do seminário “Axé e Carnaval”, no Centro Municipal de Arte Hélio Oiticia, organizado pelo grupo Ayô Samba. Além disso, sediou em sua quadra a premiação Atabaque de Ouro, organizada por Marcelo Fritz.

A temática religiosa afro-brasileira não era uma novidade: desde a sua fundação, no ano de 1988 (ano emblemático, quando foi promulgada a Constituição Cidadã e comemorado o centenário da abolição jurídica da escravidão negra no Brasil), o GRES Acadêmicos do Grande Rio parecia disposto a narrar as histórias dos Orixás. No seu primeiro desfile, em 1989, cantou “O mito sagrado de Ifê”, com samba que pedia o fim do preconceito racial. O tema foi aprofundado em 1992, com “Águas Claras para um Rei Negro”. Em 1993, o samba composto para o enredo “No Mundo da Lua” citava o orixá Ogum e mencionava o mais conhecido ponto de Exu Tranca Rua. Em 1994, o premiado enredo “Os Santos que a África não Viu” mostrou ao mundo a história da Umbanda. Este breve histórico mostra que havia, de fato, um lastro cultural brilhante. O “passado nem tão distante”, em 2020, tornou-se presente e veio à tona. Tal reconexão identitária se deu em um momento em que muitos terreiros do município de Duque de Caxias eram (e são) atacados, o que deu a “Tata Londirá” uma projeção imensa.

Após o resultado do desfile, quando da comemoração do vice-campeonato, foi grande o clamor da comunidade caxiense para que o próximo enredo continuasse a defender a temática afro-religiosa. “Tata Londirá” havia despertado um sentimento antigo; todos queriam mais. E que falássemos mais de Caxias, a cidade-sede. Em uma encruzilhada, numa noite de festa, a possibilidade de falar de Exu (desejo ventilado há muito pelos carnavalescos e estimulado pela pergunta inicialmente apresentada) ganhou corpo. Durante a pesquisa, a figura de Estamira, protagonista do documentário homônimo de Marcos Prado, apareceu enquanto mais um ponto de conexão com a cidade de Duque de Caxias. Catadora do antigo lixão de Jardim Gramacho, ela se comunica, em um dado momento do filme, com Exu, utilizando-se, para tal, de um telefone velho. Mais do que um “fio condutor”, vimos em

Estamira a possibilidade de trilhar um enredo que começa e termina no solo caxiense e que, em seu fecho que também é início, dá voz a personagens historicamente silenciados, pouco conhecidos do grande público, cujas visões e provocações têm muito a nos ensinar – e que muito dizem, sim, das potências de Exu!

Feitas as consultas à direção da escola e aos guias espirituais, o enredo nasceu e foi anunciado na “hora grande” (meia-noite) do dia 13 de junho de 2020, dia de Santo Antônio, padroeiro de Caxias, sincretizado com Exu. Na época, a pandemia de Covid-19 oferecia mais perguntas do que respostas. Não havia vacinas. A escola sabia que possivelmente não haveria condições sanitárias para a realização do carnaval de 2021, mas decidiu “jogar o enredo para o universo”, tendendo ao infinito: dar à comunidade caxiense um motivo para sonhar.

A sorte estava lançada.

Relevância sociocultural do enredo para os debates contemporâneos

Quando visitou uma festa junina realizada no terreiro da Goméia, em Duque de Caxias, em julho de 1949, Abdias Nascimento escreveu que em cada esquina dessa grande cidade da Baixada Fluminense era possível se deparar com um despacho para Exu. O teórico, artista plástico e agitador cultural atentava para o fato de que a vida social caxiense estava intimamente ligada aos saberes dos terreiros, tantos, que batiam os seus tambores no município recém-emancipado. O cenário, com o passar do tempo, mudou – a intolerância religiosa crescente colocaria Caxias, no início deste século XXI, na lista dos municípios que lideram os casos de ataques contra umbandistas, candomblecistas e praticantes de outras religiosidades afro-ameríndias.

No jornal “O Globo” de 1 de setembro de 1989, o problema já era exposto. As mães de santo Beata de Iemanjá e Meninazinha de Oxum denunciavam, em extensa matéria, a perseguição sofrida, o que foi relatado em um dossiê entregue a autoridades políticas. Mãe Meninazinha afirma, na referida matéria, que a “demonização” do Candomblé era uma estratégia de dominação e aniquilação. Segundo ela, a ideia de “demônio” é parte constituinte das cosmogonias judaico-cristãs, não do Candomblé, que, numa outra linha, cultua elementos da natureza e deuses profundamente humanos, que descem à Terra sem deixar de estarem conectados à existência divina.

É fato que o processo de demonização do sagrado afro-brasileiro elegeu um símbolo-maior: Exu. Essa divindade tão complexa, cujas raízes africanas nos levam a Elegbara, Mavambo, Aluvaiá e demais variações de Orixás e Inquices, desafia qualquer interpretação porque expressa as contradições humanas: mistura, em uma mesma cabaça, o remédio e o veneno. Exu, segundo as cosmogonias iorubás, foi criado por Olorum com uma série de potências, entre elas, o poder de dar movimento a deuses e homens. Exu é, portanto, um princípio dinâmico, símbolo de mudança, comunicação, trânsito, algo que não se deixa aprisionar:

escapa. Associado a símbolos fálicos (expressão de virilidade, potência, fecundidade – criação), o que gera comparações com o deus grego Príapo, e empunhando um tridente, como também se pode observar em uma divindade ctônica grega, Poseidon, Exu carrega junto de si um complexo de códigos que não necessariamente se referem àqueles moldados ao redor do “Diabo” inquisitorial.

Pode-se dizer que a associação de Exu com as ideias de “mal”, “atraso”, “perigo”, e “pecado”, segundo o descrito por Alexandre Cumino no livro “Exu Não é o Diabo”, remonta, no Brasil, aos tempos coloniais e à escravização negra. O autor defende que a imposição de um Deus único, na sociedade cristã ocidental, gerou um grande questionamento a ser resolvido em termos práticos: se, afinal, só pode haver um Deus, o que fazer com os demais deuses louvados no restante da face da Terra? Uma saída “eficaz” (simplista e perversa) foi a demonização dos outros deuses, em privilégio do “verdadeiro” - uma filosofia civilizacional a ser seguida, pré-julgando, condenando e tentando apagar quem ousava não professar a mesma fé. A figura do demônio, muito presente no imaginário popular do medievo europeu (há quem afirme que ela está na origem da palhaçaria), passou a ser utilizada, em um jovem país que não sabia (hoje sabe?) o que é laicidade, enquanto peça importante para o girar de uma engrenagem de conversão, medo e controle – máquina domesticadora de corpos e mentes.

A questão ganhou novos contornos no século XX, quando intelectuais (Pierre Verger, Edison Carneiro, Roger Bastide etc.) passaram a realizar pesquisas em terreiros e acabaram contribuindo para a difusão da ideia de que Exu era “sincretizado com o Diabo”, presos apenas à visão da materialidade de algumas imagens e à apropriação de alguns nomes. Ora, é fato que os próprios povos de terreiro, historicamente perseguidos, se apropriaram desse imaginário de “medo e perigo” enquanto estratégia de sobrevivência: se os perseguidores dizem que Exu é o Diabo e o Diabo é perigoso porque faz coisas ruins, eles devem ter medo dele – e esse medo pode afastá-los daqui! É por isso que em lojas de produtos de Umbanda se veem imagens de Exus que se assemelham às imagens (cristalizadas no inconsciente coletivo) do que seriam as “caras” de diabinhos – apropriação que, nos terreiros, se dá de maneira natural (afinal, sabem que não se trata da mesma coisa).

Dito isso, é preciso registrar, em letras garrafais, que: 1 – Este enredo parte do pressuposto de que Exu não é o Diabo das cosmogonias judaico-cristãs e dos discursos odiosos de determinados líderes neopentecostais; 2 – A partir desse pressuposto, é fato que a narrativa proposta para o desfile da Grande Rio continua a contribuir, de saída, para os urgentes debates acerca da intolerância religiosa e do racismo religioso, desmistificando a máscara negativa que muitos insistem em colocar sobre a indecifrável face de Exu. Exu, pois, é multifacetado. Exu são muitos!

Infelizmente, a associação da imagem de Exu a um mal civilizacional ainda se faz bastante presente na sociedade brasileira, o que se reflete na violência (física e simbólica) direcionada aos terreiros. Talvez por isso, misto de medo e incompreensão, essa entidade tão extraordinária nunca havia sido enredo, no sentido integral, de uma escola de samba do

Grupo Especial carioca. O racismo religioso pode se manifestar nas menores coisas: todo e qualquer problema vivenciado em um desfile que trata de temas afro-ameríndios, ah, é culpa de Exu! O objetivo maior da proposta é contribuir para a subversão desse olhar preconceituoso e para o aprofundamento desse debate, mostrando ao grande público as muitas potências da energia exusíaca, revelando o quanto Exu se fez – e, mais do que nunca, faz! – presente no cenário artístico-cultural brasileiro e em cenários do cotidiano (mercados, feiras, bares, ruas, esquinas, lugares dos quais muito sentimos falta, em tempos de isolamento!), destacando a importância de Exu para os festejos de carnaval e, principalmente, direcionando um olhar criativo e inquieto para uma leitura sensível de vozes outrora apagadas (artistas e pensadores que foram excluídos de um determinado modelo de sociedade, mas que propuseram recriações do mundo, em diálogo com Exu).

Não desejamos, em hipótese alguma, encerrar uma leitura sobre o que é Exu, o que seria tremendamente contraditório. Não queremos apresentar ao público uma visão “essencialista”, presa a uma história única, repleta de certezas: “Exu nasceu assim, virou isso e depois fez aquilo e aquilo outro”. Mas como, então, alinhar um enredo sem perder o rumo de um desfile que precisa ser decodificado por diferentes públicos? Acreditamos na poeticidade e no delírio que a folia permite. Buscamos exaltar a “visão exusíaca de mundo”, expressão cunhada por Luiz Antonio Simas, passeando por lugares em que ele vive e faz estripulias, homenageando artistas e pensadores que bebem dessa mesma cachaça. Exu é para ser sentido e vivido na pele. São muitas as cosmogonias africanas entrelaçadas, são muitas as possibilidades narrativas! Exu não é, afinal de contas, a “boca que tudo come”? Entendemos que Exu é uma espiral de ideias, um complexo de saberes, culturas e visões de mundo, amálgama que é produto de um longo processo histórico de construções próprias e particulares: primeiro, a partir das distintas experiências das sociedades africanas e dos seus fluxos culturais internos; depois, a partir do trânsito transatlântico de africanos escravizados rumo às Américas, sendo as reelaborações culturais uma estratégia de sobrevivência; e, por último, a partir de fluxos e trocas culturais ocorridos no Brasil, onde Exu adquire incontáveis corpos e nomes – diversidade que desafia qualquer pretensão de razão unificada. Falar de Exu, hoje, é um ato poético e político, em busca de um senso ético, estético e cidadão ancorado na pluralidade de ideias, nas cruzas culturais, nas vozes do Povo da Rua. Ouçamos, pois, as palavras de Exu!

Exu: tempo, potências e caminhos

Aparentemente, o enredo é construído de forma fragmentada, ou seja, não preso à linearidade das biografias e das sagas históricas. Essa percepção, porém, pode ser ilusória: há um fio tecendo (ou bordando) os 7 setores idealizados, de modo que não se trata de um enredo puramente “temático”. Exu é associado a uma noção não-linear de tempo: ele subverte a cronologia do relógio, brincando no tempo espiralado, circular, que tende ao infinito. Idas e vindas, pulos entre o futuro e o passado. Poderíamos defender essa opção narrativa por meio do conceito de “tempo não-linear histórico” de Walter Benjamin, ou mesmo através da ideia de um “tempo construído socialmente”, de Norbert Elias. Entretanto,

é muito mais sedutora uma reflexão a partir de um ditado yorubá que se tornou bastante difundido no Brasil, graças aos escritos de Luiz Antonio Simas e à abertura do documentário “AmarElo – É tudo pra ontem”, do cantor Emicida: “Exu matou um pássaro ontem com a pedra que só atirou hoje”.

O que o ditado nos ensina é que Exu inventa, desinventa e reinventa o tempo: ele, feito os historiadores e os narradores literários, reinterpreta o passado. Bailando no tempo, entrecortando os ponteiros, transcendendo o espaço, ele, ao atirar a pedra no “ontem”, transforma o passado a partir do “hoje”. O trânsito entre as temporalidades, os espaços e as dimensões terrenas e espirituais fazem de Exu um ente poderoso para a capacidade de reinvenção de nós mesmos, das convenções e do mundo. Como afirmou a jornalista Flávia Oliveira, em um texto chamado “As voltas que o mundo dá”, publicado no Portal Geledés, em 22 de abril de 2015, “Exu é mensageiro, porta-voz, intérprete.”

Essa capacidade de mediação e de trânsito entre diferentes mundos é apenas uma das expressões dos poderes atribuídos a Exu. Luiz Antonio Simas explica que Exu foi criado com 16 atributos, que são representados pelos seus títulos sagrados: Yangí (Senhor da Laterita Vermelha), Âgbá (Exu Ancestral), IgbáKetá (Senhor da Terceira Cabaça), Okotô (Senhor do Caracol), Obá Babá (Rei e Pai), Odara (Senhor da Felicidade), Osijê (Mensageiro Divino), Eleru (Senhor do carregamento ritual), Enugbarijó (Boca coletiva ou Boca que tudo come), Elegbara (Senhor do poder mágico), Bará (Senhor do corpo), L’Onan (Senhor dos caminhos), Olobé (Senhor da faca), Elebó (Senhor das oferendas), Alafia (Senhor da satisfação pessoal) e Odusô (Vigia dos Odus). Exu é o portador do Axé, a energia vital, aquele que possui o poder de abrir os caminhos e dinamizar as relações humanas, instaurando o movimento necessário para a transformação do mundo. O enredo não se propõe a apresentar cada uma dessas potências de maneira direta: entendemos que elas estão diluídas ao longo dos setores, indicadas sempre que necessário. A nossa opção foi dividir a narrativa em 7 momentos - 7 chaves interpretativas, 7 caminhos para se pensar e compreender a complexidade exusíaca. Por óbvio, todos esses caminhos estão conectados – daí a ideia de circularidade.

A caminhada pelos 7 caminhos que se entrecruzam nos permite delinear poeticamente as múltiplas facetas de Exu, o dono das encruzilhadas, figura caleidoscópica que serve de espelho (estilhaçado) para que pensemos o próprio Brasil – país que se faz terreiro, num desfile de Escola de Samba.

SETORES/CHAVES

Setor/Chave 1 – Criação e encruzilhada

O desfile começa em movimento, dividido em dois momentos complementares: a presença de Exu nos mitos da criação (Primeiro Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira e, de certa forma, Comissão de Frente) e, depois de instaurada a energia, Exu enquanto potência das encruzilhadas – um cortejo de divindades africanas em direção ao Brasil (Ala 1 e Carro Abre-Alas). A energia de Exu está presente em diversos Itãs de criação do mundo. Geralmente associada às energias instauradoras de Olodumaré, Olorum e Oxalá, foi fundamental para o movimento inicial da vida terrena. Nesse primeiro momento, mostraremos de que maneira a energia de Exu (originária da África, tendo assumido, dentro daquele imenso continente, diversas características) atravessou o Atlântico, mar de dendê (diálogo com reflexões contemporâneas de artistas como Ayrson Heráclito e Rosana Paulino), e, em meio aos fluxos diaspóricos, se espalhou pelas Américas, com destaque para o Brasil. Trata-se de uma abertura descolada de qualquer pretensão de realidade: inserimos essa energia múltipla em uma Barca irreal, inspirada em criações de artistas como Zé Alves de Olinda, navegando em direção ao infinito. O desenhar desse imaginário explica o porquê da utilização de tons alaranjados, muito quentes, que evocam o fervor do dendê, sem o qual não se preparam as oferendas sagradas, sangue e seiva do solo afro-brasileiro. Também nessa abertura, pontos de brilho adquirem grande importância, pois evocam as faíscas, centelhas de qualquer criação. Trata-se de uma poderosa invocação e saudação: que a energia circule, tremule, arpeje os corpos-terreiros!

Setor/Chave 2 – Raiz da liberdade

Depois de se espriar em solo brasileiro, a energia de Exu se transmuta e cria raízes profundas: rebrota um “Exu Caboclo”, amefricano, misturado às cosmogonias indígenas. Este Exu guerreiro incendeia os canaviais e espalha aos quatro ventos o espírito da liberdade, tornando-se um porta-voz da luta quilombola. Apresentamos, a partir de diálogos poéticos com o conto “A Cabeça de Zumbi”, de Alberto Mussa, uma interpretação para a ideia de que Exu é um corpo coletivo, uma ideia compartilhada, bem como Zumbi, o líder de Palmares, que ainda pulsa no chão do Brasil. Celebramos, enfim, a síntese Zumbi-Exu e a luta que atravessa o tempo, em defesa da liberdade. Nesse setor, as complementares cores da escola (vermelho e verde) coloreem as fantasias, destacando-se as estamparias de tons muito vivos, pulsantes de coragem.

Setor/Chave 3 – Terreiro e mercado

Ensinam os sábios: sem Exu não se faz nada – mas Exu não faz nada de graça. O terceiro setor do desfile celebra Exu enquanto energia que dinamiza as trocas, levanta a poeira nos mercados e atua enquanto mediador entre deuses e homens, fiscalizando o Oráculo de Ifá e

verificando se as oferendas aos demais Orixás estão sendo feitas corretamente. A síntese do setor é a visão de um mercado que se faz terreiro (ou vice-versa), espaço de trocas comerciais e simbólicas – trocas de ensinamentos. Apresentamos Exu como energia fundamental para a consolidação dos candomblés (daí a menção ao axé da Casa Branca do Engenho Velho) e a consulta aos Oráculos dos Búzios e Ifá. Destacamos, ainda, a importância do sagrado padê, oferenda arriada nas esquinas e nas encruzilhadas. Louvamos a sabedoria que bebe, come e dança - entre feiras, bancas, tendas, capoeiras, vendedores, pregoeiros. A presença da palha e de elementos em madeira (caixotes de frutas; esculturas cujos talhes buscam a madeira lascada) muito dizem do universo evocado, intencionalmente misturado – qual mercado, afinal de contas, não é algazarra, fervo, confusão e gritaria?

Setor/Chave 4 – Alma das ruas, noites da Lapa

O quarto setor do desfile saúda o “Povo da Rua”, entidades da Umbanda e das macumbas cariocas que expressam incontáveis transformações de Exu em território brasileiro. Num contexto urbanizado, tendo a Lapa carioca como cenário mítico, celebramos Exus e Pombagiras de diferentes linhas, “Exus Catiços”, que nos guiam a um reinado de boemia, embriagados de paixão. Ah, as exusíacas noites da Lapa! Universo de malandros, bares, cabarés, esquinas, sarjetas, luzes, navalhas, jogatinas e golpes de sorte – é ele quem dá as cartas e quem nos protege não dorme! Neste setor, a popular figura de Zé Pelintra é exaltada, bem como Tranca Rua e Maria Padilha. Bateria, Velha-Guarda, assistas e ala LGBTQIA+ aparecem nesse momento, certamente o mais próximo daquilo que o grande público imagina de um enredo que exalta Exu. Esses signos são aglutinados na alegoria-síntese, um altar ambulante, com a presença da arte de rua, que serve de fecho para uma sequência de cores intensas, noturnas, com destaque para as variações de azuis, lilases, vermelhos, pretos e rosas. Laroyê!

Setor/Chave 5 – Festas, folias, carnavais

Qual folião nunca pediu proteção a Exu antes de ganhar as ruas, girar nas encruzas e brincar carnaval? A energia de Exu está totalmente ligada às folias de rua e à celebração do carnaval, uma vez que o título de “Odará” coroa o “Senhor da Felicidade”. O setor passeia por gramados, ruas de Reis, ladeiras baianas e pernambucanas... e desemboca no asfalto carioca de bate-bolas, blocos, escolas de samba! Trata-se de um grito de alegria, depois de momentos tão tristes: invocamos a energia brincalhona de Exu para riscar a Sapucaí com a memória delirante do bloco Sete da Lira ou com os olhos saudosos (em êxtase!) das criações de Joãozinho Trinta, o mais exusíaco dos carnavalescos. Todo excesso será permitido! Novamente, observa-se a opção estética pela mistura de fantasias (uma ideia de confusão foliônica) e pela utilização de materiais associados aos carnavais de outrora, como chicotes de metaloide, pompons, plumas e paetês.

Setor/Chave 6 – De tinta e de sangue

Ao longo do século XX, Exu despertou o interesse de uma legião de artistas, transformando-se em personagem de obras literárias, pinturas, esculturas, músicas, filmes, espetáculos em geral. Hoje, século XXI, Exu é um dos grandes temas da arte contemporânea brasileira, aparecendo vigoroso em trabalhos que ocupam muros e galerias, na batida frenética de uma juventude disposta a questionar e a subverter a ordem. “Exu nas escolas!”, cantou Elza Soares – o setor faz coro a ela e mostra uma diversidade de reinterpretações artísticas (regurgitações) possíveis: a boca que tudo come! Cada fantasia mescla elementos que evocam produções de diferentes artistas. O tripé expressa as ideias de experimentação e contemporaneidade, com ferros à mostra, fiações e materiais plásticos: boca, antenas, estômago.

Setor/Chave 7 – Recriação e vozes do “lixo”

A “linha do lixo” é uma das mais instigantes para se pensar a energia de Exu, que circula por espaços associados ao que é rejeitado pela sociedade. Mas de que “sociedade” se está falando? Afinal, que “lixo” é esse? O último setor celebra o pensamento e a arte de pessoas que, excluídas e postas à margem, buscaram formas de se inscrever no mundo enquanto narradores cujas visões desafiam as certezas e propõem recriações. As personagens selecionadas têm em comum os diálogos estabelecidos com Exu, o fato de terem sido consideradas “loucas” e a ligação que estabeleceram com o “lixo”, buscando em materiais rejeitados ou “descartados” a matéria para a construção de obras de arte, figurinos, narrativas escritas ou faladas. Nesse momento, ampliamos as dimensões das palavras da antropóloga Lélia Gonzalez, quando disse, acerca do silenciamento de mulheres negras, que “o lixo vai falar, e numa boa!” O lixo é uma metáfora para falarmos da hegemonia de um dado pensamento, dominante e excludente – o mesmo que insiste em demonizar Exu. Quando subvertemos o olhar e ouvimos Estamira, a catadora de Gramacho que conversava com Exu via telefone, outros horizontes se mostram possíveis – é possível, inclusive, ouvir os astros e voltar ao início, deglutindo o próprio carnaval. As roupas e a alegoria do setor foram idealizadas em parceria com estudantes da Escola de Belas Artes da UFRJ, utilizando-se, para a confecção delas, de sobras de material de todo o processo criativo, além de elementos oriundos de outras agremiações e de outros desfiles sambistas.

Destacamos, por fim, que a “defesa do enredo” continua nas justificativas dos elementos composicionais do desfile. Entendemos que o tamanho dos textos mais diz da complexidade do assunto e do desejo de expandir as leituras do que de uma necessidade de encerrar ideias: o que desejamos, sempre, é que um enredo se desdobre e ocupe outros espaços. O enredo se materializa no visual, abraçado aos conceitos estéticos que nortearam a criação como um todo. Optamos por excluir o modelo de citação “autor-data” das justificativas para tornar a leitura mais fluida. E registramos, com humildade e amor ao samba, que este foi, sem dúvidas, um processo de “feitura de enredo” dos mais delicados e difíceis, dada a imprevisibilidade do momento que ainda estamos enfrentando. Laroyê!

ROTEIRO DO DESFILE

SETOR/CHAVE 1 CRIAÇÃO E ENCRUZILHADA

Comissão de Frente
“CÂMBIO, EXU!”

Guardiões do 1º Casal de
Mestre-Sala e Porta-Bandeira
ÈSÚ ÒKÒTÓ:
FORÇA E MOVIMENTO CÓSMICO

1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Daniel Werneck e Taciana Couto
A CRIAÇÃO

Guardiões do 1º Casal de
Mestre-Sala e Porta-Bandeira
ÈSÚ ÒKÒTÓ:
FORÇA E MOVIMENTO CÓSMICO

Ala 01 – Comunidade (Coreografada)
MAR DE DENDÊ

Destaque de Chão – Musa
Monique Alfradique
FAÍSCA

Alegoria 01
A GRANDE ENCRUZILHADA:
BARCA DOS EXUS E ASSENTAMENTO

SETOR/CHAVE 2 RAIZ DA LIBERDADE

Ala 02 – Comunidade
EXU CABOCLO

Ala 03 – Baianas
“VENTOU NO CANAVIAL”

Ala 04 – Comunidade (Coreografada)
CABEÇAS DE ZUMBI

Destaque de Chão – Musa
Mileide Mihaile
PEDRA DE LATERITA

Tripé 01
EXU PALMARES

SETOR/CHAVE 3
TERREIRO E MERCADO

Ala 05 – Comunidade
ORÁCULO DE IFÁ

Ala 06 – Comunidade
PADÊ

Ala 07 – Comunidade
FEIRA DE OLOJÁ

Grupo Performático
XIRÊ

Destaque de Chão – Musa
Camilla de Lucas
PIMENTA E DENDÊ

Alegoria 02
CHÃO DE TERREIRO, AXÉ NO MERCADO

SETOR/CHAVE 4
ALMA DAS RUAS, NOITES DA LAPA

Ala 08 – Comunidade
POVO DA CALUNGA PEQUENA

Ala 09 – Gaiola das Loucas (Ala
LGBTQIA+) / Comunidade
POMBAGIRA CIGANA

Ala 10 – Passistas
REIS E RAINHAS DA RUA
(apresentando a Ala: Marisa Furacão e
Avelino Ribeiro)

Rainha da Bateria
Paolla Oliveira
“SOU DO FOGO E GARGALHADA...”

Ala 11 – Bateria
“NUNCA FOI SORTE, SEMPRE FOI
EXU”

Ala 12 – Comunidade (Coreografada)
GIRA DE MALANDRO

Destaque de Chão – Musa
Karen Lopes
ROSA VERMELHA

Grupo Performático (LGBTQIA+)
ESPÍRITO DA LAPA

Ala 13 – Comunidade
DAMAS DA NOITE

Ala 14 – Velha-Guarda
ZÉ PELINTRA E MARIA NAVALHA

Destaque de Chão – Musa
Adriana Bombom
FIO DA NAVALHA

Alegoria 03
REINADO CATIÇO

SETOR/CHAVE 5
FESTAS, FOLIAS, CARNAVAIS

Ala 15 – Comunidade
EXU MIRIM

Ala 16 – Compositores
“SALVE, SANTO ANTÔNIO!”

Destaque de Chão – Muso
Gil do Vigor
“NO FREVO DO AMOR”

Ala 17 – Comunidade
PALHAÇOS E FOLIAS

Guardiões do 2º Casal de
Mestre-Sala e Porta-Bandeira
AFOXÉS

2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Andrey Ricardo e Thauany Xavier
MARACATUS

Guardiões do 2º Casal de
Mestre-Sala e Porta-Bandeira
AFOXÉS

Ala 18 – Comunidade
BATE-BOLAS

Ala 19 – Comunidade
SETE DA LIRA

Pandeiristas e Passistas Especiais
“EXU É UMA ESCOLA DE SAMBA”

Ala 20 – Comunidade
“NA FOLIA EU SOU REI!” – ESCOLAS
DE SAMBA

Destaque de Chão – Musa
Bianca Andrade (Boca Rosa)
RAINHA DA FOLIA

Alegoria 04
“DOBRA O SURDO DE TERCEIRA”:
FOLIA EXUSÍACA

SETOR/CHAVE 6
DE TINTA E DE SANGUE

Ala 21 – Comunidade
MACUNAÍMA NA “TECNOMACUMBA”

Ala 22 – Comunidade
“SE FOR DE PAZ, PODE ENTRAR!”

Destaque de Chão – Musa
Renata Kuerten
EXU BOSSA NOVA

Ala 23 – Comunidade
SER-TÃO EXU

Grupo de Casais Mirins de
Mestres-salas e Porta-Bandeiras
“EXU NAS ESCOLAS”

Ala 24 – Comunidade
EXUS CONTEMPORÂNEOS

Destaque de Chão – Musa
Pocah
NA BATIDA DE EXU

Tripé 02
BOCA QUE TUDO COME

SETOR/CHAVE 7
RECRIAÇÃO E VOZES DO “LIXO”

Ala 25 – Comunidade
O BARROCO EXUSÍACO DE SINHÁ
OLÍMPIA

Ala 26 – Comunidade
EXU COROADO POR BISPO DO
ROSÁRIO

Destaque de Chão – Musa
Mônica Carvalho
“NÃO É DE BRINCADEIRA...”

Ala 27 – Comunidade (Coreografada)
O BAILADO DE JARDELINA COM EXU

Ala 28 – Adolescentes / Comunidade
STELA DO PATROCÍNIO E
A POÉTICA DAS ENCRUZILHADAS

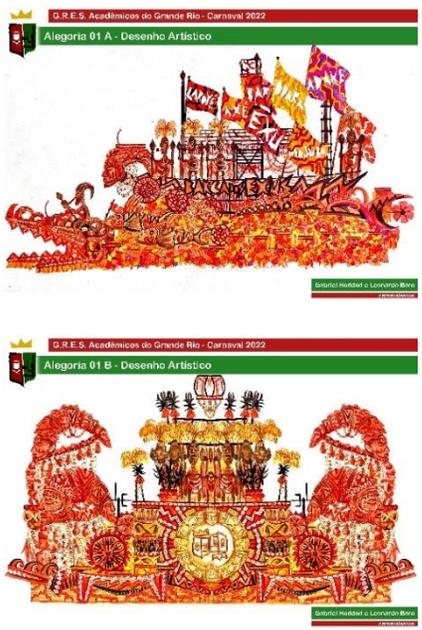
Ala 29 – Comunidade
ESTAMIRA: “E ANTES DE EU NASCER,
EU JÁ SABIA DISSO TUDO”

Destaque de Chão – Musa
Thainá Oliveira
“EU ESCUTO OS ASTROS...”

Alegoria 05
“FALA, MAJETÉ!”

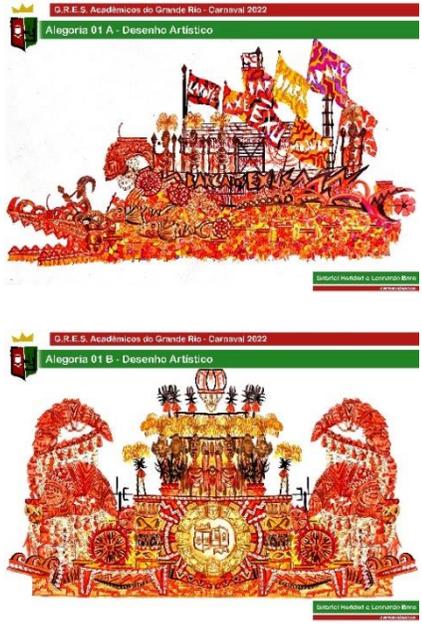
FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Gabriel Haddad e Leonardo Bora		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
01	<p>A GRANDE ENCRUZILHADA: BARCA DOS EXUS E ASSENTAMENTO</p>  <p><i>* Os projetos apresentados são utilizados enquanto conceitos-chave para a confecção das alegorias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.</i></p>	<p>“O Dono da Força é bonito, vamos cultuá-lo! Dono do Corpo, Senhor dos Caminhos, nos dê licença!” Abrindo alas para um enredo que celebra as energias e potências de Exu a partir dos cruzamentos culturais da afrobrasilidade, a primeira alegoria do desfile da Grande Rio, dividida em 3 chassis, atravessa um mar de fogo (como canta o ponto materializado na voz de Lia de Itamaracá) e cruza a Marquês de Sapucaí enquanto grande encruzilhada e assentamento. Leda Maria Martins ensina que as encruzilhadas são utilizadas como uma metáfora para os debates pós-coloniais e para os estudos culturais que consideram o encontro e o cruço como formas de constituição dos sujeitos e das culturas. As encruzilhadas, para a autora, são espaços de troca, um fluxo contínuo e permanente que forma a amálgama do ser/estar refletida não só no espaço social, mas também nos corpos. Já Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino entendem que as encruzilhadas são “lugares de encantamento para todos os povos.” Para eles, “o Atlântico é uma gigantesca encruzilhada. Por ela atravessaram sabedorias de outras terras que vieram inventadas nos corpos, suportes de memórias e de experiências múltiplas que lançadas na via do não retorno, da desterritorialização e do despedaçamento cognitivo e identitário, reconstruíram-se no próprio curso, no transe, reinventando a si e ao mundo.” Nesse sentido, a diáspora africana também é lida como encruzilhada, uma vez que as travessias forçadas de milhões de seres humanos arrancados de suas terras abriram um paradoxo incompreensível aos olhos coloniais, uma fresta de resistência e reinvenção de culturas. Rufino é bastante preciso: “A diáspora africana é encruzilhada, assentamento e terreiro.” A dor e a violência da empreitada colonial tentaram (e ainda tentam, sob novas roupagens) subalternizar ou anular as crenças e as sabedorias dos povos de África; mas o cruço (que é base das próprias escolas de samba) expressa a reinvenção como estratégia de sobrevivência.</p>

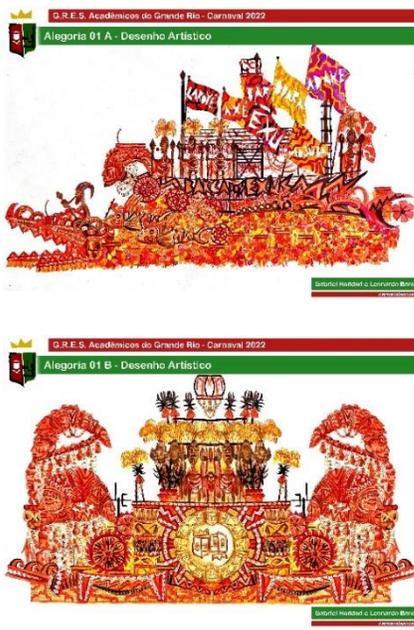
FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Gabriel Haddad e Leonardo Bora		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
01	<p>A GRANDE ENCRUZILHADA: BARCA DOS EXUS E ASSENTAMENTO (Continuação)</p>  <p><i>* Os projetos apresentados são utilizados enquanto conceitos-chave para a confecção das alegorias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.</i></p>	<p>No centro desse pensamento está Exu: Elegbara, o “Senhor do Poder Mágico”, que guarda, às portas das encruzilhadas, a semente primeira da vida. É por isso que a alegoria, subvertendo a lógica colonial e não se utilizando de signos associados à escravidão, exalta a energia exusíaca em uma barca que transcende o tempo e o espaço, situada no plano da poesia e do delírio carnavalesco.</p> <p>A energia de Exu jamais foi acorrentada: brilha, vibra, rodopia, se expande e recria um universo inteiro! A opção pela simbologia da barca, no caso do primeiro e do segundo chassis, se deu em razão da forte presença de “barcas de Exus” no imaginário artístico brasileiro – destacando-se as criações de José Alves de Olinda (inspirações para a arquitetura cênica), Alentícia Bertoza e Adir Botelho. Trata-se de uma barca espectral (daí a opção pelo uso do metaloide), que flutua sobre um oceano de trouxinhas (a simbologia da viagem, a visão dos andarilhos) e amarrações em tons de fogo. Em meio a Exus guerreiros, a “tripulação” da nave não tem corpos definidos, mas formas irreais, mágicas, como se fossem a pura energia, espíritos em movimento, cintilantes, entre “engrenagens” que também são pontos, símbolos mágicos riscados em terras e águas.</p> <p>As “velas” da embarcação são enormes bandeiras que saúdam as diferentes potências de Exu, varrendo o ar e espalhando o axé, invocando as palavras que instauram os ritos sagrados. As criaturas que circundam a barca, peças escultóricas de Marina Vergara, são inspiradas em diferentes etnias e cosmogonias africanas. As bocarras dianteiras, num misto de dragões marinhos e crocodilos de Olossá (divindade do panteão Iorubá que governa as lagoas africanas que desembocam no Atlântico – veias de África) e de Exu Ajelé, devoram as visões coloniais e deglutem a negatividade, abrindo um caminho tripartido, com os dentes à mostra, em direção a novos saberes.</p>

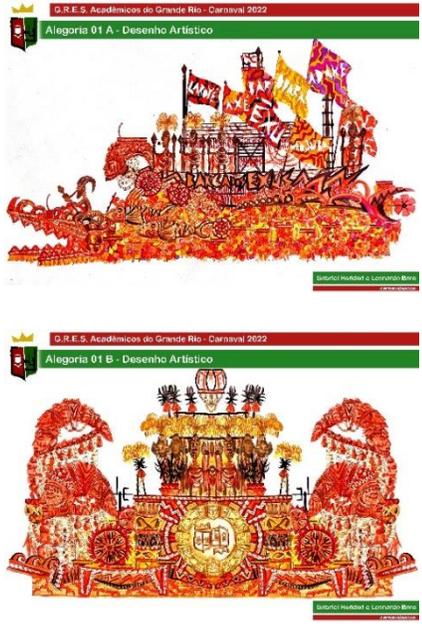
FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Gabriel Haddad e Leonardo Bora		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
01	<p>A GRANDE ENCRUZILHADA: BARCA DOS EXUS E ASSENTAMENTO (Continuação)</p>  <p><i>* Os projetos apresentados são utilizados enquanto conceitos-chave para a confecção das alegorias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.</i></p>	<p>Inspiradas em máscaras dos povos Senufo e em criações dos povos Igbós (região do Delta do Níger, na Nigéria) expostas no Museu do Quai Branly, em Paris (peças que hoje são reivindicadas pelos países africanos, num gesto de revisão crítica da lógica predatória do colonialismo), as esculturas de peixes não se mostram realistas nas formas e nas pinturas. Os Exus que “cavalgam” as criaturas frontais são inspirados em estatuetas de bronze do Daomé e de Angola. Os Exus que empunham lanças, na barca, são releituras das criações do Mestre Zé Alves de Olinda. O terceiro chassi, intitulado “Assentamento”, é uma espécie de altar ou palácio em homenagem à força dos Exus africanos, daí a presença de grandes esculturas adornadas com búzios, peças que são uma amálgama de referências de diferentes estátuas de Exu produzidas no continente africano – há, inclusive, elementos dos Exus que pertencem à coleção do Museu de Arte de São Paulo. Os movimentos giratórios reforçam o dinamismo, bem como os andaimes e as estruturas em ferro aparente (também presentes no primeiro chassi) sugerem a ideia de construção, devir e inacabamento, pilares para a compreensão da visão exusíaca de mundo. Emoldurando o tabuleiro de Ifá (que simbolicamente representa a circunferência do mundo e exibe, ao centro, brasões estilizados da Grande Rio), veem-se duas colunas inspiradas nas esculturas de Kifouli Dossou – peças que unem o símbolo do infinito a animais sagrados para cultos e oferendas. As ferramentas em ferro exibem tridentes, que, de acordo com as interpretações mais difundidas, simbolizam a fusão dos quatro elementos essenciais para a vida: água, fogo e ar (as pontas dos “garfos”, os tridentes em si); e terra (o “cabo” que se conecta ao solo, às oferendas, às demais ferramentas sagradas). Eis o grande assentamento apresentado pela Grande Rio, terreiro vivo, pulsante e ardente, onde o axé está plantado e a energia vital circula!</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

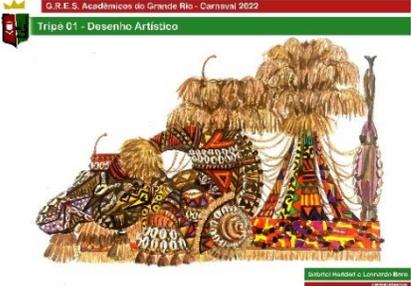
Criador das Alegorias (Cenógrafo) Gabriel Haddad e Leonardo Bora		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
01	<p>A GRANDE ENCRUZILHADA: BARCA DOS EXUS E ASSENTAMENTO (Continuação)</p>  <p><small>G.R.E.S. Acadêmicos do Grande Rio - Carnaval 2022</small> <small>Alegoria 01 A - Desenho Artístico</small></p> <p><small>G.R.E.S. Acadêmicos do Grande Rio - Carnaval 2022</small> <small>Alegoria 01 B - Desenho Artístico</small></p> <p><i>* Os projetos apresentados são utilizados enquanto conceitos-chave para a confecção das alegorias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.</i></p>	<p>É preciso destacar que este chassi é intencionalmente simétrico ou espelhado: a “frente” também é “fundo” e vice-versa, o que expressa, mais uma vez, a noção de circularidade – o eterno retorno, a espiral, o fim que também é começo, os fluxos e refluxos de que fala Pierre Verger. O carro, em suma, alegoriza o processo de fusões culturais que levou Elegbara, Mavambo, Aluvaiá, Bombogira e tantos outros deuses cultuados de formas distintas na África a se fundirem em uma só entidade, Exu, corpo múltiplo que baila, incorporando a folia e celebrando a liberdade.</p> <p><u>Destakes e Composições – Primeiro chassi:</u> Destaque central baixo: Bruna Dias Fantasia: Cavalos marinhos</p> <p>Destakes laterais baixos Fantasia: Súditas de Olossá</p> <p><u>Destakes e Composições – Segundo chassi:</u> Destaque central médio: Luana Pires Fantasia: Senhora das encruzilhadas</p> <p>Destaque performático alto: Rafael Bqueer Fantasia: Explosão de Odará</p> <p>Composições teatralizadas queijos laterais Fantasia: Mar de dendê</p> <p>Composições teatralizadas barca Fantasia: Energia de Exu</p> <p><u>Destakes e Composições – Terceiro chassi:</u> Destaque performático alto: Cridemar Aquino Fantasia: Dono do Corpo, Senhor dos Caminhos</p> <p>Semidestakes laterais Fantasia: Espirais do axé</p> <p>Composições masculinas queijos e plataforma Fantasia: Guardiões de L’Onan, o Senhor dos Caminhos</p> <p>Composições femininas queijos e plataforma Fantasia: Faces de Elegbara</p> <p>Composições teatralizadas assentamento e andaimes Fantasia: Súditos de Exu</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

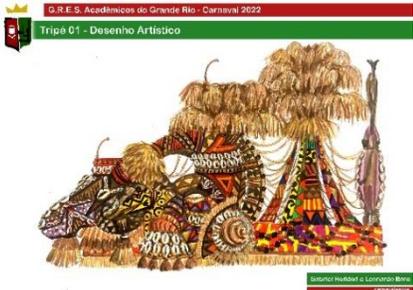
Criador das Alegorias (Cenógrafo)

Gabriel Haddad e Leonardo Bora

Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
<p>*</p>	<p style="text-align: center;">Tripé 01</p> <p style="text-align: center;">EXU PALMARES</p>  <p><small>G.R.E.S. Acadêmicos do Grande Rio - Carnaval 2022 Tripé 01 - Desenho Artístico Gabriel Haddad e Leonardo Bora</small></p> <p><i>* Os projetos apresentados são utilizados enquanto conceitos-chave para a confecção das alegorias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.</i></p>	<p>Condensando a ideia de que a figura mítica de Zumbi pode ser associada às potências de Exu, especialmente a noção de “corpo coletivo”, o tripé alegoricamente representa um altar em homenagem aos líderes de Palmares e à força telúrica de Exu, divindade que, em alguns territórios africanos, é representado enquanto monte de terra – um literal assentamento, com a face insinuada no solo e a presença de um falo primitivo. Pesquisas recentes apontam para o fato de que o território de Palmares não era estanque, fixo, mas algo em permanente movimento – dado importante para a compreensão de Exu, o “senhor das possibilidades”, sem o qual não há movimento.</p> <p>A ideia de um “Zumbi-Exu” se faz presente, também, nos estudos de Christina Ramalho e Luciara de Mendonça, que partem das reflexões tecidas por Conceição Evaristo acerca do conto “A cabeça de Zumbi”, de Alberto Mussa, para associar o conto do autor de “Elegbara” a pesquisadores que descrevem a figura de Exu, como Roger Bastide e Pierre Verger. Elas entendem que a conexão com o mundo espiritual, a esperteza de se embrenhar nas brechas e frestas e a proteção aos seus (junto a uma dimensão simbólica complexa, densa e múltipla) produzem uma cruz: as duas figuras, Zumbi e Exu, se mostram unidas em uma eterna/imortal dança de luta e representatividade, dentro das comunidades negras. É preciso destacar, ainda, que a figura de Zumbi foi fundamental para a construção dos movimentos negros a partir do final da década de 1970. Com o avanço dos debates em torno das pautas raciais durante o período (junto a uma efervescência cultural negra, como o movimento Black Rio, o Cacique de Ramos etc.), surgiu a necessidade de se “eleger” um símbolo que representasse a luta do povo negro brasileiro. A figura de Zumbi dos Palmares ganhou centralidade nesse debate, base para a construção do monumento da Avenida Presidente Vargas, nos arredores da Marquês de Sapucaí. Vale dizer, ainda, que há um busto de Zumbi em Caxias, sendo que, na década de 1980, o movimento negro da cidade levantou o debate acerca da possível troca do nome “Duque de Caxias” (homenagem a um “herói” sanguinário) para município “Zumbi dos Palmares”.</p>

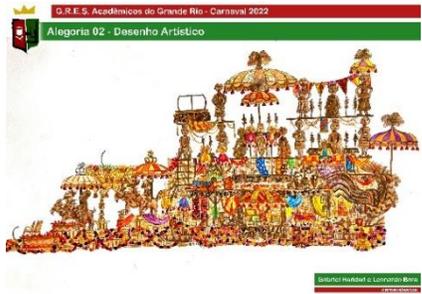
FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Gabriel Haddad e Leonardo Bora		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
*	<p>Tripé 01</p> <p>EXU PALMARES (Continuação)</p>  <p><small>G.R.E.S. Acadêmicos do Grande Rio - Carnaval 2022 Tripé 01 - Desenho Artístico Gabriel Haddad e Leonardo Bora</small></p>	<p>Na contemporaneidade, observa-se um “ressurgimento” dos debates ao redor da figura de Zumbi, debate este que se vê conectado à presença marcante de Exu: Exu, hoje, é um símbolo de luta e representatividade. No tripé, ao símbolo exusíaco do bode se unem visões estilizadas de onças e grandes “cabeças-assentamentos” que brotam de um solo de esteiras de palha, raízes e estampas gráficas – criações de Toín Gonzaga, artista que também assina os experimentais (com a utilização de argila e fios tingidos naturalmente) figurinos dos destaques Zumbi e Dandara (heroína que preferiu morrer, atirando-se de um penhasco, a ser escravizada). Ao fundo, os besouros expressam a ideia de força e evocam a memória de um líder negro como Besouro Mangangá, que, insuflado do mesmo espírito de luta que imortalizou Palmares, teve o corpo fechado por Exu e espalhou a insubmissão através da capoeira – ponte para o próximo setor.</p> <p>Zumbi, na visão do enredo, se transforma em “Exu Agbá” (ÈsùÀgbà), ou seja, o Exu ancestral, guardião da sabedoria daqueles que já partiram. Quem interpreta Zumbi é o professor, advogado e ativista do Movimento Negro de Caxias Renato Ferreira. Entendemos que sempre que as mãos macumbeiras riscam pontos nos terreiros, Palmares é redesenhada e renasce, poderosa. Que o espírito libertário triunfe, com as bênçãos potentes de Exu e o axé que rebrota do solo!</p> <p><u>Destaques e Composições</u> Destaque central baixo: Renato Ferreira (Ativista do Movimento Negro de Caxias) Fantasia: Zumbi</p> <p>Destaque central alto: Gilca Soares Fantasia: Dandara</p>
	<p>* Os projetos apresentados são utilizados enquanto conceitos-chave para a confecção das alegorias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.</p>	

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Gabriel Haddad e Leonardo Bora		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
02	<p>CHÃO DE TERREIRO, AXÉ NO MERCADO</p>  <p><small>G.R.E.S. Acadêmicos do Grande Rio - Carnaval 2022 Alegoria 02 - Desenho Artístico</small></p> <p><small>Gabriel Haddad e Leonardo Bora</small></p> <p><i>* Os projetos apresentados são utilizados enquanto conceitos-chave para a confecção das alegorias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.</i></p>	<p>Para preparar o padê, é preciso ir à feira. A segunda alegoria do desfile do GRES Acadêmicos do Grande Rio celebra Exu enquanto Senhor do Mercado (Olojá), Senhor das Oferendas (Elebó), Senhor da faca (Olobé) e Vigia dos Odus (Odusô). Exu é a entidade que rege as trocas e dinamiza a vida social dos terreiros. Nos termos de Luiz Antonio Simas, “as ruas são de Exu em dias de festa e feira.” Tudo começa, como bem narra o autor, com a preparação do padê (justamente o que é cantado no samba de enredo): “Tudo começa com o ipadê, o padê de Exu, a cerimônia propiciatória com farofa de dendê, cachaça (oti) e cantos rituais, para que Exu traga bom axé para as festas nos terreiros, cumpra seu papel de mensageiro entre o visível e o invisível, chame os orixás e não desarticule, com suas estripulias fundadoras da vida, os ritos da roda, aqueles em que os deuses dançam pelo corpo das iaôs (as filhas de santo). O padê de Exu também pode ser colocado na encruzilhada, lugar em que as ruas se encontram e os corpos da cidade circulam.” Para a preparação das oferendas, faz-se necessário o trânsito por feiras e mercados, espaços que concentram a energia de Exu e que podem ser compreendidos enquanto extensões dos terreiros. Dizem Simas e Rufino: “Quem entra nos mercados, nas feiras, ou sai de casa com a intenção de realização de bons negócios, cumpre o rito de pedir licença a Exu e está praticando o tempo/espço do mercado como terreiro. O cruzamento das noções de terreiro com a de mercado, a partir dos efeitos de determinados saberes praticados na diáspora africana, alarga tanto a noção de terreiro como a de mercado. (...) Ah, o mercado! Muitas são as formas de praticá-lo enquanto terreiro.” Estabelecida essa imediata conexão entre terreiros e mercados, ergue-se um carro alegórico que funde elementos de uma Casa de Santo com a profusão de formas e cores de um mercado popular.</p>

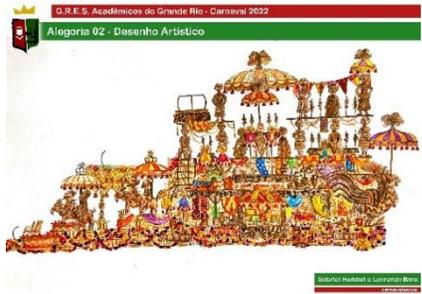
FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Gabriel Haddad e Leonardo Bora		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
02	<p>CHÃO DE TERREIRO, AXÉ NO MERCADO (Continuação)</p>  <p><small>G.R.E.S. Acadêmicos do Grande Rio - Carnaval 2022 Alegoria 02 - Desenho Artístico</small></p> <p><small>Desenho: Gabriel Haddad & Leonardo Bora</small></p> <p><i>* Os projetos apresentados são utilizados enquanto conceitos-chave para a confecção das alegorias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.</i></p>	<p>Algumas das mais fascinantes potências de Exu nos levam à simbologia dos mercados e à importância das comidas rituais – basta pensarmos nos atributos condensados nos títulos IgbáKetá (Senhor da Terceira Cabaça, aquele que mistura o remédio e o veneno), Eleru (Senhor do carregamento ritual, aquele que entrega as oferendas aos deuses), Olobé (Senhor da faca, aquele que executa os sacrifícios rituais), Elebó (Senhor das oferendas, aquele que primeiro come e depois recebe as comidas votivas), Odusô (Vigia dos odus, aquele sem o qual não é possível interpretar os jogos adivinhatórios). Na parte dianteira da alegoria, veem-se os enormes padês para Exu, oferendas cenograficamente arriadas em homenagem às divindades que regem as trocas. Nas coroas de Exu e Oxalá, o desejado equilíbrio de opostos complementares, elementos decorativos que adornam os pátios de um cortejo de Exus montados em bodes. Ogãs, zeladores e filhos de Santo do Ilê Axé Monadeuy bailam em um espaço cenográfico que nos leva ao trono e à visão fantástica do interior do barracão da Casa Branca do Engenho Velho, terreiro fundado na década de 1830, em Salvador, fato este que expressa a urbanização dos ritos e o fortalecimento das práticas religiosas de matrizes africanas. A grande coroa exhibe as comidas sagradas dessas divindades. Os preparos dos alimentos envolvem saberes transmitidos de geração em geração, nos ritos do Candomblé. Simas ensina: “Uma lista simples com alguns alimentos e temperos ofertados aos orixás pode exemplificar melhor isso: abará, caruru, pipoca, canjica branca, axoxô (...), feijoada, acaçá, omolocum (...), acarajé, farofa, inhame, dendê, cará, pimenta, camarão seco, mel de abelhas, frutas diversas etc.” O terreiro e o público externo se unem ao redor das mesas fartas: tudo é compartilhado, nas festas em louvor aos Santos. Como sugerem as interpretações de Simas e Rufino, o terreiro se transforma em mercado e vice-versa.</p>

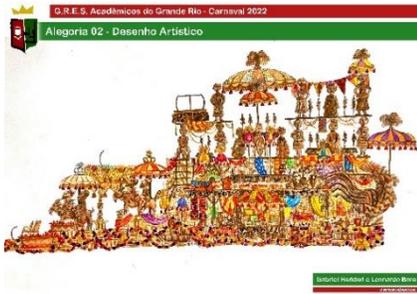
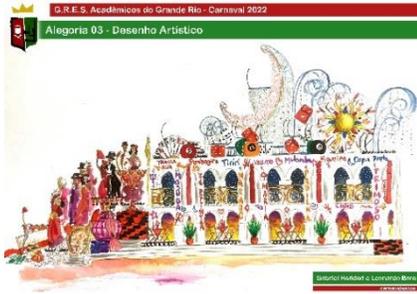
FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Gabriel Haddad e Leonardo Bora		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
02	<p>CHÃO DE TERREIRO, AXÉ NO MERCADO (Continuação)</p>  <p><small>G.R.E.S. Acadêmicos do Grande Rio - Carnaval 2022 Alegoria 02 - Desenho Artístico</small></p> <p><small>Gabriel Haddad e Leonardo Bora</small></p> <p><i>* Os projetos apresentados são utilizados enquanto conceitos-chave para a confecção das alegorias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.</i></p>	<p>É por isso que, na segunda e maior parte da alegoria, bancas e barracas compõem um todo inspirado nas impressionantes instalações do artista ganense Ibrahim Mahama, que já se utilizou de caixotes de feira para criar obras gigantescas, de forte impacto visual. Mais de 2 mil caixotes de madeira foram utilizados para a composição cenográfica do carro. As esculturas com formas humanas estilizadas, cujas pinturas simulam a madeira, foram confeccionadas por Andréa Vieira e são inspiradas em uma peça exposta no Museu do Quai Branly, em Paris. Trata-se de uma escultura de madeira do povo Fon, de autoria desconhecida, ao “estilo yoruba”, intitulada “Assento Real”. A peça, classificada como representativa do Reino do Daomé e confeccionada entre o final do século XVIII e o início do século XIX, apresenta pessoas executando diferentes atividades, como se estivessem em uma festa ou em uma feira – afinal, quais os limites? Luiz Antônio Simas diz que “as ruas, encruzilhadas e mercados, para o povo do Daomé, têm a sua divindade: Legba. E não duvidem: Legba veio para morar no Brasil e por aqui ficou”. Já Stefania Capone entende que “a associação de Exu e Legba com todos os lugares ligados às trocas e às transações (praça do mercado, encruzilhadas, portas das casas) mostra, com clareza, que eles ocupam uma posição de mediador (...). As encruzilhadas também são lugares de culto de Èsù e Legba. (...) Um altar dedicado a Legba ou a Èsù também existe em cada praça de mercado nas aldeias iorubás e fon.”</p> <p>Na alegoria, tamanha complexidade se vê traduzida na miscelânea de objetos e volumes, com destaque para as cabaças, automaticamente associadas a Exu. Ao fundo, as grandes esculturas de galos, inspiradas em peças de bronze do Benin, confeccionadas no século XVIII, miram o próximo setor e reafirmam a circularidade do axé. Precisamos entender, aponta Simas, que “qualquer alimento pode ser portador do axé; basta que seja preparado por mãos sábias, oferecido às bocas certas e, primeiramente, ao dono da rua.” Que a pimenta nunca falte!</p>

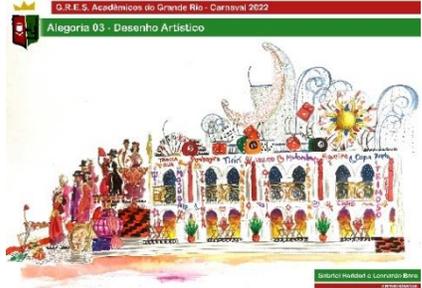
FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Gabriel Haddad e Leonardo Bora		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
02	<p>CHÃO DE TERREIRO, AXÉ NO MERCADO (Continuação)</p>  <p><small>G.R.E.S. Acadêmicos do Grande Rio - Carnaval 2022</small> <small>Alegoria 02 - Desenho Artístico</small></p> <p><small>Gabriel Haddad e Leonardo Bora</small></p> <p><i>* Os projetos apresentados são utilizados enquanto conceitos-chave para a confecção das alegorias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.</i></p>	<p><u>Destaques e Composições</u></p> <p>Destaques centrais baixos: Luiz Bangbala (ogã vivo mais antigo do Brasil, com 102 anos), Maria Eni Souza (Makota Arrungindala) e Luiza Maria (Mameto Monadeuy) Roupas Cerimoniais: Herança do Axé</p> <p>Destaque central médio: Danyllo Gayer Fantasia: “O Ifá nas entrelinhas dos Odu’s”</p> <p>Destaque performático alto: Átila Bee Fantasia: Senhor dos Mercados</p> <p>Composições frontais bailado: Ogãs, zeladores e filhos de Santo do Ilê Axé Monadeuy Fantasia: Roupas cerimoniais</p> <p>Composições laterais Fantasia: Os segredos dos temperos</p> <p>Composições teatralizadas Fantasia: Mercadores e feirantes</p>
03	<p>REINADO CATIÇO</p>  <p><small>G.R.E.S. Acadêmicos do Grande Rio - Carnaval 2022</small> <small>Alegoria 03 - Desenho Artístico</small></p> <p><small>Gabriel Haddad e Leonardo Bora</small></p> <p><i>* Os projetos apresentados são utilizados enquanto conceitos-chave para a confecção das alegorias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.</i></p>	<p>“Exu Caveira, Sete Saias, Catacumba / É no toque da Macumba / Saravá, Alafíá! / Seu Zé, malandro na encruzilhada / Padilha da saia rodada / Ê, Mojubá! / Sou Capa Preta, Tiriri / Sou Tranca Rua, amei o Sol / Amei a Lua, Marabô, Alafíá! / Eu sou do carteador e da quebrada, sou do fogo e gargalhada / Ê, Mojubá!” O refrão de meio do samba de enredo do GRES Acadêmicos do Grande Rio é uma síntese da terceira alegoria do desfile, “Reinado Catiço”: um enorme altar em devoção ao Povo da Rua e uma celebração dos espaços que emolduram este universo (cabarés, botequins, cassinos, lugares perfumados de amor e sorte, lugares marcados pelas mais intensas paixões).</p>

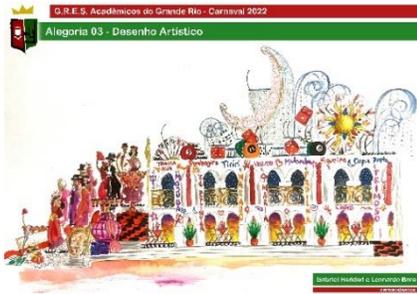
FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Gabriel Haddad e Leonardo Bora		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
03	<p>REINADO CATIÇO (continuação)</p>  <p><i>* Os projetos apresentados são utilizados enquanto conceitos-chave para a confecção das alegorias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.</i></p>	<p>No cenário frontal, livremente inspirado na instalação “O Cortejo”, de Nelson Leirner (exposta no Museu Afro Brasil, na cidade de São Paulo), e em diálogo explícito com a estética das lojas de imagens de Umbanda, muito associadas a espaços de intensa circulação e cruzas culturais como o Mercado de Madureira (algo estudado com maestria pelo pesquisador Tadeu Mourão), veem-se 11 imagens de Exus e Pombagiras que, posicionadas sobre platôs e intencionalmente sobrepostas (objetiva-se, frise-se, uma noção de acúmulo e justaposição), corporificam um peji, um terreiro ambulante que expõe as esculturas (talhadas por Marina Vergara) enquanto obras de arte e obras sagradas. Compondo a cenografia, de maneira análoga ao que é observado nos altares dedicados aos Exus Catiços, notam-se objetos que ajudam a contar a história dessas entidades: anéis, batons, camafeus, moedas, taças, navalhas, frascos de perfumes, rosas, elementos que bem poderiam figurar sobre a penteadeira de um cabaré, sob a luz de um abajur. As imagens expressam a diversidade de corpos e nomes presentes nos ritos de Umbanda e nas macumbas cariocas, destacando-se Maria Padilha, Seu Tranca Rua, Seu Zé Pelintra, Dona Maria Navalha, Pombagira Cigana, Dona Sete Saias, Seu Capa Preta, Pombagira Rainha das Sete Encruzilhadas, Seu Sete da Lira, Exu Malandro das Almas e Pombagira da Figueira.</p> <p>De acordo com a pesquisa de Tadeu Mourão, fundamental para o dimensionamento artístico dessas imagens de gesso (que, devido ao preconceito e ao racismo religioso e cultural, no mais das vezes são vistas como “pobres”, “simplórias”, “feias” ou “naif”), “Exus e pombagiras são reconhecidos dentro do culto como os grandes guardiões dos templos, dos lares e dos frequentadores de terreiros, protegendo-os de espíritos trevosos, de trabalhos de magia e de todo tipo de violência, papel que os umbandistas acreditam que essas entidades cumprem com maestria.”</p>

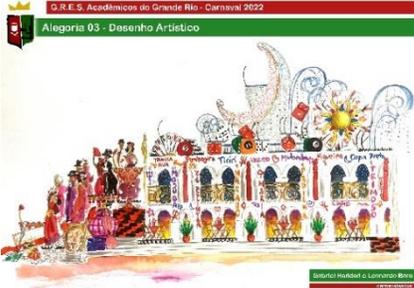
FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Gabriel Haddad e Leonardo Bora		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
03	<p>REINADO CATIÇO (Continuação)</p>  <p><small>G.R.E.S. Acadêmicos do Grande Rio - Carnaval 2022 Alegoria 03 - Desenho Artístico</small></p> <p><small>Gabriel Haddad e Leonardo Bora</small></p> <p><i>* Os projetos apresentados são utilizados enquanto conceitos-chave para a confecção das alegorias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.</i></p>	<p>A composição desse altar alegórico, portanto, também é a composição de uma guarda: um pedido de proteção para a escola e para os seus desfilantes; um olhar para os fascinantes meandros artísticos dessas peças; e um ato poético e político em defesa do Povo de Axé e, mais especificamente, da cultura que envolve o Povo da Rua, tão marginalizada e considerada “perigosa” ou “agressiva”. Um dos títulos de Exu, Alafia, o projeta como “Senhor da satisfação pessoal”, divindade cujas potências celebram a vida e os prazeres mundanos sem os julgamentos morais atrelados à ideia de “pecado”.</p> <p>Entre vícios e virtudes, as ambiguidades – para tudo terminar em gargalhadas. As cenografias laterais da alegoria estilizam os famosos Arcos da Lapa, mundialmente associados às ideias de boemia, samba, vida noturna e “espírito carioca”. Entendemos que as ruas da Lapa jamais ficam vazias: estão sempre ocupadas por entidades, visíveis ou invisíveis, que transitam por becos e vielas, adentram os salões e as alcovas dos cabarés, bebem cerveja ou cachaça nas mesas dos bares, apostam (e ganham!) nas casas de jogos. Uma parte da Velha-Guarda da escola se apresenta nas mesas dos botequins, enquanto entidades do Povo da Rua ocupam as varandas dos Arcos, teatralizadas por André Lúcio Oliveira.</p> <p>Na parte superior do carro, elementos ligados ao universo das jogatinas são posicionados de forma a criar um cenário de encantamento noturno: triunfando sobre dados, cartas e bolas de bilhar, uma imensa Lua ao estilo Art Nouveau dialoga com a memória da própria escola, que viajou pelos mistérios lunares, em 1993, sob a pena do carnavalesco Alexandre Louzada. Na ocasião, o samba evocava o mais apregoadado ponto de Tranca Rua – entidade que protege, com a sua capa, aqueles que se veem vagando, pelas ruas da cidade. Enfatizando o aspecto “urbano” do carro (e assim não poderia deixar de ser - afinal, estamos falando do coração pulsante da cidade), os letreiros luminosos saúdam a diversidade de Exus e Pombagiras, colorindo os Arcos de tantas memórias e sagas – paredes que, no carro alegórico, também receberam intervenções da artista Ju Angelino, cujo trabalho dialoga com a força das Pombagiras.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Gabriel Haddad e Leonardo Bora		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
03	<p>REINADO CATIÇO (Continuação)</p>  <p><small>G.R.E.S. Acadêmicos do Grande Rio - Carnaval 2022</small> <small>Alegoria 03 - Desenho Artístico</small></p> <p><small>Gabriel Haddad e Leonardo Bora</small></p> <p><i>* Os projetos apresentados são utilizados enquanto conceitos-chave para a confecção das alegorias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.</i></p>	<p>Ao fundo do carro, nota-se um “altar de botequim” que une Santo Antônio, sincretizado com Exu, e São Jorge, sincretizado com Ogum, nas macumbas cariocas. Toda a proteção é pouca – mas resta a certeza: quem nos protege não dorme!</p> <p><u>Destques e Composições</u></p> <p>Destaque central alto: Enoque Silva Fantasia: Luz da Lua, luz das ruas</p> <p>Destaque central baixo: Ana Beatriz Genuncio Fantasia: Coração pulsante</p> <p>Destaque performático alto (Lua): Guilherme Linhares Fantasia: Rei da Noite</p> <p>Destaque lateral baixo (esquerda): Priscilla Levinson Fantasia: Perfume de rosas</p> <p>Destaque lateral baixo (direita): Luciana Monteiro Fantasia: Sedução lilás</p> <p>Destaque lateral médio (esquerda): Pepita Fantasia: Joia do cabaré</p> <p>Destaque lateral médio (direita): Cidinha Oliveira Fantasia: Magia cigana</p> <p>Destaque traseiro alto (esquerda): Rafael Faria Fantasia: Exu Marabô</p> <p>Destaque traseiro alto (direita): Ton Brício Fantasia: Exu Tiriri</p> <p>Composições femininas (dados) Fantasia: Sorte no jogo</p> <p>Composições botequim: Velha-Guarda Zé Pelintra e Maria Navalha</p> <p>Composições teatralizadas (Arcos da Lapa) Fantasia: Povo da Rua</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Gabriel Haddad e Leonardo Bora		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
04	<p>“DOBRA O SURDO DE TERCEIRA”: FOLIA EXUSÍACA</p>  <p><small>G.R.E.S. Acadêmicos do Grande Rio - Carnaval 2022 Alegoria 04 - Desenho Artístico</small></p> <p><small>Gabriel Haddad e Leonardo Bora</small></p> <p><i>* Os projetos apresentados são utilizados enquanto conceitos-chave para a confecção das alegorias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.</i></p>	<p>Samba, suor, cerveja, asfalto, sarjeta, desvario em doses cavalares: como diz Luiz Antonio Simas, “as ruas no carnaval são exemplarmente exusíacas.” Quem nunca se perdeu, nos dias (des)governados por Momo? Quem nunca se deixou embriagar e “viajar nos braços do infinito”, nas noites regidas por ele, o Senhor dos Caminhos e Rei das Encruzilhadas? Exu, o “Senhor da Felicidade” (Odará), se manifesta nas mais diversas expressões carnavalescas do nosso país, passando por frevos, afoxés, maracatus, blocos, turmas de bate-bolas, corpos de escolas de samba. Bará, Senhor do Corpo, rege os foliões que se deixam entregar ao transe e à festa, despídos das pressões e normatizações cotidianas, vestindo as fantasias de outros tempos e outros espaços, outros mundos e infinitas possibilidades.</p> <p>Muniz Sodré já declarou: o samba é o dono do corpo. Para Simas, “o corpo carnavalizado, sambado, disfarçado, revelado, suado, sapateado, sincopado, dono de si, é aquele que escapa, subindo no salto da passista, ao confinamento da existência como projeto de desencanto e mera espera de morte certa. O carnaval é o duelo entre o corpo e a morte.”</p> <p>Uma escola de samba, corpo coletivo que une geografias, crenças, ritos e memórias, histórias de famosos e anônimos, imagens que se fixam nas retinas do imaginário coletivo, não pode ser outra coisa que não uma afirmação do dinamismo e da inesgotável capacidade criativa de Exu. Resistência e reinvenção, como apreendeu uma recente exposição do Museu de Arte do Rio dedicada à cultura do samba e à importância do carnaval para a compreensão (ou tentativa de) da nossa tão fragmentada identidade. A quarta alegoria do cortejo da Grande Rio celebra tudo isso e mistura, em um mesmo chassi/caldeirão, referências a diferentes manifestações carnavalescas. O enorme boneco de bate-bola, com a máscara devidamente levantada (a forma como os bate-bolas iniciados no Candomblé utilizam o adereço, de acordo com o narrado por Vitor Pinheiro, da Turma Sai de Baixo), aparece enquanto “guardião da favela”, como canta o samba-enredo - uma entidade foliônica a um só tempo debochada e aguerrida, cujo corpo se confunde com o morro colorido, cenário imortalizado em sambas de todas as épocas.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Gabriel Haddad e Leonardo Bora		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
04	<p>“DOBRA O SURDO DE TERCEIRA”: FOLIA EXUSÍACA (Continuação)</p>  <p><small>G.R.E.S. Acadêmicos do Grande Rio - Carnaval 2022 Alegoria 04 - Desenho Artístico</small></p> <p><small>Gabriel Haddad e Leonardo Bora</small></p> <p><i>* Os projetos apresentados são utilizados enquanto conceitos-chave para a confecção das alegorias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.</i></p>	<p>Os demais bonecos, com feições “gaiatas” e poses jocosas, bêbadas, traduzem a diversidade de fantasias que brincam nos blocos de rua e evocam o espírito dos “antigos carnavais”, aqueles que sempre eram mais intensos e grandiosos, com máscaras confeccionadas com a técnica do papier mâché. A arquitetura cênica do carro foi pensada para valorizar as composições (foliões com fantasias variadas, ao sabor da confusão das ruas, pulsando ao som da bateria) e os destaques emplumados. Os estandartes saúdam a memória de Seu Sete da Lira e a extraordinária história do bloco conduzido por um Exu, o Exu Rei da Lira, cujo símbolo é uma constante nos horizontes carnavalescos do mundo todo – a lira, afinal, é o símbolo da poesia. Tremulam nomes fictícios como “Cabra da Madrugada”, “Folia do Seu Sete”, “Afoxé Filhos de Exu”, “Fervo do Exu Caveira”, “Pinga Fogo na Folia”; “Macumbanda da Baixada”, etc.</p> <p>Completando o desenho cênico, notam-se as cores e formas gráficas de uma tela de Adir Botelho: “Barca de Exus”. Botelho se notabilizou, entre outras atividades, pelo trabalho desenvolvido para as decorações de rua do carnaval da cidade do Rio de Janeiro, unindo-se a realizadores como Fernando Pamplona, Arlindo Rodrigues, Newton Sá, Fernando Santoro, Davi Ribeiro, Rosa Magalhães, Lícia Lacerda etc. A simbologia do barco permeia os estudos carnavalescos, uma vez que uma das hipóteses para as origens da palavra “carnaval” é de que ela é uma derivação da expressão “Carrus Navalis”, um carro que desfilava sobre rodas pelas ruas da Roma antiga. No carro da Grande Rio, os Exus de Adir Botelho, cujos traços se confundem com o visual das saudosas decorações da Avenida Presidente Vargas, também encimam o painel traseiro, uma citação ao segundo elemento alegórico do desfile de 1989 da coirmã Beija-Flor de Nilópolis. Naquele ano, a escola nilopolitana fez uma apresentação icônica, prenhe de energia de Exu Joãosinho Trinta apresentou um enorme convite ao Povo da Rua, onde originalmente se lia, em letras pintadas com tinta preta: “Atenção: mendigos, desocupados, pivetes, meretrizes, loucos, profetas, esfomeados e povo de rua: tirem dos lixos deste imenso país restos de luxos... façam suas fantasias e venham participar deste grandioso Bal Masqué!”</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

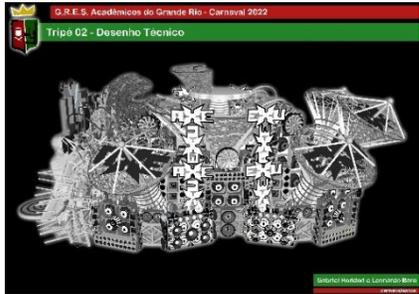
Criador das Alegorias (Cenógrafo) Gabriel Haddad e Leonardo Bora		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
04	<p>“DOBRA O SURDO DE TERCEIRA”: FOLIA EXUSÍACA (Continuação)</p>  <p><small>G.R.E.S. Acadêmicos do Grande Rio - Carnaval 2022 Alegoria 04 - Desenho Artístico</small></p> <p><small>Gabriel Haddad & Leonardo Bora</small></p> <p><i>* Os projetos apresentados são utilizados enquanto conceitos-chave para a confecção das alegorias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.</i></p>	<p>Na parte traseira desse mesmo convite, espécie de muro parcialmente destruído, havia a seguinte mensagem: “Mendigos, a Sapucaí é vossa!” Na reinterpretação de nossa alegoria, com pintura executada pelo artista contemporâneo Guilherme Kid, bradamos que a Sapucaí é um templo para todos os Exus: que a energia se manifeste e que a visão exusíaca de mundo triunfe sobre a aridez dos dias sem carnaval, tristes, pálidos, frios. Que possamos, no calor desnordeante da pista, gozar a felicidade!</p> <p><u>Destaques e Composições</u></p> <p>Destaque central médio: Sônia Soares Fantasia: Rainha da Lira</p> <p>Destaque performático baixo: David Brazil Fantasia: Folia no Bola</p> <p>Destaque lateral direito: Andressa Medeiros Fantasia: Cacique de Ramos</p> <p>Destaque lateral esquerdo: Thuane Araújo Fantasia: Bafo da Onça</p> <p>Destaque central médio: Douglas Souza Fantasia: Guardiã da Favela</p> <p>Destaque central alto: Márcio Marinho Fantasia: O Grande Morcego</p> <p>Semidestaques frontais baixos Fantasia: Nobreza momesca</p> <p>Composições femininas Fantasia: Furor exusíaco</p> <p>Composições teatralizadas Fantasia: Foliões desvairados</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo)

Gabriel Haddad e Leonardo Bora

Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
*	<p style="text-align: center;">Tripé 02</p> <p style="text-align: center;">BOCA QUE TUDO COME</p>  <p><small>G.R.E.S. Acadêmicos do Grande Rio - Carnaval 2022 Tripé 02 - Desenho Técnico Gabriel Haddad e Leonardo Bora</small></p> <p><i>* Os projetos apresentados são utilizados enquanto conceitos-chave para a confecção das alegorias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.</i></p>	<p>Exu tem fome de vida: tudo devora, para depois regurgitar e devolver a matéria ao mundo, transformada. Exu é reantropofagia. Um dos mais fascinantes títulos de Exu é o de EnuGbarijo ou Enugbarijó, a “Boca coletiva”. De acordo com as proposições pedagógicas e filosóficas de Simas e Rufino, “é Enugbarijó (Senhor da boca coletiva) que nos propicia o arremate, já que é ele que engole de um jeito para cuspir de outro. É a boca que tudo come e o corpo que tudo dá. É ele que versa sobre as transformações radicais e sobre a necessidade constante de reinvenção da vida.” Comida, aqui, não é apenas o alimento material, mas saberes, miradas, filosofias, cosmogonias, propostas artísticas subversivas, prenes de potência poética.</p> <p>Falar de Exu, hoje, é um ato político – daí a importância (e a reponsabilidade) de agregar atores sociais e construir um mosaico de ideias que não termine no final do desfile; ao contrário: transborde a avenida e ocupe outros espaços. A simbologia da boca aparece na obra de artistas plásticos que reverenciaram Exu em suas telas, como Abdias Nascimento e Jean-Michel Basquiat, e em produções contemporâneas, como a peça “Exu – A Boca do Universo”, dirigida por Fernanda Júlia Onisajê, e em pinturas e instalações de Mulambö. Bocas abertas permearam (e devoraram) o desfile como um todo, adquirindo dimensão ainda maior e mais abstrata neste elemento alegórico, pensado para ser uma espécie de grande instalação ambulante, misto de aparelhagem, estação espacial, paredão de funk.</p> <p>É, também, um abstrato “ebó cósmico”, assentamento em ferro aparente, em construção, com intestinos de gambiarras, fios, conexões. A alegoria se mostra enquanto objeto pulsante, máquina de comunicação que objetiva reverberar e amplificar a palavra de Exu, levando mensagens para os confins do universo.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

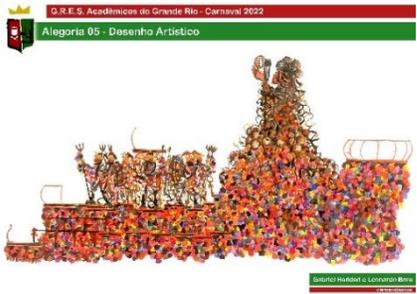
Criador das Alegorias (Cenógrafo) Gabriel Haddad e Leonardo Bora		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
*	<p>Tripé 02 BOCA QUE TUDO COME (continuação)</p>  <p><small>G.R.E.S. Acadêmicos do Grande Rio - Carnaval 2022 Tripé 02 - Desenho Técnico</small></p> <p><small>Gabriel Haddad e Leonardo Bora</small></p> <p><i>* Os projetos apresentados são utilizados enquanto conceitos-chave para a confecção das alegorias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.</i></p>	<p>Exu é arte e comunicação – como já disse Jorge Amado, ele planta as suas antenas! Exu é invenção: sem formas definidas, início ou fim, ele reorganiza o cosmo e constrói os seus rearranjos. Assumidamente experimental e distante dos padrões cristalizados e convencionais de materiais carnavalescos, o tripé é para ser lido enquanto proposta artística em movimento, cambiante, e, por isso mesmo, desafiadora. As caixas de som exibem intervenções de artistas como Cety Soledad, que trabalhou no barracão da Grande Rio e possui produção autoral que expressa tomadas e conexões. Quem vai participar da comilança?</p> <p><u>Destaques</u> Destaque performático médio: Mulambö Fantasia: Exu Libertador – Tributo a Abdias</p> <p>Destaque performático alto: Artista Convidado Fantasia: Vermelho Exu</p>
05	<p>“FALA, MAJETÉ!”</p>  <p><small>G.R.E.S. Acadêmicos do Grande Rio - Carnaval 2022 Alegoria 05 - Desenho Artístico</small></p> <p><small>Gabriel Haddad e Leonardo Bora</small></p> <p><i>* Os projetos apresentados são utilizados enquanto conceitos-chave para a confecção das alegorias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.</i></p>	<p>Sobre o antigo lixão de Jardim Gramacho, o maior da América Latina, situado na cidade-sede da Grande Rio, Duque de Caxias, Estamira, a protagonista do documentário homônimo do cineasta Marcos Prado, disse o seguinte: “Isso aqui é um depósito dos restos. Às vezes é só resto, e às vezes vem também descuido. Resto e descuido. Quem revelou o homem como único condicional ensinou ele a conservar as coisas, e conservar as coisas é proteger, lavar, limpar e usar mais o quanto pode. Você tem sua camisa, você está vestido, você está suado, você não vai tirar a sua camisa e jogar fora, você não pode fazer isso.” O breve trecho selecionado mostra o pensamento inconformado da pensadora, que denunciava, com suas palavras precisas, o quanto aquele espaço revelava de um mundo doente, caduco, refém do consumismo desenfreado, apegado a valores individualistas e a crenças excludentes.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

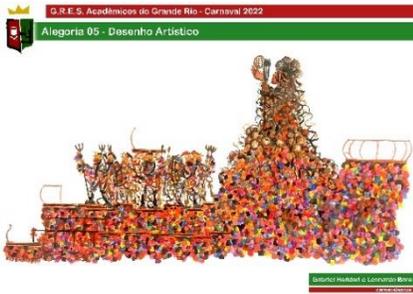
Criador das Alegorias (Cenógrafo)

Gabriel Haddad e Leonardo Bora

Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
05	<p>“FALA, MAJETÉ!” (continuação)</p>  <p><small>G.R.E.S. Acadêmicos do Grande Rio - Carnaval 2022 Alegoria 05 - Desenho Artístico</small></p> <p><small>Gabriel Haddad e Leonardo Bora</small></p> <p><i>* Os projetos apresentados são utilizados enquanto conceitos-chave para a confecção das alegorias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.</i></p>	<p>Os questionamentos de Estamira, na contramão dessa lógica que semeia preconceitos e arde em ruínas, apontam para a possibilidade da transformação do pensamento, do olhar inclusivo, da reconexão (o ato de re-ligar, raiz de “religião”) com o sagrado que não necessariamente precisa passar por certezas ou dogmas. Ao “telefonar para Exu”, Estamira exercita o sagrado de maneira quase corriqueira, tão humana que causa algum estranhamento. Ora: é um lugar comum dizer que Exu é o “mais humano dos Orixás”. A entidade do panteão afro-brasileiro cuja energia é mais próxima da terra. Tão próxima dos homens que pode se manifestar no “lixo”, naquilo que os próprios homens (especialmente aqueles mais afastados dos valores universais) descartam – jogo encerrado. A visão exusíaca de mundo, celebrada ao longo do desfile, ensina que o jogo não termina: quem dá as cartas, afinal de contas, é Elegbara, Senhor do Poder Mágico.</p> <p>Expressando alegoricamente essa reflexão, a última alegoria do desfile da Grande Rio não quer representar o lixão de Gramacho com as tintas da literalidade, do exotismo, o que dirá das romantizações adocicadas. Não há espaço para isso. O carro é uma visão do poder transformador de Exu a partir das provocações observadas nos discursos de Estamira, portanto uma leitura abstrata. No giratório frontal, observam-se sete (número que norteou o desfile) Exus-andarilhos/refugiados ou “afronautas”, catadores de novas visões de mundo, tridentes e chaves em punho e faces voltadas para o cosmo. Essas entidades circundam a estilização de um globo, o que sugere uma releitura da ideia de recriação do planeta apresentada no extremo oposto do desfile, o tripé da Comissão de Frente – trata-se, afinal, de um enredo assumidamente circular, uma vez que a circularidade é um conceito associado às potências de Exu.</p>

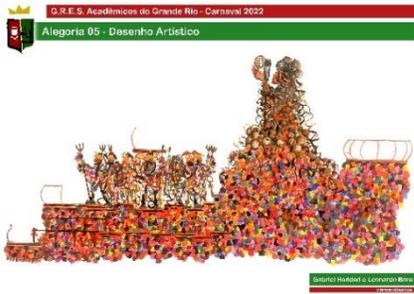
FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Gabriel Haddad e Leonardo Bora		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
05	<p>“FALA, MAJETÉ!” (Continuação)</p>  <p><small>G.R.E.S. Acadêmicos do Grande Rio - Carnaval 2022 Alegoria 05 - Desenho Artístico</small></p> <p><small>Gabriel Haddad e Leonardo Bora</small></p> <p><i>* Os projetos apresentados são utilizados enquanto conceitos-chave para a confecção das alegorias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.</i></p>	<p>A enorme escultura de feições espectrais, indefinidas, sintetiza a ideia de que Exu é um articulador, mediador de mundos, que gira e saúda o caráter cíclico da existência. Estamira dizia que ela era uma feiticeira, porém não perversa. Essa imagem foi traduzida pelas mãos do escultor Alex Salvador e equipe, com inspiração nas criações de Maria Martins e Mary Sibande. Se a abertura explorou o entendimento de que o Atlântico pode ser lido como imensa encruzilhada, não parece descabida a suposição de que o lixão de Gramacho também o é – espaço de intensa circulação de coisas e pessoas, lugar que diariamente recebia toneladas de sonhos, desejos, presentes, palavras, sobras de comida, brinquedos, “coisas”, enfim, que narram o espírito de um determinado tempo e os valores que orientam (ou desorientam) uma dada sociedade. O lixão não era apenas um retrato da profundamente desigual sociedade brasileira, apartado do mundo; ele era parte dessa mesma sociedade e a prova material de que não existe “apartado do mundo”: neste globo, não existe “fora”; tudo está “dentro” e conectado, visão que Estamira expressava por meio da metáfora dos “fios elétricos”. Afinal, o que é o “lixo”: o material despejado em Gramacho ou o conjunto de valores deturpados que sustentam a sociedade desigual e violenta que “joga” o que julga “ruim” para longe dos próprios olhos?</p> <p>Nessa encruzilhada reflexiva, longe das respostas fáceis e prontas, o final do enredo se materializa em um carro que também é uma confluência (uma encruzilhada) de diferentes processos carnavalescos: o material oriundo da “destruição” do abre-alas de 2020 foi utilizado por estudantes da Escola de Belas Artes da UFRJ para a construção cênica da alegoria que arremata o desfile de 2022. Pedacos de esculturas de outros desfiles da escola e mesmo de coirmãs, sobras de tecidos utilizados para a confecção das fantasias de alas, material descartado pelas fábricas que fornecem produtos têxteis e, principalmente, fantasias (palavra tão polissêmica!) de outros cortejos, tudo foi utilizado – bem como materiais recicláveis adquiridos graças à parceria estabelecida com a Associação de Catadores de Jardim Gramacho, na figura do líder Tião Santos. Enfatizamos o uso do “lixo de carnaval” enquanto potente reflexão metalinguística: o próprio carnaval se deglute na alegoria, o que intensifica a ideia de que Exu é transformação.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Gabriel Haddad e Leonardo Bora		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
05	<p>“FALA, MAJETÉ!” (Continuação)</p>  <p><small>G.R.E.S. Acadêmicos do Grande Rio - Carnaval 2022 Alegoria 05 - Desenho Artístico</small></p> <p><small>Gabriel Haddad e Leonardo Bora</small></p> <p><i>* Os projetos apresentados são utilizados enquanto conceitos-chave para a confecção das alegorias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.</i></p>	<p>Ao fundo do carro, sobre um platô circular, seguindo o pedido feito em jogo de búzios e interpretado por Mameto Monadeuy, baila Oyá Igbalé, a Iansã que veste branco e palha e espanta a negatividade associada aos eguns. Oyá, ao girar, agita os ventos da história – ventos que varrem os destroços de tempos tão tristes e espalham as sementes do rebrotar, reiniciando os ciclos vitais, retornando às origens do cosmo. Estamira falava que existe o eterno, o infinito, o além e o além dos além. É hora de transbordar!</p> <p><u>Destaques e Composições</u></p> <p>Destaque central alto: Simone Oliveira Fantasia: Recriações</p> <p>Destaque central médio: Thábata Oliveira Fantasia: Energia em transformação</p> <p>Destaque Performático central baixo: Samile Cunha Fantasia: Poeira cósmica</p> <p>Semidestaques laterais (esquerda e direita) Fantasia: Poder exusíaco</p> <p>Composições laterais Fantasia: Exus: força e transformação</p> <p>Destaque performático traseira: G’leu Cambria Fantasia: Oyá Igbalé</p> <p>Composições queijos giratório, cones e teatralização geral Fantasia: Catadores de universos e andarilhos astrais</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Nomes dos Principais Destaques	Respectivas Profissões
<p><u>Alegoria 01 A – Abre-Alas</u> Bruna Dias (Destaque Central Baixo) Luana Pires (Destaque Central Médio) Rafael Bqueer (Performance Central Alto)</p> <p><u>Alegoria 01 B – Abre-Alas</u> Cridemar Aquino (Performance Central Alto)</p> <p><u>Alegoria 02</u> Danyllo Gayer (Destaque Central Médio) Átila Bee (Destaque Performático Alto)</p> <p><u>Alegoria 03</u> Ana Beatriz Genuncio (Performance Central Baixo) Enoque Silva (Destaque Central Médio) Guilherme Linhares (Performance Central Alto)</p> <p><u>Alegoria 04</u> David Brazil (Performance Central Baixo) Sônia Soares (Destaque Central Baixo) Márcio Marinho (Destaque Central Alto)</p> <p><u>Alegoria 05</u> Simone Oliveira (Destaque Central Alto) Thábata Oliveira (Destaque Central Médio) Samile Cunha (Performance Central Baixo)</p>	<p>Corretora de Imóveis Empresária Artista Plástico, Artista Visual e Performer</p> <p>Ator</p> <p>Diretor Financeiro Ator</p> <p>Estilista Servidor Público Empresário</p> <p>Artista Empresária Empresário</p> <p>Empresária Estudante Professor e Performer</p>
<p>Local do Barracão Rua Rivadávia Corra, nº. 60 – Barracão nº. 04 – Gamboa – Rio de Janeiro – Cidade do Samba</p>	
<p>Diretor Responsável pelo Barracão Sylvio Batista</p>	
<p>Ferreiro Chefe de Equipe João Lopes, Everdon “Caprichoso” e Zeli</p>	<p>Carpinteiro Chefe de Equipe Fabinho</p>
<p>Escultor(a) Chefe de Equipe Alex Salvador, Andréa Vieira e Marina Vergara</p>	<p>Pintor Chefe de Equipe Gilmar Moreira e Rafael Vieira</p>
<p>Eletricista Chefe de Equipe Reinaldo</p>	<p>Mecânico Chefe de Equipe Maurício</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Outros Profissionais e Respectivas Funções

Antônio Gonzaga e Patryck Thomaz	- Assistentes dos Carnavalescos
Renata Monteiro, Zé Paulo Conceição e Equipe EBA/UFRJ (Igor Nascimento, Rafael Torres, Nícolas Gonçalves, Jovanna Souza, Theo Souza, Joana D'Arc Prospero e Sophia Chueke)	- Adrecistas Chefes de Equipe
Diego Andrade	- Assistente de Barracão
Vaninha, Douglas e João	- Compras e Almoxarifado
Nilson, Renato e Claudinho	- Laminação, Fibra e Empastelação
Rogério e Fuca	- Iluminação
Fuentes	- Efeitos Especiais
Matheus	- Placas de Acetato/EVA
Vilmar	- Espelhos
Batista	- Unidades Hidráulicas
Jorge e João	- Portaria
Murilo	- Brigada de Incêndio
Lu, Valfran, José Nilton, Gleisson e Clayton	- Serviços Gerais
Sidnei, Glenda e Suellen	- Router e Corte a Laser

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)				
Gabriel Haddad e Leonardo Bora				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p>Èsù Òkòtó: Força e Movimento Cósmico</p> 	<p>Os Guardiões do Primeiro Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira da Grande Rio expressam o movimento circular, espiralado, da criação do cosmo. O figurino evoca a simbologia de “Exu Okotô”, o “Senhor do Caracol”, do dinamismo, da evolução e da rotatividade, que, nas palavras de Luiz Rufino, nos ajuda a entender a força do Exu ancestral, Yangí – aquele que de tão poderoso nasceu antes do que a própria mãe! De acordo com o filósofo, “Yangí é sempre o primeiro como também o último; são as pontas do caracol (okóto), pois é o princípio e o tom do acabamento.” Os simbolismos do caracol unem Exu e Oxalá, opostos complementares, energias que, cruzadas, propõem o equilíbrio cósmico. Justamente por isso, as fantasias mesclam o branco e o prata, associados a Oxalá, e os tons incandescentes, alaranjados, associados a Exu e aos primórdios do planeta. Nas cabeças, as galinhas d’angola nos levam às cosmogonias africanas e ao mais difundido mito da criação afro-brasileiro: em tempos imemoriais, uma ave de cinco dedos ciscou e semeou os continentes, fazendo surgir a crosta terrestre e inflando de axé a imensa cabaça onde a vida fervilha e constantemente se renova. Fez-se a luz, desceram do Orum os deuses, nasceram do barro os homens.</p>	Guardiões do 1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira (1988)	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)

Gabriel Haddad e Leonardo Bora

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
01	<p>Mar de Dendê</p>  <p><i>Obs.: 2 figurinos com variações – “Mar” e “Exus africanos”</i></p>	<p>Canta a voz sublime de Lia de Itamaracá: “Para chegar aqui, atravessei um mar de fogo / Pisei no fogo, o fogo não me queimou.” Este ponto de Exu, recentemente gravado em parceria com André Moraes, bem sintetiza o espírito do conjunto visual da abertura do desfile. Reinstaurada a energia cósmica e diante do mundo recriado, a primeira ala da Grande Rio poeticamente representa, com símbolos espiralados e cores intensas, as potências de Exu em trânsito, na encruzilhada “África-Brasil”. Imaginamos um fantástico cortejo de Exus africanos em direção ao território brasileiro, deslocado do tempo, atravessando, para tanto, um mar de dendê – terreiro aquático onde são riscados pontos e guardados segredos (daí as incontáveis trouxinhas, reinterpretações de cabaças). As fantasias expressam a ideia-base de que o Oceano Atlântico pode ser lido enquanto encruzilhada, ao longo do tão doloroso processo histórico chamado de “diáspora africana”. Segundo os pesquisadores Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino, “é Exu que risca o ponto da encruzilhada transatlântica.” Ainda de acordo com os autores, o Atlântico é a maior encruzilhada do globo, complexa imensidão de profundidades que, ao mesmo tempo, acolheu o banzo (a saudade dos que foram arrancados, à força, de sua terra natal) e serviu de esteira para o não esgarçamento de crenças e pensamentos – laços de pertencimento que foram reconstruídos nas Américas.</p>	Comunidade (Coreografada) (1988)	Carla Meireles

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)				
Gabriel Haddad e Leonardo Bora				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
01	<p>Mar de Dendê (Continuação)</p>  <p><i>Obs.: 2 figurinos com variações – “Mar” e “Exus africanos”</i></p>	<p>O sociólogo Paul Gilroy fala em “Atlântico Negro”, conceito que nos ajuda a compreender esse processo: o Atlântico, para Gilroy, é um espaço de violência (a escravidão negra) e um emaranhado de rotas (Rufino fala em pontos riscados) para a reinvenção de culturas, em terras “amefricanas” (termo de Lélia Gonzalez).</p> <p>Na visão onírica da abertura do desfile, Exu, guiado por Iemanjá, baila entre peixes irreais que exibem o Ogó, bastão que simboliza a potência e a fertilidade. A força de Exu não se deixou aprisionar e rodopia, explosiva! A ala apresenta dois conjuntos de fantasias, “Mar” e “Exu africano”, sendo que o figurino “Exu africano” apresenta 3 variações de “cabeças”. Tais cabeças expressam a diversidade de cultos existentes nos territórios africanos, destacando-se influências culturais Ketus/Iorubás (Èsù, cabeça em forma de corno), Bantos (Aluvaiá e Mpambu Njila / Bombogira, cabeça com máscara e chifres) e Jejes/Fons (Legba / Elegbara, cabeça com três ogós).</p> <p>A fantasia “Mar” é inspirada nas vestes dos bate-bolas do tipo “bujão”.</p>	Comunidade (Coreografada) (1988)	Carla Meireles

FICHA TÉCNICA

Fantásias

Criador(es) das Fantásias (Figuristas)

Gabriel Haddad e Leonardo Bora

DADOS SOBRE AS FANTÁSIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
01	<p>Mar de Dendê (Continuação)</p>  <p><i>Obs.: 2 figurinos com variações – “Mar” e “Exus africanos”</i></p>	<p>Há, ainda, diálogos com as estamparias Bakuba e com proposições da moda contemporânea – daí a opção por materiais plásticos e cores cítricas, construindo um todo cromaticamente intenso e intencionalmente descolado da literalidade e do real. As produções artísticas de nomes como Ayrson Heráclito (vide a exposição “Yorubáiano” e os diversos trabalhos que utilizam o azeite de dendê enquanto metáfora para fluidos corporais, saliva, sêmen, sangue) e Rosana Paulino (série “Atlântico Vermelho”) também ajudam a compreender as propostas visuais e discursivas da ala.</p> <p>É válido destacar, por fim, que no interior do continente africano também havia fluxos migratórios e trocas culturais. Dito isso, não é a intenção das fantásias representar etnias “autênticas” ou “nações puras”; tais noções são ancoradas em um olhar externo, colonial, que busca classificar e rotular as culturas do “outro” dentro de parâmetros próprios. Estamos falando de um horizonte decolonial e de liberdade criativa!</p>	Comunidade (Coreografada) (1988)	Carla Meireles

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas) Gabriel Haddad e Leonardo Bora				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p>Faísca</p>  <p><small>Muse - Frente da Alegoria 1 - Faísca</small></p>	<p>Exu é dinamismo, movimento, explosão criativa capaz de desestabilizar padrões acomodados. Não à toa, a presença de Exu é marcante nos mitos fundacionais e em qualquer ritual iniciático. Exu precede toda criação, podendo ser lido como a centelha inicial capaz de incendiar o mundo. A fantasia da musa expressa tal imaginário: faísca lançada ao cosmo, fogo que ferve o dendê, no mar da encruzilhada atlântica.</p>	<p>Destaque de Chão / Musa</p>	<p>Monique Alfradique</p>
02	<p>Exu Caboclo</p>  <p><small>Muse - Frente da Alegoria 1 - Exu Caboclo</small></p>	<p>“Caboclo não tem caminho para caminhar. Caboclo das sete mil encruzilhadas corre gira, vira mundo e baixa onde quer. Abra caminho, vença a demanda, desate o nó, se levante e quebre as pedras, se banhe de outros sentidos.” Nas Américas, os Exus africanos se metamorfosearam, passando por processos de hibridismos e fusões culturais. No Brasil, o louvor aos orixás se uniu aos rituais indígenas, intercâmbio que reconfigurou identidades e contribuiu para o espraiamento das práticas religiosas afro-ameríndias. A pesquisadora Stefania Capone ilumina o seguinte: Exu não é somente um mediador entre o mundo terreno e o mundo dos orixás; Exu, também, é o ponto que une a diversidade dos cultos de matrizes africanas, enraizados no chão-Brasil.</p>	<p>Comunidade (1988)</p>	<p>Direção de Carnaval</p>

FICHA TÉCNICA**Fantasia****Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)**

Gabriel Haddad e Leonardo Bora

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
02	<p>Exu Caboclo (Continuação)</p> 	<p>Nos termos dela, “o Exu africano transforma-se para se adaptar a uma nova realidade, tornando-se definitivamente brasileiro.” Da mesma forma, Vagner Gonçalves Silva, em seu artigo “Exu do Brasil: tropos de uma identidade afro-brasileira nos trópicos”, considera Exu uma metáfora potente para se pensar a composição complexa e diversa da sociedade brasileira. Se Exu é trânsito e se mostra híbrido, o Brasil também o é. A fantasia da ala dialoga com as vestes dos Caboclos de Lança do Maracatu Rural pernambucano, tradição que rompeu as amarras da opressão e continua a colorir os canaviais com as cores, os brilhos e os barulhos da festa. Nas cabeças, as carrancas sintetizam o imaginário sincrético: muito populares no Nordeste brasileiro, expressam saberes e técnicas ancestrais, ocupando, por vezes, posições destacadas em assentamentos e altares dedicados a Exu. São as carrancas objetos votivos utilizados para pedir proteção, na entrada das casas e comércios, na proa das embarcações e nos próprios terreiros – uma forma de afastar o “mau olhado” e os olhos maus do racismo religioso. Há, inclusive, a crença no “Exu-Carranca”, o que revela a pertinência do símbolo para abrir o setor dedicado ao espraiamento dos cultos exusíacos no Brasil. No adereço de mão, a presença de uma cabeça de bode, animal utilizado em rituais e que simboliza, desde os tempos imemoriais e em diversas culturas do globo, resistência, adaptação, força e fecundidade.</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Gabriel Haddad e Leonardo Bora				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
03	<p>“Ventou no Canavial”</p> 	<p>Canta um ponto dedicado a Exu: “Ventou no canavial / E um trovão lá no céu ecoou / Salve Iansã e Xangô / Salve a coroa de Exu Marabô”. Entrelaçadas ao sincretismo presente nessa canção, as vestes das matriarcas da Grande Rio, em variações de combinações das cores da escola, giram e saúdam Exu enquanto força que, unida à justiça de Xangô e à intempestividade de Iansã, conduziu milhares de escravizados e quilombolas à luta pela liberdade. Exu é um princípio libertador: não se deixa amordaçar ou aprisionar por amarras. Exu é o giro, a faísca, o furacão. No solo dos canaviais, entre dores e lamentos, a crença no poder transformador de Exu aparecia enquanto possibilidade de subversão, desvio, insurreição, vitória. Pulsão de vida, ventania que desnorteia. Colocar fogo no canavial era um ato de insubmissão e uma estratégia utilizada por escravizados quando das fugas para os quilombos, espaços de resistência que encontraram em Palmares o símbolo maior. As saias de nossas mães e tias baianas, nas cores quentes do fogo, incendeiam a avenida de um senso de luta e justiça que ainda ecoa pelos rincões do Brasil, louvando a memória dos antepassados e alimentando de sabedoria a terra das gerações futuras.</p>	Ala das Baianas (1988)	Marilene e Regina

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Gabriel Haddad e Leonardo Bora

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
03	<p>“Ventou no Canavial” (Continuação)</p> 	<p>Os abanos de vime são borboletas de Iansã, símbolos de transformação, tal qual o fogo, que pode representar uma passagem simbólica para a liberdade. As estamparias foram desenvolvidas pelo designer Toín Gonzaga. É importante destacar que a cana-de-açúcar, Ìrèké, é um alimento associado a Exu e muito utilizado em oferendas e rituais específicos. Basta pensarmos que da cana se faz a cachaça, oti, fundamental para os ritos. Há um ditado, corrente nas narrativas de terreiros, segundo o qual Exu fuma cachimbo, toca flauta, chupa cana e assovia ao mesmo tempo. Que os ventos de Oyá, unidos ao poder transformador de Exu, espalhem pelos tantos canaviais contemporâneos as chamas da magia capaz de quebrar o medo, a dor, o obscurantismo e a opressão. Afinal, como diz Luiz Rufino, “a mata é lugar de encantamento, é lá que serão armadas as operações de fresta que tacarão fogo no canavial.”</p>	Ala das Baianas (1988)	Marilene e Regina

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Gabriel Haddad e Leonardo Bora				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
04	Cabeças de Zumbi 	<p>Zumbi foi um personagem histórico que liderou o Quilombo de Palmares, localizado entre os estados de Alagoas e Pernambuco. Não há dados concretos a respeito de sua data de nascimento, mas é sabido que viveu durante o século XVII. A experiência de Palmares foi extremamente marcante para os movimentos de resistência de escravizados no Brasil. O historiador alagoano Danilo Marques conta, em seu livro “Sob a ‘sombra’ de Palmares: escravidão e resistência no século XIX”, que após a captura de Zumbi, cuja cabeça precisava ser exposta enquanto troféu, não findaram as ideias de luta e resistência associadas a Palmares, impulsionando outros levantes. Ao trazer à tona a figura de Zumbi, autores como Alberto Mussa realçam a atuação do líder quilombola e redesenham um personagem que desafiou – e desafia – os horrores coloniais. No conto “A cabeça de Zumbi”, publicado no livro “Elegbara” e, depois, na coletânea “Questão de Pele”, Mussa cruza mito e realidade e literariamente propõe que a cabeça de Zumbi era inapreensível, posto que Zumbi não era apenas um corpo físico, mas uma ideia, um corpo coletivo, uma energia pensante que teimava – e teima! - em resistir na coragem do povo negro.</p>	Comunidade (Coreografada) (1988)	Ananda e Caroline

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Gabriel Haddad e Leonardo Bora

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
04	<p>Cabeças de Zumbi</p> 	<p>É nesse sentido que a escritora Conceição Evaristo, na apresentação de “Questão de Pele”, associa a imagem forjada de Zumbi no conto de Mussa à energia libertária e transgressora de Exu, ressaltando o caráter dinâmico, ao mesmo tempo uno e múltiplo, da entidade. Zumbi, ao não se deixar apagar, se torna um ente em eterno movimento. As fantasias vestem um exército de Zumbis, guerreiros quilombolas que enfrentam, com lanças e escudos em punho, os horrores da escravidão e do racismo. O colorido e os grafismos são inspirados nas criações do desenhista Marcelo D’Saete, autor de “Angola Janga”, romance gráfico que narra a história de Palmares.</p>	<p>Comunidade (Coreografada) (1988)</p>	<p>Ananda e Caroline</p>
*	<p>Pedra de Laterita</p> 	<p>Exu é associado à laterita vermelha, um tipo de solo ferroso de onde são extraídas pedras de tom alaranjado. Segundo Luiz Rufino, a primeira criação de Olodumare foi Yangí, a “pedra primordial da existência”. “Yangí, Exu transmutado na pedra de laterita, representa a condensação da terra (...). Yangí, a pedra de laterita, é o ‘todo no fragmento’ e o ‘fragmento no todo’.” A musa representa a força do solo de Palmares, onde Yangí, o Exu ancestral associado à laterita, certamente fez morada.</p>	<p>Destaque de Chão / Musa</p>	<p>Mileide Mihaile</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Gabriel Haddad e Leonardo Bora				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
05	Oráculo de Ifá 	<p>Dando início ao terceiro setor do desfile, que trata dos mercados e do papel desempenhado por Exu para a consolidação dos candomblés no Brasil, a ala representa a importância central de Exu para o Oráculo de Ifá, que é uma filosofia e culto divinatório de matriz Iorubá. O culto de Ifá se difundiu nas localidades em que houve reelaborações culturais e religiosas das matrizes africanas, principalmente em Cuba e no Brasil. De acordo com Nei Lopes, em seu livro “Ifá Lucumí: O Resgate da Tradição”, o oráculo de Ifá “transmite e interpreta para a humanidade os desejos de Olorum, e é quem prescreve os sacrifícios que Exu leva até o Orum, onde moram as divindades Iorubás.” Nota-se a complementaridade entre Orunmilá, que seria o porta-voz de Olofin, e Exu, cuja função seria a de mensageiro entre Orixás e homens. Tal “oposição” se dá na complementaridade, uma vez que os dois polos são fundamentais para o equilíbrio energético. O oráculo de Ifá é lido através de uma peça de madeira entalhada chamada Oponifá, onde, em suas bordas, são entalhados símbolos rituais – no caso da fantasia, notam-se animais e símbolos do infinito. A figura predominante é de Exu-Elegbara, dotado de olhos abertos e atentos, para fiscalizar o ritual.</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)

Gabriel Haddad e Leonardo Bora

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
05	<p>Oráculo de Ifá (Continuação)</p> 	<p>A partir da leitura dos odus, que podem ser interpretados como os caminhos para os quais todos os seres humanos já nascem predestinados, nas cosmogonias africanas, mensagens são transmitidas e trabalhos prescritos pelos sacerdotes.</p> <p>Um dos atributos de Exu está expresso no título de Odusô, “Vigia dos Odus”. Nos termos de Simas e Rufino, “Ifá emerge como um inventário de memórias, força, vitalidades ancestrais e como elemento dinamizador que aponta caminhos inacabados, outros modos de existir e outros mundos possíveis.” Na fantasia, a predominância dos tons claros faz tanto referência aos búzios quanto à energia de Orunmilá. As saias dos brincantes dialogam com os adjás, instrumentos de metal utilizados pelos sacerdotes para chamar os Orixás. O tecido estampado com triângulos é uma releitura de uma estamparia bastante utilizada no desfile de 1994 do G.R.E.S. Acadêmicos do Grande Rio, quando a escola cantou “Os Santos que a África não viu”, sob autoria artística de Lucas Pinto.</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Gabriel Haddad e Leonardo Bora				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
06	<p>Padê</p> 	<p>De um modo geral, o “padê” é uma oferenda (depositada em um espaço cerimonial coletivo ou em situações privadas) entregue a Exu enquanto forma de pedido ou agradecimento – uma comida votiva. Geralmente feita em um alguidar (recipiente de barro), tem como base a farinha de mandioca e o azeite de dendê, adicionando-se outros elementos, a depender dos pedidos feitos pelas manifestações de Exu nos jogos de búzios, no Ifá ou em outros canais oraculares.</p> <p>Não há, portanto, apenas uma forma de padê, mas uma diversidade que muito diz do dinamismo das religiões de matrizes africanas. À farofa amarela podem ser adicionados elementos e alimentos como carnes, frutos, folhas (a folha de mamona é muito utilizada), cigarros, cachaça, charutos, mel, moedas, flores etc. A fantasia enfatiza as cores do dendê e destaca a presença das pimentas, facilmente associáveis ao imaginário de Exu. Na cabeça, os foliões exibem padês cenográficos. O adereço de mão apresenta um galo, fragmento do painel “Exu”, do artista plástico J. Cunha.</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)

Gabriel Haddad e Leonardo Bora

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
06	<p>Padê (Continuação)</p> 	<p>Antes de qualquer cerimônia em uma “Casa de Santo”, é “arriado um padê” a Exu, para que os trabalhos ocorram da melhor forma, afastando os “eguns” - espíritos que podem atrapalhar o ritual. O padê pode ser “arriado” na “Casa de Exu”, local onde são assentados os Exus dos filhos de santo da casa, ou “despachado” na rua – esquinas e encruzilhadas. O padê é, com isso, uma importante fonte de energia para se trabalhar com Exu, o que inclui todo o seu processo de feitura: a compra dos insumos, as trocas simbólicas, os rituais religiosos, a integração entre as pessoas. A energia de Exu orienta as trocas, regendo mercados e feiras; é a partir desse grande fluxo social, cultural e econômico que se fazem os padês. Por fim, o padê de Exu serve como importante ponto de reflexão para o campo artístico afro-brasileiro. Abdias Nascimento escreveu o poema “Padê de Exu Libertador”, que também influenciou a concepção cromática da roupa. Exu é o primeiro que come e o Senhor das Oferendas (atributo que explica o título de Elebó): a ele, a nossa homenagem.</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Gabriel Haddad e Leonardo Bora				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
07	Feira de Olojá 	<p>Feiras e mercados são espaços de trocas marcados pela intensa vitalidade. Dizem que basta a ir a um mercado para se conhecerem as principais características de um determinado lugar. À medida que a vida social brasileira se urbanizava, os mercados e as feiras passaram a adquirir posições de centralidade nas cidades, reunindo, dia após dia, uma infinidade de tipos e histórias. A ala exalta Exu em sua faceta de Olojá, o Senhor do Mercado, divindade que rege as trocas simbólicas e financeiras, os movimentos dos transeuntes e a circulação de elementos.</p> <p>Diversidade de cores, cheiros, sons, texturas: a confusão de uma feira, quando muitas vezes apregoam variados produtos, é representada por meio de uma ala híbrida, com quatro variações de figurinos (dois femininos e dois masculinos). Tais roupas apresentam, ainda, variações de chapéus ou “cabeças”, o que torna o conjunto intencionalmente misturado, algo condizente com o espírito exusíaco. Flores, frutos, legumes, potes e panelas de barro, tabuleiros de quitutes, cestarias, tecidos, tudo circula, num constante vai-e-vem. Entre os grafismos, deve-se destacar, novamente, a presença de tecidos com triângulos multicores, uma reinterpretação de estampas apresentadas no desfile de 1994 da Grande Rio.</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval
	<p><i>Obs.: 4 figurinos com variações</i></p>			

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Gabriel Haddad e Leonardo Bora

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
07	<p>Feira de Olojá (Continuação)</p>  <p><i>Obs.: 4 figurinos com variações</i></p>	<p>O pesquisador Wanderson Nascimento diz que os mercados de Olojá possuem uma dinâmica própria, sendo que a troca possui um sentido diferente daquele apregoado pelo furor capitalista: enquanto o último prevê uma acumulação desenfreada de capital, o primeiro modelo, aquele que nos leva a Exu, está assentado na ideia de sociabilidade que não necessariamente passa pelo lucro.</p> <p>O mercado-olja ou o “mercado regido por Exu” expressa o encontro entre quem produz e quem precisa adquirir o que é produzido, onde o excedente de um é trocado pelo excedente do outro, o que possibilita a circulação do axé. José Jorge de Carvalho fala na formação de uma “economia do axé”, onde as relações de compra/venda/troca estabelecidas em torno dos terreiros geram um sistema próprio de articulação. É por isso que Simas e Rufino entendem que terreiros e mercados se misturam – o que fica mais do que evidente quando pensamos que alguns mercados públicos, como os de Porto Alegre e Santo Amaro da Purificação, possuem assentamentos de Exu, aquele que fala “na filosofia versada por Mestre Pastinha, no voo encantado de Besouro Mangangá, na sapiência corporal do jogo de vadiação.”</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)				
Gabriel Haddad e Leonardo Bora				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p>Xirê</p>  <p>*Além das fantasias apresentadas na imagem, há outros seis figurinos, totalizando dezesseis componentes representando Orixás.</p>	<p>Um Xirê é um bailado festivo que reúne vários orixás, uma celebração que colore de sons, movimentos e cores os terreiros de Candomblé. Para se preparar uma grande festa, é fundamental a circulação pelos mercados e a compra e a troca de alimentos e produtos. A fim de expressar a mistura entre terreiros e mercados, o grupo coreografado por Fábio Batista apresenta 16 orixás devidamente descalços, com vestes inspiradas nas aquarelas de Carybé (as estampas foram reinterpretadas pelo designer Toín Gonzaga). São os deuses que dançam: Exu, Oxalá, Iemanjá, Xangô, Oxum, Oxóssi, Nanã, Omolu, Oxumaré, Ogum, Logun Edé, Ewá, Obá, Ossain, Irôko (Tempo) e Iansã. Os movimentos circulares muito dizem das histórias da criação do mundo e da energia que rebrota a cada novo ciclo. Saudando as divindades, a Grande Rio celebra a diversidade de arquétipos e símbolos que transformam o Candomblé (atentando para as diferentes nações) em uma religião plural e inclusiva. Axé!</p>	<p>Grupo Performático (2022)</p>	<p>Fábio Batista</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)

Gabriel Haddad e Leonardo Bora

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p>Pimenta e Dendê</p>  <p><small>Musa - Frente da Alegoria 2 - Pimenta e Dendê</small></p>	<p>A fantasia da musa mistura elementos fundamentais para as oferendas a Exu: pimenta e dendê, produtos que guardam o calor vital, o axé, a força que incendeia os corpos-terreiros. A roupa conversa com vestes cerimoniais da costa africana e expressa o colorido dos mercados, profusão de temperos e perfumes.</p>	<p>Destaque de Chão / Musa</p>	<p>Camilla de Lucas</p>
08	<p>Povo da Calunga Pequena</p>  <p><small>Ala 08</small></p>	<p>“Portão de ferro, cadeado de madeira / É lá no cemitério onde mora Exu Caveira.” Este trecho de ponto de Umbanda traduz uma das linhas em que trabalham os chamados “Exus Catiços”, entidades cujas simbologias condensam as intensas cruzas culturais vivenciadas nos territórios brasileiros. Abrindo o setor que apresenta a diversidade do “Povo da Rua”, a ala condensa o imaginário que envolve a “linha do cemitério”, uma das mais instigantes e mistificadas. Segundo a “Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana”, de Nei Lopes, a etimologia da palavra “Calunga” vem do banto “Kalunga”, que significa “grandeza, imensidão, o mar, a morte”. Como informam Simas e Rufino, o Atlântico era chamado de “Calunga Grande”, no sentido de “grande cemitério”. Os “cemitérios físicos”, localizados em terra, ficaram conhecidos como “calunga pequena”.</p>	<p>Comunidade (1988)</p>	<p>Direção de Carnaval</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Gabriel Haddad e Leonardo Bora				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
08	Povo da Calunga Pequena (Continuação) 	<p>Compreendida essa distinção, é interessante notar que em algumas linhas das religiões de matrizes africanas, mais notadamente a Umbanda, manifestam-se entidades nos fluxos energéticos da “calunga pequena”. A fantasia é produto de uma colagem de referências estéticas. Uma vez que o carnaval historicamente desafia a morte e se apropria de signos como caveiras e caixões, buscou-se algum diálogo com tal imaginário, a fim de “carnavalizar” um universo que pode causar desconforto, tanto mais em tempos enlutados. A capa do disco “Carnaval 68”, lançado para a folia de 1968, serviu de base para a construção visual da fantasia (trata-se de uma fotografia de foliões na Avenida Presidente Vargas, usando máscaras de caveiras e vestes alaranjadas), bem como algumas criações do estilista João Pimenta para as passarelas da “Alta Costura”. Pimenta já apresentou trabalhos que explicitamente conversam com as temáticas de Exu, o que justifica a ponte com o mundo da moda. São entidades que trabalham com a “energia do cemitério” aquelas da “linha dos caveiras” (Seu João-Caveira, Exu-Caveira, Rosa-Caveira, Tata-Caveira etc.) e da “linha das catacumbas” (Maria Padilha das Sete Catacumbas, Seu Sete Catacumbas etc.). Objetiva-se desmistificar um universo considerado “sombrio” e mostrar que em diversas culturas as ideias de “festa” e “morte” não são antagônicas.</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Gabriel Haddad e Leonardo Bora

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
09	<p>Pombagira Cigana</p> 	<p>“Vinha caminhando a pé / Para ver se encontrava a minha cigana de fé.” “Ganhei uma barraca velha / Foi a cigana que me deu / O que é meu é da cigana / O que é dela não é meu.” Os ciganos são grupos de pessoas de diversas etnias que foram historicamente perseguidos e marginalizados, resistindo à opressão e sendo conhecidos pela vida nômade, marcada pelo intenso misticismo. Atualmente, o Brasil é um dos países com maior população cigana do mundo – cerca de 800 mil pessoas, segundo dados do Censo de 2010. Ao se espalharem pelo mundo, foram modificando as suas próprias formas de vivência e se adaptando a cada território, principalmente no campo religioso, absorvendo elementos de distintas matrizes religiosas.</p> <p>No caso de algumas umbandas (usamos o plural, em diálogo com as proposições recentes de Luiz Antonio Simas), nota-se o culto ao povo cigano, que pode ocorrer conjuntamente ou em separado das giras de Exu. No caso do culto cigano unido a Exu, algumas entidades femininas se manifestam como “pombagiras ciganas”, ou seja, expressão das cruzas entre rituais dos povos africanos e cultos dos povos ciganos.</p>	<p>Ala Gaiola das Loucas (Ala LGBTQIA+ / Comunidade (2017)</p>	<p>Rochele e Fabíola</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Gabriel Haddad e Leonardo Bora				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
09	Pombagira Cigana (Continuação) 	<p>O imaginário popular associa os ciganos à fartura, à riqueza, ao intenso colorido e às ligações com baralhos, moedas, flores e lenços – elementos que, costurados sob o manto do carnaval, dão contornos e brilhos à fantasia da ala LGBTQIA+ da Grande Rio, informalmente conhecida como “ala dos leques”.</p> <p>As pombagiras ciganas da tricolor de Caxias vestem sete saias, exibem cartas de baralho cigano nas cabeças (destaque-se a carta da chave) e fazem girar a magia e o misticismo. Fazendo jus à tradição e não desafiando as superstições carnavalescas, deve-se destacar que o rodar das saias evoca o poder das fogueiras. O fogo, elemento cultuado pelos povos ciganos, é associado a Exu - tanto que o samba de enredo canta, delirante:</p> <p>“Eu sou do carteadado e da quebrada, sou do fogo e gargalhada”. Viva os povos ciganos, as umbandas, a diversidade que se impõe altiva, vencendo o medo e o preconceito, espalhando alegria e paixão.</p>	Ala Gaiola das Loucas (Ala LGBTQIA+ / Comunidade (2017)	Rochele e Fabíola

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)

Gabriel Haddad e Leonardo Bora

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
10	Reis e Rainhas da Rua 	<p>“Salve o Sol, salve a estrela, salve a Lua / Saravá, Seu Tranca Rua, que é dono da gira no meio da rua”; “Ela respondeu: moço, eu sou Rainha, vim lhe ajudar / Sou Maria Padilha / Salve Maria Padilha!” A ala de passistas do GRES Acadêmicos do Grande Rio saúda dois personagens fundamentais para a compreensão do “Povo da Rua”: Seu Tranca Rua e Maria Padilha. A fantasia masculina costura elementos visuais como capa e cartola, muito associados ao imaginário dos Exus Catiços. Seu Tranca Rua, aquele que abre e fecha os caminhos, é uma das entidades mais populares das umbandas brasileiras e trabalha diretamente com a energia da rua, espaço e ideia sem os quais não se pode compreender a complexidade de Exu.</p> <p>Ainda na roupa masculina, unido à cartola, vê-se um galo – interpretação poética para o ponto de Tranca Rua que exalta: “Deu meia-noite, o galo já cantou / Seu Tranca Rua que é o dono da gira / Oi, corre gira, que Ogum mandou!”. As estampas também exibem grafismos que brincam com as formas de galos, criações de Toín Gonzaga. O corte do paletó e as combinações cromáticas evocam criações do estilista João Pimenta. Já a fantasia feminina traduz o imaginário que envolve Maria Padilha, talvez a mais famosa de todas as pombagiras.</p>	Passistas (1988)	Marisa Furacão e Avelino Ribeiro

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas) Gabriel Haddad e Leonardo Bora				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
10	<p>Reis e Rainhas da Rua (continuação)</p>  <p><small>ALAS 10 - Passistas</small></p>	<p>“Arreda, homem, que aí vem mulher!” São muitas as narrativas de pais e mães de santo que descrevem episódios e façanhas da vida terrena de Maria Padilha, como o trânsito pela corte espanhola, os baús de ouro, as paixões, a mistura com o imaginário operístico da Carmen de Bizet. Tudo isso ajuda a explicar o fascínio que essa entidade desperta! Padilha é, acima de tudo, um símbolo de mulher poderosa, que aconselha e acolhe, servindo de espelho para quem está procurando a si mesmo. Rainha nos altares dos terreiros, Padilha é dona do próprio corpo e senhora da própria vida. Simas e Rufino ensinam que, ao girar, uma pombagira “mantém o tom crítico acerca das violências e desproporções, em especial, aquelas cometidas contra as mulheres. (...) Como flor que é, ela desabrocha exalando o perfume que nos encanta e nos limpa das obsessões limitadoras.” Quando sambam, as passistas da Grande Rio encarnam o “padilhamento dos corpos”, desafiando os olhares conservadores e praticando um sem-fim de saberes corporais. Transgressão e liberdade. Gargalhadas! Empunhando taças e com rosas vermelhas adornando as cabeças, as Padilhas saúdam o público e dizem, com os movimentos dos seus corpos insubmissos, que podem ser o que quiserem – Kiuá Nganga Bombogira!</p> <p>Apresentando a Ala de Passistas: Marisa Furacão e Avelino Ribeiro</p>	Passistas (1988)	Marisa Furacão e Avelino Ribeiro

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)

Gabriel Haddad e Leonardo Bora

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p>“Sou do Fogo e Gargalhada...”</p>	<p>A fantasia de Paolla Oliveira é uma interpretação do universo fascinante que nos leva às ardentes noites de paixão e às chamas dos desejos mais intensos. O figurino, confeccionado por Michelly X, evoca a magia das Pombagiras que levam homens e mulheres ao delírio, à embriaguez e aos jogos de sedução. As noites são de Exu, poesia das madrugadas, e o fogo é um elemento fundamental para a compreensão do poder dessa entidade múltipla, especialmente de suas versões femininas. Como canta o nosso samba: “Eu sou do carteadado e da quebrada, sou do fogo e gargalhada... É, Mojubá!”</p>	<p>Rainha da Bateria</p>	<p>Paolla Oliveira</p>
11	<p>Nunca Foi Sorte, Sempre Foi Exu</p> 	<p>“Com meu baralho, pronto para cartear / Fiz da madrugada minha musa, meu altar!” As noites são de Exu e da malandragem, energias que regem os jogos de sedução e, também, os jogos de azar. Mas a grande sorte da Grande Rio é ter uma bateria que expressa, com a sua cadência, a máxima de que Exu não precisa correr para aprontar das suas: “Quem me protege não dorme” e é possível, por que não?, ter sorte no jogo e no amor. A fantasia sintetiza o imaginário das jogatinas, destacando a imagem do coringa, a carta que pode virar a mesa, o golpe do destino. Propõe-se, com as cores e formas da indumentária, uma associação entre Exu e <i>Mattaccino</i>, personagem da Commedia Dell Arte veneziana que é comparado ao <i>trickster</i>, na tradição de Arlequim.</p>	<p>Bateria (1988)</p>	<p>Mestre Fabrício Machado (Mestre Fafá)</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Gabriel Haddad e Leonardo Bora				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
11	Nunca Foi Sorte, Sempre Foi Exu (Continuação) 	<p>De acordo com Stefania Capone, “as contradições trazidas pela modernidade encontram na figura de Exu um símbolo poderoso. Exu encarna o herói ambíguo, o <i>trickster</i>, cujas armas são a esperteza, a mobilidade, a sorte.” As capas exibem quatro variações de cartas confeccionadas especialmente para a fantasia – criações do designer Toin Gonzaga que homenageiam personagens da noite carioca: Zé Pelintra, Maria Padilha, Tranca Rua e Madame Satã (João Francisco dos Santos, o lendário malandro, multiartista e capoeira da Lapa que enfrentava a repressão e pode ser considerado um símbolo da energia exusíaca). Os gorros são bicolores, expressando uma das mais famosas histórias que envolvem Exu – aquela segundo a qual, para desafiar o olhar das pessoas, destronar os sábios e fazer traquinagens, Exu veste um capuz metade vermelho e metade preto. A depender da posição de quem vê, a roupa muda de cor, o que tende a gerar discussões acaloradas. Enquanto isso, bebendo um trago, Exu gargalha! Ora, brincam Rufino e Simas, “se for para vestir carapuças, que façamos como Exu, com uma banda em cada tom.” Exu questiona as verdades absolutas e encarna a transgressão e a brincadeira. É o dono da banca e o guardião das combinações. Nas bossas da bateria, a celebração da vida e a certeza de que Exu não dorme no ponto: abre as cartas, saravá!, e constrói a própria sorte. Quem vai dobrar a aposta?</p>	Bateria (1988)	Mestre Fabrício Machado (Mestre Fafá)

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)

Gabriel Haddad e Leonardo Bora

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
12	<p>Gira de Malandro</p>  <p><i>Obs.: 7 figurinos</i></p>	<p>“Agora que eu quero ver / Quem é malandro não pode correr!” Como diz Luiz Antonio Simas, “as ruas abrigam malandros encantados que quase ninguém vê.” Exu se manifesta no espírito da malandragem, uma linha das mais cultuadas nas fascinantes macumbas cariocas. Chapéu de palhinha, anel de São Jorge, gravata, paletó, camisa engomada, sapato bicolor e, quem sabe, um cravo na lapela. Pelos becos e vielas da cidade, nos postes das esquinas ou sob os arcos da Lapa, malandros e malandras ensinam uma filosofia do miudinho, o caminhar pelas sombras, a voz mansa de quem sabe que não se deve brigar à toa. Cerveja e cachaça, sorriso de canto de boca. São muitos os malandros célebres, personagens que viraram lenda – e que, nos terreiros cariocas, viraram Exus e permanecem girando. Uma história que exemplifica a mítica da malandragem na cidade do Rio de Janeiro, nas primeiras décadas do século XX, é a do personagem "Sete Coroas", que chegou a ser tema de música de Sinhô: "noite escura / Iaiá acende a vela / Sete Coroas, Bambambam lá da Favela". Chegou, mesmo, a ser citado por Madame Satã como um dos seus mestres na fina arte da malandragem.</p>	Comunidade (Coreografada) (1988)	Bira Dance

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Gabriel Haddad e Leonardo Bora				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
12	<p>Gira de Malandro (Continuação)</p>  <p><i>Obs.: 7 figurinos</i></p>	<p>Este breve exemplo nos ajuda a visualizar a complexidade das práticas religiosas umbandistas – é o que explica Janderson Bax Carneiro, ao estudar uma gira de Exu na qual “baixaram” malandros conhecidos: “A gira de Exu parece ter percorrido uma trajetória que vai das catacumbas ao botequim, do ‘outro mundo’ à Terra, assinalando a inversão, no plano ritual, do percurso biológico da vida humana (...).” Como informa a professora Sonia Giacomini, “a umbanda sacraliza os malandros, seres liminares e subalternizados que povoam o imaginário brasileiro, participando da diversidade de nossas maneiras de ser, ver e sentir o mundo e o outro mundo (...).” No desfile da Grande Rio, a tradicional ala comandada por Bira Dance, com 7 variações de paletós, encarna a nata da malandragem e risca o asfalto sagrado: rei da ginga, afinal, jamais levou rasteira!</p>	Comunidade (Coreografada) (1988)	Bira Dance

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Gabriel Haddad e Leonardo Bora

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p>Rosa Vermelha</p>  <p><small>Musa - Entre Alas - Setor 4 - Rosa Vermelha</small></p>	<p>“Trago uma rosa vermelha / Eu arranquei lá no pé.” “A pombagira é rosa e espinho”, definem Simas e Rufino. Rosas vermelhas, símbolos de passionalidade e sedução, são associadas ao imaginário das pombagiras, mulheres cujos corpos desafiam a moral vigente e celebram a liberdade.</p> <p>Há, inclusive, a pombagira “Rosa Vermelha”. A fantasia da musa abre caminhos para este imaginário de lençóis, jogos e taças, profusão de rendas e tons de sangue que nos levam ao glamour dos salões e às febris noites de amor – “um amor faz sofrer, dois amor faz chorar.”</p>	<p>Destaque de Chão / Musa</p>	<p>Karen Lopes</p>
*	<p>Espírito da Lapa</p>  <p><small>Grupo 7 - Espírito da Lapa</small></p>	<p>“Oh, Lapa, que assistiu minhas tristezas / Oh, Lapa, que viu os meus dias de glória!” O mítico bairro da Lapa, no coração da cidade do Rio de Janeiro, serve de cenário para histórias de paixões sob luz neon, discussões refletidas no espelho da água das chuvas, traições, juras e dramas que ocupam o imaginário nacional em produções literárias e audiovisuais. Este “espírito da Lapa” também ocupa as giras de Exu, encarnado em “corpos desviantes”, muitas vezes rejeitados pelo moralismo da “alta sociedade” – corpos, corpos e corpos que se manifestam livremente no espaço sagrado de um terreiro, louvando a diversidade.</p>	<p>Grupo Performático (Travestis e Mulheres Trans) (2022)</p>	<p>Direção de Carnaval</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas) Gabriel Haddad e Leonardo Bora				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	Espírito da Lapa (Continuação) 	<p>Retomando uma tradição do início da década de 1990, a Grande Rio apresenta um grupo formado por travestis e mulheres trans enquanto celebração da liberdade e da insubmissão: um grito de orgulho, em busca de respeito e visibilidade, em tempos tão violentos e intolerantes. Ao defender múltiplas possibilidades e identidades, a escola está reverenciando alguns dos principais aspectos da visão exusíaca de mundo, marcada pela pluralidade que não se curva aos “padrões”.</p>	<p>Grupo Performático (Travestis e Mulheres Trans) (2022)</p>	<p>Direção de Carnaval</p>
13	Damas da Noite 	<p>“Eu procurei a dama da noite / Para dançar um tango no salão / Ela sorria quando o tango começava / ela chorava quando o tango terminava”. Cemitérios, cassinos, botequins, ruas, esquinas... junta-se a esse imaginário, quando pensamos na geografia urbana das macumbas cariocas, o universo dos bordéis e cabarés, espaços de intensa vida noturna marcados por histórias de paixões arrebatadoras e, obviamente, pelo exercício da sexualidade. Entre tantas atribuições, a figura da Pombagira, segundo Stefania Capone, não deixa de encarnar “o estereótipo da prostituta, mas também o da mulher que se rebela contra a dominação masculina (...).”</p>	<p>Comunidade (1988)</p>	<p>Direção de Carnaval</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Gabriel Haddad e Leonardo Bora

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
13	<p>Damas da Noite (Continuação)</p> 	<p>Simas e Rufino observam isso e afirmam que “a mistura entre os fundamentos cruzados das potências de Exu, Mavambo, Aluvaia, Bombojiro, e a possibilidade da mulher ser senhora da sua sexualidade, controlando o corpo no aparente (para os padrões ocidentais) descontrole, são demais para nosso mundinho acostumado a padrões normativos. Pombagira é a mulher de sete maridos porque quer, como diz um ponto da entidade.” São muitas as Pombagiras que baixam nos terreiros expressando este complexo de símbolos e contando histórias de amores sofridos, impossíveis, que por vezes terminam de maneira trágica – corpos cotidianamente menosprezados que, reencantados nos terreiros, triunfam sobre a opressão e se mostram gloriosos. Tais entidades costumam se apresentar de maneira doce – assim como são doces os perfumes a elas ofertados. A fantasia da ala homenageia as tantas “mulheres da vida” que se tornam Pombagiras e perfumam encruzas e terreiros com as cores dos cabarés. O luxo que povoa o imaginário das noites parisienses dá o tom da roupa, destacando-se a presença de uma sombrinha que também é abajur. Objetiva-se mostrar uma outra linha de figurinos de Pombagiras, que não ficam restritos aos acentos flamencos de Padilha. Trata-se, ainda, do retorno de uma tradicional ala de damas ao desfile da Grande Rio.</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)				
Gabriel Haddad e Leonardo Bora				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
14	<p>Zé Pelintra e Maria Navalha</p> 	<p>“Não foi polícia nem otário, não foi nada / Zé Pelintra foi ao chão por amor à madrugada / Mas o que foi? Qual foi o caso? / Não foi nada! / A mulher que eu amava se chamava madrugada.”</p> <p>Expressando os saberes passados de geração em geração, a Velha Guarda do GRES Acadêmicos do Grande Rio encarna os malandros que protegem os novos e velhos sambistas e moram no coração de todos aqueles que vivem as encruzadas das escolas de samba: Zé Pelintra e Maria Navalha. São muitas as histórias que tentam responder à pergunta feita por Simas: “Mas quem foi Zé Pelintra?” Mais do que oferecer uma resposta, é importante destacar a ligação dessa entidade tão querida e cultuada com o catimbó. Uma das histórias, narrada por Simas, conta de um homem chamado José de Aguiar, pernambucano que perambulou por diferentes lugares do Nordeste, foi iniciado nos segredos do catimbó (com o culto à sagrada Jurema) e, depois de se encantar, “baixou um dia no juremeiro José Gomes da Silva e disse que era Zé Pelintra, Príncipe da Jurema e Mestre do Chapéu de Couro.” Trazido na memória e nos cultos dos migrantes nordestinos, Zé Pelintra se transformou na cidade do Rio de Janeiro: “há quem diga que foi morar na Lapa (...) e passou a baixar nos terreiros da Guanabara nos trinquês, trajando terno de linho branco, sapatos de cromo, chapéu panamá e gravata vermelha.”</p>	Velha Guarda (1988)	Pedrinho Naval

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)

Gabriel Haddad e Leonardo Bora

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
14	<p>Zé Pelintra e Maria Navalha (Continuação)</p>  <p><small>Ala 14 - Velha-Guarda</small></p>	<p>A saga de Zé Pelintra em direção aos terreiros cariocas é narrada no famoso ponto que canta: “Ô, Zé, quando vem das Alagoas / Toma cuidado com o balanço da canoa / Ô, Zé, faça tudo que quiser / Só não maltrate o amor dessa mulher.” Na fantasia do nosso desfile, a mulher que acompanha Zé Pelintra é Maria Navalha, malandra poderosa que também mora na Lapa e protege os sambistas das maldades e dos infortúnios. Os senhores e as senhoras de nossa Velha-Guarda são Moços e Moças, príncipes e princesas do encantamento, símbolos da resistência do samba e da devoção à eterna arte de malandrear.</p>	Velha Guarda (1988)	Pedrinho Naval
*	<p>Fio da Navalha</p>  <p><small>Musa - Frente da Alegria 3 - "Fio de Navalha"</small></p>	<p>Diz o ditado que Exu caminha no fio da navalha! A arte da malandragem envolve um delicado (e perigoso) jogo de equilíbrios: sambar com sorriso no rosto, cuidando para não cair. A musa incorpora a energia de Maria Navalha e a ousadia das mulheres malandras que derrubam homens, machismos e mitos - e despertam as mais ardentes (e cortantes) paixões das bandas da Lapa.</p>	Destaque de Chão / Musa	Adriana Bombom

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)				
Gabriel Haddad e Leonardo Bora				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
15	<p>Exu Mirim</p>  <p><i>Obs.: 2 figurinos, com variações</i></p>	<p>Dando início ao setor dedicado às facetas foliãs de Exu, a Grande Rio saúda o espírito infantil, travesso, do conjunto de entidades abraçadas pela expressão “Exu Mirim”. São espíritos de crianças que se manifestam nas giras dedicadas ao Povo da Rua e nos ensinam que é preciso alimentar o nosso lado “arteiro”, lúdico, que pulsa nos pés e nas mãos dos pequenos – aqueles que transformam uma bola de brinquedo em um mundo em transformação. São diversos os nomes atribuídos aos Exus Mirins, a depender do lugar e das características de cada terreiro. Para a composição da fantasia, foi utilizada a imagem de Exu Brasinha, um caso de hibridismo cultural: a apropriação de um personagem dos quadrinhos norte-americanos, popular nas décadas de 1970 e 1980, e a posterior transformação e ressignificação dele, nas giras de umbanda, em uma imagem debochada, jocosa, de Exu. Imagem esta, diga-se, que pode ser importante para ilustrar os debates acerca da demonização da entidade: uma vez que, por óbvio (o que entendemos como pressuposto), Exu não é o diabo das cosmogonias judaico-cristãs, é interessante notar como imagens de “diabinhos” da cultura popular-massiva foram apropriados por praticantes das religiões afro-brasileiras enquanto estratégia de defesa (o afastamento dos olhares criminalizadores) e, por que não?, carnavalização.</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)

Gabriel Haddad e Leonardo Bora

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
15	<p>Exu Mirim (Continuação)</p>  <p><i>Obs.: 2 figurinos, com variações</i></p>	<p>Artistas contemporâneos como Thiago Ortiz, candomblecista, retrabalharam a imagem de Brasinha, levando-a aos museus. A fantasia estabelece uma conexão entre as folias da infância e a paixão pelo futebol: quando Simas e Rufino recorrem a Exu para propor uma nova forma de pensar o mundo e produzir conhecimento, eles mencionam o dinamismo do futebol como reunião de princípios exusíacos: “urge a restituição da vivacidade a partir da aproximação cotidiana com sabedorias de frestas, franjas, brechas, fendas, sínopes, gingas, dribles, rumores, brisas constantes, gargalhadas na mata e artes de garrinchar (...).” Garrincha, aos olhos dos autores, desafiava a lógica e driblava as certezas do mundo – era, portanto, um exemplo de corpo exusíaco (daí o porquê de parte dos componentes da ala exibirem estandartes com a imagem do craque). Simas vai além e afirma: “As ruas de Exu foram também a casa de Mestre Pastinha (...) e os gramados em que Mané Garrincha driblou e foi driblado pela dor do mundo. Mané Garrincha dizia que driblava porque o corpo mandava e a cabeça obedecia.” O projeto artístico “Reconstruindo Exu”, de Alexandre Furtado e Leopoldo Tauffenbach, associa o espírito brincalhão de Exu Mirim ao futebol, mencionando o fato de que Brasinha (o Exu ou o personagem de HQs?) se tornou mascote de alguns times, como o América carioca.</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Gabriel Haddad e Leonardo Bora				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
16	<p>“Salve, Santo Antônio”</p> 	<p>“Santo Antônio de Batalha, faz de mim batalhador / Corre gira, Santo Antônio / Tranca Rua e Marabô!” É sabido que as divindades do panteão afro-ameríndio passaram por intensos processos de reconfiguração, em terras brasileiras – em grande medida, devido às violentas perseguições e às proibições de culto. O chamado “sincretismo religioso”, tema de amplos debates na contemporaneidade, se insere nessa conjuntura de rearranjos simbólicos. Em diferentes localidades do Brasil, Exu foi sincretizado com Santo Antônio, daí a existência de vários pontos de macumba que saúdam o santo católico, festejado, na cidade-sede da Grande Rio, Duque de Caxias, no dia 13 de junho. Nesses dias de festa, as ruas se colorem de fitas, a música invade as casas e a comida é farta – tudo para louvar o santo (que também é Orixá, a depender de quem vê...), em meio aos demais festejos juninos. Os compositores da escola, que tiram dos cavaquinhos as melodias que embalam o Maior Espetáculo da Terra, expressam essa mistura religiosa que une a energia festiva de Exu às histórias e crendices que envolvem um dos mais populares santos do catolicismo - aquele que é considerado, na sabedoria popular, o “santo casamenteiro”, responsável por abrir os caminhos para o amor e selar as juras dos enamorados. Amarrações amorosas que, sabemos, também são uma especialidade de Exus e Pombagiras... Ah, Santo Antônio pequenino, amansador de burro brabo!</p>	Compositores (1988)	Licinho Junior

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Gabriel Haddad e Leonardo Bora

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
16	<p>“Salve, Santo Antônio” (Continuação)</p> 	<p>Os poetas da tricolor caxiense fazem coro aos devotos do santo e aos filhos de Exu, cantando um samba que saúda a alegria e exalta as ruas enquanto espaços de encantamento, mistura e folia! “Santo Antônio que é de pamba / Santo Antônio que é de Exu / Festejando seu grande dia / Com muita fé e alegria!” Amém, Laroyê, Saravá.</p>	Compositores (1988)	Licinho Junior
*	<p>“No Frevo do Amor”</p> 	<p>Os passos ligeiros dos dançarinos de frevo, nas ladeiras de Olinda e nas avenidas do Recife, não deixam de expressar o dinamismo folião de Exu e a vivacidade pulsante da cultura brasileira. Carmen Miranda gravou, na década de 1930, a marchinha “No frevo do amor”, que canta: “Eu nasci em Pernambuco, terra de sol e calor / Onde o amor nasce do frevo e do frevo nasce o amor / Eu faço passo do urubu, sou do terreiro do grande Exu / E no cordão da Cambinda Velha, danço o maracatu!”</p>	Destaque de Chão / Muso	Gil do Vigor

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)				
Gabriel Haddad e Leonardo Bora				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
17	<p>Palhaços e Folias</p> 	<p>Exu é uma divindade que profana o sagrado e sacraliza o profano, ocupando as ruas em dias de festa e falando através dos corpos que dançam, cantam, comem, bebem, beijam, pulam, dão cambalhotas e piruetas, celebram a vida. Nesse sentido, não nos parece um exagero dizer que o “Senhor da Felicidade” (Odará, um dos títulos associados aos dezesseis grandes atributos de Exu, segundo os ensinamentos de Luiz Antonio Simas) se manifesta nas incontáveis folias de rua que ocupam cidades, das maiores às pequeninas, nos quatro cantos do imenso Brasil. Nas folias e nos folguedos de rua, são comuns os desafios, as troças, os jogos de palavras e adivinhação, os pedidos de dinheiro, as simbologias das chaves, o uso de máscaras, guizos e adornos que nos conectam ao imaginário exusíaco, capaz de acordar o mundo. A fantasia é inspirada nas vistosas roupas dos palhaços das Folias de Reis, populares em todo o Brasil. Estes brincantes, que saem às ruas não apenas no 6 de janeiro, são associados, em muitas interpretações, a Exus.</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)

Gabriel Haddad e Leonardo Bora

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
17	<p>Palhaços e Folias (Continuação)</p>  <p><i>Obs.: figurino com variações</i></p>	<p>O pesquisador Diogo Goltara aponta que “o palhaço é constantemente relacionado à figura misteriosa de Exu. As cores, os chifres (...) são símbolos que saltam aos olhos no que concerne à semelhança entre estes seres.” O autor informa, ainda, que os próprios nomes de alguns palhaços se assemelham a nomes de Exus Catiços, o que confirma a intensa circularidade. Os brincantes da Grande Rio, símbolos da pluralidade festiva, espantam as visões preconceituosas que historicamente demonizam as imagens dos palhaços e exibem máscaras que agregam outras festas e folias, como La Ursa, Zambiapunga, Caretas e Cavalhadas. Deve-se destacar a presença do Saci, personagem do folclore brasileiro que reúne as características de Exu, como o gorro vermelho e o gosto pelas travessuras. As máscaras simulam o trabalho em papier mâché, técnica utilizada pelos mestres artesãos.</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Gabriel Haddad e Leonardo Bora				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	Afoxés 	<p>Os afoxés, manifestações culturais que expressam os trânsitos entre o sagrado e o profano, eram, originalmente, desfiles feitos por filhos e filhas de santo, das casas de candomblé, nas ruas das cidades. De raízes profundas (há quem associe aos cortejos em louvor a Oxum, na Nigéria), os desfiles dos afoxés se popularizaram na Bahia, na segunda metade do século XIX, e se espalharam pelo Brasil como uma tradição construída em torno da afirmação da identidade dos povos de terreiro. No Rio de Janeiro, por exemplo, um dos grupos mais tradicionais é o Afoxé Filhos de Gandhi (quase homônimo do famoso afoxé baiano, Filhos de Gandhy, fundado em 1949), alocado na Zona Portuária, próximo ao Cais do Valongo. Antes de um afoxé sair às ruas, é oferecido um padê a Exu, pois ele é considerado o senhor dos caminhos e dono das ruas. Após uma cerimônia interna, o padê é despachado na rua e, somente assim, são iniciados os cortejos, que misturam danças de orixás e demais representações cênico-musicais. O padê de Exu dá força e sustenta o cortejo do grupo que sai às ruas – no caso dos guardiões do Segundo Casal, as cores do padê tingem de vida o fictício “Afoxé Filhos de Exu”.</p>	Guardiões do 2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira (1988)	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Gabriel Haddad e Leonardo Bora

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
18	<p>Bate-Bolas</p>  <p><i>Obs.: figurino com variações</i></p>	<p>Pelas encruzilhadas do Rio de Janeiro, durante os dias governados por Momo, a cultura dos bate-bolas se impõe e nos leva às pulsões exusíacas de subversão, disputa e festa. Produto de um mix de influências (brincadeiras portuguesas, mascaradas populares brasileiras e até mesmo um acento dos “clowns” ingleses, possível origem da palavra “Clóvis”), essa manifestação ocupa e colore as ruas das Zonas Norte e Oeste da cidade, também se deslocando para os espaços centrais, historicamente disputados por diversas formas de se festejar o carnaval. Organizados em turmas, vestem roupas bufantes (dos tipos “pirulito”, “rodado e saia”, “bujão”, “capa” e outras variações), cobrem os rostos com máscaras e carregam, quase sempre, um adereço de mão (sombrinhas, bolas, bandeiras etc.). A pesquisadora Aline Pereira informa que os bate-bolas passam por um intenso processo de preparação durante o ano. É no “barracão” (espaço com nome igual ao dos lugares onde são construídos os carros alegóricos das escolas de samba e onde são realizados os ritos de umbanda e candomblé) que são confeccionados os figurinos, decididos os trajetos, escolhidos os temas a serem abordados.</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Gabriel Haddad e Leonardo Bora				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
18	Bate-Bolas (Continuação)  <i>Obs.: figurino com variações</i>	<p>É lá, também, que se observa a particularidade de “quem é ou não filho de santo”. Em depoimento oral à equipe da Grande Rio, o bate-bola Vitor Pinheiro, da Turma “Sai de Baixo”, contou que para uma boa “saída” (mesmo termo utilizado quando das “saídas” de santo) é fundamental “cuidar espiritualmente” do grupo, o que envolve a verificação de quem “pode ou não sair de máscara”. Os brincantes iniciados em religiões afro-brasileiras, como umbanda e candomblé, devem necessariamente pedir licença a Exu e sair com a máscara levantada, ou seja, não podem cobrir o rosto – daí o porquê de a fantasia exibir as máscaras no alto das cabeças. No dia em que ocorre a “saída de barracão”, geralmente comemorado com fogos, funk, churrasco e cerveja compartilhados com a comunidade, muitos fazem os seus padês, pedindo a proteção de Exu. Quando saem às ruas, “é como se estivessem incorporados, se transformam”. Felipe Bragança, em matéria de 2014 para o “Le Monde Diplomatique Brasil”, confirma o relato de Vitor Pinheiro:</p> <p>“Os mais velhos falam que ao colocar uma roupa de bate-bola você recebe uma entidade, alguma coisa entre egum, Exu, Ogum ou anjo.” Sagrado e profano, mais uma vez, de mãos dadas no asfalto quente!</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Gabriel Haddad e Leonardo Bora

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
19	<p>Sete da Lira</p>  <p><i>Obs.: 3 figurinos</i></p>	<p>“Que alegria é esta? / Por que tanta gente cantando? / É Seu 7 Encruzas da Lira / Que já está trabalhando!” Você pode não acreditar, mas Exu já conduziu um bloco carnavalesco pelas ruas do Rio de Janeiro! A ala homenageia o fenômeno midiático Seu Sete da Lira, o Exu Rei da Lira, que, ao incorporar na médium Cacilda de Assis, ficou famoso na cena cultural brasileira e conduziu jornalistas e foliões ao bairro de Santíssimo, onde ficava o terreiro e o Congá da Lira. Com forte presença do público nas festas, Seu Sete misturava samba, pontos de macumba e outros ritmos – carnaval o ano todo! Como diz Cristian Siqueira, em livro dedicado à memória de Dona Cacilda, as sessões presididas por Seu Sete eram tão disputadas que não raro havia confusões: “O povo continuava em delírio, vibrando. Era quase impossível andar, tamanha a quantidade de pessoas. Milhares e milhares delas, que poderiam chegar a mais de 20 mil em uma única noite, aglomeram-se ansiosas e esperançosas para verem o personagem principal da noite.” O sucesso de Seu Sete da Lira foi tão estrondoso que ele chegou a frequentar programas de auditório de projeção nacional, incluindo o Cassino do Chacrinha, na TV Globo, e o Programa Flávio Cavalcanti, na Rede Tupi. Durante o carnaval de 1972, Seu Sete da Lira comandou um bloco de carnaval na Avenida Rio Branco, contando com a presença de filhos de santo, admiradores e foliões.</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas) Gabriel Haddad e Leonardo Bora				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
19	<p>Sete da Lira (continuação)</p>  <p><i>Obs.: 3 figurinos</i></p>	<p>Seu Sete desfilou incorporado em seu “cavalo” (o nome que se dá ao médium que incorpora o Exu ou outra entidade). Dizem que o Bloco da Lira fez mais sucesso que o Bola Preta, botando a Avenida Rio Branco abaixo! O samba “Podes voltar”, entoado por Seu Sete, foi o terceiro colocado no concurso da Secretaria de Turismo da Guanabara – um <i>hit</i> do carnaval daquele ano. A ala da Grande Rio, apresentando três figurinos e variações de adereços de mão (todos evocando a simbologia da Lira), é uma leitura fantástica para um desfile carnavalesco do bloco comandado por Seu Sete. Além da fantasia que reinterpreta vestimentas utilizadas pela médium Cacilda de Assis, em bailes momescos e demais aparições pela cidade, notam-se uma fantasia de Cucumbi e uma fantasia de Mefistófeles, muito comuns entre os foliões negros e pobres da transição dos séculos XIX e XX. Brincantes fantasiados de indígenas e diabinhos eram perseguidos pela polícia, considerados arruaceiros e perigosos, associados aos malandros e aos “capoeiras”. É por isso que selecionamos essas roupas outrora “convidadas a se retirar” das ruas para que tomem lugar no Bloco de Seu Sete: Exu é fuzarca, arruaça, inclusão, desvario, folia que não se mede com régua, folia com sabor de cachaça!</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Gabriel Haddad e Leonardo Bora

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p>“Exu é uma Escola de Samba”</p>  <p><small>Grupo 2 - Pandeiristas</small></p>	<p>Algumas tradições de antigos carnavais são retomadas no desfile – entre elas, a presença de um grupo de passistas especiais, dançarinos que celebram, com seus corpos indóceis e diante do girar dos pandeiros, a força e a expressividade da dança do samba – algo que, por mais incrível e contraditório que pareça, às vezes resta em segundo plano, nos desfiles. Eis uma das mais expressivas máximas de Luiz Antonio Simas: “Exu é uma escola de samba!” Quem ousa dizer o contrário?</p>	<p>Pandeiristas e Passistas Especiais (1988)</p>	<p>Marisa Furacão e Avelino Ribeiro</p>
20	<p>“Na Folia Eu Sou Rei!” - Escolas de Samba</p>  <p><small>Ala 20</small></p>	<p>Se falamos em manifestações carnavalescas que saúdam Exu, por óbvio não poderiam ficar de lado as escolas de samba, a nossa paixão e vida. Profundamente unidas às tradições dos terreiros e às cosmogonias afro-brasileiras, são as agremiações sambistas corpos coletivos detentores de incontáveis saberes e mistérios – e quantos mistérios não adormecem na dupla encruzilhada da entrada do Sambódromo?! São muitos os padês arriados em barracões, quadras, ruas, até mesmo na Presidente Vargas... Exu já apareceu, de maneira direta ou indireta, em muitos enredos de escolas de samba – vide o desfile de 94 da Grande Rio, que, dizem por aí, fez muita gente “bolar no santo”. Ele se manifesta das mais diversas formas, no corpo pulsante de uma agremiação, mas optamos por destacar o papel desempenhado pelo surdo de terceira.</p>	<p>Comunidade (1988)</p>	<p>Direção de Carnaval</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas) Gabriel Haddad e Leonardo Bora				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
20	<p>“Na Folia Eu Sou Rei!”: Escolas de Samba (Continuação)</p> 	<p>A tradição oral sugere que o surdo de terceira, peça importante das baterias das escolas de samba, foi criado por Tião Miquimba, ritmista da Mocidade Independente de Padre Miguel e discípulo do lendário Mestre André. Segundo as explicações de Luiz Antonio Simas, “o surdo de terceira é exatamente aquele que, mais agudo que os outros dois, preenche o vazio que existe entre as marcações.(...) Ocupa por isso mesmo o papel de Exu na cosmogonia iorubá, de Aluvaíá entre os congos e de Legba entre os fons: ele brinca com o que é previsível, desnorteia, faz o inusitado.” Dessa maneira, consideramos o surdo de terceira um instrumento musical que exprime a potência de Exu. A fantasia da ala homenageia João Jorge Trinta, o célebre Joãosinho Trinta, carnavalesco maranhense (com passagens pela Grande Rio!) que levou o Povo da Rua para a Marquês de Sapucaí, no inesquecível (e polêmico) “Ratos e urubus, larguem minha fantasia!”, desfile vice-campeão da Beija-Flor de Nilópolis, em 1989. Na ocasião, o refrão de cabeça do samba de enredo, composto por Betinho, Glyvaldo, Zé Maria e Osmar, exaltava: “Lebalarô, ôôôô / Ebó lebará, laiá, laiá!”</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)

Gabriel Haddad e Leonardo Bora

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
20	<p>“Na Folia Eu Sou Rei!”: Escolas de Samba (Continuação)</p> 	<p>Exu em cada verso, mesmo que incompreendido, proibido, imperfeito, questionado. A estampa de rótulos do “Rei da Ralé” foi confeccionada por Toín Gonzaga e homenageia criações de outro carnavalesco, Fernando Pinto, como as brincadeiras com a estética da cultura de massa presentes em “Tupinicópolis”. João Trinta e Fernando Pinto, eles próprios, envoltos nos mais mirabolantes delírios, não podem ser considerados manifestações criativas de Exu?</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval
*	<p>Rainha da Folia</p> 	<p>Manifestações carnavalescas de raízes negro-populares, as escolas de samba do Rio de Janeiro não raro se veem, a exemplo dos maracatus pernambucanos, reproduzindo padrões cortesãos, com a celebração de reis e rainhas, príncipes e princesas. Assim também se organizam os ritos afro-brasileiros, vide a profusão de Exus e Pombagiras cujos nomes expressam títulos de nobreza. A roupa da musa exalta a nobreza das escolas de samba, com inspiração em criações de Joãozinho Trinta – carnavalesco que levou o Povo da Rua e a energia de Exu para a sua mais debatida criação.</p>	Destaque de Chão / Musa	Bianca Andrade (Boca Rosa)

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Gabriel Haddad e Leonardo Bora				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
21	Macunaíma na “Tecnomacumba” 	<p>Em 1928, Mário de Andrade publicou a obra “Macunaíma – o herói sem nenhum caráter”, que ele considerava uma “rapsódia”, ou seja, uma colagem de fragmentos musicais, mitos, lendas, anedotas. Em um dado momento da narrativa, no capítulo intitulado “Macumba”, o personagem-título, em busca da muiraquitã (um amuleto de pedra verde, em forma de sapo) perdida, viaja ao Rio de Janeiro e conhece o mítico terreiro de Hilária Batista de Almeida, Tia Ciata, a mais famosa das Mães Baianas. Lá, Macunaíma pede a Exu que o ajude a vencer o oponente, o temível gigante Piaimã. A casa de Ciata era cenário de afamadas macumbas e ponto de encontro de sambistas, artistas plásticos, intelectuais de toda sorte: um espaço de integração que, na obra de Mário de Andrade, é descrito com tintas um tanto exóticas – as mesmas tintas que desenham um Exu de traços estereotipados, algo pontuado por autores contemporâneos como Alberto Mussa (é necessária, pois, a leitura crítica).</p> <p>Trata-se de uma das primeiras aparições destacadas de Exu em uma obra literária de estrondosa repercussão nacional, o que seguramente influenciou interpretações artísticas subsequentes dessa figura complexa e desafiadora (e continua a desafiar criadores contemporâneos, caso da interpretação desse Exu de Macunaíma proposta por Bia Lessa, em montagem teatral de 2019).</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)

Gabriel Haddad e Leonardo Bora

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
21	Macunaíma na “Tecnomacumba” (Continuação) 	<p>Dando início ao setor que se propõe a carnavalizar “aparições” e traduções de Exu em diferentes linguagens artísticas, a fantasia da ala é uma interpretação “pós-moderna” do Macunaíma de Mário, que, viajante feito Exu, carrega nas costas uma mochila-muiraquitã. Devorador de histórias, o personagem é ele próprio uma encarnação de Exu enquanto “boca que tudo come”, daí a presença da boca e da língua adornada com símbolos extraídos da obra do artista contemporâneo Mulambö – uma exusíaca prancha de surf. O toque modernista fica por conta de citações às cores de Tarsila do Amaral. As antenas sintetizam a pegada “cosmopolita” da obra de Mário, mas também poderiam se referir, nesse caleidoscópico estético, à capa de “Parabolicamará”, álbum de Gilberto Gil cuja música “Serafim” menciona ele, Exu. As quatro fantasias de alas do setor apresentam fones de ouvido: Exu é comunicação, movimento e atualização, da Macumba dos modernistas à “Tecnomacumba” do hoje, na voz de Rita Benedito. Como escrito em Macunaíma, “Glória pro fio de Exu!”</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas) Gabriel Haddad e Leonardo Bora				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
22	<p>“Se For de Paz, Pode Entrar!”</p> 	<p>Não é possível dissociar a obra e a persona de Jorge Amado da simbologia de Exu: a relação do escritor baiano com a entidade das religiões afro-brasileiras era tão intensa que o símbolo da Fundação Casa de Jorge Amado é um Exu de Carybé, artista plástico que viveu intensamente os segredos dos Orixás. Localizada no Largo do Pelourinho, em Salvador, a Casa de Jorge Amado tem por guardião um Exu esculpido por Mário Cravo. Nota-se, em poucas linhas, a conexão de três artistas (oriundos de espaços de produção distintos) ao redor da simbologia de Exu, um dado extraordinário! Exu aparece em diferentes romances de Amado, reverenciado em suas potências e unido a personagens que estão fixados na memória de milhões de leitores – é o caso de Antônio Balduino, protagonista de “Jubiabá”, um humilde boxeador negro que, através das mãos do Pai de Santo que dá nome à obra, recebe a proteção de Exu e vivencia surpreendentes histórias, vagando pelo Recôncavo. Exu também adquire papel de centralidade em “Dona Flor e seus dois maridos”: Vadinho, o mais famoso malandro de Amado, era filho de Exu e condensava arquétipos associados à entidade, como o destemor e a virilidade.</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)

Gabriel Haddad e Leonardo Bora

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
22	<p>“Se For de Paz, Pode Entrar!” (Continuação)</p> 	<p>Não bastasse, o escritor (que foi o autor da emenda constitucional que garantiu liberdade de culto no Brasil, ou seja, contribuiu politicamente para a luta contra a demonização dos ritos afro brasileiros) criou a “Revista Exu”, em 1987, publicação que servia de porta voz da Fundação que levava o seu nome e reunia “autores de todas as partes do mundo em que Exu plantou suas antenas”. A revista circulou por 10 anos, exibindo nas suas capas interpretações artísticas de Exu, senhor da comunicação. A fantasia da ala homenageia a memória desse grande brasileiro, outrora saudado “Pai Amado”, no samba do Império Serrano, colocando em destaque, nos estandartes, o Exu de Carybé. As vestes em branco e prata dialogam com as criações escultóricas de Mário Cravo, artista que materializou corpos de Exu em metal, peças expostas em lugares como o Parque do Ibirapuera, em São Paulo. A roupa evoca, ainda, a simbologia das “jóias de axé” da Velha Bahia, cenário onipresente na obra amadiana. Como dizia o autor, “Se for de paz, pode entrar!” Exu já está assentado!</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)				
Gabriel Haddad e Leonardo Bora				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p>Exu Bossa Nova</p> 	<p>O “violão vadio” de Baden Powell immortalizou, em parceria com Vinícius de Moraes, a música “Lamento de Exu”, última faixa do LP “Os Afro Sambas”, de 1966. Nas décadas de 1960 e 1970, músicos bossa-novistas e cineastas como Rogério Sganzerla e Jom Tob Azulay (diretor de “Exu-Mangueira”, curta ambientado na Rocinha) exploravam as religiosidades afro-brasileiras em suas produções audiovisuais, o que contribuiu para a difusão das histórias do Candomblé. A roupa da musa evoca traços de Burle Marx e o espírito da referida época, quando Exu ocupou sorrateiro as rodas da Avenida Atlântica.</p>	<p>Destaque de Chão / Musa</p>	<p>Renata Kuerten</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)

Gabriel Haddad e Leonardo Bora

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
23	<p>Ser-tão Exu</p> 	<p>“Mire veja”: poucas obras da literatura brasileira são tão desafiadoras quanto “Grande Sertão: Veredas”, de João Guimarães Rosa, publicada em 1956. O longo romance em fluxo contínuo narra as inquietações do professor e jagunço Riobaldo, um homem dado às reflexões, que dialoga com um “doutor” desconhecido e rememora as travessias do passado, quando enfrentou o temido Hermógenes e viveu um profundo amor pelo companheiro Reinaldo – em verdade, a guerreira Diadorim, personagem que, nos termos de Luiz Henrique Silveira, “apresenta uma narrativa poética semelhante a Dionísio, Trickster e Exu”.</p> <p>São muitas as referências implícitas a Exu presentes no texto rosiano, como a associação de Diadorim à lâmina de uma faca (Exu é Olobé, “Senhor da faca”) e a presença do símbolo do infinito, inserido ao final da narrativa (um convite para que o leitor reinicie a viagem, transformado). Rosa dedicou a vida aos estudos de diversas matrizes religiosas, cosmogonias e idiomas, de modo que o texto de Grande Sertão, em si, é uma experiência exusíaca: algo em movimento, inacabado, uma dança de ser e não-ser, luz e sombra, remédio e veneno, masculino e feminino.</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Gabriel Haddad e Leonardo Bora				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
23	Ser-tão Exu (Continuação) 	<p>Costurando dualidades, o escritor desenha poéticas reflexões acerca das ideias de “bem” e “mal”, contribuindo para o sofisticado entendimento de que, definitivamente, Exu não é o diabo do teatro colonial, mas uma força que une os opostos, “poeira no redemunho”. Ao concluir que não havia feito um “pacto com o diabo”, mas mergulhado em um processo de autoconhecimento, Riobaldo Tatarana esmigalha os “carregos coloniais” de que fala Luiz Rufino e propõe outras miradas, para além das certezas impostas por uma determinada visão de mundo que, entre outras coisas, demoniza o “outro”. O “drama” de Riobaldo consiste na descoberta de si e da possibilidade de mudar, transbordar, transformar-se, tornar-se outro – girar, feito Exu, no meio da rua, aceitando as contradições.</p> <p>A fantasia propõe uma visão contemporânea para o universo trabalhado por Rosa, com destaque para o uso das ilustrações de Poty Lazzarotto na casaca. Nos chapéus dos desfilantes há uma sobreposição de interpretações artísticas para Exu – fragmentos de criações de Rubem Valentim e J. Cunha. Liana Trindade entende que “Exu é visto pela ideologia dominante como um perigo sempre latente de oposição à ordem (...)” Rosa, por sua vez, afirma que “viver é muito perigoso”. Viver é ser-tão Exu!</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA**Fantasia****Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)**

Gabriel Haddad e Leonardo Bora

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p>Exu nas Escolas</p>  <p><small>Grupo de Casais Mirins</small></p>	<p>“Exu brasileiro / Exu nas escolas / Exu nigeriano / Exu nas escolas / E a prova do ano / É tomar de volta / A alcunha roubada / De um deus iorubano”. O lançamento do álbum “Deus é Mulher”, de Elza Soares, em maio de 2018, foi um acontecimento para o cenário musical brasileiro contemporâneo. A segunda faixa do disco é “Exu nas escolas”, música composta por Edgar e Kiko Dinucci. Tão logo foi lançada, a canção se tornou um símbolo em defesa da inclusão das cosmogonias africanas e das religiões afro-ameríndias nas instituições de ensino, estratégia de combate ao racismo e de celebração da diversidade. Ao falar em “tomar de volta a alcunha roubada de um deus iorubano”, a letra se coloca nas trincheiras decoloniais (ou contracoloniais, termo do hoje) e propõe uma revisão crítica da história contada sob o prisma da branquitude eurocentrada. Contribuí, portanto, para a desconstruções das visões preconceituosas que associam Exu ao “mal”, convidando estudantes a conhecerem as histórias dos Orixás. Os jovens mestres-salas e porta-bandeiras da Grande Rio vestem fantasias que conversam com a arte de rua, a cultura funk e a visão de Elza enquanto Deusa, voz ancestral capaz de recriar o mundo. Nos grafites dos muros e nas bandeiras levantadas por jovens artistas pretos da contemporaneidade, caso de Mulambô (autor da “Bandeira Mulamba”, uma das faces do pavilhão a girar), as muitas vozes de Exu nos convidam a novos bailados. “Na aula de hoje veremos Exu!” Nas escolas de samba também...</p>	<p>Grupo de Casais Mirins de Mestres-Salas e Porta-Bandeiras (1988)</p>	<p>Direção de Carnaval</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Gabriel Haddad e Leonardo Bora				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
24	Exus Contemporâneos 	<p>Se Exu é tão poderoso e enigmático que, como provocam as narrativas míticas, nasceu antes do que a própria mãe e matou um pássaro ontem com a pedra que só jogou hoje, é fato que ele não envelhece: tendo o tempo a seu favor (ou criando o próprio tempo), permanece em transformação, sendo assimilado por artistas do hoje e regurgitado em telas, tintas, películas, discos, livros, fantasias de carnaval. Exu está nos museus, nos muros, nas baladas, nas telinhas, nas telonas, nas escolas e nas escolas de samba – sempre esteve, mas talvez não fosse visto; tem aparecido mais, mas ainda é muito pouco. Diante da permanência do racismo religioso e da continuidade dos discursos de demonização, a ala apresenta uma colagem de estilhaços artísticos que nos ajudam a ver a diversidade de interpretações de Exu propostas por realizadores que tem se preocupado em desmistificar as visões negativas direcionadas a essa entidade. Nas capas dos “Exus contemporâneos” veem-se dezenas de capas de discos, livros, exposições, documentários, obras que celebram o dinamismo de Exu e propõem novas travessias artísticas. A estampa do paletó, produzida por Toin Gonzaga (designer cuja produção autoral também transita pelas veredas exusíacas), homenageia Jean-Michel Basquiat, artista visual nascido em Nova York que, nos seus breves 27 anos de vida, revolucionou as artes plásticas em escala global, quebrando as fronteiras entre ruas e galerias, pintura e grafite.</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)

Gabriel Haddad e Leonardo Bora

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
24	<p>Exus Contemporâneos (Continuação)</p> 	<p>Basquiat, cujo símbolo pessoal era uma coroa amarela, inseriu Exu em diversas criações, exaltando Elegbara no coração da “Capital do Mundo” – cidade que, hoje, serve de cenário para contos da escritora brasileira Cidinha da Silva, autora do recente “Um Exu em Nova York”. No mosaico de citações aparecem, de maneira direta ou indireta, músicos como Baco Exu do Blues, Elza Soares, Rita Benedito, Fabiana Cozza, Baiana System e Gilberto Gil; autores como Luiz Antonio Simas, Luiz Rufino, Leonardo Antan, Alberto Mussa, Conceição Evaristo e Cidinha da Silva; artistas plásticos como Abdias do Nascimento, Mulambö, coletivo Tupinambá Lambido e Thiago Ortiz; documentários como “AmarElo – é tudo pra ontem”, protagonizado por Emicida, e “Exu Rei – Abdias Nascimento”, de Bárbara Vento; a moda de João Pimenta e as coleções da Meninos Rei. Incontáveis outras obras (e outros artistas) poderiam ser colados nessa capa infinita, tamanha a vitalidade do tema e o teor político adquirido por Exu nos conturbados tempos que vivemos - prova disso é a ênfase dada ao Povo da Rua na exposição “Crônicas Cariocas”, aberta no Museu de Arte do Rio, em setembro de 2021. O nosso desejo é que Exu não “saia de moda”: permaneça ensinando, ocupando espaços, subvertendo os olhares do medo e do preconceito. Este enredo, inclusive, deseja contribuir para isso.</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas) Gabriel Haddad e Leonardo Bora				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p>Na Batida de Exu</p> 	<p>O samba, o hip hop e o funk são mais do que gêneros ou estilos musicais: são formas de vida e sociabilidade, culturas complexas que organizam a vida social de comunidades inteiras e denunciam a exclusão social, o racismo, as desigualdades. Ambos enfrentam um histórico quadro de menosprezo, perseguições e associações ao que é “ruim” – percepção que aproxima tais redes culturais a Exu, a mais perseguida das entidades afro-brasileiras. A roupa da musa exalta as culturas das periferias, dos guetos e das favelas, expressando a ideia de que Exu mora na musicalidade e em toda forma de arte produzida nesses espaços – vida que pulsa e respira, desafia a moral vigente e tira o sono dos preconceituosos.</p>	<p>Destaque de Chão / Musa</p>	<p>Pocah</p>
25	<p>O Barroco Exusíaco de Sinhá Olímpia</p> 	<p>“Sinhá Olímpia, quem é você?” A pergunta que abria o samba cantado pela Estação Primeira de Mangueira, em 1990, abre o último setor do nosso desfile, dedicado à celebração de pessoas que, excluídas de um modelo opressor e desigual de sociedade, buscaram formas de se inscrever no mundo enquanto narradores, artistas e pensadores cujas visões desafiam as certezas e propõem recriações. As personagens selecionadas têm em comum os diálogos estabelecidos com Exu, o fato de terem sido consideradas “loucas” (termo que sequer é mais utilizado pela psiquiatria) e a ligação que estabeleceram com o “lixo” (outra palavra bastante problematizável).</p>	<p>Comunidade (1988)</p>	<p>Direção de Carnaval</p>

FICHA TÉCNICA

Fantásias

Criador(es) das Fantásias (Figurinistas)

Gabriel Haddad e Leonardo Bora

DADOS SOBRE AS FANTÁSIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
25	<p>O Barroco Exusíaco de Sinhá Olímpia (Continuação)</p> 	<p>Estes criadores buscaram em materiais rejeitados ou “descartados” (entendidos como “lixo”, a partir dos olhos excludentes e competitivos do “capitalismo selvagem”) a matéria para a construção de obras de arte, figurinos, narrativas escritas ou faladas, carregando junto de si, andarilhos e profetas, os signos transformados de um mundo em ruínas. Essas mesmas pessoas, segundo os julgamentos normatizadores que naturalizam a exclusão e condenam a “loucura”, eram consideradas dignas das “lixadeiras”: as esquinas e marquises das cidades, os manicômios.</p> <p>Pois agora, ampliando a dimensão das palavras da antropóloga Lélia Gonzalez, “o lixo vai falar, e numa boa!” É fato que há uma estreita relação entre Exu e as ideias de “loucura” e de “lixo”. A “linha do lixo”, nas macumbas, reúne Exus Catiços associados a farrapos, trapos, dejetos – a simbologia de entidades que expressam arquétipos de marginalização social. Diante disso, surge a indagação: afinal, de que “lixo” estamos falando? Quem começa a responder a essas e outras perguntas é Sinhá Olímpia, nascida Olympia Angélica de Almeida Cotta, em 1889. Contam que, depois de muito sofrer com a impossibilidade de viver uma grande paixão, ela passou a vagar pelas ruas de Ouro Preto, recitando poemas, inventando canções e vestindo roupas extravagantes, saias, vestidos, chapéus floridos, rendas, cajados com muitos adereços.</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Gabriel Haddad e Leonardo Bora				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
25	O Barroco Exusíaco de Sinhá Olímpia (Continuação) 	<p>Aos transeuntes, pedia dinheiro e goles de cachaça; em troca, oferecia conselhos, informações e contava histórias fantásticas, como a amizade com Chica da Silva, Laroyê!, e os amores com reis e imperadores distantes. Algumas vertentes da tradição oral da cultura mineira caracterizam Sinhá Olímpia como uma “pombagira barroca”, dada a semelhança com as histórias de amores não correspondidos ligadas a entidades do Povo da Rua. Há quem diga, também, que Sinhá Olímpia, que influenciou o movimento hippie brasileiro e fascinou cantores e poetas, se tornou ela mesma uma entidade - e baixa, gloriosa, em giras de Exu de terreiros mineiros. E pede, é claro, moedas e cachaça – porque ninguém dá conselhos de graça!</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Gabriel Haddad e Leonardo Bora

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
26	<p>Exu Coroado por Bispo do Rosário</p> 	<p>Arthur Bispo do Rosário nasceu na cidade de Japarutuba, em Sergipe, na primeira década do século XX. Depois de costear o Brasil como marinheiro e de lutar em ringues como pugilista, foi diagnosticado, no Rio de Janeiro, como “esquizofrênico-paranoide”. Isso se deu após uma revelação mística que o levou a peregrinar por diferentes santuários da cidade, na véspera do Natal de 1938, sendo detido no Mosteiro de São Bento. Condenado à prisão na Colônia Juliano Moreira, situada na região da Taquara, na cidade do Rio de Janeiro, Bispo passou quase 50 anos entregue à missão de inventariar o mundo para entregar ao Criador, no dia do Juízo, uma réplica de tudo o que existe – base para a recriação do planeta, um lugar sem desigualdades.</p> <p>As obras confeccionadas no contexto manicomial, utilizando materiais de uso cotidiano (como canecas, pentes, copos, talheres, latas) e objetos coletados nas lixeiras, expressam uma reflexão profunda sobre o mundo contemporâneo. No meio da vastidão de peças produzidas, destacam-se aquelas dedicadas a Exu, divindade a quem foram ofertados capas, coroas e objetos aglutinados na instalação “Macumba” - coletados em despachos deixados nos domínios da Colônia. Como sugeriu a escritora Conceição Evaristo, em conversa realizada no barracão da Grande Rio, em 2020, uma obra como “Capa de Exu”, por exemplo, expressa a busca pela própria ancestralidade.</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas) Gabriel Haddad e Leonardo Bora				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
26	<p>Exu Coroado por Bispo do Rosário (Continuação)</p> 	<p>Ao confeccionar uma Coroa vermelha para o “Orixá mensageiro”, Bispo não apenas narra sobre a sua biografia negra, mas refletia, diretamente, sobre o espaço das religiões afro-brasileiras no imaginário das artes e culturas brasileiras - algo debatido na exposição “Quilombo do Rosário”, sob curadoria de Roberto Conduru, que exibiu uma obra rara e bastante frágil: um mapa da África desenhado a grafite.</p> <p>Ao evocar, em alguns de seus trabalhos, a energia exusíaca, Bispo do Rosário se colocava em permanente movimento criativo, acionando universos sincréticos e desafiando o olhar de quem automaticamente o associava a um imaginário católico. Exu, ponte entre o humano e o divino, se vê representado na fantasia da ala, reconectando Bispo, espírito livre, à ancestralidade do samba.</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval
*	<p>“Não é de Brincadeira...”</p> 	<p>“Lá vem ela caminhando pela rua!” São incontáveis os Exus e Pombagiras que trabalham na “linha do lixo”, o que muito revela da plasticidade e inventividade das umbandas e macumbas cariocas. A musa, em meio a alas que saúdam pessoas que podem, por que não?, terem se tornado entidades, exalta a força das mulheres que baixam nas “giras da lixeira”, como Dona Sete Cacos, Maria Farrapo, Padilha Andarilha e ela, a mais famosa: Maria Mulambo, que nunca foi de brincadeira!</p>	Destaque de Chão / Musa	Mônica Carvalho

FICHA TÉCNICA**Fantasia****Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)**

Gabriel Haddad e Leonardo Bora

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
27	<p>O Bailado de Jardelina com Exu</p> 	<p>Assim como o sergipano Arthur Bispo do Rosário transitava entre o imaginário católico e os padês arriados na Colônia Juliano Moreira, Jardelina da Silva, também nascida no Sergipe, narrava histórias fantásticas que misturavam Deus, Jesus Cristo, Nossa Senhora, Pedro Álvares Cabral, Virgulino Lampião e Exu – colcha de retalhos ao estilo da literatura de cordel, tipicamente brasileira. Considerada uma “performer”, produzia arte entre a “loucura” e profundas reflexões sobre religiosidade e o futuro do mundo, algo mostrado no documentário “Jardelina da Silva, eu mesma”, de Cristiane Mesquita. Jarda, como era popularmente conhecida, desenvolveu, segundo matéria da revista Marie Claire intitulada “A guardiã do mundo” (uma das poucas reportagens dedicadas a ela em vida, diga-se), criou “um trabalho que só tem paralelo com o do artista brasileiro Bispo do Rosário, que foi aclamado pela crítica e expôs na Bienal de Veneza depois de passar 50 anos num manicômio”. Lavradora e costureira, com uma vida marcada por migrações (passou a morar no Paraná) e tragédias, contava que aprendeu a costurar desenvolvendo vestidos para bonecas. A paixão pelas agulhas a levou a criar peças maiores, para serem vestidas por ela mesma. As roupas traduziam parte de sua reflexão sobre o mundo e o estado de falência da sociedade contemporânea.</p>	Comunidade (Coreografada) (1988)	Caroline e Ananda

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Gabriel Haddad e Leonardo Bora				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
27	O Bailado de Jardelina com Exu (Continuação) 	<p>Nas palavras dela, que se dizia uma vidente, “tá tudo escrito lá. Essas letras tudo. Eu entro no retrato e assino o mundo. (...) Mas tudo que eu falo é o planeta.” Ela também dizia gostar de “cores alvoroçadas” e se enxergava como cigana, outra conexão com a energia de Exu: “Mamãe e eu nos criamos na Igreja católica. (...) Ela falava que na prova do fim do mundo quem ia ganhar era a cigana. Dizia: ‘A cigana usa batom e tudo quanto é pintura. Ela nunca larga a moda dela, nem acompanha a moda de ninguém’. Eu nem sabia que essa cigana era eu.”</p> <p>A potência criativa do discurso de Jarda, vestida em cores vivas e repleta de adereços brilhosos, flores e brinquedos, levou a atriz Camila Fontes a criar o espetáculo “Sobre letras e gritos para salvar mundo”. Jardelina dizia viver uma relação intensa com Exus e Pombagiras, como não poderia deixar de ser! No documentário de Cristiane Mesquita é possível vê-la com uma capa vermelha adornada com pontos de umbanda, inspiração para a fantasia da ala, que reúne um acúmulo de objetos multicoloridos que ilustram o imaginário dessa personagem tão especial. Para “lidar com Exu”, Jarda misturava roupas masculinas e femininas: “Quando o Exu é macho eu pinto o bigode.” No desfile da Grande Rio, imaginamos um poético bailado entre a “Guardiã do planeta” e o “Mensageiro dos deuses”, bailado que, acima de tudo, questiona: qual é o limite da razão humana?</p>	Comunidade (Coreografada) (1988)	Caroline e Ananda

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Gabriel Haddad e Leonardo Bora

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
28	<p>Stela do Patrocínio e a Poética das Encruzilhadas</p> 	<p>“Lugar de corpo é no corpo.” (...) “E como malandra como marginal como malandra na malandragem.” (...) “Nos gases eu me formei, eu tomei cor.” No final dos anos 1980, a artista Carla Guagliardi gravou, em fitas cassete, na mesma Colônia Juliano Moreira que testemunhou a reconstrução do mundo através das mãos de Bispo do Rosário, os “falatórios” de uma mulher negra, pobre e considerada “louca”: Stela do Patrocínio. Em 2001, a poeta, filósofa e psicanalista Viviane Mosé publicou um conjunto dessas falas no livro “Reino dos bichos e dos animais é o meu nome”, obra que inseriu Stela do Patrocínio no cenário literário brasileiro e contribuiu sobremaneira para a luta antimanicomial.</p> <p>Com uma vida marcada por informações conflitantes, o que se sabe é que Stela, ainda muito jovem, foi diagnosticada esquizofrênica e levada ao manicômio, onde viveu até o fim da vida terrena. A pesquisadora Sara Ramos defende a ideia, apresentada em uma recente roda de conversa sobre a poética de Stela do Patrocínio (Podcast “Na encruzilhada com Stela do Patrocínio”), que os falatórios estão inseridos em uma tradição afro-diaspórica brasileira: “uma temática muito presente nas palavras de Stela é a mobilização da rua, e a rua é esse lugar da circulação, é o lugar da comunicação, é o lugar onde Exu reina, e é ele o dono do comunicar, do caminhar.”</p>	Adolescentes / Comunidade (1988)	Daniela, Roberta e Gesmar

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Gabriel Haddad e Leonardo Bora				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
28	<p>Stela do Patrocínio e a Poética das Encruzilhadas (Continuação)</p> 	<p>É por isso que os textos de Stela podem ser considerados representativos de uma “poética das encruzilhadas”, na linha (tortuosa) da visão exusíaca de mundo. Além dos falatórios, como narra Mosé na introdução de “Reino dos bichos”, Stela, variante latina de “Estrela” (simbolicamente traduzida na forma de um cata-vento), “escreveu de seu próprio punho algumas coisas. Ela gostava de escrever em papelão.” É por isso que a fantasia da Ala dos Adolescentes da Grande Rio é parcialmente confeccionada com papelão, material sobre o qual são pintadas palavras e expressões que nos ajudam a compreender o tão profundo universo temático dessa filósofa e poeta ainda pouco conhecida pelo grande público. Como se pudessem voar nas asas de cavalos alados, os jovens componentes da tricolor de Caxias guardam as chaves dos novos tempos e trazem nos olhos o desejo de abrir as janelas e as portas de um mundo mais inclusivo, diverso, plural. Exusíaco e humano, feito o texto da homenageada: “O futuro eu queria / Ser feliz / E encontrar a felicidade sempre / E não perder nunca o gosto de estar gostando.”</p>	Adolescentes / Comunidade (1988)	Daniela, Roberta e Gesmar

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Gabriel Haddad e Leonardo Bora

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
29	<p>Estamira: “E Antes de Eu Nascer, Eu já Sabia Disso Tudo”</p>  <p><i>Obs.: 2 figurinos, com variações</i></p>	<p>“Os além dos além é um transbordo. Tem o eterno, tem o infinito, tem o além dos além. O além dos além vocês ainda não viram. Se eu sou a beira do mundo... Entendeu agora? Quer me desafiar? Você quer saber? Cada pessoa é um astro!” Dos nomes escolhidos para a composição do final do desfile da Grande Rio, certamente o mais conectado à memória coletiva da cidade de Duque de Caxias é o de Estamira Gomes de Sousa, imortalizada “Estamira” após o lançamento de um documentário homônimo e de um livro intitulado “Jardim Gramacho”, ambos de autoria de Marcos Prado.</p> <p>Estamira foi uma catadora de materiais recicláveis no lixão de Gramacho, o maior da América Latina, fechado em 2012. Em meio a um cenário distópico, com montanhas de resíduos sólidos e restos de matéria orgânica, ela elaborou reflexões extremamente densas acerca da vida humana, do universo, das religiões e das ideias de “lixo” e “loucura”. Crítica feroz da sociedade que se via refletida nas montanhas de Gramacho (uma sociedade marcada pelo consumo desenfreado, pelo desprezo para com os mais necessitados, pelos carregos das violências coloniais e pelo excesso de mentiras e individualismos), Estamira chama a atenção, em certa passagem do documentário de Marcos Prado, ao empunhar um aparelho telefônico descartado (considerado quebrado ou inútil) e evocar Exu: “- Câmbio, Exu! Fala, Majeté, fala!”</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)				
Gabriel Haddad e Leonardo Bora				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
29	<p>Estamira: “E Antes de Eu Nascer, Eu já Sabia Disso Tudo” (Continuação)</p>  <p><i>Obs.: 2 figurinos, com variações</i></p>	<p>O breve trecho revela a possibilidade de se buscar conexões com o sagrado ancestral em um espaço marcado pela destruição. Na visão poética do enredo, Exu está em todos os lugares e precede toda criação; as coisas possuem alma e podem instalar conexões com outros planos e outras cosmogonias. Não se trata, em absoluto, de romantizar ou relativizar a miséria.</p> <p>O que o enredo propõe, a partir das provocações de Estamira, é que escutemos vozes historicamente silenciadas, invisibilizadas, apagadas, consideradas “inaptas”. Em consonância com esse pensamento ético e poético (por que não profético?), as fantasias da ala não buscam estereótipos de catadores nem se utilizam de “lixo” num sentido literal, essencialista. Inspiradas nos “Astronautas refugiados” ou “Afronautas” de Yinka Shonibare e nas “Armaduras Metafóricas” de Nick Cave, nomes importantes da arte contemporânea global, as fantasias, intencionalmente diferentes umas das outras, expressam visões de andarilhos e carregadores/catadores siderais, entes que nos guiam à visão de Exu enquanto mediador, caminhante, dono das bordas e das encruzilhadas terrenas, viajante das aspirais cósmicas, entre planetas, cometas, estrelas, galáxias. Ao olhar para o cosmo, Estamira projeta a sua voz ao infinito.</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Gabriel Haddad e Leonardo Bora

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
29	<p>Estamira: “E Antes de Eu Nascer, Eu já Sabia Disso Tudo” (Continuação)</p>  <p><i>Obs.: 2 figurinos, com variações</i></p>	<p>As vestes foram confeccionadas em oficinas coletivas oferecidas graças a uma parceria entre instituições de ensino (EBA-UFRJ, IFRJ e PUC-Rio), utilizando-se, para isso, de sobras de materiais de outros processos carnavalescos (com destaque para os materiais utilizados no carro abre-alas de 2020 – início e fim, eterno retorno) e, principalmente, as sobras do processo carnavalesco de “Fala, Majeté!”. Também foram utilizados materiais adquiridos a partir de uma parceria com a Associação de Catadores de Jardim Gramacho, na figura de Tião Santos, um dos protagonistas do documentário “Lixo Extraordinário”, filmado no antigo lixão. Tião conheceu Estamira e redigiu um sensível texto em homenagem a ela, a “feiticeira” de Gramacho cuja “religião formal”, aqui, não importa. Os materiais oriundos das cooperativas caxienses foram transformados em formas abstratas, motor de trocas e intercâmbios que dinamizaram o barracão da Grande Rio e integraram ainda mais a comunidade e o enredo. Estamira dizia que “a criação toda é abstrata. O espaço inteiro é abstrato”. Na visão abstrata do enredo, somos todos poeira de estrelas: ouçamos as vozes dos astros, ouçamos as lições de Exu.</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas) Gabriel Haddad e Leonardo Bora				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p>“Eu Escuto os Astros...”</p> 	<p>Quando falava em “escutar os astros”, Estamira parecia direcionar os olhos dos seus interlocutores para o fato de que a racionalidade ocidental não é capaz de compreender todos os mistérios da existência. A fantasia da musa é uma livre interpretação para a busca dessa visão universal, ampla, em busca de outras cosmogonias – aquelas que nos levam a Exu enquanto personificação do infinito, caminhando pelo espaço cósmico.</p>	<p>Destaque de Chão / Musa</p>	<p>Thainá Oliveira</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Local do Atelier Rua Rivadávia Corrêa, nº. 60 – Barracão nº. 04 – Gamboa – Rio de Janeiro – Cidade do Samba	
Diretor Responsável pelo Atelier Bruno César, Nete, Sheila, Camila, Marta, Carol, Mauro, Vanessa, Nilza, Paulo César, Rafael, Sônia, Marcelo Almeida, Wellington, Equipe EBA - UFRJ	
Costureiro(a) Chefe de Equipe Bruno César, Sheila Martorelli e Nete Cândido	Chapeleiro(a) Chefe de Equipe Bruno César, Nete, Sheila, Camila, Marta, Carol, Mauro, Vanessa, Nilza, Paulo César, Rafael, Sônia, Marcelo Almeida, Wellington
Aderecista Chefe de Equipe Bruno César, Nete, Sheila, Camila, Marta, Carol, Mauro, Vanessa, Nilza, Paulo César, Rafael, Sônia, Marcelo Almeida, Wellington	Sapateiro(a) Chefe de Equipe José Francisco
Outros Profissionais e Respectivas Funções	
Antônio Gonzaga e Patryck Thomaz	- Assistentes dos Carnavalescos
Gilmar Moreira e Rafael Vieira	- Pintura de Arte
Vaninha, Douglas e João	- Compras e Almoxarifado
Matheus	- Placas de Acetato/EVA
Orlando	- Espuma
Bruno Negromonte e Vitor Negromonte	- Vime
Almir e Dil	- Arames
Outras informações julgadas necessárias	
Outros aderecistas que merecem destaque na criação do Carnaval da Grande Rio: Thuane Araújo, Alan Lions, Ed Moreno, Marcelo Oliveira, Lucas Matheus, Leandra Belmiro e Cristina.	

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Autor(es) do Samba-Enredo		
Gustavo Clarão, Arlindinho Cruz, Jr. Fragga, Claudio Mattos, Thiago Meiners e Igor Leal		
Presidente da Ala dos Compositores		
Licinho Junior		
Total de Componentes da Ala dos Compositores	Compositor mais Idoso (Nome e Idade)	Compositor mais Jovem (Nome e Idade)
70 (setenta)	Gê Martins - 81 anos	Thiago Meiners - 29 anos
Outras informações julgadas necessárias		
<p>Boa noite, moça; boa noite moço... Aqui na Terra é o nosso templo de fé, “Fala, Majeté!” Faísca da cabaça de Igbá Na gira... Bombogira, Aluvaí! Num mar de dendê... Caboclo, andarilho, mensageiro Das mãos que riscam pemba no terreiro Renasce Palmares, Zumbi Agbá! Exu! O Ifá nas entrelinhas dos odus Preceitos, fundamentos, Olobé Prepara o padê pro meu axé</p> <p>Exu Caveira, Sete Saias, Catacumba É no toque da macumba, saravá, alafiá! Seu Zé, malandro da encruzilhada Padilha da saia rodada... Ê mojubá!</p> <p>Sou Capa Preta, Tiriri, sou Tranca-Rua Amei o Sol, amei a Lua, Marabô, alafiá! Eu sou do carteadado e da quebrada Sou do fogo e gargalhada... Ê mojuba!</p> <p>Ô luar, ô luar... Catiço reinando na segunda-feira Ô luar... Dobra o surdo de terceira Pra saudar os guardiões da favela Eu sou da Lira e meu bloco é Sentinela Laroyê, laroyê, laroyê! É poesia na escola e no sertão A voz do povo, profeta das ruas Tantas Estamiras desse chão Laroyê, laroyê, laroyê! As sete chaves vêm abrir meu caminhar À meia-noite ou no sol do alvorecer... pra confirmar</p> <p>Adakê Exu, Exu, ê Odará! Ê Bara ô, Elegbará! Lá na encruza, a esperança acendeu Firmei o ponto, Grande Rio sou eu!</p> <p>Adakê Exu, Exu, ê Odará! Ê Bara ô, Elegbará! Lá na encruza, onde a flor nasceu raiz Eu levo fé nesse povo que diz:</p>		

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

DEFESA DO SAMBA-ENREDO

Abrindo os caminhos para o dono das encruzilhadas passar, a Grande Rio traz para a Avenida o enredo “Fala Majeté! Sete chaves de Exu”; e apresenta uma samba em forma de movimento constante, circular, o que se mostra condizente com o enredo – ora, Exu é movimento e circularidade! Trata-se de um enredo que mistura o sagrado e o profano: cantar a fé que une o povo de axé a essa entidade tão próxima da vida humana é ter de traduzir em versos o incompreensível. É ter de recorrer a todas as rezas, rituais e forças, no intuito de alcançar as potências de Exu. Trata-se de uma obra interpretativa, subjetiva, sem o compromisso formal de descrever exatamente tudo o que a sinopse narra. Uma obra que muito dialoga com a sonoridade e a estrutura de pontos de macumba, que foi construída em primeira pessoa para mexer com os brios do povo de Caxias, uma gente aguerrida que, sonhando acordada, se agarra às manifestações culturais ligadas à simbologia dessa divindade tão complexa para brigar pelo seu primeiro título de campeã do carnaval.

LETRA

*- Boa noite, moça; boa noite, moço...
Aqui na Terra é o nosso templo de fé,
“Fala, Majeté!”*

“**Boa noite, moça; Boa noite, moço!**” É dessa forma que as entidades conhecidas como Exus Catiços costumam saudar quando, por meio da incorporação, chegam à **Terra, seu templo de fé**. Os Exus Catiços, ligados à umbanda e às macumbas cariocas, são entidades múltiplas que trabalham na caridade, abrindo os caminhos e ajudando na evolução de quem os procura. Exu detém o princípio da comunicação, é o mensageiro que recebeu a missão de estabelecer ligações entre os seres humanos e o plano divino. A inserção da expressão que dá título ao enredo da escola reforça a relação entre os planos material e espiritual, evocando a figura de Estamira, personagem cuja visão ajuda a costurar a narrativa de nosso enredo. Em uma das cenas do documentário (dirigido por Marcos Prado) que leva o seu nome, Estamira, uma catadora de materiais recicláveis do antigo lixão de Jardim Gramacho, em Duque de Caxias, se comunica com Exu. Por meio de um telefone, ela fala: “Câmbio, Exu. **Fala, Majeté!**” A simbologia da imagem é forte, pois retrata uma representante de uma camada excluída da sociedade que, em nosso desfile e samba, ganha voz e traz à tona saberes que desafiam a nossa compreensão. “Majeté” é uma expressão misteriosa utilizada por Estamira; trata-se de uma palavra desconhecida na língua portuguesa, o que aumenta o encanto e o mistério. Em francês arcaico, registra-se como “majestade”, uma possível variação. Em algumas variantes do espanhol, como “menino”. Nas línguas africanas nianja e chichewa, significa “girassol”. Isso nos faz refletir sobre fatos, ligações e saberes que vão além do que a racionalidade nos permite alcançar.

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

Faísca da cabaça de Igbá

Na gira... Bombogira, Aluvaiá!

Na tradição Yoruba/Nagô, o Igbá é um assentamento de Orixá no plano físico terreno, podendo ser materializado em uma cabaça. Pode também representar, dividido em duas partes, o sagrado feminino (Odudua) e o sagrado masculino (Obatalá). Durante o processo de criação do mundo, nas cosmogonias africanas, Exu teve papel primordial, agindo para que o trabalho de criação fosse concluído com êxito. É neste recipiente sagrado, uma cabaça, que ficam guardados os segredos da existência. Exu é quem comanda o movimento e aponta os caminhos – a centelha, a faísca inicial das criações, a origem dos movimentos. Além disso, segundo Luiz Antônio Simas, Igbá Ketá é um título que expressa um dos dezesseis grandes atributos de Exu: o Senhor da Terceira Cabaça. Já "Bombogira" e "Aluvaiá" são dois Nkisis da cosmogonia bantu/angolana (similares aos Orixás na cultura Yorubá/Nagô). O primeiro termo representa a derivação de Mpambu Njila (Bombogira), a divindade responsável pelos caminhos; a segunda expressão evoca a comunicação e a proteção das comunidades. Os dois se associam, portanto, à energia de Exu. A união desses dois versos, trazendo diferentes cosmogonias de povos africanos, nos remete à abertura de nosso desfile, quando serão apresentadas representações que não se prendem a apenas uma interpretação de Exu, mas misturam ideias sobre essa potente energia.

Num mar de dendê... Caboclo, andarilho, mensageiro

Das mãos que riscam pomba no terreiro

Renasce Palmares, Zumbi Agbá!

Inspirados em reflexões de artistas e pensadores como Ayrson Heráclito, Rosana Paulino, Paul Gilroy e Alberto da Costa e Silva, enxergamos o Oceano Atlântico não apenas como um local de dores e transporte de escravizados. A partir dele, esses agentes históricos assumiram, também, o protagonismo na formação de uma cultura afro-brasileira baseada na reinvenção, na luta e no tempo dinâmico de Exu. A ideia do oceano como um grande mar de dendê (óleo de palma utilizado em diversas oferendas dos rituais sagrados, símbolo de calor e energia vital) nos possibilita pensá-lo, como afirmam Rufino e Simas, enquanto “gigantesca encruzilhada”: terreiro onde se riscam pontos, cruzam-se destinos e são redefinidos laços de sociabilidade em torno do axé plantado em África – fluxos e refluxos. Segundo Luiz Antônio Simas, não existe candomblé sem azeite de dendê. Com ele se prepara o padê de Exu, a comida de santo, se lustram ferramentas de orixás e se amaciam os couros dos tambores. É a partir dessa reconstrução que imaginamos a vinda de Exu ao Brasil, guerreira e vigorosa, como nas obras esculpidas pelos mestres Zé Alves, Alentícia Ribeiro e Nhô Caboclo. A energia de Exu jamais se deixou aprisionar! Ele é o dono dos caminhos, o movimento, **andarilho e mensageiro** que transita entre o mundo espiritual e o mundo material. No Brasil, Exu baila com os saberes ameríndios e se faz “caboclo”, tornando-se uma das grandes referências para a compreensão de nossa formação cultural e religiosa afro-diaspórica. Entendemos que o axé circulante no Brasil alimentou a luta de escravizados e quilombolas em defesa da liberdade, daí a construção do seguinte verso:

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

“Das mãos que riscam pomba no terreiro / Renasce Palmares / Zumbi Agbá”. A pomba é um instrumento das religiões de matrizes africanas, espécie de giz, que as entidades utilizam quando "chegam" ou "baixam" nos terreiros, durante os ritos sagrados. Com a pomba nas mãos, as entidades se apresentam, identificando-se por meio de pontos riscados – no chão ou em tabuletas. Tais desenhos entrelaçam simbologias e histórias. A menção a Palmares expressa a ideia de que Exu sintetiza o espírito de luta e resistência quilombola – e para isso nos valem da interpretação que a escritora Conceição Evaristo faz do conto “A Cabeça de Zumbi”, de Alberto Mussa. Segundo Conceição, Zumbi se assemelha a Exu, “o princípio da individualidade, do movimento, da dinamicidade e das trocas”. Vencendo a morte, afirma o narrador do conto, Zumbi dilui “a sua própria individualidade, disseminando-se como ente coletivo”. Zumbi dos Palmares, um dos mais importantes ícones dos movimentos negros contemporâneos do Brasil, condensa subversão e força – energia que se transmuta e desafia o pensamento colonial. Pairava a certeza de que Zumbi lutava em muitos lugares ao mesmo tempo, corpo coletivo, ideia que vence a morte – e que, na visão poética do samba, renasce triunfante toda vez que um ponto é riscado. Por isso, Zumbi é citado como “**Zumbi Agbá**”, título pelo qual é conhecido como o Exu da ancestralidade.

*Exu Caveira, Sete Saias, Catacumba
É no toque da macumba, saravá, alafιά!
Seu Zé, malandro da encruzilhada
Padilha da saia rodada... Ê mojubá!*

*Sou Capa Preta, Tiriri, sou Tranca-Rua
Amei o Sol, amei a Lua, Marabô, alafιά!
Eu sou do carteadado e da quebrada
Sou do fogo e gargalhada... Ê mojubá!*

O refrão imagina uma “gira de Exus” na Avenida, por isso exalta o “toque da macumba” e exclama “Saravá!” (um Salve!) e “Alafιά!” (a confirmação). Entende-se que as entidades que formam o chamado “Povo da Rua” (expressão muito popular entre os praticantes das religiões de matrizes afro-brasileiras) são espíritos de luz que tem por missão ajudar e proteger, dando orientações e conselhos em forma de consultas. Como já foi dito, foi preciso selecionar algumas dessas entidades para a construção de um altar ou panteão no “falso refrão de meio” da nossa obra. Citamos, assim, os seguintes Exus:

Exu Caveira: representa o grupo de espíritos da chamada “Calunga pequena” (cemitério – daí a ideia de “Linha do cemitério”), entidades que trabalham com a missão de encaminhar as almas perdidas para os seus caminhos corretos. Como estão lidando diretamente com a morte, são representados como caveiras e geralmente usam capas.

Pombagira **Sete Saias:** popular entidade, muito cultuada em diferentes linhas da umbanda e das macumbarias, podendo ser associada a universos temáticos distintos. Destaca-se, no enredo, a ligação com os povos ciganos e a magia que se manifesta nas cores que compõem as saias utilizadas por essas entidades sempre exuberantes.

Exu Sete **Catacumbas** ou **Pombagira da Catacumba:** entidades ligadas ao Povo da Calunga Pequena, que também agem na linha dos cemitérios. Exu Sete **Catacumbas** é uma entidade muito aguerrida, protetora e sábia, auxiliando nos trabalhos dos terreiros.

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

Seu Zé Pelintra: um dos mais cultuados Exus, transita pelas macumbas, pelas umbandas, pelos cultos da Jurema sagrada. Sintetiza um modo de ser e viver e às vezes se confunde com o que se entende por “espírito carioca” ou “espírito da malandragem”. Contam que no pé da juremeira, árvore sagrada, firmou seu ponto e fincou sua raiz. Seu Zé, boêmio, é um **malandro das encruzilhadas**, descendo o morro vestindo paletó de linho branco, chapéu panamá e sapato de bico fino, sambando e gingando no asfalto. Rei das ruas e das madrugadas!

Maria Padilha: talvez a mais cultuada das representações femininas de Exu. São muitas as variações de Padilhas e infinito o número de histórias que tentam explicar o seu passado. Com fama de feiticeira, o seu charme e os seus encantos chamam a atenção de homens e mulheres, espalhando conselhos de vida e de amor.

Capa Preta: Exu ligado à escuridão, ao mistério e à noite. Protetor dos caminhantes e trabalhadores das madrugadas.

Tiriri: Entidade geralmente associada às ideias de justiça e ordem – um Exu que valoriza a honradez das relações humanas.

Tranca-Rua: Possivelmente, aquele que é considerado o líder do “Povo da Rua”, muito cultuado em todo o Brasil e não raro associado a Maria Padilha. Tem o poder de ajudar a vencer os obstáculos para conquistar objetivos. Protege as ruas e as encruzilhadas, manifestando-se quando alguém se mostra em perigo ou solicita ajuda. Guarda as chaves dos destinos de quem a ele se mostra fiel. O trecho “**Amei o Sol, amei a Lua**” faz referência a uma passagem do mais conhecido ponto em homenagem a ele.

Marabô; dizem que é um Exu mais voltado aos negócios, dinheiro e trabalho, a quem se recorre para a confirmação (alafιά!) de um empreendimento de sucesso – assim esperamos que seja o nosso carnaval!

O “falso refrão” ainda evoca elementos que ajudam a ilustrar o universo associado a esses Exus: “carteado” e “quebrada” são expressões que nos levam aos jogos e cassinos e às esquinas e ruas das cidades, becos e vielas por onde Exu transita, nas noites e madrugadas. Exu é associado ao fogo (das fogueiras dos povos ciganos ao “fogo” das cachaças, uma entidade “quente”, que é alimentada pelo dendê e samba nas labaredas) e às gargalhadas, o riso despudorado. Há quem diga que as gargalhadas do Povo da Rua podem ser consideradas um mantra, uma ferramenta de trabalho que serve para purificar a alma.

Ao final dos dois trechos que compõem o “falso refrão”, exaltamos: “**Ê Mojuba!**” Uma das possíveis traduções para essa saudação é: “Apresento o meu humilde respeito”. Trata-se de uma louvação que expressa o respeito e o reconhecimento da grandeza e magnitude da energia de Exu. **Ê Mojuba!** Salve Exu!

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

Ô luar, ô luar... Catiço reinando na segunda-feira

Ô luar... Dobra o surdo de terceira

Pra saudar os guardiões da favela

Eu sou da Lira e meu bloco é sentinela

“Ô Luar, Ô Luar” é um trecho de um conhecido (com variações, a depender do lugar) ponto entoado para o Exu Tranca Rua, que diz: “Ô Luar, Ô Luar / Ele é o Dono da Rua / Quem cometeu as suas faltas há de me pagar / Peça perdão a Tranca Rua”. Essa parte do samba também faz referência ao antológico samba de enredo que o GRES Acadêmicos do Grande Rio apresentou no carnaval de 1993, quando o enredo “No Mundo da Lua”, desenvolvido pelo carnavalesco Alexandre Louzada, permitiu a presente de um ponto de Umbanda. O refrão de meio daquela obra, produto de uma junção de 3 sambas concorrentes (operação realizada pelo saudoso diretor de carnaval Laíla), cantava: “Ô Luar, Ô Luar / Vem pratear a nossa rua / A semente da fartura semear / Virar o mundo de bumbum pra Lua”. Trata-se, portanto, de uma homenagem à memória da própria escola. Cada orixá possui um dia da semana correspondente, o que também pode variar, a depender da localidade do Brasil. Às segundas-feiras são direcionadas às louvações de Exu, daí à menção nesse mesmo trecho. Os Exus Catiços são louvados nas segundas-feiras, daí o verso: “Catiço reinando na segunda-feira”.

O mesmo trecho engloba o setor do desfile que irá saudar as facetas festivas de Exu, entidade presente em folias de rua, folguedos populares e, logicamente, nos tantos carnavais existentes no Brasil. Luiz Antonio Simas defende a ideia que o **surdo de terceira**, cuja criação é atribuída a Tião Miquimba, é uma manifestação de Exu, posto que “é exatamente aquele que, mais agudo que os outros dois, preenche o vazio que existe entre as marcações. (...) Ocupa por isso mesmo o papel de Exu na cosmogonia iorubá, de Aluvaiá entre os congos e de Legba entre os fons: ele brinca com o que é previsível, desnorteia, faz o inusitado.

Com essa referência, são saudadas, em um mesmo “bloco temático”, as escolas de samba e as demais manifestações que ocupam as ruas cariocas, símbolos culturais cujos agentes, ritmistas, bate-bolas, passistas, todos pedem proteção e saúdam os “**guardiões da favela**”. Guardiões de saberes, tradições, vivências que circulam pelos morros e pelas periferias, evocando as potências de Exu, Senhor da Felicidade. “**Eu sou da Lira e o meu bloco é sentinela**” é um verso que coroa essa vocação festiva, não apenas se referindo a uma famosa marcha de carnaval, composta por Chiquinha Gonzaga, mas à memória do bloco comandado por Seu Sete Rei da Lira, o Exu que incorporava na médium Cacilda de Assis. Ela recebia esse Exu, que é associado ao amor, à música, ao carnaval e à bebida, em um terreiro que se tornou famoso, em Santíssimo. Os pontos eram tocados em ritmo de samba, ao som de tambores, pandeiros, chocalhos, cavaquinho e acordeão. Seu Sete baixou, ao vivo, em programas de televisão como Cassino do Chacrinha, na TV Globo, e Flávio Cavalcanti, na TV Tupi. No carnaval de 1972, Seu Sete em pessoa liderou um bloco na Avenida Rio Branco, seguido por milhares de foliões. Entendemos que todos os foliões carnavalescos podem incorporar a energia de Exu, atuando, portanto, como guardiões da alegria e da diversidade.

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

Laroyê, Laroyê, Laroyê!

É poesia na escola e no sertão

A voz do povo, profeta das ruas

Tantas Estamiras desse chão

Laroyê, Laroyê, Laroyê!

As sete chaves vêm abrir meu caminhar

À meia-noite ou no sol do alvorecer... pra confirmar

Laroyê é a mais conhecida saudação a Exu, muito presente em inúmeros sambas de enredo e pontos de macumba. Uma tradução livre pode sugerir a ideia de "Salve, mensageiro". Com essa saudação emocionada, o samba parte para os setores finais do enredo, que tratam de narrativas construídas por artistas e pensadores a partir das potências de Exu. O verso "**É poesia na escola e no sertão**" sintetiza as traduções artísticas realizadas por pintores, escritores, músicos, cineastas, agentes que incorporaram Exu em seus trabalhos, caso de Elza Soares, que cantou, no álbum "Deus é Mulher", de 2018, a música "Exu nas Escolas", composta por Edgar e Kiko Dinucci. A letra diz: "Exu brasileiro / Exu nas escolas / Exu nigeriano / Exu nas escolas / E a prova do ano / É tomar de volta / A alcunha roubada / De um deus iorubano". O lançamento do álbum foi um acontecimento para o cenário musical brasileiro contemporâneo. "Exu nas escolas" se tornou um símbolo em defesa da inclusão das cosmogonias africanas e das religiões afro-ameríndias nas instituições de ensino, estratégia de combate ao racismo e de celebração da diversidade. O trecho ainda celebra as aparições poéticas de Exu em obras de escritores como João Guimarães Rosa, autor de "Grande Sertão: Veredas", romance que pode ser considerado uma manifestação exusíaca na literatura brasileira. O "Sertão" não é apenas um lugar geográfico, mas uma metáfora da nossa existência: "ser tão". As lições extraídas dessa leitura muito dizem do dinamismo de Exu e da possibilidade de transformação por meio do fazer poético.

"**A voz do povo**" é uma expressão que faz a ponte entre essas traduções/leituras de Exu no cenário artístico e as proposições poéticas de artistas e pensadores que historicamente foram excluídos da sociedade, considerados "loucos", pessoas que se comunicaram diretamente com Exu e que produziram, a partir daquilo que essa mesma sociedade excludente considera "lixo", visões de mundo e obras de arte que propõem novos caminhos para a humanidade. Pode-se dizer, dada a visão poética do enredo, que são "Exus da vida real," pessoas que passaram pela Terra há pouco tempo e que deixaram trabalhos muito potentes e desafiadores, visões poéticas e proféticas – daí O porquê de se entender que esse povo, do qual fazem parte nomes como Sinhá Olímpia, Jardelina, Bispo do Rosário e Stela do Patrocínio, é "**profeta das ruas**". O trecho destaca a personagem **Estamira**, catadora de materiais recicláveis do lixão de Jardim Gramacho, localizado em Duque de Caxias, que se comunicava com Exu por meio de um telefone abandonado. A visão profética desses atores aparece, no final do samba e do enredo, como a sétima chave para guiar a humanidade rumo a um mundo recriado, que celebra as potências de Exu. É válido lembrar que o enredo está dividido em **sete chaves**, ou seja, sete possíveis caminhos para se pensar a complexidade dessa divindade. "**À meia-noite**" faz menção à dita "hora grande", quando Exu se manifesta; a visão lírica do samba, abraçada à circularidade, propõe que Exu se faz presente durante toda a madrugada de desfiles – até o final, quando, já com o dia amanhecendo ("**o sol do alvorecer**") a escola de Caxias poderá confirmar o sucesso de mais um carnaval e, oxalá!, um título inédito.

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

Adakê Exu, Exu, ê Odará!

Ê Bara ô, Elegbará!

Lá na encruza, a esperança acendeu

Firmei o ponto, Grande Rio sou eu

Adakê Exu, Exu, ê Odará!

Ê Bara ô, Elegbará!

Lá na encruza, onde a flor nasceu raiz,

Eu levo fé nesse povo que diz:

Adakê Exu, Exu ê Odará! Salve o mensageiro! Odará é mais uma denominação do orixá, um Exu profundamente bondoso, considerado um Exu-guia, que mostra para as pessoas o caminho a ser seguido, que vai na frente, ou seja, abre os caminhos para o desfile da escola de Caxias. É aquele que guarda, segundo alguns ensinamentos, a “cabaça da alegria”. Segundo um ponto de Exu, Odará é o “morador da encruzilhada”, aquele que “firma seu ponto com sete facas cruzadas”. Um trecho completo desse ponto é citado na abertura do livro “Fogo no Mato”, de Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino: “Odará, morador da encruzilhada, / Firma seu ponto com sete facas cruzadas, / Filho de pemba pede com fé, / Ao Seu Sete Encruzilhadas que ele dá o que você quer!”

É muito importante destacar, aqui, que a pronúncia do título ou qualidade de Exu é diferente daquela utilizada para a expressão yorubana “odara”, costumeiramente utilizada para se referir a algo bonito, belo, agradável (expressão mais conhecida do grande público, posto que presente em sambas de enredo e composições da MPB). No caso do nosso refrão em homenagem a Exu, o fato da sílaba tônica ser a última (“Odará”) está correto, vide a pronúncia em outros pontos cantados, além das saudações existentes nos terreiros. Para isso, registre-se, ocorreram consultas a babalorixás e ialorixás de diferentes terreiros.

Bara e Elegbara são outros nomes dados a Exu, dadas as múltiplas cosmogonias africanas que nos ajudam a compreender a complexidade dessa divindade. **Bara** é o Exu Orixá yorubano, enquanto **Elegbara**, na tradição jeje, é o Senhor do Poder Mágico. O refrão mistura influências de diferentes vertentes, buscando uma celebração que se não se prende a apenas um panteão ou a apenas uma cosmogonia. A expressão “**Lá na encruza onde a flor nasce raiz**” menciona, novamente, a ideia de “encruzilhada”, lugar e conceito fundamentais para se compreender as muitas faces (ou chaves) de Exu. Na encruza poética do samba, a energia de Exu **acende a esperança** da transformação do mundo; a Grande Rio, por sua vez, canta que **firmou o ponto**, ou seja, se impôs (como cantava o refrão de outro famoso samba da escola, de 1996, que depois se tornou alusivo), afirmando a própria identidade, reconectada com o seu chão e com a sua gente. Nessa mesma encruza, a “**flor nasceu raiz**”, brotação incessante: o samba, assentado e bem fundamentado, rebrota na juventude, fazendo a roda da vida girar. O samba termina depositando fé na voz dessa gente que afirma o samba e a sua ancestralidade, incorporando, para isso, a energia de Exu. Cada desfilante que cantar o samba será um Exu na Marquês de Sapucaí, uma entidade viva, corpo-terreiro, evoluindo para que essa energia ancestral floresça, gerando mudanças. A escola de Caxias canta em harmonia, firma o ponto para Exu, o nosso homenageado, e **leva fé no povo que diz**: “Boa noite, moço; boa noite, moça!”

O mais interessante a ser notado é que a narrativa do samba não se fecha: trata-se de uma composição circular, cíclica, não há um encerramento. Ou seja, apresentamos um samba em constante movimento, bem pertinente para um enredo em homenagem a Exu, energia que circula livremente, abre e fecha caminhos, une o início e o fim, em permanente dinamismo.

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

MELODIA

Uma melodia quente, vibrante, mística e emocionante, capaz de tocar a alma de todo sambista: é assim que definimos a melodia do samba da Grande Rio para o Carnaval 2022. Os desenhos de linha melódica foram feitos de forma que se harmonizem com a letra e a proposta do samba, sendo desenvolvidos com a intenção de valorizar e caracterizar a letra e o contexto em que está sendo cantado um determinado trecho, buscando, para isso, um desenvolvimento equilibrado.

Apresentamos uma obra em movimento constante, circular, fazendo uma perfeita interação com o enredo, pois Exu é aquele capaz de dotar os seres de movimento! Baseados nessa premissa, criamos um samba que praticamente não tem fim, é cíclico, não há um encerramento: a última frase do refrão principal tem ligação automática com a primeira frase do samba, tanto em LETRA quanto em MELODIA. Como podemos observar nesses trechos citados abaixo:

Eu levo fé nesse povo que diz:

- Boa noite, moça; boa noite, moço...

Utilizamos no início do samba a saudação das entidades em terra - “Boa noite, Moço; Boa noite, Moça” – na mesma entonação e representada não somente na forma escrita, mas também em forma de melodia. Podemos observar essa melodia quente e vibrante claramente em diversos trechos no decorrer da obra.

Aqui na Terra é o nosso templo de fé

Em seguida, há claramente uma manutenção e sequência melódica com a entoação de uma sentença que é, ao mesmo tempo, pergunta e resposta, deixando a vibração da melodia para a resposta do povo.

“Fala, Majeté!”

O misticismo que envolve os preceitos das religiões afro-brasileiras e o sentimento que rege essas entidades são representados melodicamente no último verso da primeira parte do samba e na primeira passagem do “falso refrão de meio”. Uma melodia única que faz com que seja impossível não se envolver e sentir as vibrações da energia de Exu.

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

Prepara o padê pro meu axé

Exu Caveira, Sete Saias, Catacumba

É no toque da macumba, saravá, alafiá!

Seu Zé, malandro da encruzilhada

Padilha da saia rodada... Ê mojubá!

Sou Capa Preta, Tiriri, sou Tranca-Rua

Amei o Sol, amei a Lua, Marabô, alafiá!

Eu sou do carteadado e da quebrada

Sou do fogo e gargalhada... Ê mojubá!

O samba foi construído quase que em sua totalidade em tom menor – buscando sempre uma fluidez natural aliada ao sentimento que rege a letra e os constantes fundamentos religiosos que contextualizam o nosso enredo.

Nesse mesmo “falso refrão do meio” há uma grande variação melódica para o tom maior, concretizando um encaixe perfeito no contexto da letra. Durante o “bis” desse falso refrão há referência a um famoso ponto de Exu Tranca Rua (“Oi, me dá um pé de tamanco, Tamanqueiro”), originalmente entoado nos terreiros brasileiros em tom maior, havendo, por certo, variações de letra.

Ô luar, ô luar... Catiço reinando na segunda-feira

Ô luar... Dobra o surdo de terceira

“Ô luar, ô luar, ele é dono da rua”

“Ô luar, vem pratear a nossa rua”

Há duas referências populares para marcar o início da segunda parte do samba, trazendo na melodia o sentimento de nostalgia referente a um samba histórico da escola e a um dos pontos de Exu Tranca Rua mais conhecidos nos terreiros. Uma forma de manter a melodia do samba em seu clímax sem perder a essência e o contexto de toda a proposta do samba e do enredo. Em todo momento, a melodia segue a letra – o que está sendo cantado – para representar o enredo de forma perfeita. A fluidez e a divisão da melodia também são pontos marcantes porque conseguem transmitir toda a mensagem sem nenhuma quebra e buscando impulsionar o canto do componente.

Laroyê, Laroyê, Laroyê!

Laroyê: utilizamos essa saudação em forma de chamado para sentir a presenças desses guardiões. Esse trecho que se repete durante a segunda parte do samba também faz uma grande referência à sonoridade dos terreiros do Brasil – vide o ponto “Deu Meia Noite”. A ideia de trazer tantas referências aos pontos de macumba (uma ideia de “gira” na Avenida) surge para impulsionar a conexão do povo (desfilantes e público em geral) com o samba e o enredo, juntando elementos e cantigas de terreiros que expressam, por si só, a energia de Exu.

As sete chaves vêm abrir meu caminhar

À meia-noite ou no sol do alvorecer... pra confirmar

A melodia final do samba não poderia ser diferente de uma aclamação, um pedido confiante, para que as sete chaves de Exu abram os caminhos da Grande Rio para o seu tão sonhado título de campeã do carnaval carioca.

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

Adakê Exu, Exu, ê Odará!

Ê Bara ô, Elegbará!

Lá na encruza, a esperança acendeu

Firmei o ponto, Grande Rio sou eu!

Adakê Exu, Exu, ê Odará!

Ê Bara ô, Elegbará!

Lá na encruza, onde a flor nasceu raiz,

Eu levo fé nesse povo que diz:

Força, movimento, leveza. O refrão principal do nosso samba transforma em melodia popular expressões que, genericamente, podemos dizer que derivam de dialetos africanos (Yorubás, Jejes, Bantos). Desmistificando a questão do samba “parecer complicado de ser pronunciado”, devemos entender que línguas africanas fazem parte da realidade do Português Brasileiro, como na reflexão de Lélia Gonzales acerca da ideia de “Pretuguês”. A autora cita que a língua portuguesa, mesmo sendo uma língua colonial, tem muita influência banto. As influências africanas “mudam” ou caracterizam a realidade do nosso linguajar brasileiro e sambista. Não poderia ser diferente, afinal de contas, para um enredo que celebra o Brasil Catão. Assim apresentamos melodicamente a nossa obra, que desde que lançada é considerada um dos mais fortes sambas para o carnaval de 2022.

OBSERVAÇÃO:

Na construção da melodia do samba trouxemos sete referências – da mesma forma que o enredo traz “Sete chaves de Exu” – para enriquecer o contexto do samba perante o enredo e facilitar a assimilação e identificação do componente no que tange à letra e à melodia. Os sete momentos / referências são:

1. “ - **Boa Noite, Moça! Boa Noite, Moço!**” – Saudação, expressão com entoação melódica;
2. “**Fala, Majeté!**” - Entonação, expressão misteriosa dita por Estamira, revelando, através da melodia, a variação no tom da voz, modo como o som vocal é emitido;
3. “**Sou Capa Preta, Tiriri, sou Tranca Rua...**” – Trecho melódico inspirado em pontos cantados nos terreiros – templos de fé;
4. “**Ô luar, ô luar...**” – Referência melódica a um dos pontos mais conhecidos nos terreiros, em homenagem a Tranca Rua: “Ô luar, ô luar, ele é dono da rua”;
5. “**Ô luar...**” – Semelhança musical que traduz o sentimento de nostalgia, sorvendo um samba histórico da escola de Caxias: “Ô luar, vem pratear a nossa rua”;
6. “**Laroyê, Laroyê, Laroyê...**” – Saudação musical, reproduzindo um grande ponto popular, utilizado em forma de saudação e agradecimento, entoando o chamado para sentir a presenças desses guardiões;
7. “**Laroyê, Laroyê, Laroyê...**” – Também uma saudação musical, mas, em forma de pedido, e clemência. Abrindo os caminhos, buscando uma conexão do povo do samba com as cantigas das religiões afro-brasileiras, dando mais contexto e força para traduzir na melodia a energia múltipla de Exu.

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

GLOSSÁRIO

Majeté – Palavra utilizada por Estamira para contactar Exu através de um telefone encontrado no lixão de Gramacho. Expressão retirada do documentário “Estamira”, dirigido por Marcos Prado.

Igbá – Também pronunciada como “ibá”. Igbás são recipientes, como cabaças e cuias (geralmente cabaças), que são utilizados nos rituais afro-brasileiros. Neles, são depositados objetos ritualísticos secretos relacionados aos Orixás. A expressão também se refere a um poderoso título de Exu: “Igbá Ketá”, o “Senhor da Terceira Cabaça”.

Bombogira – Derivação de Mpambu Njila, que, na cosmogonia bantu/angolana, é o nkisi que se refere à divindade responsável pelos caminhos.

Aluvaiá – Nkisi da cosmogonia bantu/angolana responsável pela comunicação e protetor das comunidades.

Pemba – Instrumento ritualístico usado em umbandas, macumbas e candomblés para riscar, no chão ou em tabuletas, símbolos e sinais, denominados “pontos riscados”, que representam cada entidade. É uma espécie de giz que possui cores variadas.

Agbá – No culto dos Eguguns – ou seja, o culto aos “(...) espíritos de indivíduos que se converteram em ancestrais ilustres, em “pais” (Babá Egun) (...) antepassados que tiveram o merecimento de ser preparados para sua invocação em forma corporizada” (LOPES, 2011, p. 1107) - é a qualidade atribuída aos espíritos mais antigos. “Exu Agbá” é um título da entidade, expressando o “Exu Ancestral”, aquele que protege os novos.

Ifá – Filosofia e culto de matriz Yorubá. É, também, um oráculo ligado à Orumilá pelo qual falamos os Odu. É uma das bases para o desenvolvimento do jogo de búzios nas religiões de matrizes afro-brasileiras.

Odu – Nome dos elementos que constituem o oráculo de Ifá. São 16 Odu principais e 256 Odu secundários. Cada indivíduo, segundo a cosmogonia Yorubá, tem sua trajetória pessoal ligada a um Odu.

Olobé – Uma das qualidades ou um dos títulos de Exu. É o “Senhor da faca ritual”.

Padê – Oferenda ao orixá ou aos espíritos da linha de Exu. Pode ser ofertado no início dos ritos, como forma de pedir proteção ou agradecimento, nos terreiros ou na rua, geralmente nas encruzilhadas. Há muitos tipos de padês, a depender do terreiro e do fim para o qual é feito.

Saravá – Saudação utilizada mais frequentemente na Umbanda, equivalente a “Salve”.

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

Mojubá – Saudação e reverência aos orixás. Do Yorubá “mo júbà”. Muito associada aos ritos de Exu,

Marabô – Variante de “barabô”, é uma das denominações de Exu. Também é nome de uma das entidades que trabalham na Umbanda com o nome de “Exu Marabô” ou “Seu Marabô”.

Alafiá – Nos jogos adivinhatórios afro-brasileiros, é a confirmação e positividade. Significa, também, votos de paz, saúde e prosperidade durante os rituais das religiões afro-brasileiras. Alafia é, ainda, um dos títulos de Exu: “Senhor da satisfação pessoal”.

Laroyê – Saudação ao orixá e às entidades que trabalham na linha de Exu.

Adakê – Saudação ao orixá Exu nos cultos de matrizes afro-brasileiras.

Odará – Título de Exu que expressa as ideias de alegria, felicidade e prosperidade. Segundo um ponto dedicado a Tranca Rua, mencionado por Simas e Rufino, Odará mora nas encruzilhadas, instaurando a energia vital. Não se deve confundir com a palavra “odara”, utilizada de forma genérica para expressar a ideia de “belo” ou “bonito”.

Bara – Orixá yorubano, matriz para uma das ideias mais difundidas de Exu no Brasil, Rei e Senhor do corpo.

Elegbará – Variação e saudação a Elegbara, que, na tradição jeje, é o Senhor do Poder Mágico.

FICHA TÉCNICA

Bateria

Diretor Geral de Bateria

Mestre Fabrício Machado (Mestre Fafá)

Outros Diretores de Bateria

Presidente de Honra da Bateria: Do Gás; Laelcio Magé, Thales, Gabriel Pessoa, Vitor Medeiros, Vitor Machado, Thiago Soares, João Paulo, Fabiano Almeida, Lázaro Cezar, Clewinho, Diogo (Jou)

Total de Componentes da Bateria

270 (duzentos e setenta) componentes

NÚMERO DE COMPONENTES POR GRUPO DE INSTRUMENTOS

1ª Marcação	2ª Marcação	3ª Marcação	Reco-Reco	Ganzá
12	12	14	0	0
Caixa	Tarol	Tamborim	Tan-Tan	Repinique
90	0	36	0	34
Prato	Agogô	Cuica	Pandeiro	Chocalho
0	24	24	0	24

Outras informações julgadas necessárias

- *Além dos instrumentos acima, a bateria será composta por mais 02 (dois) timbales e 02 (dois) atabaques, que serão tocados por 04 (quatro) ritmistas do naipe de caixas.*

Sobre a bateria do G.R.E.S. Acadêmicos do Grande Rio

Mesmo sendo a escola mais nova do Grupo Especial, a Grande Rio possui uma das baterias mais expressivas do carnaval carioca. E foi com menos de 10 anos, em 1996, que recebeu seu primeiro Estandarte de Ouro, sob a batuta de Mestre Mauricio. Mas, foi com a cadência e a famosa “conversa de instrumentos”, características em suas bossas, que o Mestre Odilon fez com que a nossa bateria figurasse de vez entre as melhores do carnaval. Dos 12 desfiles sob sua regência, a bateria obteve nota máxima em 9 carnavais, além de conquistar mais dois Estandartes de Ouro, nos anos de 1999 e 2005. Com a saída de Mestre Odilon, a bateria da Grande Rio passou a ser comandada por outro grande nome do carnaval: Mestre Ciça. E foi o ritmo aguerrido e a ousadia de Ciça que fizeram com que a bateria tricolor passasse a ser conhecida como “Bateria Invocada”. Após o carnaval de 2010, com a saída do mestre Ciça, o comando dos ritmistas ficou a cargo do Mestre Thiago Diogo, que com sua técnica e musicalidade alcançou alguns resultados positivos para a escola. Estreando no último carnaval, o jovem mestre Fabrício Machado, o Fafá, comandou um resgate das características da bateria da Grande Rio, baseando seu trabalho em um ritmo mais cadenciado, permitindo uma melhor execução no toque de cada instrumento e suas respectivas acentuações. Como resultado, a bateria obteve a nota 40 e alguns importantes prêmios do carnaval, dentre eles, o Estandarte de Ouro, o quarto da escola para este quesito. No carnaval de 2020, mestre Fafá deu continuidade ao Projeto de Percussão, que no ano anterior dera grandes frutos, além de ter valorizado na avenida a manutenção do ritmo e o trabalho específico em cada naipe, o que lhe rendera a nota máxima no desfile.

FICHA TÉCNICA

Bateria

Outras informações julgadas necessárias

Mestre Fafá

Com uma história ainda recente à frente da Bateria Grande Rio, Mestre Fabrício Machado, o “Fafá” já vem deixando sua marca com grandes apresentações nos dois últimos carnavais. Já na sua estreia, em 2019, além da nota máxima de todos os jurados, a sua bateria conseguiu diversos prêmios dados pela imprensa especializada, dentre eles o Estandarte de Ouro de Melhor Bateria. No ano seguinte, em sua segunda passagem como mestre pela avenida, conquistou mais uma vez a nota máxima, ajudando a escola a conquistar o vice-campeonato.

Após um ano sem desfiles, os ensaios se intensificaram, focando principalmente na manutenção rítmica, com a realização de ensaios específicos com cada naípe, além do trabalho em conjunto com toda a bateria. Ao manter como característica principal um ritmo cadenciado, a bateria da Grande Rio consegue uma melhor execução no toque de cada instrumento, além de alcançar suas respectivas acentuações.

Para o Carnaval 2022, mais uma vez, Fafá trará bossas que têm como principais características o respeito à melodia e à métrica do samba, sem deixar de valorizar a “conversação” entre todos os instrumentos. Além disso, a bateria terá o auxílio de timbau e de atabaque, instrumentos característicos das religiões e dos festejos de matrizes africanas, o que permitirá evocar toques de Exu, Orixá homenageado do desfile.

Rainha da Bateria: Paolla Oliveira

Fantasia: Sou do Fogo e Gargalhada...

A fantasia de Paolla Oliveira é uma interpretação do universo fascinante que nos leva às ardentes noites de paixão e às chamas dos desejos mais intensos. O figurino, confeccionado por Michelly X, evoca a magia das Pombagiras que levam homens e mulheres ao delírio, à embriaguez e aos jogos de sedução. As noites são de Exu, poesia das madrugadas, e o fogo é um elemento fundamental para a compreensão do poder dessa entidade múltipla, especialmente de suas versões femininas. Como canta o nosso samba: “Eu sou do carteadado e da quebrada, sou do fogo e gargalhada... Ê, Mojubá!”

FICHA TÉCNICA

Harmonia

Diretor Geral de Harmonia

Andrezinho, Cacá Santos, Clayton Bola, Helinho Aguiar e Jefferson Guimarães

Outros Diretores de Harmonia

Wilson, Guilherme, Genivaldo, Ailton, Andressa, Leandro, Igor, Peixe, Geraldo, Diego, Jorginho, Tito, Fabio, Rochelle, Chico, Sintia, Clayton, Germano, Thatyane, Mazinha, Limão, Sr. Cosme, Rose, Adilson, Luiz Carlos, Paulo Roberto, Jorge, Bernadete, Ricardo, Tatu, Joyce, Torrada, Valdir, Sapo, Renata, Zumar, Fabio, Wellington, Pastinha, Batata, Daniella, Roberta, Jorge e Wilson.

Total de Componentes da Direção de Harmonia

60 (sessenta) componentes

Puxador(es) do Samba-Enredo

Evandro Malandro

Instrumentistas Acompanhantes do Samba-Enredo

Cavaco Solo – Bráulio Pereira

Violão 7 Cordas – Davi Costa

Cavaco Base – André Luiz Taborda

Bandolim – José Elias S. B. Júnior

Voz – Carlos Figueira, Diego Nascimento, Thiago Alberto Oliveira, Amilton Nascimento e Ruan Paiva

Outras informações julgadas necessárias

A Direção de Harmonia

Para que o desfile de 2022 da Grande Rio seja realizado de maneira harmônica, integrando a tríade “ritmo, canto e dança”, o Departamento de Harmonia, formado pelos diretores Andrezinho, Cacá Santos, Clayton Bola, Helinho Aguiar e Jefferson Guimarães, supervisionado pelo Diretor de Carnaval Thiago Monteiro, irá valorizar e reforçar ainda mais a participação da comunidade da cidade de Duque de Caxias no desfile. Com a escolha de um enredo festejado pelos componentes da escola, foi preciso intensificar o trabalho, destinando vagas em todas as alas para a participação dos distritos e bairros do município fazendo com que os quatro macros distritos existentes na região estivessem presentes defendendo o samba da escola. Ensaios nessas comunidades também foram realizados semanalmente, desde agosto, objetivando a maior integração da escola com a sua cidade.

A Grande Rio ainda conta com um grupo de 60 diretores de harmonia auxiliares e 60 diretores do Departamento de Carnaval que têm a orientação para fazer com que cada componente saiba que está desempenhando um papel relevante no desfile, defendendo as notas dos seus quesitos através do canto forte e apresentação solta e leve. O cuidado musical é um dos pilares do trabalho da Harmonia. Aliar as variações melódicas do samba de 2022 com o andamento da bateria, a interpretação dos cantores e o arranjo musical é essencial para permitir que o componente evolua de maneira confortável. E isso só foi possível através de inúmeras reuniões entre os integrantes do carro de som e bateria, ensaios semanais iniciados em agosto e intensificados em dezembro com os ensaios técnicos realizados na rua. A escola foi exaustivamente preparada para o desfile.

FICHA TÉCNICA

Harmonia

Outras informações julgadas necessárias

Evandro Malandro

Evandro dos Santos nasceu em Nova Friburgo e teve sua iniciação musical aos 9 anos de idade. Tornou-se instrumentista, dominando instrumentos como saxofone, flauta e bateria, entre outros. Começou sua trajetória musical em escolas de samba da cidade de Nova Friburgo em 2002, nas quais desempenhou distintas funções, desde cavaquinista a intérprete oficial, ao longo de 10 anos de trajetória. Tendo sua capacidade reconhecida, cruzou fronteiras e estreou no Carnaval carioca como cantor de apoio de Luizinho Andanças, na Porto da Pedra, no ano de 2009. Neste ano, também fez parte do carro de som da Renascer de Jacarepaguá.

Em 2010, cantou com Dominginhos do Estácio, na Imperatriz Leopoldinense, e, em 2011, voltou a compor o quadro de cantores da Porto da Pedra. Como cantor principal, defendeu a Imperador do Ipiranga, escola do grupo de acesso paulista, no ano de 2013. No mesmo ano, foi o responsável pelo microfone principal da Apoteose do Samba em Uruguaiana-RS, cidade onde ficou conhecido por sua passagem como cantor de apoio na escola Bambas da Alegria nos anos de 2011 e 2012. No ano de 2014, assumiu como intérprete oficial, juntamente com Diego Nicolau, na Renascer de Jacarepaguá. Em sua passagem por essa agremiação, ganhou um Estandarte de Ouro. Ficaram juntos até 2017. Em 2018, seguiu para o Acadêmicos do Cubango para ser o cantor principal.

No Acadêmicos do Grande Rio, foi cantor de apoio de Emerson Dias de 2014 a 2018. Pelo seu talento e dedicação à escola, alcançou o microfone principal em 2019. Fez preparação intensa para ocupar este posto e aperfeiçoar seu dom inato, com sessões de fonoaudiologia e preparação musical, tudo para que o seu desempenho na Avenida neste Carnaval seja o momento mais brilhante de sua carreira. No carnaval de 2020 conquistou diversos prêmios, incluindo o Estandarte de Ouro de Melhor Intérprete do ano, o que ajudou a escola conquistar também outros dois Estandartes de Ouro, o de Melhor Escola e Melhor Samba-Enredo, além de ter comandado o canto e o carro de som na avenida de maneira segura e vibrante, o que auxiliou na nota máxima em harmonia e no vice-campeonato na disputa oficial.

FICHA TÉCNICA

Evolução

Diretor Geral de Evolução

Thiago Monteiro

Outros Diretores de Evolução

Jorge Bento, Luzimar, Marinaldo, Miltinho, Silvano, Anita, Anderon, Vandete, Renato, Jander, Madalena, Paulo R., Marile, Regina, Lena, Naeli, Gilberto F., Dario, Zana, Antônia, José Carlos, Delza, Vera Lucia, Harley, Tavares M, M. Helena, Nilza, Marly, Vicente, Aroldo Brito, Rosangela, Janifer, Malu, Paulo Apoc, Fatima Apoc, Sandra, Jacaré, Mônica, Moniquinha, P. Naval, Dica, Edmeia, Café, João C, Jailson, Luis R. Ostras, Licinho, Luis Alberto, Edilcilene, Cafu, Walber, Reni, Karen, Paulo 10, Chiquinho, Aroldo P, Luzinete, Alessandra, Eva, Baiano, Silvano.

Total de Componentes da Direção de Evolução

60 (sessenta) componentes

Principais Passistas Femininos

Luciene Santinha, Andressa, Camila, Lara, Thaís, Maria de Fátima, Ariele e Rayssa.

Principais Passistas Masculinos

Yago, Wellington, Daniel, Tiago Soares, Cleiton, Fabiano e Rei Rodrigo.

Outras informações julgadas necessárias

Fazer o componente se divertir na Sapucaí sem esquecer que o mesmo desempenhe seu papel na consecução de um desfile competitivo é o principal objetivo da Direção de Harmonia e Evolução da Grande Rio. A apresentação da escola precisa acontecer de forma fluída e solta e, por esse motivo, a escola foi preparada para que cada componente simplesmente se “solte” no desfile. Isso não significa que as alas performáticas ou coreografadas, existentes no corpo da escola, estejam alheias a esta metodologia, pelo contrário, em algumas situações o tema necessita ser retratado e defendido através de caracterização específica, sempre em sintonia com ritmo do samba e o andamento da bateria.

A Grande Rio, em 2022, pretende realizar um desfile de Escola de Samba incentivando a evolução, começando pelos segmentos tradicionais, como a ala de baianas, sua elegante galeria da velha-guarda, a arte do samba no pé em sua essência através do requebrado da ala de passistas e o comprometimento das alas de comunidade. Resgataremos ainda uma tradição do Carnaval, esquecida pelo tempo, do grupo de passistas “pandeiristas” (4 homens e 6 mulheres), responsável por trazer mais samba no pé com a malandragem própria dos primórdios das nossas escolas de samba.

Ala de Passistas

Coordenadores da Ala de Passistas – Marisa Furacão e Avelino Ribeiro

Na Grande Rio, escola que guarda de forma cara a tradição do samba na sua maior essência, a premiada ala de passistas, detentora de seis prêmios Estandarte de Ouro, requer atenção especial. Com ensaios iniciados em maio, a exigência principal para que um homem ou mulher se torne membro do seletor grupo de passistas da Grande Rio é deter a arte do samba no pé com garbo e elegância. Para a escola, a pessoa para ser passista precisa “dizer no pé”, como as cabrochas e os malandros de outrora.

FICHA TÉCNICA**Informações Complementares**

Vice-Presidente de Carnaval -		
Diretor Geral de Carnaval Thiago Monteiro		
Outros Diretores de Carnaval -		
Responsável pela Ala das Crianças Daniela, Roberta e Gesmar		
Total de Componentes da Ala das Crianças 70 (setenta)	Quantidade de Meninas 35 (trinta e cinco)	Quantidade de Meninos 35 (trinca e cinco)
Responsável pela Ala das Baianas Marilene dos Anjos		
Total de Componentes da Ala das Baianas 70 (setenta)	Baiana mais Idosa (Nome e Idade) Dione 80 anos	Baiana mais Jovem (Nome e Idade) Luana dos Anjos 16 anos
Responsável pela Velha-Guarda Pedrinho Naval		
Total de Componentes da Velha-Guarda 58 (cinquenta e oito)	Componente mais Idoso (Nome e Idade) Amaury 87 anos	Componente mais Jovem (Nome e Idade) Maria da Glória 52 anos
Pessoas Notáveis que desfilam na Agremiação (Artistas, Esportistas, Políticos, etc.) Paolla Oliveira, Rafael Bqueer, Átila Bee, Ana Beatriz Genuncio, David Brazil, Gil do Vigor, Mileide Mihaile, Pocah, Mulambö, Thelma Assis, Adriana Bombom, Monique Alfradique, Samile Cunha, Bianca Andrade e Renata Kuerten.		
Outras informações julgadas necessárias <u>Thiago Monteiro</u> Trazendo em suas bagagens os títulos e as passagens vitoriosas por escolas como Unidos da Tijuca, Império da Tijuca, Paraíso do Tuiuti e outras, acumula inúmeros resultados positivos ao longo de sua carreira. Amante do Carnaval desde seus 5 anos de idade, iniciou sua trajetória na Unidos da Tijuca como diretor de Harmonia, no Império da Tijuca exerceu a função de Diretor de Carnaval em 2016, sagrando-se Campeão da Série A. Thiago Monteiro, está em sua segunda passagem na Grande Rio, em sua primeira passagem pela escola exerceu a função de Diretor Geral de Harmonia (2014, 2015 e 2016), sempre alcançando as notas máximas nos quesitos de chão. Exerceu a função de Diretor de Carnaval da LIERJ (Liga das Escolas de Samba do Rio de Janeiro) em 2017 e 2018, responsável pela organização e realização do Carnaval da Série A.		

FICHA TÉCNICA

Informações Complementares

Outras informações julgadas necessárias

Também em 2018, na função de Diretor de Carnaval do Paraíso do Tuiuti, alcançou o feito de levar a escola ao segundo lugar do Grupo Especial, contrariando expectativas de público e crítica e consolidando seu nome na história do Carnaval. Dessa forma, foi convidado a retornar à Grande Rio, em 2019, escola de samba que tão bem conhece e onde é querido por todos, atuando na função de Diretor de Carnaval, onde em 2020 foi vice-campeão do Carnaval. Além disso, recebeu diversos prêmios conferidos pela imprensa especializada e foi reconhecido como um dos maiores responsáveis pelas recentes mudanças ocorridas na forma de desfilar da tricolor de Caxias e da escola de São Cristóvão (Paraíso do Tuiuti), nos últimos anos. Também é coautor do livro “*Harmonia de Escola de Samba – Teoria e Prática*” da editora Litieris. Administrador de formação, pós graduado em Auditoria, Thiago em sua metodologia de trabalho procura aliar técnica, concentração e organização à forma leve e dinâmica com a qual uma escola de samba deve se preparar para seu desfile. Para o Carnaval de 2022, o Diretor possui um fluxo de trabalho incessante, minucioso e incansável de preparação para o desfile em cada detalhe da maneira como a Grande Rio se apresentará na Avenida.

FICHA TÉCNICA**Comissão de Frente**

Responsável pela Comissão de Frente Hélio Bejani e Beth Bejani		
Coreógrafo(a) e Diretor(a) Hélio Bejani e Beth Bejani		
Total de Componentes da Comissão de Frente 15 (quinze)	Componentes Femininos 04 (quatro)	Componentes Masculinos 11 (onze)
Outras informações julgadas necessárias		
<u>Representação da Comissão de Frente</u>		
<u>“CÂMBIO, EXU!”</u>		
<p>Pedindo todas as proteções para a abertura dos caminhos, a Comissão de Frente do GRES Acadêmicos do Grande Rio apresenta uma interpretação poética para o que se imagina como “Exu em sua essência”, aquele que, segundo narram algumas das cosmogonias africanas mais difundidas no Brasil, foi criado por Olorum a partir da lama original, instaurando potências como o dinamismo e o movimento. Como ensinam Simas e Rufino, “Exu é o princípio dinâmico fundamental a todo e qualquer ato criativo”. É ele quem faz a conexão entre os mundos terrestre (Àyê) e espiritual (Órun), atuando como mediador. O fio condutor (ou fio elétrico) da apresentação proposta é o olhar de Estamira, catadora do lixão de Jardim Gramacho, em Duque de Caxias, que se comunicava com Exu através de um telefone e expressões misteriosas, como aquela que dá título ao enredo: “Fala, Majeté!” Ela nos deixou a seguinte mensagem: a energia que vem da transformação é poderosa! Vivendo em meio ao “lixo da civilização” com os demais catadores (que expressam características de diferentes Exus Catiços, espíritos que se manifestam em casas de Umbanda e outros cultos de matrizes afro-brasileiras), ela busca formas de se religar (daí a ideia de “religião”) ao sagrado, colocando em questão os valores distorcidos da nossa sociedade.</p> <p>Para ela, o verdadeiro “lixo” são os valores falidos de um modelo de sociedade que se mostra desigual e excludente: “Eu sou uma feiticeira”, ela dizia, “mas perversa eu não sou, não.” Os desenhos coreográficos, os figurinos e o elemento alegórico representam o universo imaginário de Estamira, onde Exu, com o seu poder transformador, recria um mundo que estava devastado, dando voz aos que historicamente foram silenciados e mostrando a força de toda uma resistência afro-diaspórica. Na visão poética do enredo, a conexão entre o humano e o sagrado reinstaura a potência criadora e retorna aos primórdios da criação do cosmo, plena de movimento e força vital – eterno retorno, o que une a proposta estética da Comissão de Frente ao encerramento do desfile, quando o “lixo” existencial será novamente enfocado (intensificamos as ideias de infinito, criação e recriação, ligação e religação - religião). As cabaças evocam essa simbologia da criação, uma vez que Exu é o “Senhor da Terceira Cabaça” (IgbáKetá), objeto mágico onde mistura os opostos complementares. Exu reordena o caos e exhibe as suas facetas de Yangí e Enugbarijó: na encruza simbólica, como canta o samba de enredo, acende a esperança, transforma os seres e restitui a mais desejada ENERGIA – as 7 chaves para abrir o caminhar!</p>		

FICHA TÉCNICA

Comissão de Frente

Outras informações julgadas necessárias

Sobre os Coreógrafos:

Hélio Bejani

Iniciou carreira artística como músico profissional tocando trompete, em Piracicaba (SP), cidade onde nasceu. Ingressou para o ballet na cidade de Campinas (SP), cursando o Método da ROYAL ACADEMY OF DANCING, onde trabalhou no Corpo de Baile Lina Penteado sob a Direção Artística de Addy Addor e Cleusa Fernandes. Através de concurso oficial, ingressou para o Corpo de Baile do Theatro Municipal do Rio de Janeiro em 1985, onde atuou como solista e bailarino principal nas suas principais montagens. Ganhou o Prêmio Tadeu Morozowicz como melhor Bailarino Clássico no VIII Concurso de Ballet e Coreografia realizado pelo Conselho Brasileiro da Dança.

Foi partner da bailarina Ana Botafogo, para quem atualmente realiza trabalhos coreográficos. Dançou e coreografou também para os mais renomados grupos e escolas do Rio de Janeiro: Escola de Danças Maria Olenewa, Associação de Ballet do Rio de Janeiro, Stúdio 88, Escola de Dança Alice Arja, Escola de Danças Spinelli, Stúdio Bertha Rosanova, Cia Versátil de Dança, Rio Ballet, Ballet Dalal Achcar, Centro de Danças Johnny Franklin, Cia Brasileira de Danças e Ballet da Cidade de Niterói. Foi premiado nos principais concursos e mostras de dança no Brasil. Com sua própria remontagem, realizou os espetáculos “A Bela Adormecida” e “Coppélia”, no Teatro Sesi Rio.

Coreografou e dirigiu o espetáculo “MADE IN CORAÇÃO”, realizado no Espaço Cultural FINEP e no Teatro Cacilda Becker, com participação dos bailarinos do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, que lhe valeu o Prêmio de melhor Diretor de Grupo de 1999, outorgado pela revista “Você e a Dança” (SP). Dirigiu e coreografou o espetáculo “Descobrimento do Brasil”, comemorativo aos 500 anos, na cidade de Fortaleza - CE, no Teatro José de Alencar. (2000). Como docente, foi professor convidado da Cia de Ballet da Cidade de Niterói. (2001/2002), professor de nível técnico no Centro de Danças Johnny Franklin e professor convidado da Cia. Deborah Colker.

No Theatro Municipal do Rio de Janeiro, foi Assistente de Direção e Ensaaiador do Corpo de Baile na Direção de Dalal Achcar (2000/2001), coordenador do Corpo Artístico na Orquestra Sinfônica (2003 a 2006), coordenador do Corpo Artístico no Corpo de Baile (2007 a 2008), Diretor Artístico do Corpo de Baile (2009 a 2013) e Chefe da Divisão de Dança (2014 a 2015). Atualmente é Diretor da Escola de Dança Maria Olenewa do mesmo TMRJ, Diretor do Ballet do TMRJ e Diretor Geral do Ballet Escola Maria Olenewa, local onde, em seu primeiro ano, já realizou o ballet completo “Giselle”, em temporada no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, e o Ballet “O Lago Dos Cisnes”, para a abertura do Festival de Joinville, em 2018. No Carnaval, foi coreógrafo da Comissão de Frente do Acadêmicos do Salgueiro entre os anos de 2008 e 2018, no Grupo Especial, e, no ano de 2019, assumiu a comissão de frente da Acadêmicos do Grande Rio. Já foi premiado com 3 Estandartes de Ouro, sendo 2 de melhor comissão de frente e 1 de inovação. No carnaval de 2020, apresentou ao lado de Beth Bejani uma das comissões mais aclamadas do ano, conquistando pontuação máxima e alcançando o vice-campeonato com a escola.

FICHA TÉCNICA

Comissão de Frente

Outras informações julgadas necessárias

Sobre os Coreógrafos:

Beth Bejani

Iniciou seus estudos de dança clássica no Centro de Danças Johnny Franklin, em 1985, tendo o próprio Franklin como mestre. Logo depois, passou por mestres renomados como Tatiana Leskova, Eugenia Feodorova, Dennis Gray, entre muitos outros. Aos 17 anos passou a integrar o Rio Ballet, dançando vários ballets de repertório e sendo premiada em diversos concursos, inclusive CBDD. É profissional de dança, reconhecida pelo Sindicato dos Profissionais de Dança - RJ desde 1998. Já atuou como bailarina da Rede Globo de Televisão, coreógrafa, professora de ballet clássico, ensaiadora, assessora de direção (na montagem de espetáculos de dança) e possui curso de atores para teatro e televisão. Na área de dança, já fez parte de novelas, seriados, especiais e programas da Rede Globo de Televisão, como Criança Esperança, Uga, Daniela Mercury, Ivete Sangalo, Quarteto em Si, Gilberto Gil, Sandy e Júnior, Os Normais, Você Decide, entre muitos outros. Como coreógrafa do Rio Ballet, recebeu diversas premiações em concursos brasileiros e latino-americanos. Foi assessora na direção de espetáculos profissionais no Rio de Janeiro, como “Made in Coração” (este com a participação de bailarinos do Theatro Municipal do RJ), espetáculos no SESI, no teatro Cacilda Becker e em outros auditórios da cidade.

No Carnaval, coreografa e faz direção artística de casais de Mestre-Sala e Porta-Bandeira desde o ano de 2005. Foi coreógrafa do casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira da Mangueira, no período de 2005 a 2010, e do casal do Acadêmicos do Salgueiro, de 2012 a 2018. De 2008 a 2018, foi assistente na Comissão de Frente do Salgueiro e, a partir de 2013, também passou a assinar o trabalho como coreógrafa da Comissão de Frente. Assinou, ainda, comissões para a Caprichosos de Pilares, a Acadêmicos do Cubango e a Acadêmicos da Rocinha na sequência, recebendo diversos prêmios de melhor comissão de frente. A partir de 2019, defende com brilhantismo o quesito no Acadêmicos do Grande Rio, recebendo o Estandarte de Ouro de Inovação. No carnaval de 2020, apresentou ao lado de Hélio Bejani uma das comissões mais aclamadas do ano, conquistando pontuação máxima e alcançando o vice-campeonato com a escola.

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

1º Mestre-Sala Daniel Werneck	Idade 33 anos
1ª Porta-Bandeira Taciana Couto	Idade 21 anos
2º Mestre-Sala Andrey Ricardo	Idade 27 anos
2ª Porta-Bandeira Thauany Xavier	Idade 15 anos

Outras informações julgadas necessárias

1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Nome da Fantasia: A Criação

Criação do Figurino: Gabriel Haddad e Leonardo Bora

Confecção: Atelier Aquarela Carioca

Representação: Exu tem importância fundamental nos mitos de criação do mundo, conforme ensinam as cosmogonias africanas e as narrativas de matriz oral, transmitidas nos terreiros. Um dos mais difundidos mitos de Ifá, apregoadado pelas tradições orais (deve-se reforçar que não se busca uma leitura única e precisa, mas uma interpretação poética), conta que Olodumaré teria confiado a Oxalufã, o Oxalá Velho, a tarefa de criar o mundo, entregando a ele o “saco da criação”, recipiente que continha a matéria a ser ciscada por uma galinha d’angola de 5 dedos. Uma vez que se formassem os continentes, um camaleão deveria caminhar para atestar a firmeza do solo. Antes de dar início à criação, Oxalufã precisava fazer uma oferenda a Exu, divindade detentora do poder dinamizador, capaz de unir movimento e criatividade. No entanto, a oferenda não foi feita. Isso despertou o espírito transgressor de Exu, que levou Oxalufã a se embriagar com vinho de palma, adormecendo e não efetivando a sagrada missão de criar o mundo. Olodumaré, então, concedeu o privilégio da criação à divindade Oduduwa.

As fantasias do Primeiro Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira do GRES Acadêmicos do Grande Rio fundem elementos associados a estes personagens divinos e aos arquétipos exusíacos e oxalufânicos, conforme a terminologia de Luiz Antonio Simas. O conjunto visual traduz, na integração entre corpos e movimentos coreográficos, uma leitura bastante especial para o bailado da criação, origem do mundo e da vida, dança entre céu e terra, Orum e Ayê, espiral de poeira cósmica que nos leva à busca, tão antiga e desafiadora, pelo equilíbrio universal. A fantasia de Daniel Werneck dialoga com os fundamentos de Exu Lálú, que veste roupas brancas e é considerado o “justo mensageiro de Oxalá”; há, ainda, referências a Exu Okotô, “Senhor do caracol”, e ao poder cósmico de Olodumaré, o que justifica a profusão de brilhos. A fantasia de Taciana Couto evoca o imaginário complexo de Oduduwa e o brilho incandescente da Terra em formação, contraste matizado pelas cores das penas das galinhas d’angola – origem das pinturas (feitas com efum, uáji e ossum) que recobrem a pele dos iniciados no candomblé, yaôs. O alaranjado abastece o bailado de calor e intensifica o jogo de contrastes: que o girar do pavilhão caxiense espalhe axé, vida, e recrie o mundo na Avenida!

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Outras informações julgadas necessárias

Figurinos do 1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira



Sobre o Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Daniel Werneck

Uma história de vida totalmente ligada ao universo das escolas de samba e à arte de dançar. Esse é o perfil de Daniel, que teve seu primeiro contato com o samba aos nove anos de idade, quando pisou pela primeira vez numa quadra, a da coirmã Acadêmicos do Salgueiro. Imediatamente se juntou ao grupo de crianças que estava ali sambando e, a partir daquele momento, nunca mais parou. Desfilou como componente na escola mirim Aprendizes do Salgueiro em 1998 e 1999. Seus primeiros movimentos como mestre-sala aconteceram de forma inusitada: no ano de 1999, logo após a cerimônia de sua primeira comunhão, foi direto para o ensaio da referida escola mirim. Quando o avistaram com calça e sapatos brancos, logo o colocaram para dançar como mestre-sala acompanhando a terceira porta-bandeira. Arriscou ali seus primeiros passos na arte deste bailado e não tardou para mostrar seu talento. Tanto é assim que já no ano seguinte desfilou como terceiro mestre-sala do Aprendizes do Salgueiro, onde ficou até o ano de 2007. Mas já em 2006 havia se tornado terceiro mestre-sala do Acadêmicos do Salgueiro. Em 2009, passou a ser o segundo mestre-sala do Salgueiro, posição que ocupou até 2011 – nessa passagem, ganhou o prêmio Estandarte de Ouro de Mestre-Sala Revelação em 2010. Em 2012 estreou como primeiro mestre-sala da Estácio de Sá, escola da Série A do Carnaval Carioca, onde se manteve até 2014. Alcançou o posto de primeiro mestre-sala do Acadêmicos do Grande Rio em 2015, onde se encontra até o momento, tendo alcançado em 2018 o prêmio Estandarte de Ouro de melhor mestre-sala do Grupo Especial.

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Outras informações julgadas necessárias

Taciana Couto

Pode-se dizer que Taciana já era Grande Rio antes mesmo de nascer: seu primeiro desfile pela tricolor de Caxias foi dentro da barriga de sua mãe, que desfilou, no ano de 2000, grávida. Para ela, a agremiação é nada menos do que a extensão de sua família. Sua mãe foi porta-bandeira do primeiro quadro de casais mirins da agremiação, seu pai foi compositor da escola e vários integrantes de sua família participam ativamente do cotidiano da escola nos mais distintos segmentos. Teve sua primeira experiência de foliã na escola mirim Pimpolhos da Grande Rio aos cinco anos de idade, onde desfilou até os sete anos. Tendo se encantado pela arte do bailado, começou a desfilar no quadro de casais mirins da escola mãe, ocasião em que deu seus primeiros passos como porta-bandeira. Logo depois, passou a defender o pavilhão da Pimpolhos da Grande Rio, primeiramente, como segunda porta-bandeira, entre os anos de 2013 e 2014 e, posteriormente, como primeira, entre 2015 e 2017. Buscando aperfeiçoamento, foi ter aulas na reconhecida escola de mestre-sala e porta-bandeira do Mestre Dionísio, até que foi convidada, em 2016, para ocupar o posto de segunda porta-bandeira do Acadêmicos da Rocinha, escola da Série A do Carnaval carioca.

E, como jamais perdeu seu vínculo com a Grande Rio, na preparação para o Carnaval de 2017, numa reunião, na quadra, foi anunciada como terceira porta-bandeira da agremiação. Retomando as palavras do samba-exaltação da escola, “o sonho se tornou realidade” – frase, aliás, que carrega consigo na essência de sua dança, pois fez questão de gravá-la na ponteira de sua bandeira. Seria o momento de encerrar um ciclo de 13 carnavais na escola mirim, lugar onde recebeu oportunidades como ganhar uma bolsa numa renomada escola de balé clássico, fundamental em sua formação.

Agora, como primeira porta-bandeira da Grande Rio, levará todo o seu talento inato, aperfeiçoado ao longo dos anos com muito trabalho e dedicação, para a Avenida, demonstrando um desempenho seguro e uma dança encantadora.

Coreógrafa: Beth Bejani

Iniciou seus estudos de dança clássica no Centro de Danças Johnny Franklin em 1985, tendo o próprio como mestre. Logo depois passou por mestres renomados como Tatiana Leskova, Eugenia Feodorova, Dennis Gray, entre muitos outros. Aos 17 anos passou a integrar o Rio Ballet, dançando vários ballets de repertório e sendo premiada em diversos concursos, inclusive CBDD. É profissional de dança, reconhecida pelo Sindicato dos Profissionais de Dança - RJ desde 1998. Já atuou como bailarina da Rede Globo de Televisão, coreógrafa, professora de ballet clássico, ensaiadora, assessora de direção (na montagem de espetáculos de dança) e possui curso de atores para teatro e televisão. Na área de dança, já fez parte de novelas, seriados, especiais e programas da Rede Globo de Televisão, como Criança Esperança, Uga, Daniela Mercury, Ivete Sangalo, Quarteto em Si, Gilberto Gil, Sandy e Júnior, Os Normais, Você Decide, dentre muitos outros.

Como coreógrafa do Rio Ballet, recebeu diversas premiações em concursos brasileiros e latino-americanos. Foi assessora na direção de espetáculos profissionais no Rio de Janeiro como Made in Coração (este com a participação de bailarinos do Theatro Municipal do RJ), espetáculos no SESI, no teatro Cacilda Becker e outros.

No Carnaval, coreografa e faz direção artística de casais de Mestre-Sala e Porta-Bandeira desde o ano de 2005. Foi coreógrafa do casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira da Mangueira (2005, 2006, 2007, 2008, 2009 e 2010) e do casal do Salgueiro de 2012 a 2018. De 2008 a 2018 foi assistente na Comissão de Frente do Salgueiro e, em 2013, também assumiu a Comissão de Frente da Caprichosos de Pilares. No Carnaval de 2019, defende com brilhantismo o quesito no Acadêmicos do Grande Rio.

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Outras informações julgadas necessárias

2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Nome da Fantasia: Maracatus

Criação do Figurino: Gabriel Haddad e Leonardo Bora

Confecção: Alex Castro

Representação: Os Maracatus do tipo Nação ou de Baque Virado são expressões culturais profundamente sincréticas que ocupam as ruas de Pernambuco sob a forma de cortejos reais acompanhados de ritmistas. Símbolos da riqueza cultural dos povos afro-brasileiros, guardam, nos seus fundamentos, o louvor aos Orixás (tanto que os Maracatus já foram chamados de “Candomblés de Rua”) e o culto a Exu – afinal, só se pode ganhar a rua depois de pedir licença! Antes de um cortejo de Maracatu “sair”, é preciso arriar devidamente o padê, entoar os cantos em homenagem à entidade e pedir proteção e caminhos abertos. As relações são tão estreitas que os nomes de alguns maracatus são provenientes do culto a Exu ou mesmo definidos em função disso – caso do Maracatu Gato Preto, que, segundo a pesquisa de Ivaldo de França Lima, recebeu este nome “por ter sido um desejo de que o Exu da mestra do “dono do maracatu” fosse homenageado de tal forma”. O Segundo Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira da Grande Rio, em cores que remetem ao imaginário de Exu e ao calor do carnaval pernambucano, representa os personagens mais importantes de um cortejo de Maracatu, o Rei e a Rainha, nobres coroados que expressam o triunfo da afro-brasilidade e a perpetuação dos tambores ancestrais. Pelas ruas de Pernambuco, eles dançariam ao som de caixas de guerra, alfaias, gonguês, xequerês e maracás; na Marquês de Sapucaí, dançam ao som da bateria da escola de Caxias, município onde expressões da cultura nordestina se enraizaram e permanecem a florescer.

Figurinos do 2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira

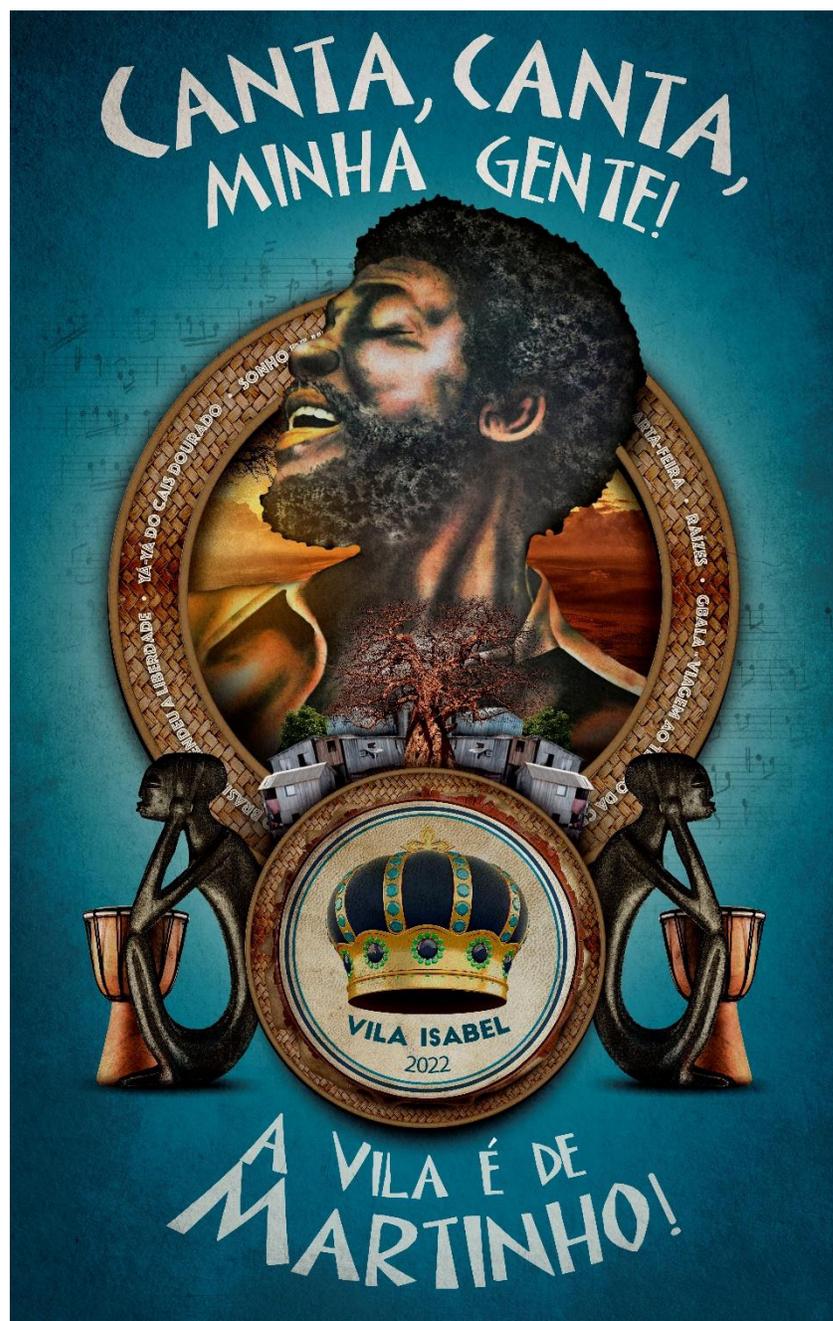


G.R.E.S. UNIDOS DE VILA ISABEL



**PRESIDENTE
FERNANDO FERNANDES**

“Canta, canta, minha gente! A Vila é de Martinho!”



Carnavalesco
EDSON PEREIRA

FICHA TÉCNICA**Enredo**

Enredo <i>“Canta, canta, minha gente! A Vila é de Martinho!”</i>					
Carnavalesco Edson Pereira					
Autor(es) do Enredo Edson Pereira					
Autor(es) da Sinopse do Enredo Edson Pereira, Prof. Dr. Clark Mangabeira e Prof. Ms. Victor Marques					
Elaborador(es) do Roteiro do Desfile Edson Pereira, Flávio Magalhães e Ruan Rocha					
	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
01	Fantasia, crenças e crendices	Vila, Martinho da	Ciência Moderna	2011	Todas
02	Kizombas, andanças e festanças	Vila, Martinho da	Ed. Record	1998	Todas
03	Ópera Negra	Vila, Martinho da	Global	2001	Todas
04	Memórias póstumas de Teresa de Jesus	Vila, Martinho da	Ciência Moderna	2002	Todas
05	2018 – Crônicas de um ano atípico	Vila, Martinho da	Kapulana	2019	Todas
06	Martinho da Vila: discobiografia	Sukman, Hugo	Casa da Palavra	2013	Todas
07	Martinho da Vila: reflexos no espelho	THEODORO, Helena	Pallas	2018	Todas
08	O Brasil do samba-enredo	Augras, Monique	Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas	1988	Todas
09	Cartas para Noel: Histórias da Vila Isabel	Bruno, Leonardo; Galdo, Rafael.	Verso Brasil Editora	2015	Todas

FICHA TÉCNICA

Enredo

	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
10	Pra tudo começar na quinta-feira: o enredo dos enredos	Simas, Luiz Antonio; Fabato, Fábio.	Mórula	2015	Todas
11	O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência	Gilroy, Paul	34	2001	Todas
12	Ecopedagogia no Terreiro de Candomblé Angola	Hora Filho, Edmilton Amaro da	UFPE (Dissertação de Pós-Graduação)	2016	Todas
13	Martinho da Vila: um griot na Pós-Modernidade	Nogueira Rangel, Patrícia Luísa; Frazão Félix, Idemburgo Pereira	XIX Congresso Nacional de Linguística e Filologia	vol. XIX, n. 01, 2015	329-339
14	Cosmovisão africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente	Oliveira, Eduardo	Gráfica Popular	2006	Todas

Outras informações julgadas necessárias

Os fatos retratados no enredo têm como principal fonte o próprio homenageado, presença importante no processo de construção da narrativa cuja participação se fez fundamental, ao passo que conduziu o processo de sua roteirização e de defesa dos elementos estéticos apresentados. Martinho fez-se presente sugerindo passagens de sua vida e referenciando-as em suas obras, dando ênfase a elementos menos conhecidos de sua trajetória por vontade do próprio artista em contá-los ao grande público. Assim, cada passagem e citação do enredo revelam a memória de vida do nosso poeta e refletem como ele vê a si próprio e se manifesta para o mundo.

Site Oficial – disponível em www.martinhodavila.com.br

VILA, Martinho da. Discografia completa.

VILA, Martinho da. Conversas e entrevistas diretas com o homenageado.

FICHA TÉCNICA

Enredo

Outras informações julgadas necessárias

Enredos Citados

1966 – Três Acontecimentos Históricos. Autores do enredo e Carnavalescos: Gabriel do Nascimento e Dario Trindade. Autores do samba: Gemeu, Simplício e Zé Branco.

1967 – Carnaval de Ilusões. Autores do enredo e Carnavalescos: Gabriel do Nascimento e Dario Trindade. Autores do samba: Martinho da Vila e Gemeu.

1968 – Quatro Séculos de Modas e Costumes. Autores do enredo e Carnavalescos: Augusto Gonçalves e Walter Tomé. Autores do samba: Martinho da Vila e Gemeu.

1969 – Ya-yá do Cais Dourado. Autores do enredo e Carnavalescos: Gabriel do Nascimento e Dario Trindade. Autores do samba: Martinho da Vila e Rodolfo de Souza.

1972 – Onde o Brasil Aprendeu a Liberdade. Autores do enredo e Carnavalescos: Djalma Victorio e Soares e Souza. Autor do samba: Martinho da Vila.

1980 – Sonho de um sonho. Autores do enredo e Carnavalescos: Fernando Costa e Sylvio Cunha. Autores do samba: Martinho da Vila, Rodolpho e Graúna.

1984 – Pra Tudo se Acabar na Quarta-Feira. Autores do enredo: Fernando Costa e Martinho da Vila. Carnavalesco: Fernando Costa. Autor do samba: Martinho da Vila.

1987 – Raízes. Autor do enredo e Carnavalesco: Max Lopes. Autores do samba: Martinho da Vila, Ovídio Bessa e Azo.

1988 – Kizomba, Festa da Raça. Autor do enredo: Martinho da Vila. Carnavalescos: Milton Siqueira, Paulo César Cardoso e Ilvamar Magalhães. Autores do samba: Rodolpho, Jonas e Luiz Carlos da Vila.

1993 – Gbala – Viagem ao Templo da Criação. Autor do enredo e Carnavalesco: Oswaldo Jardim. Autor do samba: Martinho da Vila.

2005 – Singrando em mares bravios... construindo o futuro. Autores do enredo: Martinho da Vila, Joãozinho Trinta e W.Victor. Carnavalesco: Joãozinho Trinta. Autores do samba: André Diniz, Serginho 20, Sidney Sã, Professor Newtão e Miguel Bede.

2012 – Você semba lá... que eu sambo de cá! – O canto livre de Angola! Autores do enredo: Alex Varela e Rosa Magalhães. Carnavalesca: Rosa Magalhães. Autores do samba: André Diniz, Arlindo Cruz, Artur das Ferragens, Evandro Bocão e Leonel.

2013 – A Vila canta o Brasil, celeiro do mundo – Água no feijão que chegou mais um. Autores de enredo: Rosa Magalhães e Alex Varela. Carnavalesca: Rosa Magalhães. Autores do samba: André Diniz, Arlindo Cruz, Leonel, Martinho da Vila e Tunico da Vila.

FICHA TÉCNICA

Enredo

Outras informações julgadas necessárias

Sites consultados

- www.lettras.mus.br
- www.dicio.com.br
- www.ouvirmusica.com.br
- www.vagalume.com.br
- www.salasaopaulo.art.br
- www.genius.com/Martinho-da-vila-um-barraco-na-vila-feliz-da-vila-filho-da-vila-isabel-vilancete-lyrics

Carnavalesco Edson Pereira – Edson de Oliveira Pereira nasceu em 23/06/1977. Vem de uma infância difícil, de uma família com 26 irmãos, moradora de comunidade. Favelado, chegou a morar na rua e foi uma criança que sonhou e conseguiu realizar seu sonho. Hoje, o carnavalesco, "filho do Carnaval", é formado em Figurino pela Iona College, nos Estados Unidos. No início da década de 1990, sua vida mudou com a oportunidade de aprender o ofício artístico com um cenógrafo da TV Globo, com quem, em pouco tempo, passou a exercer a função de assistente na emissora e a conviver com Chico Spinoza, com quem iniciou os seus primeiros passos no mundo do Carnaval ao trabalhar como assistente na Escola de Samba União da Ilha do Governador. Assim, pouco tempo depois, Edson já trabalhava como desenhista e pintor de arte em várias Escolas de Samba. Em 2005, surgiu sua primeira oportunidade como carnavalesco na Unidos de Padre Miguel, escola na qual ficou de 2006 a 2008, fazendo sempre carnavais de ponta e aclamados. No ano de 2009, em parceria com Severo Luzardo, desenvolveu os carnavais das Escolas Arranco e Unidos de Aquarius. Para o carnaval de 2010, surgiu a primeira oportunidade de assumir uma Escola de Samba do Grupo Especial do Rio de Janeiro: a Unidos do Viradouro, dividindo dessa vez a função com Júnior Schall. Ainda com Schall e com Alexandre Louzada, também desenvolveu o carnaval da União de Jacarepaguá. No carnaval de 2011, Edson Pereira permaneceu na agremiação, novamente com Alexandre Louzada, e no ano seguinte acertou com a Renascer de Jacarepaguá, com a qual ascendeu ao Grupo Especial ao conquistar o campeonato de 2012 do Grupo de Acesso. Mais amadurecido, retornou a Unidos de Padre Miguel, ganhando o reconhecimento do público e da crítica de forma definitiva, com carnavais memoráveis.

Com o sucesso e a identidade artística definidos, a Mocidade Independente de Padre Miguel contratou o carnavalesco para novamente dividir, com Alexandre Louzada, o comando do Carnaval de 2016, mantendo a equipe para o carnaval do ano seguinte na Estrela-Guia, consagrando-se campeão com projeto apresentado na Mocidade Independente de Padre Miguel no Grupo Especial no carnaval 2017, mesmo atuando no Grupo Especial Edson permaneceu desenvolvendo o carnaval da Unidos de Padre Miguel, garantindo o 4º lugar da Série A do Carnaval do Rio de Janeiro. No Carnaval de 2018, Edson Pereira assinou o desfile da Unidos do Viradouro, consagrando-se novamente campeão da Série A e levando a escola de Niterói para o Grupo Especial.

FICHA TÉCNICA

Enredo

Outras informações julgadas necessárias

Em 2019 foi carnavalesco da Unidos de Vila Isabel, escola na qual fez uma bela homenagem à cidade de Petrópolis, renovando com a escola de Noel para ano seguinte, quando também estreou no Carnaval paulistano comandando a Mocidade Alegre. Assim, em 2020, foi outra vez o carnavalesco da Unidos de Vila Isabel, com o enredo “Gigante Pela Própria Natureza - Jaçanã e um Índio Chamado Brasil”, renovando com a escola de Noel para 2021 e, após o excelente resultado da Mocidade Alegre com o enredo “Do canto das Yabás renasce uma nova Morada”, terceiro lugar no carnaval paulistano, também renovou com a Escola para mais um projeto em São Paulo. Em 2021, diante da pandemia do Covid-19, o carnaval ficou para 2022. Edson, além de comandar a Unidos de Vila Isabel com o enredo “Canta, canta, minha gente! A vila é de Martinho!” e a Mocidade Alegre com enredo “Quelémentina, cadê você?”, retornou a Unidos de Padre Miguel com enredo “Iroko - É tempo de Xirê”, estando à frente, portanto, de três carnavais com projetos grandiosos para o próximo Carnaval pós-pandemia.

Prof. Dr. Clark Mangabeira – Antropólogo, Bacharel em Direito (UFRJ), Ciências Sociais (UERJ) e Letras (UERJ). Mestre em Ciências Sociais (UERJ) e Doutor em Antropologia Social (Museu Nacional/UFRJ). Professor adjunto do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Membro do Observatório de Carnaval (OBCAR - Labedis - Museu Nacional - UFRJ); do Núcleo Interinstitucional de Estudos de Violência e Cidadania (NIEVICi - UFMT) e do Núcleo de Estudos em Cultura Popular - Caleidoscópio (UFMT).

Prof. Ms. Victor Marques – Antropólogo, Bacharel em Letras (FEFIS), Mestre em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Professor de Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa. Membro do Observatório de Carnaval (OBCAR - Labedis - Museu Nacional - UFRJ) e do Núcleo de Estudos em Cultura Popular - Caleidoscópio (UFMT).

HISTÓRICO DO ENREDO

No Carnaval de 2022, a Unidos de Vila Isabel traz para a Sapucaí o enredo “Canta, canta, minha gente! A Vila é de Martinho!”, uma homenagem a Martinho da Vila, representante máximo da Escola, grande nome da Cultura Brasileira e artista negro incomparável.

A proposta temática do enredo é apresentar aspectos importantes da vida e das obras de Martinho, destacando-se momentos que formaram o sambista, suas obras e realizações culturais mais importantes. Deste modo, os fatos retratados nesta apresentação têm como principal fonte o próprio homenageado, presença importante no processo de construção da narrativa cuja participação se fez fundamental, ao passo que conduziu o processo de sua roteirização e de defesa dos elementos estéticos apresentados. Martinho fez-se presente sugerindo passagens de sua vida e referenciando-as em suas obras, dando ênfase a elementos menos conhecidos de sua trajetória por vontade do próprio artista em contá-los ao grande público. Assim, cada passagem e citação do enredo revelam a memória de vida do nosso poeta e refletem como ele vê a si próprio e se manifesta para o mundo.

A Vila Isabel apresenta, então, a homenagem a Martinho da Vila em cinco setores: no Primeiro Setor, destacam-se o auto reconhecimento africano do povo de Vila Isabel, bairro e escola, que chancelam Martinho como seu legítimo irmão e representante e trazendo momentos biográficos do sambista que são, segundo o próprio, fundamentais para sua formação até sua chegada ao bairro; no Segundo Setor, elementos de sua criação simples que lhe foram inspiração conduzem a algumas de suas obras e realizações artísticas, importantes na vida do homenageado e que marcaram a história do Carnaval.

No Terceiro Setor, apresentaremos a relação umbilical de Martinho com a África e, em especial, com Angola. Nele, o artista refaz o caminho de volta de seus antepassados, ressignificando a figura do negro no Brasil, revelando como o continente o fascinou e como a relação entre ambos se intensificou. Já no Quarto Setor, contaremos as lições que Martinho da Vila quer deixar ao mundo, expressas no seu estilo de vida e em suas manifestações artísticas, caracterizando-o como um sábio Griô, que nos ensinou e ainda nos ensina. E, finalmente, no Quinto Setor, consagrado na Vila Isabel, haverá uma grande homenagem a Martinho pela escola e pelo bairro e seu povo, eternizando-se nosso Poeta Negro no Carnaval.

Sinopse:

“Canta, canta, minha Gente, deixa a tristeza pra lá!”

Canta, Vila Isabel, Morro dos Macacos, Pau da Bandeira e todo o povão Branco e Azul, pois a Festa é da Raça!

Canta feliz da vida o outro Poeta que o Samba te deu, legado eterno do povo teu!

“Canta forte, canta alto, que a vida vai melhorar”, pois o samba foi feito de morro e a Festa é na Raça para a gente impor e celebrar a negritude!

Vamos abrir mais uma vez caminho à nossa ancestralidade, que pede passagem com a vida do Rei Negro das “kizombas, andanças e festanças”, coroado pela brasileira terra negra com força e fé das Áfricas e de Angola!

Morro é África, malandro é guerreiro de lança em punho e a criançada brincando pelas vielas e correndo pela savana.

“Ô dai-me licença ê!

Ô dai-me licença!

Uma licença de Zambi

para cantar umas zuelas no toque do Candomblé”.

É Mano Martinho, Vila!

Simbora?

Batuques invadem o Morro dos Macacos e passeiam pela Vila num convite animado à coroação. Por becos e vielas, seus camaradas descem escadas e ladeiras acompanhados pelo riso inocente das crianças admiradas que entoam melodias eternizadas por ele. Ele, cujo caminho até a coroação foi longo, nasceu na roça onde sentia o vento no rosto e a liberdade nos pés. Corria solto o moleque pelo chão batido, brincando sob a benção do carinho de Mãe Tereza e do amor devoto de Vó Procópio a proteger o garoto contra mau-olhado e assombração. Duas Barras marcada no coração do menino que veio à luz no Carnaval, um ano depois – quem diria? – da partida de Noel. Mal sabia o pequeno Zé que o Axé o preparava para encantar o povo. É a vida que começava a ser tecida pelos caminhos que Zambi quis.

Resistir! O rapaz vai acompanhado pelo tempo, que o conduz a outras praças. Carrega consigo a verdade do mundo estampada na pele. Com os Pretos Forros, na inteligência do dia a dia na Boca do Mato, Martinho fez samba no morro desde cedo, mesmo com a dor da dura vida que seus olhos testemunhavam. Percebeu que ser um só não bastaria para enfrentar a desigualdade. Cantarolava amores, amigos, a família e, múltiplo, virou Sargento Martinho, sem nunca vacilar na felicidade. Negro que segurou no peito as responsabilidades para gritar, partideiro, a revolta contra brancas maldades.

Batucando aqui e acolá, suas personalidades poéticas cresciam, encantando uma Menina-Moça, Vila Isabel, amor à primeira vista. O encantamento foi mútuo. Ela lhe deu inspiração e, a ela, o Poeta declamou paixão. O nome mudou, casamento em que o tempo não faz mais

sentido, só há eternidade. Fez, da sua casa, Casa de Bamba, onde todos são bem-vindos. Avolumavam-se canções e partidos-altos, aquele amor transbordando alegria! Nas curvas salivadas dos musicados amores pela Vila e outras cabrochas, encantou-nos, o Devagar, com a língua dada a prazeres. Toques e beijos, palavras e mãos, seios e desejos – vibra com jeito, meu violão, para fazer tremer esse chão!

Sempre feliz, quis brincar Carnaval e desfiou seu Carnaval de Ilusões sob a benção de Noel. Martinho eterno menino, sorriso no alto, amor-paixão pela Coroa, o Branco e o Azul tingindo a gente em noites de fascínio e magia, dedicação foliã entre confetes e serpentinas. Senti a quentura da folia e decidi que o mundo daquele jeito feliz era seu lugar. Então, foi tudo montado para que o povo, ao seu som, sempre quisesse sambar! O Martinho? Mora lá na Vila... É o tal do Martinho da Vila, nosso Rei Negro da Folia.

Afinal, fez química com batidas ancestrais. Deu liga. Gênio popular, misturou o sacolejo dos sons, sembas, sambas, partidos-altos, pagodes e canções. Roça, favela, comunidades, terreiros, Duas Barras, Vila e a gema do Rio de Janeiro. O cavaco era na rua, da rua. Resistência, o tom do sambista. Na escola das favelas, na sabedoria dos botequins e na boemia do Boulevard, na cachaça de beira de calçada e na cerveja com os compadres, vive a simplicidade de gente sábia e desce mais uma para embalar a cantoria.

Daí, reencontrou nas Áfricas sua história por completo. De Luanda, memórias, dom, talento, afeto. Ancestralidade é teu nome, Martinho, e a Vila te saúda! Suas andanças rumo ao Ventre Mãe reaparecem no sorriso aberto e Angola se faz presente. Voltando aos ancestrais, ecoam as vozes daqueles que possuem a força da cor. Nosso Poeta abre caminhos de lá pra cá e daqui pra lá. Intercambia, como elo, passado e futuro e Angola abraça o Embaixador Negro!

Aliás, Martinho sempre esmurrou o preconceito. Por aqui, certo, levantou-se também pela Democracia que seu Brasil há muito já não via. Mané com ele não se cria! Diretas pela liberdade e o menino da Vila com o dedo na ferida. Pé ante pé, há muito trocara o marchar pelo sambar e desafiou a censura de não poder criar e ser feliz do jeito que se é Martinho, da Vida! Cantou pela liberdade nos dois mundos unos separados pela covardia da escravidão. Martinho do Brasil e de Angola, Canto Livre! Kalunga e Kizomba, bem, chegou a hora!

Festa da Raça! Na Sapucaí, conquistas da luta negra pela liberdade, tantos Brasis Quilombos dos Palmares, tantos Palmares-Brasis a festejar: negras e negros que lutam pela dignidade. No Centenário da Abolição, bom lembrar que negra foi a canção, samba que ferveu e ferve no sangue das passistas, na alma das baianas, na Swingueira de Noel, nas negras e negros que mandaram e mandam na Avenida. Valeu, Zumbi! Tem grito forte nos Palmares e aqui! Martinho guerreiro quimbundo, Zumbi abençoando e Zumbi dando força: Concerto Negro ontem, amanhã e agora.

E seguiu, “devagar, devagarinho”, o sambista e sambador, também malandro engenhoso inspirado quando com tinta na mão. Alma brasileira-angolana e a Lua de Luanda iluminando seus livros. Salve a amada família, a das favelas, das Áfricas, de Barras, de sangue e da Vila, tudo tema de prosas e poesias, Martinho lambendo com amor a cria! Veio de longe a vocação de prosador. Bateu papo com o Bruxo do Cosme Velho quando para ele fez samba nos idos da Boca do Mato. Saber da rua, da roça, dos barracos, olho no olho de qualquer dotô e nosso nêgo quebrando o racismo de cada dia no gingado sábio – “Crioulo não é doido!” e negro impõe respeito! Martinho sim, Doutor com conhecimento de causa, da vida e dos livros! Escreveu histórias, Zé das Cantorias! Martinho das Letras, a Academia o reverencia! O Rei derrama sabedoria nas páginas e, em verso e prosa, encanta e declama a vida.

Cabem, assim, mil Martinhos nessa história. Sem pressa, o Poeta Negro enredou suas memórias no chão sagrado da Vila, preparou o quintal pro pagode com os amigos, celebrou causos da fazenda, da favela, dos subúrbios e da folia, a mesa farta sempre em boa companhia – cantos de lavadeiras, corações de malandros, crenças e crendices, papos de cozinha. Cadenciado, brincou e brincará! Compadre Noel, aquele abraço só no sapatinho e na alegria!

E agora é a vez de vocês correrem soltos, meninas e meninos da Vila, pois lá vem a coroação do Mestre Rei Martinho. Aprendam com o Griô de Gbala: é sobre a gente negra, nosso sangue, nosso carnaval, nossa ancestralidade, que hoje ele com a gente fala. O morro desce “feliz da Vila”: a vida dele vamos coroar! E vamos renascer das cinzas, tudo acabando na quarta-feira só pra recomeçar, pois nossa negra felicidade jamais vai terminar. Uma “Boa Noite”, Vila Isabel! Nossa garra na terra de bambas é celeste, infinita, e o resto a gente aprende com Martinho Mestre, só no laiaraiá!

Ergue a cabeça então, Comunidade, e pisa forte na Avenida! Ginga, samba, semba! Arranquem do peito o grito preso e cantem alto com orgulho a força e a fé da nossa negra-alma-samba, deixando qualquer tristeza pra lá!

É dia do Teu Martinho, Vila! Incendeia a Sapucaí, vamos pra cima e sim, bora kizombar!

JUSTIFICATIVA DO ENREDO

A vida e as obras de Martinho da Vila são centrais no Carnaval e no Mundo do Samba. O enredo, assim, justifica-se através da óbvia e gigantesca importância do homenageado na Cultura Brasileira, e pela própria presença de Martinho na história da Vila Isabel, com a qual a vida dele se mistura.

Nesse sentido,

Ingressou e passou a dedicar-se de corpo e alma à Escola do Bairro de Noel em 1965 e a história da Unidos de Vila Isabel se confunde com a de Martinho que passou a ser chamado o Da Vila. Nunca exerceu oficialmente a presidência administrativa da escola, mas por várias vezes esteve à frente da agremiação da qual é o Presidente de Honra, com busto de bronze na entrada da quadra de ensaios e eventos.

Os sambas de enredo mais consagrados da escola são de sua autoria, dentre os quais Iaiá do Cais Dourado, Sonho de Um Sonho, Raízes (Antológico samba-enredo sem rimas). Também criou vários temas para desfiles, dentre os quais Kizomba, a Festa da Raça que está entre os mais memoráveis da história dos carnavais e garantiu para a Vila, em 1988, seu consagrado título de Campeã do Centenário da Abolição da Escravatura.

(martinhodavila.com.br/biografia).

Consequentemente, o (esperado) enredo em homenagem à vida e à obra de Martinho é um momento ímpar de celebração de um grande gênio popular, da Negritude e do nosso Rei Negro que, na Sapucaí, será coroado e comemorado no desfile da Unidos de Vila Isabel.

ROTEIRO DO DESFILE

1º SETOR – “CONVOCANDO TODA A MASSA: MARTINHO PÉ NA ROÇA, PÉ NO MORRO E PÉS NO CHÃO”

**Comissão de Frente
NO TRONO DE OMOLU, A ASCENÇÃO
DE UM NOVO REI**

**1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Marcinho Siqueira e Cristiane Caldas
FORÇA E AXÉ DE ZAMBI**

Guardiões do 1º Casal de
Mestre-Sala e Porta-Bandeira
GUARDIÕES DA KIZOMBA

Ala 01 – Abertura
KIZOMBA PARA MARTINHO

**Alegoria 01 – Abre-Alas
FAVELA É ÁFRICA E O DONO DO PALCO É O
ZUMBI LÁ DO MORRO**

Ala 02 – Comunidade
RAÍZES NA ROÇA

Ala 03 – Comunidade
A BENÇÃO DAS MATRIARCAS

Ala 04 – Comunidade
VIVENDO NO PRETOS FORROS

Ala 05 – Comunidade
O SAMBA NA BOCA DO MATO

Ala 06 – Comunidade
MEMÓRIAS DE UM SARGENTO

Ala 07 – Comunidade
PARTIDEIRO NO BOULEVARD DE
UMA MENINA-MOÇA

**2º SETOR – EM CADA VERSO MAIS UMA OBRA-PRIMA:
A GENIALIDADE GRAVADA PARA A ETERNIDADE**

Destaque de Chão
Paula Bergamin
ASAS DA INSPIRAÇÃO

Alegoria 02
MEU LAIARAIÁ:
A SIMPLICIDADE DA GENIALIDADE

Ala 08 – Baianas
YÁ-YÁ DO CAIS DOURADO

Destaque de Chão
Gracianna Benetti
OS SONHOS DE YÁ-YÁ

Ala 09 – Comunidade
SONHADORES ALADOS

Rainha de Bateria
Sabrina Sato
COMANDANTE 5 ESTRELAS

Ala 10 – Bateria
PEQUENO BURGUESES

Ala 11 – Passistas
RAÍZES KAAPÓ

Ala 12 – Comunidade
RESGATE DE GBALA

Ala 13 – Comunidade
FESTA NO ARRAIÁ:
A VILA VEM CANTAR!

**3º SETOR – SINGRANDO EM MARES BRAVIOS:
VIAGEM AO TEMPLO DA CRIAÇÃO**

Destaque de Chão
Bete Floris
MÃE D'ÁGUA

**Alegoria 03
SINGRANDO OS MARES, UM GRITO DE
LIBERDADE**

Ala 14 – Comunidade
PELO ATLÂNTICO DE MEMÓRIAS,
ÀS ORIGENS

Ala 15 – Comunidade
ECOAR DOS ANCESTRAIS:
SOM AFRICANO

**2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Jackson Senhorinho e Bárbara Dionísio
O BRILHO NO ATLÂNTICO**

Ala 16 – Comunidade
VEM A LUA DE LUANDA

Ala 17 – Comunidade
EMBAIXADOR NEGRO

Ala 18 – Comunidade
LIBERDADE AFRO-BRASILEIRA

4º SETOR – LIÇÕES DA VIDA – SABEDORIA DO GRIÔ MARTINHO

Destaque de Chão
Andrea de Andrade
GUERREIRA DE ONILÉ

Alegoria 04
ÁFRICA EM PRECE:
O GRIÔ, A REFERÊNCIA

Ala 19 – Comunidade
VOZ PELA LIBERDADE:
LIÇÕES DE LUTA

Ala 20 – Comunidade
CONCERTO NEGRO ONTEM,
AMANHÃ E AGORA

Ala 21 – Comunidade
LITERATURA DE UM DOUTOR

Ala 22 – Comunidade
LUTA NEGRA: SEMPRE PRESENTE!

Ala 23 – Comunidade
APRENDIZES DE UM GRIÔ

5º SETOR – KIZOMBA NA CASA DE BAMBAS –
O LEGADO IMORTAL PARA O CARNAVAL

Destaque de Chão
Gabi Martins
DAMA DOS SONHOS

Tripé
PEGANDO O BONDE PARA PASSAR NO
BOULEVARD

Ala 24 – Compositores
ESCRITOS DE SABEDORIA

Ala 25 – Velha-Guarda
E UMA BOA-NOITE, VILA ISABEL!

Ala 26 – Amigos de Martinho
VILA ISABEL, CELEIRO DE BAMBAS!

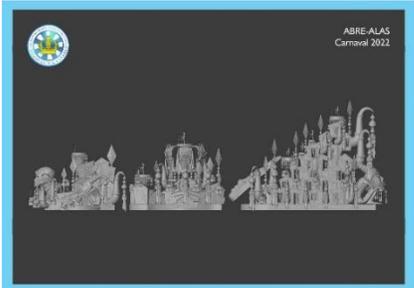
Destaque de Chão
Dandara Oliveira
COLOMBINA DO CARNAVAL

Alegoria 05
**PRA TUDO NÃO SE ACABAR NA QUARTA-
FEIRA**

Ala 27 – Comunidade
GRANDE CARNAVAL DO BOULEVARD

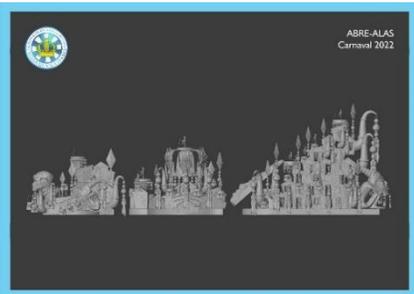
FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Edson Pereira		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
01	<p>FAVELA É ÁFRICA E O DONO DO PALCO É O ZUMBI LÁ DO MORRO</p>  <p><i>*Essa imagem é do croqui original e serve apenas como referência, pois foram realizadas modificações de estética e de cor na execução da Alegoria.</i></p>	<p>Batuques passeiam pelos morros num convite animado à Coroação. O morro é a face ancestral da negritude. Por becos e vielas o povo dos Macacos e do Pau da Bandeira, abençoados por Zumbi, desce escadas e ladeiras em defesa de suas raízes, erguendo-se em homenagem ao Poeta. O Negro Rei, Martinho, é o dono do palco, o Zumbi lá do Morro. Ao seu redor, o povo negro dos sambas e sembas, guerreiro, canta em defesa de sua cultura: vozes que ecoam a sabedoria africana e que fazem emergir a Coroa Negra da Vila Isabel. Coroa das Favelas e das Áfricas, que resplandece e gira com a felicidade de toda a gente. O Abre-Alas representa a realidade de Martinho da Vila: presentes os Morros de Vila Isabel e a herança africana, misturados, coloridos pelo vai e vem sem fim de seus moradores e protegidos pela força e nobreza dos marfins. Á frente, a figura de Zumbi protege os seus. A primeira parte da alegoria traz elementos que o relacionam à Cultura Africana, com destaque para a reprodução da escultura angolana “O Pensador”, eternizada no carnaval como símbolo do primeiro campeonato da Vila Isabel no histórico desfile de “Kizomba, Festa da Raça” em 1988, cujo enredo é de autoria de Martinho. A segunda parte ergue a Coroa da Vila Isabel, girando para convidar à coroação do seu Rei Maior, Martinho. Por fim, a terceira parte incorpora máscaras africanas à favela, conjugando a realidade afro-brasileira e trazendo a força das tribos ancestrais africanas.</p> <p>Composições – Força das Tribos Africanas</p> <p>Semi-Destaques – Chassi 01 – Força dos Marfins</p> <p>Ana Cristina Fernandes (Destaque Central Baixo – Chassi 01) – O Azul Desce o Morro</p> <p>Ednelson Pereira (Destaque Central Alto – Chassi 01) – Zumbi</p> <p>Renata Coutinho e Wesley Carlos (Semi-Destaques – Chassi 02) – A Corte da Favela Quilombo</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Edson Pereira		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
01	<p>FAVELA É ÁFRICA E O DONO DO PALCO É O ZUMBI LÁ DO MORRO (Continuação)</p>  <p><i>*Essa imagem é do croqui original e serve apenas como referência, pois foram realizadas modificações de estética e de cor na execução da Alegoria.</i></p>	<p>Klayton Eller (Destaque Central Baixo – Chassi 02) – Guerreiro da África-Morro</p> <p>Vander Gevu (Destaque Central Alto – Chassi 02) – Zumbi do Morro</p> <p>Michel Vieira e Andreoni Pellinsky (Semi-Destaques – Chassi 03) – Realeza Africana</p> <p>Janaina Guerra (Destaque Central Baixo – Chassi 03) – Raízes dos Macacos</p> <p>Solenmira Munford (Destaque Central Médio – Chassi 03) – Raízes do Pau da Bandeira</p> <p>Robson Garrido (Destaque Central Alto – Chassi 03) – Ancestralidade Morro-Africana: Vitória da Negritude!</p>
02	<p>MEU LAIARAIÁ: A SIMPLICIDADE DA GENIALIDADE</p>  <p><i>*Essa imagem é do croqui original e serve apenas como referência, pois foram realizadas modificações de estética e de cor na execução da Alegoria.</i></p>	<p>O pano de fundo das criações de Martinho é sua vida simples, suas memórias, família e amores! A alegoria, assim, traz a simplicidade do menino crescido na roça, lugar que o despertou para a leitura, virou inspiração e construiu sua marca genial como compositor. O pequeno Martinho abre a porteira do seu cantinho em Duas Barras para apresentar sua família e o início de sua jornada pelo conhecimento com a cabeça aberta para o mundo, a mãe natureza como pano de fundo e o canto dos passarinhos a lhe orientar. A sabedoria de Martinho se desenrola pelas páginas que conduzem sua viagem para outros universos. As memórias do menino que corria pelo chão de terra batida inspiraram suas obras, musicais e literárias. Aquele estilo de vida simples tornou-se filosofia, inclusive na sua forma de compor, cantar e se apresentar para o mundo.</p> <p>Composições – “Samba do Passarinho”</p> <p>Denyse Barreiros e Roberta de Marchi (Semi-Destaques) – Mãe Natureza: A Beleza da Simplicidade</p> <p>Andrea Oliveira (Destaque Central Alto) – Inspiração em Tom Maior</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Edson Pereira		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
03	<p>SINGRANDO OS MARES, UM GRITO DE LIBERDADE</p>  <p><i>*Essa imagem é do croqui original e serve apenas como referência, pois foram realizadas modificações de estética e de cor na execução da Alegoria.</i></p>	<p>Na alegoria 3, representamos a ida de Martinho de encontro com a África e uma leitura de sua relação com o continente, especialmente com Angola. Olokun, Senhor dos Mares, abre os caminhos no mar para Martinho, a bordo de uma caravela, desfraldar as velas, desafiar os perigos da travessia e percorrer o caminho de volta dos seus antepassados, ressignificando a figura do negro: de corpos escravizados trazidos para o trabalho forçado nos engenhos ao corpo que quebra as amarras do preconceito e se lança a um canto de liberdade, tornando-se um expoente cultural brasileiro.</p> <p>Nosso Rei agora, regressa para celebrar a força e a beleza da África e de sua negritude. Rompem-se as correntes do passado em busca do protagonismo de sua própria história. O negro se levanta e conquista a liberdade de se expressar e de agir sob seus próprios anseios.</p> <p>Composições – Força das Áfricas</p> <p>Personagens – Eu Não Quero Essa Vida Não, Zambi!</p> <p>Personagens (Laterais Baixas) – Beleza das Áfricas</p> <p>Ricardo Maia e Carlos Augusto Pereira (Semi-Destaque Alto) – Axé pra Todo Mundo!</p> <p>Paulo Robert (Destaque Central Baixo) – Olokun, Senhor dos Mares</p> <p>Marry de Francy (Destaque Central Frontal) – Timoneira Africana</p> <p>Juarez Souza (Destaque Central Alto) – A Força Guerreira da Negritude</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Edson Pereira		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
04	<p>ÁFRICA EM PRECE: O GRIÔ, A REFERÊNCIA</p>  <p><i>*Essa imagem é do croqui original e serve apenas como referência, pois foram realizadas modificações de estética e de cor na execução da Alegoria.</i></p>	<p>A alegoria traz a figura de um Griô sob a sombra de uma grande árvore e envolto no cenário africano. Como diz o samba de 1993: “Gbala é resgatar, salvar/E a criança é a esperança de Oxalá”, e ao redor do mestre as crianças somos todos nós, ávidos por conhecimento e por reencontrar nossas origens e o significado da nossa existência. Martinho cumpre então o seu papel de preservar e difundir histórias e conhecimento, como um legítimo Griô a transmitir sua sabedoria.</p> <p>Composições – Brasilafricanidade</p> <p>Luiz Pizzotti e Renato Reis (Semi-Destaques) – Zebras da Savana das Origens</p> <p>Paula Rayalla e Waldir Freitas (Semi-Destaques) – Girafas da Savana das Origens</p> <p>Marcos Antonio Teixeira (Destaque Central Alto) – Griô de Gbala</p>
*	<p>Tripé</p> <p>PEGANDO O BONDE PARA PASSAR NO BOULEVARD</p>  <p><i>*Essa imagem é do croqui original e serve apenas como referência, pois foram realizadas modificações de estética e de cor na execução da Alegoria.</i></p>	<p>Neste tripé, embarcamos nos antigos bondes do Boulevard para cruzar a Sapucaí e homenagear o ilustre poeta da Vila. Uma viagem através dos tempos, com as glórias, a beleza e o espírito carnavalesco dos Carnavais de Ilusões que sempre movimentaram as ruas do bairro e agora são transportados para o palco principal do carnaval.</p> <p>Janaina Luz (Destaque Central Baixo) – Motorneira do Boulevard</p> <p>Dill San (Destaque Central Alto) – Brilho dos Carnavais de Ilusões</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo)

Edson Pereira

Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
05	<p style="text-align: center;">PRA TUDO NÃO SE ACABAR NA QUARTA-FEIRA</p>  <p><i>*Essa imagem é do croqui original e serve apenas como referência, pois foram realizadas modificações de estética e de cor na execução da Alegoria.</i></p>	<p>O Boulevard se enfeita e faz nossa Vila Isabel engalanada brilhar mais do que o Sol nessa noite de festa. Para celebrar a vida e a coroação do poeta que leva seu nome, o bairro vê se casario assumir sua essência carnavalesca para saudar “O pai da alegria” que, do alto com sua “gelada”, assiste sua gente emocionada reluzir. Ainda que as cortinas se fechem na quarta-feira, as lembranças tornam cada carnaval eterno, perpetuando sambas e história pois, quando tudo se acaba, um novo ciclo se inicia pelos sonhos e trabalhos de um povo que tem a alma foliã.</p> <p>Composições – Arlequim e Colombina no Carnaval Celeste</p> <p>Velha-Guarda – E Uma Boa-Noite, Vila Isabel!</p> <p>Personagens – Garçom, Abre Logo uma Gelada!</p> <p>Alex Oliveira e Wagner Barbosa (Semi-Destaques) – Pierrot dos Carnavais</p> <p>Lola (Destaque Central Baixo) – “Samba Menina, Papai quer Ver”</p> <p>Zezito Ávila (Destaque Central – Fonte) – Feitiço da Vila</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Nomes dos Principais Destaques	Respectivas Profissões
<p><u>Alegoria 01 (Abre-Alas)</u> Ana Cristina Fernandes – Central Frontal Ednelson Pereira – Central Alto (Chassi 01) Klayton Eler – Central Frontal (Chassi 02) Vander Gevu – Central Alto (Coroa – Chassi 02) Janaína Guerra – Central Frontal (Chassi 03) Solenmira Munford – Central Alto (Chassi 03) Robson Garrido – Central Alto (Chassi 03)</p> <p><u>Alegoria 02</u> Andréa Oliveira – Central Alto</p> <p><u>Alegoria 03</u> Paulo Robert – Central Baixo Marry de Francy – Central Frontal Juarez Souza – Central Alto</p> <p><u>Alegoria 04</u> Marcos Teixeira – Central Alto</p> <p><u>Tripé</u> Janaína Luz – Central Baixo Dill San – Central Alto</p> <p><u>Alegoria 05</u> Lola – Central Baixo Zezito Àvila – Central Frontal (Fonte)</p>	<p>Primeira-Dama e Empresária Empresário Empresário e Professor Universitário Fotógrafo Empresária Secretária Decorador</p> <p>Analista Financeira</p> <p>Visagista e Empresário Estilista Maquiador</p> <p>Empresário</p> <p>Executiva Financeira Empresário</p> <p>Apresentadora e Fisioterapeuta Estilista</p>
Local do Barracão	
Rua Rivadavia Corrêa, nº. 60 – Barracão nº. 05 – Gamboa – Rio de Janeiro – Cidade do Samba	
Diretor Responsável pelo Barracão	
Moisés Carvalho	
Ferreiro Chefe de Equipe Joãozinho	Carpinteiro Chefe de Equipe Juracir
Escultor(a) Chefe de Equipe Alex Salvador	Pintor Chefe de Equipe Leandro Assis
Eletricista Chefe de Equipe Moisés Carvalho	Mecânico Chefe de Equipe Cleber da Silva Loyola

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Outros Profissionais e Respectivas Funções

Luiz Martins	- Diretor de Barracão e Compras
Nino	- Fibra
Hildenberg Batista	- Engenheiro
Rogério Kennedy (Fuca)	- Iluminação
Sandro Marcio e filhos	- Vidraceiros
Alex Salvador	- Movimentos
Célio	- Almoxarife
Fábio Costa	- Direção Artística
Alessandra Reis	- Atelier de Composições
Rayner Botelho	- Projetista
Flávio Magalhães	- Assistente de Carnavalesco
Leandro Santos	- Chefe de Aderecistas
Clark Mangabeira e Victor Marques	- Pesquisadores
Nicolas Gonçalves	- Assistente de Projeto
Ruan Rocha	- Colaboração de Pesquisa
Ton do Tuiuti	- Decorador Árvore (Alegoria 04)
Adauto e Batista	- Portaria

As imagens dos croquis reproduzidas nas fichas são originais e servem apenas como referência pois foram realizadas modificações de estética e de cor na execução das Alegorias e dos Elementos Cenográficos (Tripés).

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)				
Edson Pereira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	Guardiões da Kizomba 	<p>Homenageando a Comissão de Frente do desfile de 1988, “Kizomba, Festa da Raça”, os guardiões do primeiro casal de mestre-sala e porta-bandeira trazem a energia campeã do aclamado desfile para resguardar a força e o axé de Zambi que hoje cobrem Martinho e a Vila Isabel nessa grande festa da raça.</p>	<p>Guardiões do 1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira (2019)</p>	<p>Ana Formighieri</p>
01	Kizomba para Martinho 	<p>Vem da África o axé dos ancestrais guerreiros e nobres que marca a trajetória do nosso Negro Rei e dos habitantes do quilombo urbano dos Macacos. A comunidade de Vila Isabel, do Morro dos Macacos e Pau da Bandeira, convoca toda a massa para a coroação do Negro Rei. Com as lanças da sabedoria negra em punho, garantem a Kizomba e resguardam o povo na Festa da Raça, lembrança do inesquecível desfile de 1988, que exaltou com orgulho a força da negritude por trás da nossa formação cultural.</p>	<p>Abertura (2021)</p>	<p>Fábio Costa</p>
02	Raízes da Roça 	<p>E o Rei que nasceu na roça, em Duas Barras, a ela sempre volta e dela sempre se lembra. Leva a roça no coração de menino e no sorriso, a alegria das lembranças juvenis, do vento no rosto e da liberdade nos pés.</p>	<p>Comunidade (2021)</p>	<p>Harmonia</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Edson Pereira

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
03	<p>A Bênção das Matriarcas</p> 	<p>Presenças de luz e proteção na vida do Mestre, as bênçãos de Mãe Tereza e Vó Procópia sempre a aconchegar e proteger Martinho. A vela acesa, muita reza e terço abençoaram sua trajetória e afastaram quebranto e mau-olhado!</p>	Comunidade (2021)	Harmonia
04	<p>Vivendo no Pretos Forros</p> 	<p>Martinho deixa a roça e chega ao Rio de Janeiro. Do alto do morro dos Pretos Forros, onde se formou um quilombo de pretos livres no período da escravidão, olha a cidade por um ângulo diferente: lá de cima a vista é bela, mas ao seu redor testemunha a vida dura, a labuta e a miséria de muitos. A alegria que nunca o abandonou foi morada da sua resistência.</p>	Comunidade (2021)	Harmonia
05	<p>O Samba na Boca do Mato</p> 	<p>Na Aprendizagem da Boca do Mato é onde Martinho dá os seus primeiros passos como sambista, mostrando que tanto talento não guardaria segredo por muito tempo. Na agremiação, de cores verde e branco, faz grandes obras, como uma homenagem a Machado de Assis, que aguça seu interesse pela literatura.</p>	Comunidade (2021)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Edson Pereira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
06	Memórias de um Sargento 	<p>Arrimo de família, Martinho alistou-se no Exército como voluntário e atingiu o posto de 3º Sargento, servindo à Pátria sob suas cores e brasões patrióticos. Após 13 anos, deu baixa para abraçar a veia artística e escreveu: <i>“Treze anos de caserna/Me deram boa lição/Sou formado lá na Vila/Fiz do samba profissão”</i>.</p>	Comunidade (2021)	Harmonia
07	Partideiro no Boulevard de uma Menina-Moça  	<p>O encontro com o bairro de Noel, a boemia e o povo que ali vivia, foi um encantamento mútuo. Batucando aqui e acolá, escolheu o lugar com nome de princesa para se “formar” no samba. Encantou também a Menina-Moça, Vila Isabel, e seus partideiros. Um amor à primeira vista que lhe deu farta inspiração. União indissociável com a Escola: Martinho tornou-se da Vila e a Vila tornou-se de Martinho. Dentre as inúmeras canções, sambas e partidos-altos do nosso Poeta, a Vila sempre esteve lá, como personagem, cenário ou como um lugar para encontrar os amigos e fazer música sem hora para acabar.</p>	Comunidade (2021)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Edson Pereira

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p>Asas da Inspiração</p> 	<p>Na simplicidade do bater das asas e do canto do passarinho, som constante na vida de roça de Martinho, o Rei inspirou-se a fazer da música sua vida!</p>	<p>Destaque de Chão Paula Bergamini (2018)</p>	<p>Harmonia</p>
08	<p>Yá-Yá do Cais Dourado</p> 	<p>No início de sua história com a Vila Isabel, um dos primeiros sambas a levar a assinatura de Martinho foi “Yá-yá do Cais Dourado”, em 1969. Para celebrar sua Coroação, as Mães do Samba homenageiam a Bahia e o encontro do Poeta com os morros, encarnando a própria Yá-yá.</p>	<p>Baianas (2019)</p>	<p>Vera</p>
*	<p>Os Sonhos de Yá-Yá</p> 	<p>No cais dourado da velha Bahia reluzem os sonhos de Yá-yá, símbolo da beleza e da força baiana. Sonha em vagar pelo mundo a bordo de um barco à vela; em desfilar de carruagem; e também com seus amores. Sonhando acordada um sonho sonhado, homenageia o grande Martinho, dono do palco da Vila Isabel.</p>	<p>Destaque de Chão Gracianna Benetti (2019)</p>	<p>Harmonia</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Edson Pereira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
09	Sonhadores Alados 	Seres alados multicoloridos para visitar o desfile de 1980 da Vila Isabel. Um dos sambas mais festejados da Escola, “Sonho de um sonho”, exalta o aspecto lúdico sobre a liberdade e é mais umas das obras-primas compostas por Martinho.	Comunidade (2021)	Harmonia
*	Comandante 5 Estrelas 	À frente da Swingueira de Noel, a Rainha de Bateria da Vila é de alta patente. Condecorada com a Ordem do Mérito do Samba, comanda a tropa com o rigor de um sorriso e a disciplina sincopada do ritmo que ecoa pelas ruas de Vila Isabel. A comandante do exército de Martinho conduz a marcha no compasso dos surdos e caixas, na subida dos repiques, com os agudos dos tamborins e o gingado das cuícas, provando pro povo que o berço do samba é regido por medalhões na arte de sambar.	Rainha de Bateria Sabrina Sato (2021)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Edson Pereira

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
10	<p>Pequeno Burguês</p> 	<p>Inspirada na gigante obra do mestre dos mestres, a Swingueira de Noel encarna o “Pequeno Burguês”, vestindo-se do personagem da canção, para reviver a história que inspirou Martinho. Retratando um episódio da vida de seu amigo Sargento Xavier, a canção conta a história do militar que conseguiu conjugar a dura labuta no Exército com uma formação em Direito. Em sua formatura, porém, os amigos convidados que combinaram comparecer fardados não apareceram e Martinho acabara descobrindo que o então “pequeno burguês” também não havia estado pois não tinha dinheiro para pagar a festa, nem o traje. Hoje, a Swingueira de Noel se veste de farda, como legítimos amigos do Sargento Martinho, para a grande coroação do Negro Rei, que largou a caserna para se formar em Vila Isabel, bacharel no samba.</p>	Bateria (2018)	Mestre Macaco Branco

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Edson Pereira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
11	Raízes Kaapó 	<p>Só ele pra fazer sem rima! Louvando as raízes indígenas do país, Martinho celebrou o povo Kaapó com o samba “Raízes”, no carnaval de 1987 da Vila Isabel. Com grande inovação no samba, a Escola desfilou uma das primeiras letras sem rimas do Carnaval, trazendo a paixão de Arapiá e Numiá, Guaraci e Jaci, o Sol e Lua que, agora, brilham como passistas da Vila Isabel.</p>	Passistas (2019)	Gabriel Castro
12	Resgate de Gbala 	<p>Ganhador de importantes prêmios, o samba de “Gbala – Viagem ao Templo da Criação”, de 1993, louvava uma sociedade capaz de viver em comunhão diante de sua natureza e de seus costumes. Trazendo o colorido da mãe natureza, a ala revive a comissão de frente daquele carnaval.</p>	Comunidade (2021)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Edson Pereira

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
13	<p><i>Festa no Arraiá: a Vila Vem Cantar!</i></p> 	<p>Martinho campeão! Em 2013, Martinho compôs o samba campeão da Vila Isabel lembrando os hábitos cotidianos das regiões interioranas do Brasil. Martinho da Vila canta o Brasil, celeiro do mundo!</p>	Comunidade (2021)	Fábio Costa
*	<p>Mãe D'Água</p> 	<p>Criatura da mitologia africana, Iemanjá. Rainha das águas. Filha de Olokun, o Deus do Mar. Acompanha Martinho pela travessia que o conduz ao seu encontro com a África.</p>	Destaque de Chão Bete Floris (2019)	Harmonia
14	<p>Pelo Atlântico de Memórias, às Origens</p> 	<p>Na viagem as suas origens africanas, Martinho atravessa o revoltado Atlântico de memórias, berço de sua ancestralidade onde haverá de descobrir ainda mais sobre si. São os caminhos do mar abertos para Martinho passar.</p>	Comunidade (2021)	Fábio Costa

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Edson Pereira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
15	<p><i>Ecoar dos Ancestrais: Som Africano</i></p> 	<p>A fantasia representa os sons e a ancestralidade reencontrada nas viagens à África. Aportando na África, os sons encontrados na viagem revelam, por entre koras, tambores, a ancestralidade musical do Semba. Do outro lado do oceano, Martinho agrega para sua obra o <i>Som Africano</i> extraído do folclore angolano, abrindo caminhos daqui pra lá e de lá pra cá.</p>	Comunidade (2021)	Fábio Costa
16	<p><i>Vem a Lua de Luanda</i></p> 	<p>Chegando a Angola, é a grande lua de Luanda que recebe o poeta, encantando-o e iluminando seus sonhos e caminhos.</p>	Comunidade (2021)	Harmonia
17	<p><i>Embaixador Negro</i></p> 	<p>Por conta da sua capacidade de diálogo e trocas entre as nações, Martinho foi intitulado embaixador cultural honorário de Angola. Tornase, portanto, defensor, embaixador e divulgador da cultura africana e angolana. Assim como Samanhonga, “O Pensador de Angola”, símbolo da identidade cultural do país, Martinho é referência de sabedoria e experiência. Um Pensador Angolano-Brasileiro!</p>	Comunidade (2021)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)

Edson Pereira

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
18	<p>Liberdade Afro-Brasileira</p> 	<p>A fantasia significa a presença de Martinho como elo entre Brasil e Angola, destacando-se os projetos “Canto Livre de Angola” (1983) e o “Proketo Kizomba – Encontro Internacional de Artes Negras” (1984). Há quase 40 anos, Martinho lançou o projeto “Canto Livre de Angola”, revelando semelhanças culturais entre o país africano e o Brasil, e fomentando a arte angolana. Martinho, do Brasil e de Angola, lutou pelas artes negras e pela liberdade nos dois mundos.</p>	Comunidade (2021)	Harmonia
*	<p>Guerreira de Onilé</p> 	<p>Representa a força e proteção da criação de Onilé, divindade feminina — conhecida como Terra-Mãe —, associada aos aspectos fundamentais da natureza. Nossa guerreira vem garantir a proteção da árvore sagrada e sua enraizada sabedoria ancestral, semeada pelos ensinamentos dos Griôs.</p>	Destaque de Chão Andrea de Andrade (2021)	Harmonia
19	<p>Voz pela liberdade: lições de luta</p> 	<p>Silenciar jamais! Durante o período da ditadura civil-militar no Brasil, Martinho não deixou de se posicionar contra a ação da censura em suas obras e a favor da democracia, tornando-se uma importante voz pela liberdade nas ruas e nas artes.</p>	Comunidade (2021)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Edson Pereira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
20	Concerto Negro Ontem, Amanhã e Agora 	A fantasia nos remete ao projeto “Concerto Negro”, criado por Martinho em 1988, em que entrelaçou a cultura negra com a música erudita. Martinho lutou pela poesia e músicas negras nos palcos clássicos, entre violinos, instrumentos de sopro, pianos e notas musicais.	Comunidade (2021)	Harmonia
21	Literatura de um Doutor 	A fantasia representa a relação de Martinho da Vila com os livros e sua carreira literária. Escritor consagrado, Martinho possui título de <i>Doutor Honoris Causa</i> da UFRJ, é membro efetivo da Academia Carioca de Letras, do PEN CLUB e da Divine Académie Française des Arts Lettres et Culture.	Comunidade (2021)	Harmonia
22	Luta Negra: Sempre Presente! 	Martinho sempre foi e é uma mão forte contra o racismo no Brasil. O artista é um grande defensor da valorização de negras e negros que conquistaram espaço e representatividade, bem como de abertura de oportunidade para que outros representantes da cultura negra possam reluzir e colocar sua voz a serviço da igualdade e do respeito.	Comunidade (2021)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)

Edson Pereira

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
23	<p>Aprendizes de um Griô</p> 	<p>A fantasia representa a reunião de todo o povo para ouvir as lições do Griô Martinho, o senhor da sapiência. Adultos e crianças comparecem para aprender com seus ensinamentos, vestindo-se de ancestralidade, africanidade e negritude em busca do seu legado.</p>	<p>Comunidade (2021)</p>	<p>Harmonia</p>
*	<p>Dama dos Sonhos</p> 	<p>É tempo de sonhar e viver a magia do Carnaval! A Dama dos Sonhos convida a todos a vestirem suas fantasias para brincar em homenagem a Martinho pelas ruas de Vila Isabel.</p>	<p>Destaque de Chão Gabi Martins (2021)</p>	<p>Harmonia</p>
24	<p>Escritos de Sabedoria</p> 	<p>Os Compositores da Vila Isabel trazem a vocação de prosador e escritor da consciência, e a inspiração no uso das palavras do Mestre Martinho, vestidos de gala.</p>	<p>Compositores (2019)</p>	<p>Thalles Henrique</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Edson Pereira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
25	E Uma Boa-Noite, Vila Isabel! 	<p>Junto a Martinho da Vila, celebramos a sabedoria das grandes sábias e sábios, as guardiãs e os guardiões da memória da Unidos de Vila Isabel que, ao lado do Griô Poeta, nos ensina sobre nossa gente preta, nosso sangue, nosso carnaval, nossa ancestralidade, o Morro dos Macacos, a Vila, e a Terra-Mãe ali do lado. A fantasia de trajes tradicionais em tons azuis e brancos da Vila, veste nossa Velha Guarda, a alma da Vila Isabel.</p>	Velha Guarda (2019)	Cheila Rangel
26	Vila Isabel, Celeiro de Bambas! 	<p>O povo do samba da Vila Isabel, celeiro de bambas, festeja a vida do Rei Martinho. Nosso poeta abraça esse povo todo seu e comemora ao lado de seus amigos, trazendo pessoas importantes em sua vida para celebrar sua obra e seu legado.</p>	Amigos de Martinho (2021)	Harmonia
*	Colombina do Carnaval 	<p>A alegria de Colombina a saudar, em tons azulados, a festa do Carnaval de Martinho! É ela quem puxa a festa e traz a felicidade dos Carnavais!</p>	Destaque de Chão Dandara Oliveira (2018)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)

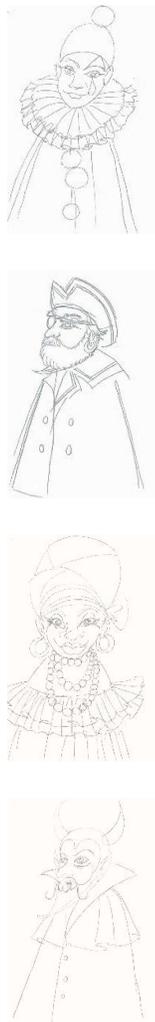
Edson Pereira

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
27	<p>Grande Carnaval do Boulevard</p> 	<p>Canta forte, minha vila!</p> <p>Boulevard em festa e seu principal convidado é o público! Personagens que sempre povoaram o imaginário do universo carnavalesco de rua invadem o Boulevard para celebrar a coroação do Negro Rei.</p> <p>Criando releituras de alguns dos trajes tradicionais que alegravam a folia pelas ruas de Vila Isabel, o povo de Noel festeja vestidos de bate-bolas, piratas, ciganas, palhaços, porta-estandartes, baralhos, arlequins, colombinas, pierrôs, Carmens Mirandas e seus bonecos pela multidão, numa grande festa popular, como manda o rito para saudar Martinho.</p> <p>Seguindo a tradição da rua, de criatividade e mão na massa, fantasias confeccionadas de forma artesanal e suas técnicas de reaproveitamento, variações de materiais, cores e estampas para o festejo sem perder, porém, a essência de cada personagem.</p> <p>É o grito solto do povo pelas ruas da Vila de Martinho, deixando toda a tristeza pra lá, a ecoar para além da quarta-feira.</p>	Comunidade (2021)	Fábio Costa, Samuel Abrantes e Danny Jóia

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Edson Pereira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
27	<p>Grande Carnaval do Boulevard (continuação)</p> <p>(Bonecos)</p> 	<p>Canta forte, minha vila!</p> <p>Boulevard em festa e seu principal convidado é o público! Personagens que sempre povoaram o imaginário do universo carnavalesco de rua invadem o Boulevard para celebrar a coroação do Negro Rei.</p> <p>Criando releituras de alguns dos trajes tradicionais que alegravam a folia pelas ruas de Vila Isabel, o povo de Noel festeja vestidos de bate-bolas, piratas, ciganas, palhaços, porta-estandartes, baralhos, arlequins, colombinas, pierrôs, Carmens Mirandas e seus bonecos pela multidão, numa grande festa popular, como manda o rito para saudar Martinho.</p> <p>Seguindo a tradição da rua, de criatividade e mão na massa, fantasias confeccionadas de forma artesanal e suas técnicas de reaproveitamento, variações de materiais, cores e estampas para o festejo sem perder, porém, a essência de cada personagem.</p> <p>É o grito solto do povo pelas ruas da Vila de Martinho, deixando toda a tristeza pra lá, a ecoar para além da quarta-feira.</p>	Comunidade (2021)	Fábio Costa, Samuel Abrantes e Danny Jóia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Local do Atelier Rua Rivadávia Correa, 60 – Barracão N° 05 – Gamboa – Rio de Janeiro – Cidade do Samba	
Diretor Responsável pelo Atelier Alessandra Reis	
Costureiro(a) Chefe de Equipe Alessandra Reis	Chapeleiro(a) Chefe de Equipe Alessandra Reis
Adrecista Chefe de Equipe Alessandra Reis	Sapateiro(a) Chefe de Equipe Zé
Outros Profissionais e Respectivas Funções	
Paula	- Espuma
Artur	- Placas
Vitor	- Vime
Alexandre Abreu	- Arames
Jorge Abreu	- Maquiagem
Leandro Assis	- Pintura
Wallace	- Corte
Outras informações julgadas necessárias	

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Autor(es) do Samba-Enredo		
Evandro Bocão, André Diniz, Dudu Nobre, Professor Wladimir, Wanderson Pinguim, Marcelo Valença, Leno Dias e Mauro Speranza		
Presidente da Ala dos Compositores		
Thalles Henrique		
Total de Componentes da Ala dos Compositores	Compositor mais Idoso (Nome e Idade)	Compositor mais Jovem (Nome e Idade)
70 (setenta)	Jonas da Vila 83 anos	Douglas Santos 26 anos
Outras informações julgadas necessárias		
<p>Ferreira, chega aí Abre logo uma gelada, vem curtir A Avenida engalanada Nossa gente emocionada vai reluzir Os sonhos de Iaiá Suas glórias e cirandas resgatar Não acaba quarta-feira a saideira Nem o meu laiaraiá Raízes da roça para os Pretos Forros Tanto talento não guarda segredo O dono do palco, Zumbi lá do morro Pela 28, chinelo de dedo Se a paz em Angola lhe pede socorro Filho de Teresa encara sem medo</p>		
<p>Seguiu escola do Pai Arraia Reforma agrária e festa no arraiaí Em cada verso, mais uma obra-prima Ousar, mudar e fazer sem rima (só você pra fazer sem rima)</p>		BIS
<p>Profeta, poeta, mestre dos mestres África em prece, o griô, a referência O senhor da sapiência, escritor da consciência E a cadência de andar, de viver e sambar Tão bom cantarolar porque o mundo renasceu Me abraçar com esse povo todo seu Eu vou junto da família Do Pinduca à Alegria pra brindar Modéstia à parte, o Martinho é da Vila</p>		
<p>Partideiro, partideiro, ó Nossa Vila Isabel brilha mais do que o sol Canta, negro rei, deixa a tristeza pra lá Canta forte minha Vila, a vida vai melhorar</p>		BIS

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

O ENREDO E O SAMBA ENREDO

Um bom samba enredo tem por obrigação apresentar letra e melodia bem trabalhadas e a missão de tornar o enredo entendível, levando os componentes a cantarem felizes. Além disso tem de emocionar e, aí sim, está perfeito! Desde que ouvi a obra desta parceria pela primeira vez, senti que ela juntava esses atributos.

PRIMEIRA PARTE

Os compositores, alguns meus parceiros em outras empreitadas, começam a obra com linguajar intimista, despojado e ao mesmo tempo elegante. Adoro o “chega aí”, o “abre logo uma gelada” e imagino, emocionado, o povo cantando minha vida na madrugada do próximo carnaval. A narrativa passeia por frases de músicas que compus, em especial para a nossa querida Vila. É um samba rebuscado, sem perder simplicidade. Fala diretamente comigo e ao mesmo tempo para todos. E está tudo ali: Duas Barras (Raízes da Roça); minha chegada no Rio (Morro dos Pretos Forros); o início da carreira (tanto talento não guarda segredo); refere-se ao artista (o dono do palco); minha relação com a comunidade do Morro dos Macacos (Zumbi do morro); a simplicidade (pela 28, chinelo de dedo), os compromissos com Angola e a coragem: Filho de Tereza encara sem medo. Destaco também a preocupação fonética dos autores, ao colocar em boa parte da construção as rimas em trinca, que tanto marcaram minha obra como autor de samba-enredo.

Na parte melódica, da primeira estrofe ao refrão central, o que me conquistou foi a familiaridade. A insistência em notas graves passando diretamente para as agudas e as reafirmações, são sem dúvida, características da minha forma de compor melodias. As divisões de partido alto também estão por ali, me identificando ainda mais.

REFRÃO CENTRAL

No refrão central, dialogando com minhas frases, os compositores explicitam meus sonhos, preferências políticas, a educação, a cultura, os festejos, a negritude, inquietudes... E a minha atitude de ruptura com modelos pré-estabelecidos, como o samba sem rimas de 1987. A melodia volta a me identificar, inclusive com a subida na região do canto na hora do bis.

SEGUNDA PARTE

Da segunda parte ao refrão final, os autores me homenagearam no jeito deles, misturando os nossos estilos melódicos. Começa devagarinho, em tom menor, e termina explosivo. A letra me envaidece com elogios, e nem sei se mereço tanto. Fala de lutas antigas que só hoje reverberam na sociedade, de meu papel para perpetuar nossa cultura, passando pela literatura e por minha tão característica cadência de andar, viver e sambar.

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

O fim desta parte traz uma linda rima imperfeita, daquelas que tanto gosto, um brinde à vida e ao mundo que renasce das cinzas. Já consigo me imaginar de braços abertos com essa melodia tão feliz, ao lado da prole (Pinduca, Analimar, Tinália, Juju, Tunico, Maíra, Preto e Alegria) cantando abraçados e orgulhosos junto do povo de Vila Isabel. Eu luto pelo samba em geral, mas muito me sensibilizou o verso: Modéstia à parte, o Martinho é da Vila. Vai ser difícil conter as lágrimas, não sei bem como vou me comportar, mas vou cantar o samba como se o homenageado não fosse eu. É uma grande honraria ser a figura central do enredo, em vida, na minha própria Escola.

Obrigado Vila Isabel!

REFRÃO PRINCIPAL

O “cirandeiro óh” virou “partideiro óh”, a “pedra do seu anel” virou “a Vila Isabel”, que brilhará mais do que o sol na manhã do carnaval mais esperado de todos. O “deixa a tristeza pra lá que a vida vai melhorar”, nunca foi tão bem colocado. Por fim, não sei se gosto mais da primeira parte do samba, da segunda ou dos refrãos e não sei também, se curto mais a letra ou a melodia. O que sei é que me identifica, me representa, me emociona. Com certeza vai emocionar a todos na Avenida dos Desfiles.

Martinho da Vila

FICHA TÉCNICA

Bateria

Diretor Geral de Bateria

Mestre Macaco Branco

Outros Diretores de Bateria

Buda, Jean, Menguinho, Cleber, Pulguinha, Mariozinho, Cassiano, Jorge Pedro, Rafael, Malcon, Mangueirinha, P.V, Wolverine, Pivete, Ivo Francis, Romulo, Cirilo, Thayane, Thalita e Geraldo.

Total de Componentes da Bateria

276 (duzentos e setenta e seis) componentes

NÚMERO DE COMPONENTES POR GRUPO DE INSTRUMENTOS

1ª Marcação	2ª Marcação	3ª Marcação	Reco-Reco	Ganzá
13	13	16	0	0
Caixa 50	Tarol 50	Tamborim 36	Tan-Tan 01	Repinique 40
Prato 0	Agogô 0	Cuica 24	Pandeiro 04	Chocalho 24

Outras informações julgadas necessárias

Xequerês – 05 Componentes

Bateria

Fantasia: Pequeno burguês

O que representa: Inspirada na gigante obra do mestre dos mestres, a Swingueira de Noel encarna o “Pequeno Burguês”, vestindo-se do personagem da canção, para reviver a história que inspirou Martinho. Retratando um episódio da vida de seu amigo Sargento Xavier, a canção conta a história do militar que conseguiu conjugar a dura labuta no Exército com uma formação em Direito. Em sua formatura, porém, os amigos convidados que combinaram comparecer fardados não apareceram e Martinho acabara descobrindo que o então “pequeno burguês” também não havia estado pois não tinha dinheiro para pagar a festa, nem o traje. Hoje, a Swingueira de Noel se veste de farda, como legítimos amigos do Sargento Martinho, para a grande coroação do Negro Rei, que largou a caserna para se formar em Vila Isabel, bacharel no samba.

Rainha de Bateria: Sabrina Sato

Fantasia: Comandante 5 Estrelas

O que representa: À frente da Swingueira de Noel, a Rainha de Bateria da Vila é de alta patente. Condecorada com a Ordem do Mérito do Samba, comanda a tropa com o rigor de um sorriso e a disciplina sincopada do ritmo que ecoa pelas ruas de Vila Isabel. A comandante do exército de Martinho conduz a marcha no compasso dos surdos e caixas, na subida dos repiques, com os agudos dos tamborins e o gingado das cuicas, provando pro povo que o berço do samba é regido medalhões na arte de sambar.

FICHA TÉCNICA

Bateria

Outras informações julgadas necessárias

Diretor Geral de Bateria – Mestre Macaco Branco: o percussionista Anderson Andrade, mais conhecido como “Macaco Branco”, nasceu em Vila Isabel, e como bom representante do bairro de Noel, começou ainda criança a frequentar a escola de samba. O amor pela música vem desde então, quando a latinha de refrigerante e o palito de churrasco formavam o tamborim improvisado. Seu interesse e vocação eram notórios e por isso ganhou de presente um instrumento de verdade. Logo começou a desfilar na bateria de escolas mirins, como a Herdeiros da Vila e Aprendizes do Salgueiro. Aos 14 anos fez sua estreia na bateria da escola de samba G.R.E.S. Unidos de Vila Isabel, e um ano mais tarde já era o responsável pela ala de tamborins, além de dar aulas de percussão no projeto desenvolvido pela agremiação. Macaco Branco deu, aos 18 anos, um importante passo em sua carreira quando conheceu Márcia Alvarez, empresária, que reconheceu seu talento e o convidou para fazer parte da nova banda da cantora Mart’nália. Trabalhando ao lado da cantora, aprendeu a tocar outros instrumentos de percussão que ampliaram seu horizonte para além do universo das escolas de samba. Tal vivência foi fundamental para aprimoramento e lhe permitiu fazer shows ao lado de artistas como Alcione, Celso Fonseca, Emílio Santiago, Luiz Melodia, Márcia Castro, Maria Rita, Paulinho Moska e Zélia Duncan. Também participa de gravações de trilhas sonoras e do CD das Escolas de Samba do Rio de Janeiro. Atualmente o percussionista faz parte da banda do cantor Dudu Nobre, Pedro Luis, Hamilton de Holanda e Mart’nália, além de tocar junto à equipe do Samba de Santa Clara. Na carreira profissional, Macaco também atua dando aulas e workshops pelo Brasil a fora. O músico já ministrou cursos de percussão na Colômbia e ocupou o posto de diretor musical da Unidos de Vila Isabel e da Acadêmicos do Sossego, onde também atuou como mestre de bateria. Atualmente, Macaco ocupa o posto de mestre de bateria da Unidos de Vila Isabel. Sua estreia no cargo ocorreu no Carnaval de 2019 tendo, antes disso, já atuado em diversas funções dentro da bateria, como ritmista, diretor de tamborim e diretor de marcação. Em seu terceiro carnaval à frente da Swingueira de Noel, coordenará os 276 ritmistas da agremiação.

FICHA TÉCNICA

Harmonia

Diretor Geral de Harmonia

Marcelinho Emoção

Outros Diretores de Harmonia

Valter Ferreira (Valtinho), Fernando Veiga (Faqui), Júlio César (Tio Júlio), Edson Guilherme, Expedito Azevedo, Sérgio Fernando (Preto Velho), Wanderson Sodré, Chico Branco, Marco Antônio (Marcão), Ednelson dos Santos (Didi), Alair Farias, Gilberto da Silva (Cabeça Rica) e Jorge Luiz Pitanga.

Total de Componentes da Direção de Harmonia

70 (setenta) componentes

Puxador(es) do Samba-Enredo

Tinga

Instrumentistas Acompanhantes do Samba-Enredo

Douglas (Cavaco), Léo Antunes (Cavaco), Kayo Calado (Violão) e Wandré (Violão)

Outras informações julgadas necessárias

Cantores de Apoio: Gera, Thiago Brito, Tuninho Jr, Rafael Tinguinha, Juan Briggs, Breno, Henrique e Yanick Bomfim.

Direção Musical: Douglas Rodrigues

Diretor Geral de Harmonia – Marcelinho Emoção: Começou na Tupy de Brás de Pina. Passou pela Harmonia do GRES Imperatriz Leopoldinense, nos tempos áureos da escola. Foi para o GRES Beija-Flor, no ano em que a agremiação conquistou seu bicampeonato. A seguir, passou pelo GRES Unidos da Tijuca, onde vivenciou duas conquistas. No GRES Estação Primeira de Mangueira, no início da atual gestão, foi campeão. Em 2022, lidera pelo quarto carnaval consecutivo a Harmonia do GRES Unidos de Vila Isabel.

Intérprete Oficial – Tinga: Anderson dos Santos, o Tinga, é oriundo do GRCEM Herdeiros da Vila. De 2002 a 2004, fez parte do carro de som do GRES Unidos da Tijuca. Morador da comunidade do Morro dos Macacos, atuou como primeiro intérprete do GRES Unidos de Vila Isabel durante 10 anos, entre 2004 e 2013. Em 2014, Tinga tornou-se a voz oficial do GRES Unidos da Tijuca e em 2019 retornou para defender com sua voz marcante sua escola de origem.

Total de Componentes de Direção de Harmonia de Alas: 60 (atuam exclusivamente na evolução e canto de uma ala específica).

FICHA TÉCNICA

Evolução

Diretor Geral de Evolução Moisés Carvalho
Outros Diretores de Evolução Valtinho, Faquir, Lucimar, Júlio, Toninho, Alexandre, Lúcia, Wânia, Edson, Marcelo, Expedito, Sérgio e Wanderson
Total de Componentes da Direção de Evolução 50 (cinquenta) componentes
Principais Passistas Femininos Anna Karolina Carvalho, Ênya Christine, Juliana Moraes, Elaine de Oliveira e Rafaela Xavier.
Principais Passistas Masculinos Hudson Gaspar (Estandarte de Ouro 2019), Edson Cunha, Pedro Gaspar, Baltazar Júnior e Jairo Cruz.
Outras informações julgadas necessárias <p>Diretor Geral de Evolução: Moisés Carvalho – Moisés traz em sua bagagem mais de 20 anos de vivência na direção de Escolas de Samba. Após 15 anos dirigindo a Unidos do Porto da Pedra e uma passagem pela Portela em 2017, chega em 2022 coordenando com maestria seu quarto projeto na Vila Isabel.</p> <p>Coordenador da Ala de Passistas: Gabriel Castro – Neto de Mestre Telinho da Mangueira e afilhado de batismo de João Nogueira, foi o diretor de passistas mais novo da história da Sapucaí aos 17 anos, em 2007. Recebeu do jornalista e colunista Hélio Ricardo Rainho o apelido de "Reizinho de Madureira" e é também o 2º Diretor/Coordenador mais premiado do carnaval, destacando-se entre eles: 01 Estandarte de Ouro, 03 S@mbaNet, 02 Troféu SRZD, 02 Troféu Jorge Lafond e 03 Troféu Jornal do Sambista. Em 2019, conquistou o Prêmio S@mbaNet de Melhor Conjunto de Passistas.</p> <p>Fantasia da Ala de Passistas: Raízes Kaapó O que representa: Louvando as raízes indígenas do país, Martinho celebrou o povo Kaapó com o samba “Raízes”, no carnaval de 1987 da Vila Isabel. Com grande inovação no samba, a Escola desfilou uma das primeiras letras sem rimas do Carnaval, trazendo a paixão de Arapiá e Numiá, Guaraci e Jaci, o Sol e Lua que, agora, brilham como passistas da Vila Isabel.</p>

FICHA TÉCNICA

Informações Complementares

Vice-Presidente de Carnaval Luiz Guimarães		
Diretor Geral de Carnaval Moisés Carvalho		
Outros Diretores de Carnaval -		
Responsável pela Ala das Crianças -		
Total de Componentes da Ala das Crianças -	Quantidade de Meninas -	Quantidade de Meninos -
Responsável pela Ala das Baianas Vera		
Total de Componentes da Ala das Baianas 70 (setenta)	Baiana mais Idosa (Nome e Idade) Clementina Ricardo Augusto 86 anos	Baiana mais Jovem (Nome e Idade) Geisa Anacleto 26 anos
Responsável pela Velha-Guarda Cheila Rangel		
Total de Componentes da Velha-Guarda 70 (setenta)	Componente mais Idoso (Nome e Idade) Terezinha de Jesus Cardoso 90 anos	Componente mais Jovem (Nome e Idade) Suely Fernandes da Silveira 61 anos
Pessoas Notáveis que desfilam na Agremiação (Artistas, Esportistas, Políticos, etc.) Martinho da Vila (Presidente de Honra) e Sabrina Sato.		
Outras informações julgadas necessárias		

FICHA TÉCNICA**Comissão de Frente**

Responsável pela Comissão de Frente Márcio Moura		
Coreógrafo(a) e Diretor(a) Márcio Moura		
Total de Componentes da Comissão de Frente 15 (quinze)	Componentes Femininos 0	Componentes Masculinos 15 (quinze)
Outras informações julgadas necessárias		
Fantasia: NO TRONO DE OMOLU, A ASCENÇÃO DE UM NOVO REI		
<p>A Unidos de Vila Isabel vem coroar seu Rei Negro. Ancestralidade, musicalidade e religiosidade são os condutores dessa festa da raça, em que toda a gente será convidada a saudar o novo rei, suas histórias e ensinamentos. Um Griô, guardião de histórias e lendas, junto com os guerreiros africanos embalados pela musicalidade, chegam à Marques de Sapucaí com a responsabilidade de apresentar toda a ancestralidade de nosso homenageado. Raízes oriundas de Angola, da força do povo preto do continente mãe. Sob a regência de Omolu, a coroa da Vila Isabel é a conexão entre passado, presente e futuro, em que a sabedoria ancestral é passada de pai para filho para perpetuação da história e cultura de um povo diverso e batalhador. Canta, canta, minha gente, para saudar com desejos de vida longa o novo rei, Martinho! E segue a Vila!</p>		
<p>Sobre o Coreógrafo Márcio Moura: Diretor artístico e coreográfico, Marcio é proprietário do Conservatório Brasileiro de Dança, uma das mais importantes escolas de dança do país. Completando 20 anos de avenida, já foi responsável por comissões de frente de escolas como Unidos do Viradouro, Portela, Estácio de Sá, Paraíso do Tuiuti, entre outras. Já coreografou eventos de grandes marcas como Jeunesse, C&A, Leader Magazine, Loreal, Volkswagen, Natura, entre outras. Gestor da Cia carioca Etcetal, acumula ao longo de 30 anos mais de 100 prêmios individuais e coletivos, além de apresentações em todo território nacional e em países como Alemanha, França, Espanha, Portugal, Argentina e Paraguai. Trabalhando há mais de 10 anos com a mesma equipe, traz para a sua ficha técnica de estreia sob o comando da Comissão de Frente da Unidos de Vila Isabel a premiada diretora de Atelier do Grupo Especial Alessandra Reis assinando a confecção dos figurinos e Jorge Abreu, ganhador do Prêmio Avon de Maquiagem, como responsável pelo visagismo do trabalho.</p>		

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

1º Mestre-Sala Marcinho Siqueira	Idade 29 anos
1ª Porta-Bandeira Cristiane Caldas	Idade 37 anos
2º Mestre-Sala Jackson Senhorinho	Idade 36 anos
2ª Porta-Bandeira Bárbara Dionísio	Idade 22 anos

Outras informações julgadas necessárias

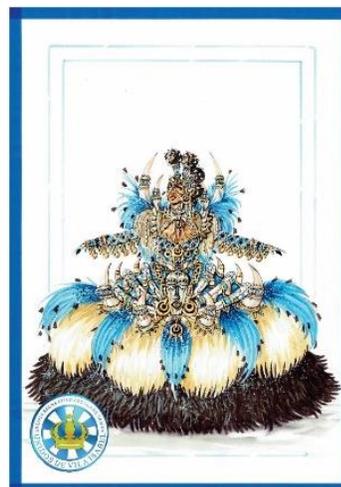
1º CASAL DE MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA

Fantasia: Força e Axé de Zambi

Criação do Figurino: Edson Pereira

Confecção: Fernando Magalhães

O que representa: Com a verdade do mundo estampada na pele, a força e o axé de Zambi a proteger Martinho desde sempre e que hoje recaem sobre a Vila Isabel! Proteção que se derrama como dança sobre ele, iluminando e fazendo rodar seu destino com a força da tradição africana e com o poder do marfim reluzindo sob o azul do céu. É Zambi a proteger e resplandecer a festa da raça preparada pela Vila Isabel para homenagear o seu Martinho.



FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Outras informações julgadas necessárias

1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Marcinho Siqueira: Dando seus primeiros passos na arte do Mestre-Sala na Escola de Mestre Manoel Dionísio em 2005, Marcinho estreou na função já em 2006, como segundo mestre-sala da Unidos de Villa Rica. Em 2007, foi para a União da Ilha, como terceiro mestre-sala. De 2008 a 2011, desfilou como mestre-sala na Tradição. Retornando à União da Ilha em 2010 como terceiro mestre-sala, passa para segundo no carnaval de 2012, estreando, em 2014, como primeiro mestre-sala da escola ao lado de Cristiane Caldas e ganhando o Estandarte de Ouro de Revelação. Saindo da escola em 2016, Marcinho defendeu a União do Parque Curicica em 2017 e voltou a dançar com sua atual porta-bandeira em 2018 e 2019 na Mocidade Independente de Padre Miguel, ganhando o Prêmio Sambanet de Melhor Casal já na estreia. Após um ano na Acadêmicos do Sossego, Marcinho chega para defender pela primeira vez o pavilhão da Unidos de Vila Isabel no Carnaval de 2022.

Cristiane Caldas: Iniciando sua trajetória como porta-bandeira na Acadêmicos da Abolição e Vizinha Faladeira na década de 90, Cristiane sobe para o Grupo Especial com a Paraíso do Tuiuti em 2000 e, com apenas 17 anos, ganha o Estandarte de Ouro de Revelação pela escola em 2001. Passando pela Portela de 2002 a 2004 e Caprichosos de Pilares em 2005, retorna a Paraíso do Tuiuti em 2008. Fez sua primeira passagem pela Mocidade Independente em 2010, indo para a Porto da Pedra em 2012 e chegando à União da Ilha em 2013. Na escola, dançou pela primeira vez com Marcinho em 2014 e retornou à Mocidade Independente em 2016. Nela, reencontrou Marcinho em 2018, seguindo junto a ele para a Acadêmicos do Sossego em 2020. Para 2022, Cristiane chega a Unidos de Vila Isabel para defender pela primeira vez o pavilhão da branca e azul de Noel.

Coreógrafa do 1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira: Ana Formighieri – Coreógrafa, professora e bailarina, Ana é formada em dança pela UFRJ e pós-graduada em Conscientização do Movimento pela Faculdade Angel Vianna, tendo formação técnica nas modalidades jazz, balé clássico e dança contemporânea. Fez parte da Cia Nós da Dança, sob direção de Regina Sauer, por 10 anos, participando como bailarina de shows e programas de televisão. Foi também assistente de ensaios na Focus Cia de Dança, de Alex Neoral e desde 2015 é integrante da comissão artística do Sindicato dos Profissionais de Dança do Rio de Janeiro. No carnaval, participou de comissões de frente como intérprete e também como assistente de coreógrafos. Já coreografou carros e alas em diferentes escolas do Grupo Especial e do Grupo de Acesso. Há 10 anos desenvolve um reconhecido trabalho de coreografia e preparação corporal/artística para casais de Mestre-Sala e Porta-Bandeira. Neste trajeto, conquistou importantes prêmios, notas máximas e reconhecimento junto aos casais com os quais trabalhou. Desde 2017, prepara o primeiro casal da Unidos de Vila Isabel e, na jornada intensa de cada carnaval, acredita que compartilhando sua experiência e unindo forças, se alcança o melhor resultado. Para isto, em 2022 o trabalho de Ana Formighieri com Cristiane Caldas e Marcinho Siqueira traz para a avenida uma apresentação que se fundamenta em uma dança que se preocupou em lapidar o talento do casal, buscando acabamento impecável e qualidade técnica sem deixar de se preocupar com a majestosa e tradicional forma de dançar o bailado do Mestre sala e da Porta Bandeira apresentando seu pavilhão!

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Outras informações julgadas necessárias

2º CASAL DE MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA

Fantasia: O brilho no Atlântico

Criação do Figurino: Edson Pereira

Confeção: Fernando Magalhães

O que representa: Na limpidez das ondas do Atlântico Negro, o brilho da lua e um mar de estrelas a iluminar os caminhos que o levam para Angola, descortinando o passado e clareando as ideias de futuro. No bailado das ondas, representado pelo nosso segundo casal de mestre-sala e porta-bandeira, o encantamento de Martinho com a magia que se apresenta diante seus olhos e o conduz de encontro com a ancestralidade.

